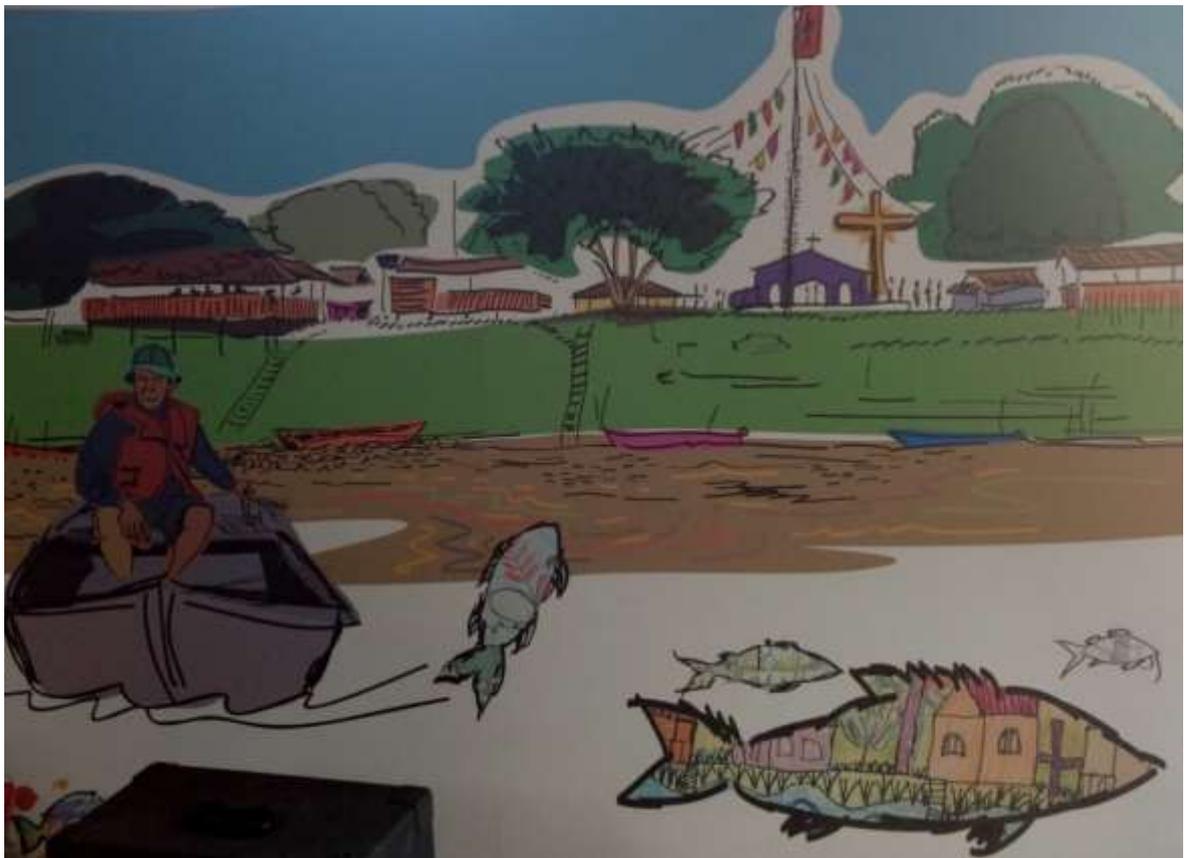


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR CIÊNCIAS DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

KLONDY LÚCIA DE OLIVEIRA AGRA

ÁGUAS DA AMAZÔNIA: SENTIDOS, PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES

TESE DE DOUTORADO



**CURITIBA
2015**

KLONDY LÚCIA DE OLIVEIRA AGRA

ÁGUAS DA AMAZÔNIA: SENTIDOS, PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, linha de pesquisa: Território, Cultura e Representação, Universidade Federal do Paraná, como requisito necessário à obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Salete Kozel

CURITIBA

2015

A277a Agra, Klondy Lúcia de Oliveira
Águas da Amazônia: sentidos, percepções e representações/ Klondy
Lúcia de Oliveira Agra. – Curitiba, 2015.
222 f.: il. color. ; 30 cm.

Tese - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra,
Programa de Pós-graduação em Geografia, 2015.

Orientador: Salete Kozel .
Bibliografia: p. 212-221.

1. Água - Aspectos sociais. 2. Sentido. 3. Amazônia. I. Universidade
Federal do Paraná. II. Kozel, Salete. III. Título.

CDD: 307

Figura de Capa: Comunidade São Sebastião. Mapa mental coletivo. Produção das mulheres da comunidade. Em exposição pública, em mural, na Igreja de Santo Antônio – Comunidade Santo Antônio – Porto Velho – Rondônia.

TERMO DE APROVAÇÃO



MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



PARECER

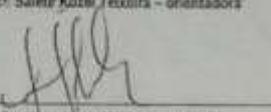
Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Geografia reuniram-se para a arguição da Tese de Doutorado, apresentada pelo (a) candidato (a) KLONDY LÚCIA DE OLIVEIRA AGRA intitulada "ÁGUAS DA AMAZÔNIA: SENTIDOS, PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES", para obtenção do grau de Doutor em Geografia, do Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná Área de Concentração Espaço, Sociedade e Ambiente, Linha de Pesquisa Território, Cultura e Representação.

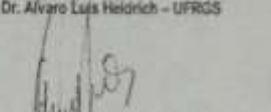
Após haver analisado o referido trabalho e arguido o (a) candidato (a), são de parecer pela Aprovação da Tese.

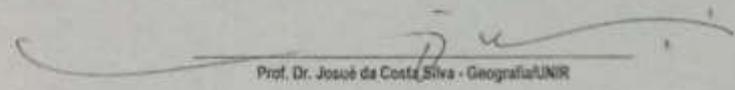
Curitiba, 03 de março de 2015.

Nome e Assinatura da Banca Examinadora:


Prof. Dr. Saliete Kozel Texeira - orientadora


Prof. Dr. Alvaro Luis Heidrich - UFRGS


Prof. Dr. Adilson de Almeida Silva - UNIR


Prof. Dr. Josué da Costa Silva - Geografia/UNIR


Prof. Dr. Alessandro Filla Rosaneli - PPGED/UFPR

Curitiba, 03 de março de 2015

*Dedico a minha netinha, **Maria Eduarda Barros Costa**, por todas as inúmeras vezes em que, na sua inocência infantil, durante este meu trajeto de aprendizagem, ao requisitar a atenção da vovó e ouvir sobre a falta de tempo e necessidade de estudar, chorosa, fazia carinha de denço e dizia: “– Ah!!! Vovó!!! Por que foi inventar esse tal de doutorado????”*

AGRADECIMENTO

O caminhar pelas comunidades ribeirinhas deste espaço escolhido por mim, aos dezoito anos de idade, para viver e fazer dele o meu lugar enriqueceu não só o meu saber acadêmico, mas também a minha existência, com novas amizades, sentidos e pontos de vista. A escrita desta Tese teve a participação desses coautores, homens e mulheres especiais que compartilharam de seus pensamentos, transmitindo valores e ensinando a beleza da naturalidade de suas existências e a importância da superação. Carinhosamente, agradeço à professora e orientadora Salete Kozel, por ter aceitado a proposta desta pesquisa e, principalmente, pela confiança em minha capacidade acadêmica. Um agradecimento especial ao professor e amigo, a quem olho e vejo como menino, por já ter sido meu aluno, mas o reconhecimento em sua magnitude acadêmica e na sua essência humana, cujos ensinamentos foram fundamentais à elaboração deste estudo: o Professor Doutor Josué da Costa Silva. À amiga Lucileide Feitosa Sousa que me incentivou a prestar o processo seletivo de doutorado em Geografia. Ao meu companheiro de vida, Luciano, pela compreensão nas constantes ausências. Ao meu filho Álvaro e a minha filha Mayla, pelo amor incondicional, carinho e ensinamentos de vida que diariamente me transmitem. Aos professores da Linha de Pesquisa: Território, Cultura e Representação da Universidade Federal do Paraná pela amizade, aprendizados, diálogos e atividades conjuntas que realizamos. Aos professores da banca de qualificação: Prof.^a Dr^a Helena Midori (UFPR); Prof. Dr. Álvaro Heidrich (UFSM); Prof. Dr. Silvio Fausto Gil (UFPR) pelas contribuições ao trabalho. À Universidade Federal de Rondônia por ter proporcionado o DINTER UNIR-UFPR e a possibilidade da concretude deste doutorado. A todos os professores da Geografia da Universidade Federal de Rondônia, principalmente, ao Professor Dr. Adnilson Silva, pela amizade e compartilhamento do saber. Às amigas Gizeuda Ribeiro Lima e Socorro Sousa pelo apoio em todo o trabalho de campo e à Professora Dr^a. Maria das Graças Silva, a Gracinha, por ter seguido minha trajetória acadêmica sempre com uma palavra e um sorriso amigo. A meus pais Haroldo de Oliveira e Maria Araújo de Oliveira (*in memoriam*) por terem me repassado os seus ensinamentos, sentidos valorosos que me acompanham na prática diária de vida e à *Força Superior* que está sempre presente iluminando a minha existência.

Sem a autocompreensão não podemos esperar soluções duradouras para os problemas ambientais que, fundamentalmente, são problemas humanos.

Yu-Fu Tuan

RESUMO

Este estudo se volta para o conhecimento da essência do ser humano amazônico, seus sentidos e pontos de vista sobre um recurso natural efetivo à vida: a água. Com o objetivo principal de conhecer como se constituem os sentidos em comunidades amazônicas, as percepções dos sujeitos e suas representações sociais sobre a importância, o uso e a preservação da água, fez-se uma pesquisa qualitativa, sob o quadro teórico da abordagem da Geografia Cultural, em sua vertente fenomenológica, cuja interface permeou a Geografia Sociocultural. A Tese defendida é que a gestão da água, outorgas e/ou novos empreendimentos em rios Amazônicos devem levar em conta os sentidos culturalmente construídos nessas comunidades. O recorte espacial deste estudo são 06 (seis) comunidades inseridas em duas cidades do Estado de Rondônia: Porto Velho e Guajará-Mirim. As comunidades portovelhenses analisadas foram: Agrovila, São Sebastião, Maravilha e Niterói (na margem esquerda do Rio Madeira – área rural) e a comunidade do Bairro Triângulo (margem direita do Rio Madeira – área urbana). A comunidade guajaramirense escolhida para essa análise é formada por pescadores do bairro Triângulo (área urbana) às margens do Rio Mamoré, na fronteira Brasil/Bolívia. Todas as comunidades objeto da pesquisa apresentam paisagens culturais que, embora existam em constante fluxo de troca de saberes com o urbano, insistem e permanecem na experiência de vida com sentidos e significados construídos, especializados ou reavaliados à margem dos rios. Para atingir o objetivo proposto, utilizaram-se para a coleta de dados os seguintes instrumentos: a entrevista não estruturada e os mapas mentais. Na condução das entrevistas e análise das narrativas, utilizou-se o método da *Grounded Theory*, com auxílio do ATLAS/ti. Na análise dos mapas mentais, utilizou-se a metodologia Kozel. Fez-se, a partir daí, uma Geografia partindo do campo da subjetividade humana e se analisou o papel das experiências como objeto de representação do espaço, construção das paisagens culturais, com a compreensão do lugar e a valorização da água pelo ser humano em suas diversas relações. Na totalidade deste estudo, com o auxílio dessa Geografia humanizada, notou-se que as comunidades amazônicas observadas expuseram sentidos íntimos em relação às águas que constituem suas identidades e, a partir desses sentidos, identificaram as conexões entre os fenômenos sociais e as problemáticas que cercam a sua água, o seu mundo vivido. Com cognições claras sobre o papel da água em suas vidas, essas comunidades demonstraram ter noções evidentes de preservação, com o cuidado e uso dessas águas. No entanto, no momento da pesquisa, se mostram abaladas por interferências externas que as deixam compassivas, repletas de sentimentos confusos, na incapacidade de resolverem tais problemas, demonstraram ser comunidades em crise de sentidos que vivem lógicas de temor e preocupação em relação à água que constitui o seu lugar. Observou-se, também, que são essas lógicas de comunidade que lhes possibilitam a união, o enfrentamento e a busca permanente por soluções.

Palavras-chave: Sentido. Água. Amazônia. Lógica de comunidade.

ABSTRACT

This study turns to the knowledge of the essence of the Amazonian human being, his senses and his views on a natural resource effective to life: water. With the main objective of observing as are the senses are constituted in Amazonian communities, the perception of the subjects and their social representations about the importance, the use and preservation of water, we made a qualitative research, under the theoretical framework of the Cultural Geography approach in its slope phenomenological, with Sociocultural Geography interface. The thesis defended is that the management of water, licenses and / or new developments in the Amazonian rivers should take into account the senses culturally constructed in these communities. The spatial area of this study are six (06) communities inserted in two cities of the State of *Rondônia*: *Porto Velho* and *Guajará-Mirim*. The *portovelhenses* communities were *Agrovila*, *São Sebastião*, *Maravilha* and *Niterói* (on the left bank of the *Madeira* River - rural area) and the Triangle community (right bank of the *Madeira* River – urban area). The community of *Guajará-Mirim* chosen for this analysis consists of anglers in the Triangle community (urban area) on the banks of the *Mamore* River, in the bordering Brazil / Bolivia. The communities, object of research, have cultural landscapes that while are in constant flow of knowledge exchange with the urban insist and remain in the life experience with built senses and meanings, skilled or reassessed the river banks. To reach that goal we used the following instruments of data's collect: the unstructured interview and mental maps. In conducting the interviews and analysis of the narratives, we used the method of Grounded Theory, using the software ATLAS /ti. In the analysis of mental maps, we used the Kozel methodology. We did, from there, Geography from the field of human subjectivity and analyzed the role of experience as a representation of the object space, construction of cultural landscapes, with the understanding of the place and the enhancement of water by humans in their various relationships. In total this study, with the help of this humanized Geography, we can note that the observed Amazonian communities exposed intimate senses in relation to waters that constitute their identities and, through these senses, identified the connections between social phenomena and problems surrounding the their water, their world lived. With clear notions about the role of water in their lives, these communities demonstrated clear notions of preservation, with the care and use of these waters. However, during this study, they showed themselves shaken by external interference that leave themselves compassionate, full of mixed feelings in complete inability to solve such problems, communities in crisis of senses e they present the logic of fear and concern with water, which is the their place. We observed also that are these logical of community enabling them to the union, the confrontation and the constant search for solutions.

Keywords: Sense. Water. Amazon. Logic of the community.

RESUMEN

Este estudio se vuelve hacia el conocimiento de la esencia del ser humano amazónica, sus sentidos y sus puntos de vista sobre un recurso natural eficaz para la vida: el agua. Con el principal objetivo de observar como son los sentidos se constituyen en comunidades amazónicas, la percepción de los sujetos y sus representaciones sociales acerca de la importancia, el uso y la preservación del agua, que hizo una investigación cualitativa, en el marco teórico de la Geografía Cultural en su enfoque fenomenológica, con interfaz Sociocultural Geografía. La tesis defendida es que la gestión del agua, las licencias y / o nuevos desarrollos en los ríos amazónicos debería tener en cuenta los sentidos culturalmente construidas en estas comunidades. El área espacial de este estudio son seis (06) comunidades insertas en dos ciudades del estado de *Rondônia: Porto Velho* y *Guajará-Mirim*. Las comunidades portovelhenses eran *Agroviola*, *São Sebastião*, *Maravilha* y *Niterói* (en la margen izquierda del río *Madeira* - zona rural) y la comunidad Triángulo (margen derecha del río *Madeira* - zona urbana). La comunidad de *Guajará-Mirim* elegido para este análisis consta de los pescadores en el área de la comunidad Triángulo (urbano), a orillas del río *Mamoré*, en la frontera con Brasil / Bolivia. Las comunidades, objeto de la investigación, tienen los paisajes culturales que, si bien están en constante flujo de intercambio de conocimientos con la urbana insistir y permanecer en la experiencia de la vida con los sentidos y significados construidos, especializada o reevaluado las orillas del río. Para alcanzar ese objetivo se utilizaron los siguientes instrumentos de datos del recogen: la entrevista no estructurada y mapas mentales. Al llevar a cabo las entrevistas y análisis de los relatos, se utilizó el método de la Teoría Fundamentada, utilizando el software ATLAS / ti. En el análisis de los mapas mentales, se utilizó la metodología de Kozel. Lo hicimos, a partir de ahí, Geografía desde el campo de la subjetividad humana y analizó el papel de la experiencia como una representación del espacio de objetos, la construcción de los paisajes culturales, con la comprensión del lugar y la mejora de las aguas por los seres humanos en sus diversas relaciones. En total este estudio, con la ayuda de este Geografía humanizado, podemos observar que las comunidades amazónicas observados expuestos sentidos íntimos en relación con las aguas que constituyen su identidad y, a través de estos sentidos, identificado las conexiones entre los fenómenos sociales y los problemas que rodean a la su agua , su mundo vivido. Con nociones claras sobre el papel del agua en sus vidas, estas comunidades se manifestaron nociones claras de conservación, con el cuidado y el uso de estas aguas. Sin embargo, durante este estudio, que muestran sacudida por interferencias externas que dejan compasivo, lleno de sentimientos encontrados, la incapacidad para resolver este tipo de problemas, las comunidades en sentidos crisis lógica del miedo y la preocupación sobre el agua, que es su lugar de vida. También se observó que son éstos lógica de la comunidad que les permita la unión, la confrontación y la búsqueda constante de soluciones.

Palabras clave: Sentido. Agua. Amazon. Lógica de la comunidad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa conceitual da pesquisa.....	30
Figura 02 – Pescador do Rio Madeira	31
Figura 03 – A Compreensão do Sentido Culturalmente construído em Frege.....	40
Figura 04 – Vista Parcial do Rio Madeira. Porto Velho/RO.....	63
Figura 05 – Representação do Processo Perceptivo a partir dos Sentidos Culturalmente Construídos.....	68
Figura 06 – A constituição da Representação Social em Moscovici	74
Figura 07 – Universos de Pensamento Consensual e Reificado em Moscovici	75
Figura 08 – Rio Madeira. Porto Velho/RO	83
Figura 09 – Localização das cidades onde as comunidades pesquisadas estão inseridas	88
Figura 10 – Porto Velho e a localização das comunidades analisadas.....	91
Figura 11 – Guajará-Mirim e a localização da comunidade analisada.....	94
Figura 12 – As diferentes bacias hidrográficas do cenário de pesquisa.....	95
Figura 13 – Limite Centro - Bairro Triângulo – início da enchente 2013/2014.....	97
Figura 14 – Vista Parcial do Bairro Triângulo. Porto Velho/RO.....	98
Figura 15 – Vista parcial da Comunidade Agrovila. Porto Velho/RO	99
Figura 16 – Vista parcial dos espaços comunitários da Comunidade São Sebastião – Porto Velho/RO.....	100
Figura 17 – Vista Parcial dos espaços comunitários da Comunidade Maravilha – Porto Velho/RO	101
Figura 18 – Vista Parcial da Comunidade Niterói. Porto Velho/RO.....	102
Figura 19 – Comunidade São Sebastião – Enchente de 2012/2013.....	111
Figura 20 – Mapa Mental 01 - Bairro Triângulo – Porto Velho – RO	115
Figura 21 – Casas desocupadas no Bairro Triângulo. Construção de muro de contenção às águas. Porto Velho/RO.....	116
Figura 22 – Comunidade Niterói – Porto Velho	119
Figura 23 – Mapa Mental 02 - Comunidade Niterói - Porto Velho – RO.....	120
Figura 24 – Imagens Produzidas na Comunidade São Sebastião – Porto Velho/RO.....	122

Figura 25 – Mapa Mental 03 - Comunidade São Sebastião – Porto Velho/RO.....	123
Figura 26 – Vista parcial da Comunidade São Sebastião – Porto Velho	125
Figura 27 – Travessia a balsa em visita à Comunidade Maravilha (área rural) – Porto Velho.....	125
Figura 28 – Mapa Mental 04. Comunidade Maravilha – Porto Velho	124
Figura 29 – Imagens produzidas em uma das idas à Comunidade Agrovila (área rural) – Porto Velho.....	128
Figura 30 – Imagens produzidas na Comunidade do Bairro Triângulo (área urbana) – Guajará-Mirim/RO.....	130
Figura 31 – Pescador de Guajará-Mirim (área urbana) – Guajará-Mirim/RO.....	134
Figura 32 – Mapa Mental 05, Comunidade Colônia dos Pescadores do Bairro Triângulo – Guajará-Mirim/RO	135
Figura 33 – Rio Mamoré/ Rio Beni. Fronteira Brasil/Bolívia	182
Figura 34 – Bairro Triângulo – Mês de março de 2014. Porto Velho	205
Figura 35 – Comunidade São Sebastião, pós-enchente. Porto Velho/RO.....	206
Figura 36 – Comunidade Bairro Triângulo durante a enchente. Guajará-Mirim/RO.....	206

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 01 – Identificação dos conceitos-chave da pesquisa.....	138
Quadro 02 – Códigos e famílias utilizados na elaboração de dados à análise das narrativas com auxílio do ATLAS/ti.....	140
Quadro 03 – O sentido presente nas narrativas dos sujeitos.....	190
Quadro 04 – As lógicas compostas por sentidos, percepções e representações sociais presentes nas enunciações.....	200
Quadro 05 – Semelhanças e diferenças entre as Lógicas de Comunidade observadas nas Comunidades de Guajará-Mirim e Porto Velho	201
Tabela 01 – Semelhanças e diferenças entre as comunidades de Porto Velho	180
Tabela 02 – Semelhanças e diferenças entre as comunidades de Porto Velho e Guajará-Mirim.....	181

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Importância da água para esses sujeitos da pesquisa.....	187
Gráfico 2 – O Papel da água na configuração do sujeito amazônico.....	187
Gráfico 3 – Percepções do sujeito amazônico em relação à água.....	190
Gráfico 4 – Fatores que influenciam a qualidade da água da Amazônia na visão do sujeito de pesquisa.....	193
Gráfico 5 – Preocupações dos sujeitos de pesquisa com o futuro da água.....	194

LISTA DE REDES

Rede 01 - Família 1. Espaço água. Bairro Triângulo. Porto Velho.....	142
Rede 02 - Família 2. Papel água. Bairro Triângulo. Porto Velho.....	143
Rede 03 - Família 3. Percepções água. Bairro Triângulo. Porto Velho.....	144
Rede 04 - Família 4. Influencia a água. Bairro Triângulo. Porto Velho.....	145
Rede 05 - Família 5. Preocupação água. Bairro Triângulo. Porto Velho.....	146
Rede 06 - Família 6. Impacto Hidrelétrica. Bairro Triângulo. Porto Velho.....	147
Rede 07 - Família 7. Consequência Hidrelétrica. Bairro Triângulo. Porto Velho.....	148
Rede 08 - Família 1. Espaço água. Agrovila. Porto Velho.....	149
Rede 09 – Família 2. Papel água. Agrovila. Porto Velho.....	149
Rede 10 - Família 4. Influencia a água. Agrovila. Porto Velho.....	140
Rede 11- Família 5. Preocupação água. Agrovila. Porto Velho.....	151
Rede 12 - Família 6. Impacto Hidrelétrica. Agrovila. Porto Velho.....	152
Rede 13 - Família 7. Consequência Hidrelétrica. Agrovila. Porto Velho	153
Rede 14 - Família 1. Espaço água. Maravilha. Porto Velho.....	154
Rede 15 - Família 2. Papel água. Maravilha. Porto Velho.....	154
Rede 16 - Família 3. Percepções água. Maravilha, Porto Velho.....	155
Rede 17 - Família 4. Influencia a água. Maravilha. Porto Velho.....	156
Rede 18 - Família 5. Preocupação água. Maravilha. Porto Velho.....	157
Rede 19 - Família 7. Consequência Hidrelétrica. Maravilha. Porto Velho.....	158
Rede 20 - Família 1. Espaço água. Niterói. Porto Velho.....	159
Rede 21- Família 2. Papel água. Niterói. Porto Velho.....	160
Rede 22 - Família 3. Percepções água. Niterói. Porto Velho.....	161
Rede 23 - Família 4. Influencia a água. Niterói. Porto Velho.....	162
Rede 24 - Família 5. Preocupação água. Niterói. Porto Velho.....	163
Rede 25 - Família 6. Impacto Hidrelétrica. Niterói. Porto Velho.....	164
Rede 26 - Família 7. Consequência Hidrelétrica. Niterói. Porto Velho.....	165
Rede 27 - Família 1. Espaço água. São Sebastião. Porto Velho.....	166
Rede 28 – Família 2. Papel água. São Sebastião. Porto Velho.....	167
Rede 29 - Família 3. Percepções da água. São Sebastião. Porto Velho.....	168
Rede 30 - Família 4. Influencia água. São Sebastião Porto Velho.....	169
Rede 31 - Família 5. Preocupação água. São Sebastião. Porto Velho.....	170
Rede 32 - Família 6. Impacto Hidrelétrica. São Sebastião. Porto Velho.....	171

Rede 33 - Família 7. Consequência Hidrelétrica. São Sebastião. Porto Velho	172
Rede 34 - Família 1. Espaço água. Triângulo. Guajará-Mirim.....	173
Rede 35 - Família 2. Papel água. Triângulo. Guajará-Mirim.....	174
Rede 36 - Família 3. Percepções água. Triângulo. Guajará-Mirim.....	175
Rede 37 - Família 4. Influencia água. Triângulo. Guajará-Mirim.....	176
Rede 38 - Família 5. Preocupação água. Triângulo. Guajará-Mirim.....	177
Rede 39 - Família 7. Impacto Hidrelétrica. Triângulo. Guajará-Mirim.....	178
Rede 40 - Família 7. Consequência Hidrelétrica. Bairro Triângulo. Guajará-Mirim.	179

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
1 DOS ESTUDOS CULTURAIS AOS ESTUDOS DOS SENTIDOS PELO GEÓGRAFO.....	32
1.1 O SENTIDO DO OLHAR GEOGRÁFICO.....	35
1.2 A COMPREENSÃO DO SENTIDO	37
1.3 VIVÊNCIAS E INTERCULTURALIDADE	43
1.4 A SIGNIFICAÇÃO AO LUGAR.....	47
1.5 PAISAGENS: REPRESENTAÇÕES REPLETAS DE SENTIDOS	57
2 O SENTIDO CULTURALMENTE CONSTRUÍDO CONDUZINDO ÀS PERCEPÇÕES, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E LÓGICAS DAS COMUNIDADES AMAZÔNICAS.....	64
2.1 A PERCEPÇÃO: DOS SENTIDOS À VISUALIZAÇÃO DAS PAISAGENS	65
2.2 A GEOGRAFIA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	69
2.3 O OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE AS LÓGICAS DE COMUNIDADES	78
3 METODOLOGIA E TRAJETÓRIA DA PESQUISA.....	84
3.1 PAISAGENS PORTOVELHENSES	88
3.2 PAISAGENS GUAJARAMIRENSES	93
3.3 O CENÁRIO DE PESQUISA E SUAS ESPECIFICIDADES.....	95
3.4 A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NAS PAISAGENS OBSERVADAS E A OBTENÇÃO DOS DADOS À PESQUISA	103
3.5 O TRATAMENTO DOS DADOS	106
4 A ÁGUA COMO CONSTRUTORA DE SENTIDOS, PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	112
4.1 UM BREVE OLHAR SOBRE AS NARRATIVAS	113
4.2 UM OLHAR REVELADOR SOBRE AS NARRATIVAS COM AUXÍLIO DO SOFTWARE ATLAS/ TI	137
4.3 SENTIDOS EXPOSTOS COM AUXÍLIO DO ATLAS/TI	142
5 DESVENDANDO AS LÓGICAS DE COMUNIDADES AMAZÔNICAS POR MEIO DOS SENTIDOS, PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	183
5.1 O PAPEL DA ÁGUA NA CONFIGURAÇÃO DOS SUJEITOS E NO TECIDO SOCIAL DAS COMUNIDADES AMAZÔNICAS.....	185
5.2 PERCEPÇÕES: DIFERENTES POSSIBILIDADES DE SENTIR A ÁGUA.....	188

5.3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS COMUNIDADES AMAZÔNICAS: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO ÀS DIVERSIDADES	195
5.4 A LÓGICA DE COMUNIDADES: LAÇOS FORTES DA CULTURA LOCAL	198
5.5 A GEOGRAFIA E AS LÓGICAS DE COMUNIDADE: UM NOVO OLHAR ÀS ÁGUAS DA AMAZÔNIA	202
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	204
CONCLUSÕES.....	208
REFERÊNCIAS.....	212
ANEXOS INCLUSOS NO DVD.....	222

INTRODUÇÃO

A pesquisa na Amazônia demanda que o pesquisador tenha a consciência de que esse espaço se constitui em diversidades naturais, sociais, econômicas, culturais e políticas e que, ao escolher um recorte espacial ao seu estudo, obterá resultados que não abrangerão a totalidade desse imenso espaço e/ou as diversidades ali existentes.

Ao denominar este estudo *Águas da Amazônia: sentidos, percepções e representações sociais* não se teve a pretensão de exhibir os sentidos de todas as comunidades amazônicas ali existentes, Pois, composta de díspares sentidos, a Amazônia apresenta diferentes paisagens culturais que veem e sentem as suas águas de modos distintos. Por isso, neste estudo, sob o quadro teórico da abordagem da Geografia Cultural, em sua vertente fenomenológica, com interface a Geografia Sociocultural, procurou-se atingir o objetivo proposto com essa consciência.

Desse modo, com o objetivo principal de conhecer como se constituem os sentidos culturalmente construídos em comunidades amazônicas, as percepções dos sujeitos e suas representações sociais sobre a importância, o uso e a preservação da água para, assim também, conhecer as lógicas dessas comunidades sobre esse tema, tem-se a consciência de que os informantes dessas comunidades não trazem em si características de todas as comunidades amazônicas. Caminhou-se, portanto, com a certeza de que a paisagem cultural encontrada em cada uma das comunidades responde a sentidos, percepções e representações sociais próprias, isto é, são apenas pequeninas e importantes peças que integram a imensa e diversa paisagem cultural amazônica.

Destarte, compreende-se que, na Amazônia, existe uma grande diversidade de comunidades que leem na água as mudanças do tempo, os mitos e as crenças de modo intenso e particularizado. Homens e mulheres que, em face do rio e da floresta, têm lugares privilegiados para a descoberta de si mesmos, intuitivos, que compreendem a dimensão do sublime da natureza e do imaginário magnífico com uma infinitização de sentidos.

No caminhar desta pesquisa, compreendeu-se comunidade como Weber (1987) a define, ou seja, um grupo cuja relação social baseia-se em um sentido de

solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes (WEBER, 1987, p. 77).

A lógica de comunidade neste estudo é compreendida como a identidade manifestada pelos colaboradores de uma mesma comunidade, observada como uma forma de vínculo com outros membros locais, pelo comprometimento com esse grupo, manifestado pela defesa de valores e ideologias enraizadas na cultura local (THORNTON, OCASIO E LONSBURY, 2012).

Os estudos sobre sentidos, percepções e representações sociais sobre o elemento água nas comunidades de cidades amazônicas é uma estratégia a ser utilizada para desvendar a essência dos atores investigados. Uma essência construída culturalmente, com valores próprios e suas lógicas condutoras à alteração da morfologia da paisagem natural.

Privilegiou-se, aqui, a paisagem geográfica impregnada de sentidos e valores, passível de observação, descrita e representada por linguagens explicitadas em ícones diversificados. Entendendo a paisagem como a expressão captada desses elementos. Uma imagem que permite realizar a interação entre os sentidos e a interpretação do observador, buscando entender, criticar e recriar aquilo que se observa. “A paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido. Uma ligação interna, uma *impressão*, que une todos os elementos” (DARDEL, 2011, p. 30).

A análise da paisagem cultural, de acordo com Claval (2001) é uma categoria analítica cuja perspectiva é integrar os saberes da natureza aos saberes do homem. A paisagem é a base dos saberes, que se expressam na cultura pelos valores, crenças, símbolos e desejos. Assim, essa abordagem foi fundamental na elaboração deste estudo. Procurou-se, por meio dessa abordagem, integrar a experiência socioambiental dos homens e o sentido dado às suas vidas (CLAVAL, 2010; 2009; 2007; 2004; 2002; 2001). Ou seja, procurou-se compreender na paisagem a afinidade, a reciprocidade, enfim, o sentido do relacionamento entre o homem e a paisagem.

Ademais, as paisagens, neste estudo, foram tomadas a partir das vidas cotidianas e estão cheias de sentidos culturais e significados. Com os dados proporcionados pela pesquisa de campo, procurou-se decodificar essas paisagens, porque a geografia está em toda parte, reproduzida diariamente pelo sujeito integrante dessa paisagem cultural. A recuperação desses sentidos e significados

em paisagens comuns diz muito sobre esses sujeitos culturais e pode proporcionar uma geografia efetivamente humana e relevante, que pode contribuir para o próprio núcleo de uma educação humanista: melhor conhecimento e compreensão de nós mesmos, dos outros e do mundo que compartilhamos (COSGROVE, 1999).

Como espaço amazônico, no contexto deste estudo, escolheram-se seis comunidades amazônicas inseridas em duas cidades distintas: na cidade de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia e em Guajará-Mirim, a segunda cidade fundada nesse Estado. Um Estado que, por sua diversidade, seus problemas socioculturais e seu rápido crescimento demográfico é um retrato síntese da região amazônica.

As comunidades de Porto Velho trouxeram a este estudo dados diversificados por estarem inseridas em uma cidade aberta e receptiva a povos diversos, uma capital envolta em ações culturais de grupos diferenciados, produtora de identidades e heterogeneidades particulares que dinamiza modos de vida sociais específicos. Por isso mesmo, essas comunidades se apresentam como espaços que exibem processos de (re)construção de seus territórios de múltiplas e diversas paisagens onde a população constrói a sua identidade e os seus sentimentos.

Com atores diferenciados que se apropriam desse espaço e o territorializam, desterritorializam e/ou o multiterritorializam, as comunidades portovelhenses ofereceram à pesquisa uma espacialidade de diferentes objetos ou seres, que permitiu a análise de diferentes comparações ou confrontos. As comunidades portovelhenses analisadas neste estudo foram: Agrovila, São Sebastião, Maravilha e Niterói (na margem esquerda do Rio Madeira – área rural) e a comunidade do Bairro Triângulo (margem direita do Rio Madeira – área urbana). A preferência por essas comunidades deu-se porque as mesmas apresentam paisagens culturais que, embora existam em constante fluxo de troca de saberes com o urbano, insistem e permanecem na experiência de vida com sentidos e significados construídos, especializados ou reavaliados à margem dos rios.

A comunidade investigada em Guajará-Mirim permitiu uma análise particularizada, por ser uma comunidade fechada, que não aceita mudanças bruscas ou a permanência de fatores estranhos a sua cultura, nem interferências no seu modo de vida. Uma comunidade fronteiriça, com atores também diversos que ocupam e territorializam espaços e, embora tenham a oportunidade de interagirem no seu dia a dia com múltiplas culturas, construindo e especializando sentidos que

os conduzam a percepções e representações sociais diversificadas, optam pela singularidade da vida ribeirinha.

A comunidade guajaramirense escolhida para esta análise é formada por pescadores do Bairro Triângulo, uma comunidade que modela sua identidade na vivência com o rio e, por suas histórias de vida na proximidade com as águas, construíram suas personalidades, sua maneira de ver, de pensar e de sentir o mundo. Seres humanos que, em trocas contínuas com a paisagem urbana, preferem integrar a paisagem rural.

O ser humano amazônico, observado neste estudo, é aquele que, embora esteja a poucos minutos do centro das cidades investigadas, optou¹ por viver às margens de rios. Comunidades que fazem parte de uma paisagem observada e admirada por muitos, mas transformada e vivida por esse ser humano. Um ser que dá uma caracterização diferente ao seu mundo, uma concepção de natureza que integra o urbano e o rural em seu modo de vida com dois elementos essenciais à sua paisagem: as águas e as matas. Importante ressaltar que, ao procurar pelo sentido do ser humano amazônico, compreendeu-se que esse homem/mulher não é somente o nato do lugar, mas também aquele ser humano que escolheu viver e sonhar na paisagem natural, modificando-a e construindo a paisagem cultural observada, um ser que se apropriou do espaço como o seu lugar.

As comunidades analisadas possibilitaram visualizar uma paisagem portadora de formas, cores, cheiros, sons e movimentos ligados à água. Uma paisagem que imprime e recebe as marcas dessa água, moldando sua cultura numa relação dinâmica e recíproca. Paisagens que apresentam conflitos e tensões trazidas com a ocupação desenfreada e projetos diversos de aproveitamentos, com a apropriação, territorialização e desterritorialização de espaços.

Essas ações distintas impingidas a esses sujeitos amazônicos resultam em construção de novos sentidos e significados culturais. São resultados de gestões produtoras de problemas de toda ordem que trazem a essas comunidades indagações antes ausentes em suas representações. Dessa forma, essas comunidades diversas sofrem e enfrentam problemas antes alheios às suas culturas

¹ O uso do verbo optar é aqui utilizado porque, em sua maioria, esses colaboradores tiveram e ainda têm a opção de escolha na apropriação do espaço e modificação da paisagem natural amazônica, mas preferiram e ainda preferem fazer da beira do rio o seu lugar. Diferente da situação em outras comunidades, cuja própria ocupação urbana desenfreada empurra os sem teto a viverem às margens dos rios.

e que agora, de modo abrupto e violento, contribuem para a desarticulação e à fragmentação de seus espaços (SENA, 2010).

Planos nacionais de expansão dos aproveitamentos hidrelétricos para o Estado de Rondônia preveem, além da *Santo Antônio e Jirau*, mais quatro Usinas Hidrelétricas (UHEs), a Madeira Binacional, a Monte Cristo, a Ávila e a Ji-Paraná, as quais, construídas em 3.731,919 Km², atingirão várias comunidades, entre elas, 12 áreas indígenas com cerca de 5.784 habitantes, comprometendo suas paisagens naturais, culturais e, principalmente, a sua água (SENA, 2010).

A preocupação com a água no cenário nacional não é recente. Em 1992, durante a *Rio 92*, foram assumidos compromissos, com poucos resultados. Em 1997, como resultado do seminário *A evolução dos mananciais das grandes cidades brasileiras* e do workshop *Águas doces brasileiras*, criou-se o documento *A carta das águas doces do Brasil*, constando como um dos seus principais itens *O Planejamento e gestão integrados* (REBOUÇAS, 2002). A partir daí, discute-se a gestão da água e seu futuro em congressos, encontros e simpósios, mas verificou-se que há uma lacuna por meio de ausência de trabalho que procurem conhecer como se constituem os sentidos que conduzem as percepções e representações sociais das comunidades em espaços amazônicos sobre o tema água, não há também, ainda, estudos que se direcionem a futuros projetos de gestão com respeito aos sentidos, percepções e representações sociais dessas comunidades, ou as suas lógicas.

A Amazônia é a região que comporta a maior e mais extensa bacia hidrográfica continental de drenagem superficial do planeta, ocupando uma área total de 7.008.370 km², desde as nascentes, nos Andes Peruanos, até sua foz no oceano Atlântico (PNRH, 2010). Sua extensão no território brasileiro representa 61% de todo o território nacional, ou seja, mais de 05 (cinco) milhões de quilômetros quadrados, abrangendo 10 estados (Acre, Amapá, Amazonas, parte do Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, parte do Maranhão e parte de Goiás). Uma extensa e rica região que passa por transformações ocorridas pelo desmatamento acelerado e contaminação dessas águas. (DIAS E ARAGÓN, 1987, ARAGÓN, 2006).

Pela intensa transformação cultural que tais projetos provocam nessas comunidades, com a construção de novos sentidos e mudança de suas paisagens

naturais e culturais e, pela importância da água, não só para essas comunidades, mas para toda a humanidade, justifica-se esta pesquisa.

Para este estudo, que visou conhecer os sentidos dos homens/mulheres amazônicos, buscou-se pela compreensão desse sentido presente no olhar geográfico e de como esse sentido culturalmente construído conduz a diferentes percepções, visões de mundo e construções de pontos de vista, em Frege² (1978) e a sua concepção de unidade de sentido, com base no clássico ensaio “*Sobre o Sentido e a Referência*”³.

Frege⁴ foi um dos fundadores da lógica simbólica moderna, perspectivando a matemática como redutível à lógica. Seus trabalhos fundamentais versam sobre a lógica filosófica, a filosofia da matemática e, sobretudo, sobre a filosofia da linguagem. Conhecido nos estudos da linguagem pela sua teoria do sentido (*sinn*) e da referência (*bedeutung*), apresentada na obra *Über Sinn und Bedeutung* (1892), um estudo que expõe as bases para a distinção descritivista entre sentido e referência, cujos conceitos se tornaram fundamentais para a semântica e pragmática modernas, tornando-se referência, também, para a filosofia da linguagem.

Para delinear o caminhar da pesquisa, com o debate central em torno da unidade de sentido em Frege⁵ (1978), definiu-se o seguinte **problema**: Como o sentido culturalmente construído interfere na valorização dos elementos naturais, em especial a água, que cercam as comunidades amazônicas inseridas em Porto Velho e Guajará-Mirim?

² Friedrich Ludwig Gottlob Frege, filósofo e matemático alemão, nasceu a 08 de novembro de 1848, em Wismar (Alemanha), e faleceu a 26 de julho de 1925, em *Bad Kleinen* (Alemanha). Estudou nas universidades de *Jena* e de *Göttingen*, obtendo o doutoramento em Matemática (Geometria), em 1873. Lecionou na Universidade de *Jena* de 1874 até 1917.

³Esse ensaio foi escrito com problemas da lógica em mente (isto é, a relação de "igualdade") e é uma amostra dos primeiros exemplos de análise filosófica a apontar que o problema do sentido invade a língua natural e que não é um problema restrito à matemática ou à lógica formal. Desse ponto de vista, Frege, como C. S. Peirce, antecipam a preocupação de filósofos e críticos com os problemas que envolvem a língua e o significado, particularmente problemas semânticos e epistemológicos que se sobrepõem, mas exigem diferenciação. Cf. In: Adams and Searle, 1985, p.624.

⁴Contemporâneo e admirador de Frege, Russel encontrou uma contradição nas teorias de Frege, que ficou conhecida como o *Paradoxo de Russell*. Esse episódio impactou profundamente na vida produtiva daquele autor. No entanto, esse filósofo Inglês foi o principal responsável pelo reconhecimento de Frege, pois, apesar da natureza de suas descobertas marcar época, sua obra permaneceu na obscuridade até 1903, quando Russell chamou atenção para a relevância dos seus escritos.

⁵Frege, apoiado nas ideias próprias da Lógica Formal, construiu uma estrutura mais complexa do que a fórmula SL= Ste/Sdo de Saussure. Ao que Saussure chamou de significante Frege acrescenta diversos elementos que se podem constituir como significativos no processo de representação e chama de *Sinal*. Cf. In: *A constituição do sentido e sua relação com os sinais*, Ferrarezi Jr: 2003.

Para a compreensão do problema de pesquisa, foram formuladas as seguintes **perguntas**:

- ✓ Qual o espaço privilegiado da água na vida dessas comunidades?
- ✓ Que papel cumpre a água na configuração dos sujeitos e no tecido social dessas comunidades?
- ✓ Quais os fatores que incidem no pensamento das comunidades investigadas sobre o uso e preservação da água?
- ✓ Que características envolvem, em geral, as percepções das comunidades Amazônicas no que diz respeito à água?
- ✓ Que níveis de conexão se encontram, nos sentidos, percepções e representações sociais dessas comunidades, os fenômenos sociais com a problemática que cerca o objeto água?

Em consequência, realizou-se um estudo mediante a apropriação qualitativa, que correspondeu à utilização de instrumentos que lhe foram pertinentes: a entrevista não estruturada, com o suporte de mapas mentais. Isso porque sentidos e percepções transcendem as enunciações e implicam alcançar um emaranhado de peças que deverão ser acomodadas em múltiplas formas e teor das relações tecidas, desfiadas e recompostas novamente, num tecer e retecer contínuos. A opção por abordar o problema de modo qualitativo se deu por considerar a subjetividade dos sujeitos e por se acreditar que a pesquisa seja resultado da interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados.

A preferência por esses instrumentos residiu no fato de que a entrevista foi compreendida como o modo de aproximar-se da população local e assim facilitar o conhecimento e a compreensão da construção dos sentidos na cultura da comunidade pesquisada e, desse modo, (re)conhecer suas percepções, suas representações sociais e suas lógicas. De acordo com Kozel, “é através dos processos perceptivos, a partir dos interesses e necessidades que estruturamos e organizamos a interface entre realidade e mundo, selecionando-as, armazenando-as, e conferindo-lhes significados” (KOZEL, 2001, p.146).

Ao trabalhar com entrevista e mapas mentais, viu-se a necessidade de compreender sobre memória e identidade. Para isso, recorreu-se à estrutura social da memória em Maurice Halbwachs, sociólogo francês da escola durkheimniana. De acordo com esse autor, a memória se constrói pelos grupos sociais. Embora sejam

os indivíduos que lembram, é por meio dos grupos sociais que se determina o modo como será lembrado (HALBWACHS, 2006).

Nessa busca pelo conhecimento da memória encontrada nas entrevistas e narrativas dos colaboradores à pesquisa, consultou-se também Michael Pollak, sociólogo austríaco e discípulo de Bourdieu. De acordo com Pollak (1989), os acontecimentos não são vividos apenas em sua dimensão individual, mas são socializados no grupo social do qual herdamos lembranças constitutivas da identidade do grupo. Ademais, para esse autor, a memória tem, nesses termos, um caráter seletivo. Seleciona os acontecimentos que devem ser guardados e incorporados à memória coletiva ainda que nem todas as experiências lhe sejam incorporadas.

Uma grande contribuição de Pollak (1989) para esse estudo diz respeito à memória e à identidade. A memória cria identidade para o grupo, como aquilo que lhe é comum. “Há uma ligação fenomenológica muito estreita entre memória e o sentimento de identidade e, nesse sentido, a memória seria um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva” (POLLAK, 1992, p. 204).

O uso dos mapas mentais neste estudo foi uma ferramenta de suporte à compreensão e interpretação da relação das comunidades pesquisadas com a água. A metodologia Kozel (2007) foi imprescindível para a compreensão das imagens como informações do mundo vivido amazônico. Ler e compreender essas representações implicou desvelar valores, inquietações e particularidades, que só foram possíveis com a construção de sentidos no espaço pesquisado pelo pesquisador. Considerando a construção de novos sentidos, foi possível ver, nessas representações, o mundo dos atores pesquisados, lacunas, seus silêncios e suas lógicas.

As entrevistas e os mapas mentais se constituíram base para a identificação de fenômenos de sentidos e significados amazônicos nessa relação do sujeito com a água (KOZEL, 2007; MEIHY, 2005; STRAUSS; CORBIN, 1998).

Na condução das entrevistas, foi utilizado o método da *Grounded Theory*⁶, por considerar que a realidade pode ser socialmente construída a partir da interação entre indivíduos que a legitimam por meio de sinais (símbolos ou signos). Fato primordial para observação e análise dos dados colhidos a este estudo. Por ser esse

⁶ Teoria Fundamentada.

um método interpretativista de pesquisa que busca compreender a realidade a partir dos sentidos e significados atribuídos pelos envolvidos às suas experiências (STRAUSS; CORBIN, 1998, p. 22).

Para a análise das narrativas obtidas pelas entrevistas, optou-se pela utilização do software de pesquisa qualitativa ATLAS/ti, que tem como objetivo facilitar essa análise quando há grandes volumes de dados textuais. Esse software foi desenvolvido pela *Scientific Software Development*, criado, principalmente, visando à construção de teorias e permite a necessária auditoria pelos leitores, para verificar a validade e confiabilidade dos resultados. Tal auditoria é proporcionada por meio da análise dos relatórios gerados pelo ATLAS/ti. As narrativas dos colaboradores, gravadas e transcritas, foram transferidas para o ATLAS/ti, como documentos únicos, em separado, proporcionando códigos de significância utilizados para mapear os pontos considerados importantes para o alcance dos objetivos propostos.

A **hipótese central** que orientou a investigação proposta é que a valorização dos elementos naturais sofre interferência dos sentidos construídos pelo homem/mulher em sua cultura, ou seja, por meio de seus valores, saberes e crenças, referendados por um modo de linguagem em suas determinadas comunidades, por isso lhes permite perceber e/ou representar esses elementos naturais de maneiras diferenciadas.

A fim de alcançar o objetivo proposto, seguiram-se os seguintes **objetivos específicos**:

- a) Investigar o papel da água na configuração dos sujeitos e no tecido social das comunidades;
- b) Identificar conexões entre os fenômenos sociais e as problemáticas que cercam a água;
- c) Analisar o pensamento – noção de preservação – das comunidades sobre o uso da água.

A **tese defendida** nesta pesquisa é que a gestão, outorgas e/ou novos empreendimentos em rios amazônicos devem levar em conta os sentidos culturalmente construídos nessas comunidades geograficamente localizadas, por isso se investiga como os sentidos culturais se constroem, quais as percepções e representações sociais dessas comunidades sobre o tema água e quais as lógicas que se formam a partir desses sentidos, percepções e representações sociais.

A **importância desta pesquisa** se volta para o conhecimento da essência do ser humano amazônico, seus sentidos construídos na diversidade e seus pontos de vista sobre um recurso natural efetivo à vida. Esse encontro com o real amazônico evoca mais atenção a esses homens/mulheres em todas as formas de gestão nesses espaços e propicia ao pesquisador não só a possibilidade de produzir conhecimento científico com respeito à realidade vista e vivida, mas propor alternativas para os problemas dessas comunidades e respaldar discussões de temas que possam apontar ao reconhecimento dessas comunidades nos diversos projetos visando à gestão desses espaços.

Este estudo encontra-se estruturado em cinco capítulos, nos quais se busca estabelecer uma correlação entre eles ao longo de seu desenvolvimento. Nos dois primeiros capítulos, faz-se a retomada da teoria. Nessa retomada, observa-se a maneira que pesquisadores/autores escrevem e descrevem as paisagens amazônicas e a relação do ser humano com a água, uma relação que compreende o objeto principal na problematização desta pesquisa.

No primeiro capítulo, perfaz-se o entrecruzamento teórico sobre Sentido, Memória, Identidade, Cultura, Lugar e Mapas Mentais com um olhar atento à utilização desses conceitos aos estudos geográficos. Com o debate central em torno do sentido culturalmente construído em Frege (1978), conduziu-se a pesquisa ao conhecimento das percepções e representações sociais das comunidades amazônicas sobre a água, enfocando, inicialmente, as primeiras representações dos seres humanos amazônicos por autores pesquisadores ao longo do tempo, com a análise de como se deu a inclusão à busca de sentidos e significados nos estudos geográficos, como se compreende o sentido culturalmente construído neste estudo e como esse sentido se comporta na construção da memória e identidade e conduz ao significado de lugar. No segundo capítulo, apresenta-se o referencial teórico de suporte à pesquisa à compreensão da Percepção, Representação Social e Lógica de Comunidade.

Sentido, Percepção e Representação Social são os eixos fundamentais para o desenvolvimento do universo empírico desta tese. Trazem em seu cerne o fio condutor, responsável pela amarração do tecido teórico-empírico, formado de modo a construir respostas às indagações feitas à pesquisa.

No terceiro capítulo, apresenta-se a escolha e caracterização do objeto, os métodos de investigação, o processo de pesquisa de campo, o cenário da pesquisa,

as especificidades das paisagens culturais inclusas no estudo, as dificuldades encontradas, os caminhos trilhados ao envolvimento com as comunidades e a construção e reavaliação dos sentidos durante esse envolvimento cultural pela pesquisadora. Ademais, nesse terceiro capítulo, dá-se atenção especial ao método da *Grounded Theory*, com a explanação do passo a passo da utilização do software ATLAS/ti no tratamento dos dados e análise e seus principais elementos, tais como os documentos primários (*P-Docs*), as citações (*Quotes*), os códigos (*Codes*), as notas (*Memos*) e a metodologia Kozel utilizada na análise dos mapas mentais.

O quarto capítulo expõe análise dos dados obtidos, inicialmente, faz-se uma análise geral, proporcionada por um olhar panorâmico sobre algumas das narrativas obtidas durante as entrevistas. Nessa análise, exhibe-se a compreensão dos textos (entrevistas e mapas mentais) desenvolvidos durante o trabalho de campo. A seguir, se expõe uma análise detalhada da totalidade das narrativas, com minúcias fornecidas com o auxílio das ferramentas do software ATLAS/ti. Faz-se, ainda, nesse capítulo, o (re)conhecimento da paisagem apreendida na abordagem cultural, base sobre a qual se constroem as relações dos indivíduos com a cultura e que refletem o modo de viver o mundo no mundo amazônico, a relação de cada colaborador com a água, seus sentidos, percepções e inquietações.

No quinto capítulo, com o resultado das análises dos dados obtidos em campo, concatenado com as referências teóricas, demonstra-se a predominância dos sentidos dessas comunidades observadas em relação à água, suas percepções e representações sociais. Ademais, dá-se resposta a cada uma das perguntas formuladas para a resolução do problema de pesquisa e, a partir das compreensões obtidas, indicam-se caminhos que levem em conta os sentidos do ser humano amazônico e as lógicas de suas comunidades para que, ao se pensar novos projetos nas águas amazônicas, gestores ouçam cautelosamente essas comunidades e pratiquem a gestão democrática participativa em conjunto com esses atores.

Nesse capítulo, também se confirma a hipótese levantada e, com argumentação suportada pela análise dos dados coletados à pesquisa, em conjunto com a bibliografia de apoio e toda a interdisciplinaridade permitida pela Geografia, demonstra-se a importância do sentido do olhar geográfico para a obtenção da essência do ser humano amazônico e do conhecimento das lógicas de comunidades. Com a demonstração, também, da importância da lógica de comunidades para estudos da Geografia e de ciências diversas que conduzam a

reflexões sobre gestões democráticas a partir de comunidades geograficamente localizadas.

Finalmente, a partir da concatenação das análises dos dados à pesquisa, em sintonia com a teoria exposta, por meio das perguntas iniciais respondidas sobre o relacionamento entre os atores investigados e suas lógicas, suas dimensões sociais, apresentam-se as conclusões e indicações que possam auxiliar a direção de novas propostas à gestão da água, a partir de comunidades geograficamente localizadas, que conduzam à tomada de decisões futuras e a novas metodologias sobre o tema, provendo também uma interessante saída para se pensar na integração entre os níveis micro e macrossociais.

MAPA CONCEITUAL DA PESQUISA

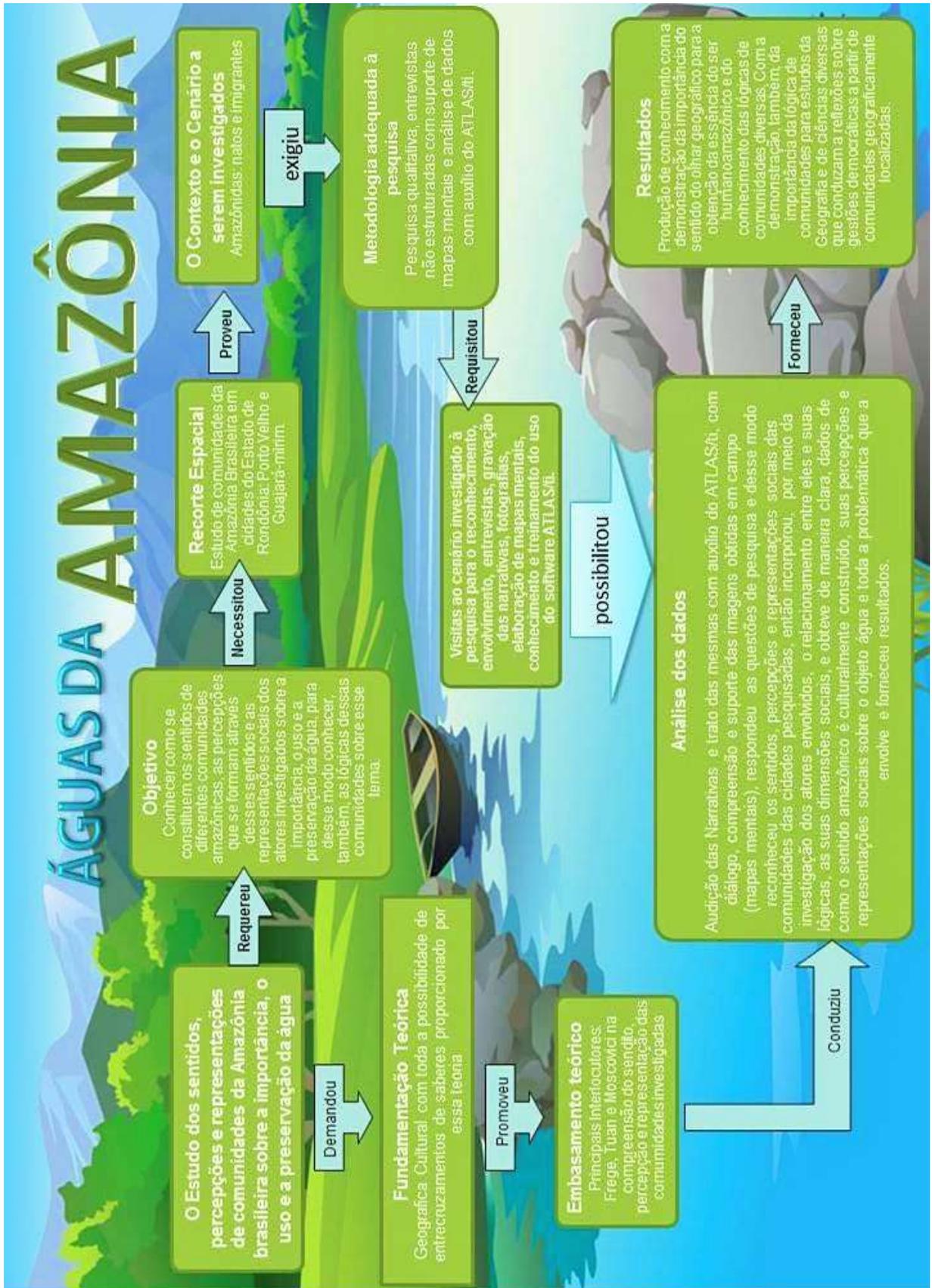


FIGURA 01 – MAPA CONCEITUAL DA PESQUISA
 FONTE: A autora (2014)

CAPITULO I

DOS ESTUDOS CULTURAIS AOS ESTUDOS DO SENTIDO PELO GEOGRÁFO



FIGURA 02 - Pescador do Rio Madeira. Porto Velho/RO
FONTE: A autora (2013)

**Água que nasce na fonte
Serena do mundo
E que abre um
Profundo grotão...**
(Planeta água, Guilherme Arantes)

1 DOS ESTUDOS CULTURAIS AOS ESTUDOS DOS SENTIDOS PELO GEÓGRAFO

Com grande número de povos, diferentes linguagens e costumes, a Amazônia constitui-se em enorme etnodiversidade, razão pela qual desperta o interesse de diferentes pesquisadores com objetivos diversos. Tal etnodiversidade, além de ser composta por imigrantes de várias regiões do Brasil e de outros países do mundo, é formada, principalmente, por povos indígenas, caboclos, ribeirinhos e negros remanescentes com seus conhecimentos e riquezas culturais (CLAVAL, 2010, KOZEL, 2007, SOUSA, 2012, ALMEIDA SILVA, 2010).

A fim de conhecer e compreender esse ser humano amazônico, primeiramente, fez-se a retomada da teoria sobre Sentido, Cultura, Linguagem, Memória, Identidade e Lugar (FREGE, 1978; GEERTZ, 1997; HALBWACHS, 2006; POLLAK, 1989; BOSI, 1994; BERGER e LUCKMANN, 2012; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999; HEIDRICH, 2013; TUAN, 1982/1983/2012), com um olhar atento à utilização desses conceitos com interesse ao viver amazônico.

Nessa retomada da teoria, observa-se que a Amazônia brasileira começa a ser descrita pelos primeiros navegantes em fins do século XV, quando os espanhóis penetraram a região, seguindo o curso do Rio Amazonas. Depois vieram outros navegantes em busca de riquezas: portugueses, franceses, holandeses, ingleses e irlandeses. No entanto, o que esses navegantes encontraram, à primeira vista, foram etnias diversas, que não lhes despertava o interesse. Homens e mulheres descritos, em relatos e literaturas, como seres selvagens e fantásticos (PRATT, 1992; GONDIM, 1994).

Nas primeiras representações sobre o humano amazônico, observou-se que as marcas do imaginário e do preconceito andam lado a lado. Tais representações têm o olhar descritivo e não apresentam o interesse sobre o homem/mulher amazônico(a), seus sentidos culturalmente construídos ou seus significados culturais. *Animais anfíbios*, que vão ser os *preguiçosos e aparentemente bondosos* de Bates. *Os estúpidos indolentes povos do mais baixo grau de civilização* de Martius, *ramo atrofiado, no tronco da humanidade, cuja apatia e falta de curiosidade inibe-os de conectar a civilização*, “[...] representam visões caricaturais porque não apresentam consistência teórica que embasou a digressão mais prudente de Buffon” (GONDIM, 1994, p. 135).

Notou-se, também, que, para grande parte da academia contemporânea, o marco fundador no estudo antropológico das sociedades ribeirinhas da Amazônia está nos trabalhos de Charles Wagley e Eduardo Galvão. Esses estudos culturalistas tiveram origem norte-americana e descendem do particularismo histórico boasiano⁷ e da origem cultural de Julian Steward⁸ (HARRIS, 1998; FURTADO, 1993).

Vários pesquisadores se dedicaram a estudar as sociedades amazônicas originadas e influenciadas pela ecologia cultural stewardiana e o culturalismo boasiano de Charles Wagley⁹. Entre esses pesquisadores, podemos citar: Emilio Moran, Eugene Parker, Richard Pace. No entanto, esses trabalhos descreviam as sociedades, mas ainda não procuravam pela compreensão do homem (FRAXE, 2000, 2005; MURRIETA, 2000).

De uma maneira geral, para os antropólogos americanos desse primeiro período, os amazônicos se expressavam na vida isolada em unidades familiares, com uma pequena agricultura familiar combinada com a caça e a pesca (FURTADO, 1993). Sendo notáveis nesses resultados, mesmo com o envolvimento cultural de pesquisadores com a comunidade pesquisada, as percepções desses estudiosos sobre esses espaços continuavam compostos de representações compartilhadas em sua própria comunidade, estrangeiras à Amazônia.

Observou-se nessas primeiras descrições do humano amazônico que, apesar dos autores/pesquisadores julgarem-se aptos a descrever a cultura observada, ao analisar os modos de vida, seus relatos emitem juízo de valor. Pontos de vista formados pelos sentidos construídos em suas próprias culturas de origem, sem interesse em compreender o ser humano observado. Pontos de vista, percepções e representações que, na compreensão dos costumes e modos de vida estranhos a sua cultura, sempre interferem (BHABHA, 1998).

Ademais, esses resultados de pesquisas diversas, produzidas nesse primeiro período, trazem o mesmo resultado de diários de viagem e literaturas diversas sobre a região: veem o homem amazônico como atrasado e

⁷ Franz Boas (1858- 1942) criticou com veemência os determinismos biológicos e geográficos, além da crença no evolucionismo cultural. Para Boas cada cultura é uma unidade integrada, fruto de um desenvolvimento histórico peculiar.

⁸ Julian Steward (1902-1972) enfatiza os problemas de desenvolvimento e subdesenvolvimento, inspirado em parte nos trabalhos sobre "engenharia social".

⁹ Wagley utilizou as teorias de Julian Steward (ecologia cultural stewardiana) e Franz Boas (particularismo histórico boasiano) em todas as suas pesquisas. Charles Wagley foi aluno doutoral de Franz Boas (Cleary, David. 1992. "Obituary: Charles Wagley," *Anthropology Today* 8(3): 17-18).

subdesenvolvido, descritos como seres sem cultura ou inferiores, homens e mulheres sem valores. Por meio de conhecimentos, sentidos e significados que lhes são estrangeiros, esses amazônicos são descritos como prontos a serem moldados, modificados pelo colonizador.

Essa visão presente nas descrições da Amazônia, desde os primeiros relatos até início do século XX, deve-se, exclusivamente, ao não conhecimento dos sentidos e significados da cultura amazônica. Autores e pesquisadores pertencentes a outras culturas veem a cultura local e o dono da terra, mas não o compreendem. Leem o contexto e o cenário: o indígena, o caboclo e a mistura de raças que originou a comunidade pesquisada e sua cultura, mas ainda não os interpretam, não conseguem compreender porque, apesar de todo o envolvimento, não procuraram por sentidos e significados na cultura da paisagem observada.

Estava ausente naqueles estudos a visão direta, concreta, em que a Geografia envolve e penetra os sentidos de doçura e de luz. O espaço *puro* do geógrafo onde a floresta é experimentada, a Amazônia é sentida, onde o estudo do homem e seu mundo vivido é uma exigência inelutável, o estudo em busca dos sentidos (DARDEL, 2011).

Por isso, a partir de estudos culturais, procurou-se, por meio de autores distintos, evidenciar que em estudos de paisagens diversas é necessário o olhar geográfico, com sentidos e significados da cultura observada. Isso porque a paisagem exprime concretamente a relação socioespacial produzida, reproduzida e transformada pelos agentes sociais nas relações entre esse agente social e o mundo e, por isso mesmo, faz da compreensão à cultura como o contexto e cenário construtor de sentidos e significados um fator essencial à pesquisa.

Ademais, destaca-se que os sentidos, embora natos, recebem as influências culturais e são formados por todos os modos de ações em que o indivíduo é situado no seio de uma cultura, no seu estar junto espacial e na comunicação. Essa paisagem geográfica que comporta sentidos e significados é compreendida, portanto, como um produto social, representado por agentes que lhe atribuem significados a partir de seus sentidos culturalmente construídos, formados em seus círculos de intersubjetividades e nas suas conformações identitárias (BERQUE, 2004).

Compreende-se, ainda, que os homens/mulheres amazônicos em diferentes modos de interação, pela comunicação, constroem sentidos que mudam conforme

essas interações, mas que também permitem, através de suas memórias e sua identidade, apreciar o seu mundo vivido e fazer do espaço de vivência, cercado de água, o seu lugar.

1.1 O SENTIDO DO OLHAR GEOGRÁFICO

O sentido no olhar geográfico traz a noção de que os homens/mulheres experienciam e transformam o mundo natural em um mundo humano, através de seu engajamento direto enquanto atores de transformação. Passa a reconhecer que a produção e reprodução do espaço são, necessariamente, uma arte coletiva, mediada na consciência e mantida por códigos simbólicos que fazem a comunicação.

A comunicação humana é produção simbólica que, antes de ter significações, passa pelo sentido. Tais códigos incluem, não apenas a linguagem em seu sentido formal, mas também os valores, as crenças, percepções e representações. Uma série de produções simbólicas que constituem o mundo vivido de uma comunidade, porque toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material, simbólica, produção e comunicação. Essa apropriação simbólica do mundo produz estilos de vida distintos e paisagens distintas, que são histórica e geograficamente específicos (COSGROVE, 2007).

Desse modo, “a Geografia Cultural passa a analisar objetos do cotidiano, representações, estudos de sentidos que conduzem a significados, paisagens e à construção social de identidades baseadas em lugares” (MCDOWELL, 1996, p. 159). Seu foco inclui a investigação da cultura, seus sentidos e significados, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas.

A partir daí, a Geografia dedica uma atenção nova à irredutibilidade do fato cultural. Um fato que não é mais visto como a superestrutura vaga e fluida. A cultura, hoje, tende a ser compreendida como uma vertente do real, “[...] um sistema de representação simbólica existente em si mesmo e, se formos ao limite do raciocínio, como uma visão de mundo que tem sua coerência e seus próprios efeitos sobre a relação da sociedade com o espaço” (BONNEMAISON, 2001, p. 86).

Com esse novo olhar, a ciência Geográfica passa a falar sobre temas diversos, não só sobre altitudes, profundezas e densidades, mas sobre diversidades culturais e marcadores territoriais. Estudos que revelam a procura de sentidos

culturalmente construídos, que compartilham os homens de uma mesma comunidade e que dão significado às suas experiências.

Entre esses estudos que se interessam pelo sentido nos estudos geográficos e ambientais, se reconhece toda a sua força em teorias de Dardel, Bachelard, Relph, Tuan, entre outros. No entanto, se reconhece também que, os sentidos estão presentes a partir do momento em que os geógrafos tentam colocar-se no lugar das pessoas que observam, numa tentativa de ver o mundo como essas pessoas o percebem, de apreciar os horizontes que se abrem a seus olhos, de descobrir os problemas que elas têm no íntimo, de compreender as perspectivas, as suas esperanças, os valores que a motivam (CLAVAL, 2010).

Com o interesse pelo conhecimento do homem pela ciência que estabelece uma rede de essências, com suas próprias categorias, paisagem, espaço, território e lugar, o sentido que conduz ao significado passa a constituir a palavra-chave da geografia cultural, com a concepção de que, para a compreensão da realidade social, é necessário ir além de sua organização, constituição e estrutura, introduzindo-se os sentidos e significados que dela fazem parte. Trata-se de interpretar a espacialidade criada e seus sentidos, pois “[...] toda atividade humana é ao mesmo tempo material e simbólica, produção e comunicação” (COSGROVE, 2003, p. 103).

As culturas não representam somente um gênero de vida, uma maneira de viver e por isso despertam o interesse desses geógrafos. Uma cultura dá sentido e significado ao mundo: propõe uma visão do mundo, uma ordem de pensamento. “Esta ordem de pensamento baseia-se em crenças, mitos, valores” (BONNEMAISON, 2001, p. 92).

O Geógrafo passa a se interessar pelo âmbito da visão cotidiana do homem e de sua movimentação diária habitual, com a consciência de que o homem exprime sua relação geográfica com o mundo a partir da sua percepção e relação com o espaço. “A geografia pode assim exprimir, inscrita no solo e na paisagem, a própria concepção do homem, sua maneira de se encontrar, de se ordenar como ser individual ou coletivo” (DARDEL, 2011, p. 43).

Por ser essa uma relação intersubjetiva, deve ser tratada pela geografia a partir do que interessa primordialmente ao homem: suas ligações existenciais, suas preocupações, seu bem-estar e seus projetos para o futuro. Ou seja, o geógrafo

passa a interessar-se pelas relações estabelecidas pelo homem/mulher com outros homens/mulheres e com todas as coisas que compõem seu mundo vivido.

Desse modo, a geografia deixa de ser um conhecimento referido a um determinado objeto, mas sim uma ciência que tem o papel de compreender o mundo geograficamente, do homem ligado a Terra por sua condição terrestre. Então, a realidade geográfica passa a ser para o homem o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras em que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos. “Uma realidade geográfica que exige uma adesão total do sujeito, através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos, que ele chega a esquecer-los, como pode esquecer sua própria vida orgânica. Ela está, contudo, oculta e pronta a se revelar” (DARDEL, 2011, p.46).

Os estudos geográficos amazônicos passam a procurar pelos sentidos das diversidades, seja na música, na literatura, na dança, na religiosidade, enfim, em todo o mundo vivido do homem/mulher amazônico. Entre esses estudiosos contemporâneos da Geografia interessados nos estudos dos sentidos e significados amazônicos encontram-se Josué da Silva, Adnilson de Almeida Silva, Carlos Valter Porto Gonçalves, Lucileide Feitosa Sousa, entre outros importantes pesquisadores.

Esses estudos apresentam esse novo olhar geográfico sobre a Amazônia, com a compreensão de que a apreensão do espaço relaciona-se às diferentes perspectivas que se fazem presentes na visão de mundo de cada ser humano. Descrevem o espaço e lugar como conceitos distintos. Veem o espaço amazônico como liberdade, sensação de amplidão, de infinito; “[...] o lugar como a segurança, o centro ao qual se atribui valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação” (TUAN, 1983, p.4).

1.2 A COMPREENSÃO DO SENTIDO

Graças à pluralidade e ao dinamismo da Geografia Cultural, os estudos geográficos se voltam ao sentido, ao significado, às percepções, perpassando cognições, visando às representações de paisagens, espaços e lugares valorizados individualmente ou intersubjetivamente.

No entanto, com essa busca do sentido humano pela Geografia, uma inquietação tornou-se frequente na compreensão de culturas diversas: o que está

sendo observado em particulares culturas, os sentidos ou os significados? Os significados culturais e os sentidos dizem respeito ao mesmo objeto? Quem pode *desvelar as velas*¹⁰, fornecer itinerários e rumos corretos ao geógrafo na análise de paisagens culturais diferenciadas, o sentido ou o significado?

Com o ser humano tomado como seu centro de interesse, a Geografia sente necessidade de (re)conhecer o seu mundo circundante, seus valores, seus marcadores, seus sentidos concretos. Assim, os estudos geográficos passam a integrar outros aportes na interface com os signos linguísticos de Ferdinand Saussure (1857 - 1913), a pragmática de Charles Sanders Peirce (1839 – 1914) ou reflexões teóricas filosóficas pelos estudos de Bourdieu (1930 – 2002), Heidegger (1889 – 1976), Husserl (1889 – 1938), entre outros.

Heidrich (2013), em seu artigo *Território e Cultura: Argumento para uma Produção de Sentido* apresenta a definição de sentido com base nos estudos sociológicos de Berger e Luckmann (2012, p. 15): “Sentido é a consciência de que existe uma relação entre as experiências”. A partir dessa compreensão, Heidrich complementa: “Qualquer objeto ou ação para os quais movimentamos nosso olhar aparece com importância e validade por causa do sentido humano que possui. Todo o mundo geográfico é impregnado de sentidos, tudo tem uma função e um significado”. (HEIDRICH et. al., 2013, p.53).

Estudos com aportes fenomenológicos como os de Tuan e Buttimer, assim como estudos advindos de outras bases teóricas, quando abordam a constituição do sentido, convergem a um só ponto: a cultura. Ou seja, o sentido é constituído culturalmente e, por isso, é um processo que está presente em todos os universos culturais.

Com base nos estudos da abordagem fenomenológica, a partir de filosofias de sentido, Fernandes e Fausto Gil (2011), em seu artigo *Geografia em Cassirer: Perspectivas para a Geografia da Religião*, afirmam que tais estudos só vêm enriquecer a pluralidade de interpretações sobre o espaço. De acordo com esses autores, a *virada linguística* nas ciências sociais abre “[...] uma riqueza de possibilidades ao enfatizar as representações” e complementam “[...] nesse contexto a Geografia tem se dedicado a compreender o sentido dos espaços sócio-culturais” (FERNANDES e GIL FILHO, 2011).

¹⁰*Desvelar as velas* é um termo usado por Dardel (2011) para referir-se a descobrir o que está oculto na análise geográfica para a compreensão.

Para este estudo, que visa conhecer os sentidos dos homens/mulheres amazônicos, buscou-se pela compreensão desse sentido presente no olhar geográfico e de como esse sentido culturalmente construído conduz a diferentes percepções, visões de mundo e construções de pontos de vista, em Frege (1978) e a sua concepção de unidade de sentido, com base no clássico ensaio “*Sobre o Sentido e a Referência*”¹¹.

A escolha da unidade de sentido, exposta por Frege (1978) em seu ensaio “*Sobre o Sentido e a Referência*”, na elaboração dessa tese, reside no fato de que, embora teóricos da Geografia falem sobre o sentido e o definam como um fato/fenômeno cultural, observou-se a ausência de uma explicação de como se constitui essa unidade de sentido que acompanha o viver do ser humano¹².

Frege não produziu extenso material a ser observado, justamente por centrar seu interesse na lógica matemática e não na filosofia da linguagem. No entanto, no texto aqui utilizado, o autor desenvolve instigantes tópicos relativos ao conhecimento, verdade, existência, sentido, significado e linguagem. Essas suas investigações, com base na lógica, trouxeram à semântica orientações de forma decisiva à construção de uma teoria compreensiva da construção do sentido. (FREGE, 1978).

Gottlob Frege utiliza uma grande quantidade de argumentos para sustentar logicamente a afirmação de que o significado não é o objeto a que uma palavra se refere e que é necessário diferenciar, ainda, o objeto real e a palavra daquilo que é compartilhado socialmente como sendo o significado desse sinal e daquilo que cada um entende particularmente como sendo sua significação, conforme se demonstra na figura 03:

¹¹Esse ensaio foi escrito com problemas da lógica em mente (isto é, a relação de "igualdade") e é uma amostra dos primeiros exemplos de análise filosófica a apontar que o problema do sentido invade a língua natural e que não é um problema restrito à matemática ou à lógica formal. Deste ponto de vista, Frege, como C. S. Peirce, antecipa a preocupação de filósofos e críticos com os problemas que envolvem a língua e o significado, particularmente quando problemas semânticos e epistemológicos se sobrepõem, mas exigem diferenciação. Cf. In: Adams and Searle, 1985, p.624.

¹²A unidade de sentido exposta em Frege (1978) tem acompanhado as pesquisas da autora desta Tese, em trabalhos que analisam como autores estrangeiros traduzem a cultura amazônica às suas audiências.

Além desses componentes do sinal – o *sentido* e a *referência* – Frege (1978) introduz outro componente: a *representação* associada ao sinal. Diferente do sentido do sinal, que seria uma imagem apreendida coletivamente, portanto, de modo mais objetivo, a representação em Frege é inteiramente subjetiva. A referência e o sentido de um sinal para Frege devem ser distinguidos da representação associada a esse sinal.

Frege ainda introduz o mundo real em suas considerações e explicita que o sinal (signo ou símbolo) designa uma referência (a coisa do mundo real que é designada). Mas a conexão entre o sinal e a coisa designada é arbitrária: “ninguém pode ser impedido de empregar qualquer evento ou objeto arbitrariamente produzidos como um sinal para qualquer coisa” (FREGE, 1978, pp. 62- 63). O que é arbitrária é a conexão entre o sinal e a referência; essa conexão, para Frege, pode ser alterada, ou deformada, pelo falante. Então, o sinal é o elemento que remete à significação. O sinal é mais do que a palavra, mas é inclusive a palavra. A referência é a substância – quando ela existe. **O sentido é a ideia compartilhada como referente, isto é, uma concepção geral que permite o entendimento dos significados simbólicos entre os membros de uma mesma cultura** (FREGE, 1978).

Desse modo, reconhece-se um diálogo entre o sentido exposto por Berger e Luckmann (2012) e comentado por Heidrich (2013) com a unidade de sentido exposta por Frege (1978), pois, se é o sentido a consciência de que existe relação entre as experiências, é esse mesmo sentido que permite o entendimento e a compreensão entre os membros de uma mesma cultura.

Ademais, os sentidos humanos, embora façam parte da consistência humana, são sempre influenciados pelo contexto e cenário, ou seja, por serem construídos culturalmente, é por meio desses sentidos que os seres humanos se relacionam com o meio. Assim, cada homem/mulher, a partir de sua cultura, do seu mundo vivido, percebe o mundo exterior de formas distintas.

Por ser esse sentido culturalmente construído o condutor às percepções de formas distintas, é ele também quem conduz ao compreender ou não compreender, ao gostar ou ao não gostar. Fatores que conduzem as pessoas a verem somente o que interessa ou ao ouvir o que atendem seus próprios interesses. A cultura influencia fortemente a percepção do indivíduo, sua maneira de ver e sua maneira

de pensar (TUAN, 2012). Portanto, o sentido culturalmente construído interfere também na valorização ou não dos elementos naturais.

O Homem/mulher vive a remoldar de sentidos e significações o mundo. Graças às situações e tensões culturais a que está vinculado, esse ser cultural cria, renova, interfere, dá sentido à sua existência. Por isso mesmo esse ser cultural vê, sente, compreende e divulga suas crenças e pensamentos com sentidos culturalmente construídos (CLAVAL, 2010).

O sentido construído culturalmente é o responsável pelos símbolos linguísticos utilizados na comunicação de atores de uma mesma comunidade, porque esse sentido é compartilhado pelos falantes de uma língua. Definido como uma ideia geral que os falantes de uma língua associam a um sinal qualquer a respeito de um objeto do mundo real ou de mundos possíveis, o sentido é o responsável pela possibilidade de comunicação entre usuários de uma língua. Assim, quando um locutor fala uma palavra qualquer ou utiliza-se de um gesto culturalmente definido, espera-se que seu interlocutor entenda o que está falando.

As diferentes comunidades amazônicas variam no estilo de construção, em sua operação e manutenção, nas entidades que as preenchem e as decoram. Seus códigos culturais são sistemas pelos quais os seus mundos são definidos, descritos e entendidos. Os sentidos que levam ao significado revelado por uma cultura são construídos socialmente.

Portanto, a partir da unidade de sentido exposta em Frege (1978), compreende-se que, nos estudos geográficos, o que deve ser observado em particulares culturas são os sentidos, pois são eles que conduzem aos significados culturais. É a partir desse sentido construído culturalmente que o geógrafo pode *desvelar* os significados, obter itinerários e rumos corretos à análise de paisagens culturais diferenciadas.

1.3 VIVÊNCIAS E INTERCULTURALIDADE¹⁵

A Amazônia brasileira, diferentemente de como foi representada ao longo dos anos por autores e pesquisadores de ciências distintas, não é um espaço vazio ou estranho, é uma área portadora de ricas e miscigenadas culturas urbanas e rurais, com sentidos e significados que recebem, constantemente, influências de culturas diversas, seja pela migração constante, pelos meios de comunicação, ou pela intervenção permanente de projetos privados ou públicos.

Essas interferências externas influenciam o modo de vida das pessoas e trazem à região uma gama de novas informações e conhecimentos que transformam, não só as paisagens amazônicas, mas também os sentidos que interferem nos pontos de vista de seus habitantes, transformando culturas, linguagens e modos de comunicação.

Desse modo, entende-se que o sentido culturalmente construído não é estático, assim como ele se constrói pela transmissão de conhecimentos e valores pela comunicação entre indivíduos pertencentes à mesma cultura ou por interferências várias (migração, meios de comunicação e outras) é, também, pela comunicação que esses sentidos culturalmente construídos sofrem mutações.

Como a comunicação é feita pela linguagem rica de sentidos culturais, antes de clarear a respeito das vivências e interculturalidade amazônicas, com a compreensão do sentido culturalmente construído em Frege (1978), entendeu-se necessário aclarar o que se entende por cultura e sua relação com a linguagem, pois se percebe que, na produção e na compreensão dos sentidos, os conceitos de cultura e linguagem convivem lado a lado.

Witherspoon (1980, p. 02), ao tratar do tema, confirma com clareza: “Se observarmos a cultura do ponto de vista linguístico, obtemos uma perspectiva unilateral da cultura; se observarmos a linguagem do ponto de vista cultural, obtemos uma visão unilateral da linguagem¹⁶” [Tradução da autora].

Susan Bassnett (1991, p.14) reafirma esse ponto de vista e esclarece: “A linguagem, então, é o coração dentro do corpo da cultura, e é da interação entre as

¹⁵ Interculturalidade é a denominação proposta por Canclini (2007) para entender esta situação cultural contemporânea. Ela surge em contraponto à ideia de multiculturalidade: enquanto esta seria o reflexo de uma diversidade de culturas que coexistem e conflitam, a interculturalidade vê indivíduos que já não conseguem ser definidos por generalizações e que buscam formar suas identidades agregando os retalhos provenientes de diversas manifestações culturais.

¹⁶ “If we look at culture from a linguistic point of view, we get a one-sided view of culture. If we look at language from a cultural point of view, we get a one-sided view of language.”

duas que resulta a continuação da energia-vital¹⁷” [Tradução da autora]. A linguagem, como meio essencial da comunicação humana, é, obviamente, um componente crucial de qualquer cultura (WAGNER e MIKESELL, 2011).

Considerou-se, então, para este estudo, a linguagem como um código simbólico pelo qual mensagens são transmitidas e entendidas, informações são decodificadas e classificadas e eventos são anunciados e interpretados. Um código que possibilita a comunicação de pensamentos, ideias e valores. A cultura, como o conjunto de ações: maneira de vestir-se, escolha de alimentos e modos de comê-los, todos os modos, hábitos, pensamentos e crenças, enfim, todas as maneiras de atuar que formam os costumes, o contexto, o cenário (WITHERSPOON, 1997).

Por tudo isso, a cultura no processo de compreensão do *outro*, neste estudo, passou a ser vista como um contexto que permite, face à plurissignificação e à conotação, selecionar alternativas interpretativas nos casos em que o contexto linguístico nada pode fazer, especialmente quanto às conotações e ao efeito, onde, constantemente, se atualizam horizontes de expectativa ideológica, lógica e emocional. A cultura manifesta-se sempre como espaço de interculturalidade e intersubjetividade, como espaço de busca do outro, da alteridade perdida ou recalçada (BASSNETT E TRIVIDI, 1999).

Essa ideia também já vem de um tratado de Umberto Eco (1975, p. 36) sobre semiótica, no qual se entende “[...] que a cultura, como um todo, é um fenômeno de significação e comunicação e que humanidade e sociedade só existem a partir do momento em que se estabelecem relações de significação e processos de comunicação”.

Dessa maneira, observou-se que, em um estudo como este, que visa conhecer os sentidos culturais, a cultura e a linguagem estão entrelaçadas formando um mesmo contexto, pois, como foi explicitado anteriormente, é o sentido construído dentro de uma cultura que leva a significações. Essas significações fazem parte da linguagem utilizada pela comunidade e conduziu esta tese à compreensão desses sentidos culturalmente construídos e aos significados de cada paisagem cultural.

Reconheceu-se, portanto, que as relações e processos de compreensão do *outro* não se esgotam na linguagem, mas passam sempre por ela. Quando se fala de cultura, está se falando de relações de significação e de comunicação que

¹⁷“*Language, then, is the heart within the body of culture, and it is the interaction between the two results in the continuation of life-energy.*”

envolvem processos de produção e interpretação e, às vezes, mais, como no caso das línguas terceiras, dos empréstimos e dos estrangeirismos que puderam ser observados nas comunidades analisadas. Nessa observação, também procurou-se levar em conta o que Heidrich (2013, p. 53) afirma: “Tudo que concebemos como geográfico é impregnado da articulação de dois sentidos: o denotativo e o conotativo. O que é geográfico, ao mesmo tempo em que é revelador de uma feição, também é de uma função e um significado”.

Com a compreensão de que a comunicação é responsável pela construção de sentido(s), compreendeu-se também que é ela a responsável pela construção de novos sentidos que se sobrepõem aos sentidos construídos na cultura local, gerando novos significados e com eles novos pontos de vista.

A esse fenômeno de novos sentidos que se sobrepõem a sentidos já existentes, Bakhtin/Volochinov (1999, p.135) chama de *revisão* e faz algumas considerações: “[...] a mudança de significação é sempre, no final das contas, uma reavaliação: o deslocamento de uma palavra determinada de um contexto apreciativo para outro.” Desse modo, compreende-se que a evolução do tema (sentido particular do termo) e das significações que o processo de comunicação fornece ao seu interlocutor é a transformação da própria apreciação social.

Sobre a transformação da apreciação social e a mudança de sentido, Bakhtin/Volochinov (1999, p.136) comenta: “A evolução semântica na língua é sempre ligada à evolução do horizonte apreciativo de um dado grupo social [...]” Compreendeu-se, desse modo, que o homem/mulher amazônico, a partir das relações interculturais que constituem seu mundo vivido, cria novos sentidos ou reavalia os já existentes, especializando-os em sua própria cultura e passa a ler a sua própria vida sob novos pontos de vista.

A fim de clarear sobre diferentes pontos de vista, recorreu-se a Raccah (2002) e seu artigo denominado *A Semântica dos Pontos de Vista*, no qual o autor propõe e defende uma aproximação das relações entre a pragmática, a semântica e a cognição, aproximação que, segundo ele, é a mais adequada para uma teoria científica das línguas e, em particular, aos fenômenos da construção dos sentidos.

Pierre-Yves Raccah faz digressões sobre o que se pode ver e como se podem ver as coisas, fazendo-nos reafirmar a teoria de que o sentido de um enunciado não é percebido, é construído, ou seja, a interpretação se dá com o conhecimento do contexto e do cenário. Raccah (2002, p.69) exemplifica sua teoria

e conclui que “[...] cada enunciado, por mais que utilize as mesmas palavras, evoca pontos de vista que pertencem à cultura de uma comunidade linguística a que pertence o falante” (tradução da autora)¹⁸.

No entanto, Berger e Luckmann (2012) atentam para o fato de que, no mundo moderno, devido ao constante contato com culturas diversas, o ser humano passa por uma crise de sentidos. Justamente por causa dessa interculturalidade crescente, o homem/mulher, hoje, cresce num mundo em que não há valores comuns, com a sua comunidade repleta de sentidos e significados, esse humano é incorporado pela comunidade de vida em que cresce num sistema supraordenado de sentido (BERGER E LUCKMANN, 2012).

Ainda de acordo com Berger e Luckmann (2012), há as comunidades de vida e de sentido. As comunidades de vida são caracterizadas por um agir que se repete com regularidade e diretamente recíproco em relações sociais duráveis. As comunidades de sentido podem ser formadas em diferentes níveis de sentido, não diretamente baseadas nas experiências de vida. Caso essas comunidades de vida e de sentido coincidam com as expectativas da sociedade, a vida do indivíduo flui de maneira bastante habitual, quase que de forma autoevidente. A realidade que é informada institucionalmente aparece ao indivíduo não como uma entre outras formas de viver, mas como realidade *tout court*¹⁹.

No entanto, esse pluralismo moderno rompe a autoevidência da vida social, não possibilitando a compreensão necessária e, desse modo, nenhuma perspectiva pode ser assumida como únicas em validade. Por isso o homem/mulher coloca-se, não raras vezes, a si mesmo(a) a pergunta se ele(a) não deveria orientar sua vida segundo parâmetros bem diferentes dos que os(as) têm orientado (BERGER e LUCKMANN, 2012).

Essas supraordenações são fortemente observáveis na(s) cultura(s) amazônica(s) que, por meio dessas inúmeras interferências de sentidos construídos em culturas diversas, tomam para si novas significações e modificam sua própria cultura. Interferências que trazem, além da crise de sentido, fortes modificações nas paisagens culturais. Isso porque, à medida que novos sentidos se sobrepõem aos sentidos construídos em sua própria cultura, a comunidade adquire novos pontos de

¹⁸[...] cada enunciación, por las palabras mismas que utiliza, evoca puntos de vista que pertenecen a la cultura de una comunidad lingüística y respecto a los cuales el hablante tiene la facultad de pronunciarse.

¹⁹ Certa, correta, sem dúvida.

vista e com essa aquisição há toda uma interferência no seu modo de vida e em seus valores culturais, fazendo, desse modo, com que os mecanismos culturais e simbólicos se exerçam sobre a população receptora a partir dessas interferências, que permitirão um cosmopolitismo impingido de fora para dentro.

1.4 A SIGNIFICAÇÃO AO LUGAR

Nos diferentes estudos e relatos revisitados sobre a relação do humano amazônico com a água, há a presença do viver que integra as águas nas mais diversas manifestações culturais dessas comunidades. A construção interpretativa do mundo para o homem/mulher amazônico está carregada de sentidos e significados nascidos dos conhecimentos acumulados na vida cotidiana com o ambiente, uma vivência por excelência com a água e com as matas (ALMEIDA SILVA, 2010; CLAVAL, 2010; KOZEL, 2007; 2009; SILVA, 2000).

O sentido culturalmente construído que permite diferentes compreensões, o olhar diferenciado das paisagens e diferentes pontos de vista, possibilita, também, a noção de espaço que essas comunidades ocupam a partir da sua própria experiência, fazendo desse espaço o seu mundo vivido. É dentro desse mundo vivido que Tuan (2012) situa o sentido de lugar. De acordo com esse autor, o lugar é uma manifestação dos sentidos, pela apreciação visual ou estética que ganha significado a partir de uma longa vivência e deixa, desse modo, de ser compreendido apenas como uma porção do espaço produzido para ser visto como construção única e singular, que agrega ideias e sentimentos por aqueles que habitam o espaço.

Essa vivência que agrega ideias e sentimentos nas comunidades amazônicas, objeto deste estudo, foi corroborada nas narrativas dos colaboradores ao repetirem constantemente a afirmativa: “aqui é o meu lugar”. Referência ao sentido e vivido, um lugar repleto de memórias, emoções e vida organizando e incorporando os significados. O “lugar” referido não é um simples espaço ou uma referência de localização, mas um retrato da vida e organização dessas comunidades.

A aproximação do homem com a natureza nas comunidades amazônicas vai da apropriação à construção e à organização do espaço. Numa demonstração de que a paisagem natural integra esse homem/mulher que a modifica e a transforma

por ações carregadas de sentidos. Seres humanos que passam a construir a paisagem cultural a partir do momento em que lhe atribuem a existência com sentidos, significados e formas. Uma construção que gera a proximidade e a intimidade.

Para essas comunidades, “[...] as codificações estão distribuídas em dois universos distintos: o universo das águas e o universo das matas, cada um contendo suas especificidades simbólicas” (Silva, 2007, p.231), seus sentidos construídos culturalmente e seus significados culturais. A água, assim como outros elementos presentes em suas vidas, é um importante *marcador territorial*, está estritamente vinculada às experiências socioespaciais construídas ao longo dos tempos e encontra-se entrelaçada a outros *marcadores* portadores de fenômenos espirituais e cosmogônicos. Os seres e deidades das águas constituem um corolário de representações do imaginário inserido nos indivíduos e em seus coletivos (ALMEIDA SILVA, 2010).

Desse modo, todos esses saberes culturais são formados pelos conhecimentos produzidos ao longo do viver, da experiência de vida ao longo das gerações. São conhecimentos marcados por esses modos de viver e compreender o mundo e suas representações. Para melhor compreender esse sentido de lugar ligado aos saberes culturais relativos à água dos sujeitos das comunidades amazônicas, tornou-se necessário aprofundar a reflexão sobre memória e identidade e verificar como elas podem ser observadas por meio da paisagem cultural e como elas contribuem no conhecimento de suas lógicas.

Num primeiro momento, reconheceu-se que a realidade, assim como os sentidos, se constrói pela inter-relação entre pessoas. Essa inter-relação é tecida como um emaranhado de fios tecidos em um emaranhado de redes nas instituições criadas para o encontro – a escola, a igreja, a família, a associação etc. – e essas inter-relações se dão por meio da palavra, materializada pela linguagem.

Peter Berger e Thomas Luckmann (2003), em sua obra *A construção social da realidade*, analisam a realidade por meio do cotidiano e se referem à linguagem como um dos mais expressivos sistemas de sinais existente entre as pessoas. Segundo os autores “[...] a vida cotidiana é sobretudo a vida com a linguagem” (BERGUER & LUCKMANN, 2003, p. 57), e ela tem uma peculiaridade que a torna diferente dos demais sinais de comunicação, ou seja, “[...] ouço a mim mesmo à medida que falo” (BERGUER & LUCKMANN, 2003, p. 57) e é pela linguagem que se

entendem os fatos passados e se constroem as memórias. Seguindo essa linha de raciocínio, Bosi (1994) comenta ser essencial para o entendimento de fatos ocorridos no passado a construção social da memória.

Maurice Halbwachs (2006), por sua vez, é capaz de entrelaçar a memória em diversas instâncias: a memória do indivíduo à memória do grupo e à memória coletiva, social. Na necessidade de aprofundar a reflexão sobre memória e identidade, julgou-se útil observar esses pensamentos de Halbwachs e, a seguir, os de Pollack (1992).

A questão central na obra de Halbwachs (2006) consiste na estrutura social da memória. Na concepção desse sociólogo, a memória individual antecede a memória coletiva, pois todas as lembranças são formadas no interior de um grupo. Cabe ao homem/mulher lembrar, embora ele/ela esteja sempre interagindo com seu grupo. Rememorar está imbuído de memórias daqueles que nos cercam, pois o modo pelo qual percebemos o que nos cerca se constitui a partir de experiências alimentadas por memórias oferecidas pelo grupo. Desse modo, o *outro* compartilha memórias no sentido simbólico, sendo fundamental para a sua construção.

A linguagem é o elemento marcante do caráter social da memória, pois é por meio dela que ocorrem as trocas entre os membros de um grupo. Essa assertiva é confirmada em Bosi (1994) ao se referir à linguagem como um instrumento socializador da memória, à medida que reduz, unifica e aproxima, no mesmo espaço histórico e cultural, as vivências como o sonho, os desejos, as lembranças e as experiências recentes. Lembrar e narrar, portanto, são partes constituintes da linguagem.

Para Halbwachs a memória individual é uma intuição sensível; um momento cujas correntes sociais se cruzam e se deparam com a consciência e nos fazem relacionar a nós mesmos. Há em toda lembrança, “[...] o chamamento a um estado de consciência puramente individual que chamamos de intuição sensível - para distingui-lo das percepções em que entram alguns elementos do pensamento social” (HALBWACHS, 2006, p.42). A memória individual, construída por referências e lembranças específicas do grupo, refere-se, portanto, a “[...] um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 2006, p.69).

De acordo com Halbwachs (2006), o ponto de vista sobre a memória coletiva deve ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo indivíduo no grupo e as relações mantidas com outros meios. Assim sendo, a memória individual não pode

ser entendida de modo isolado, uma vez que tomam como referência pontos externos ao sujeito.

Desse modo, compreende-se neste estudo que as memórias individuais e coletivas guardam informações relevantes para os sujeitos. São elas que garantem a união do grupo, o sentimento de pertença desses seres humanos a esses grupos. Verificou-se que, na oralidade dos colaboradores das comunidades amazônicas analisadas, estiveram presentes essas informações relevantes.

Pollak (1992), em suas análises sobre a memória e a identidade, comenta, em contradição a Halbwachs (2006), que a memória, a princípio, caracteriza-se como um fenômeno individual, particular e específico. Esse autor cita alguns elementos nos quais a memória se fundamenta, independentemente se ela é individual ou coletiva, e afirma que são esses elementos os responsáveis pelo estabelecimento de laços afetivos entre as pessoas.

O primeiro refere-se aos acontecimentos vividos pela própria pessoa, em seguida, os acontecimentos atribuídos por acontecimentos vividos por tabela, ou seja, “acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer” (POLLAK, 1992, p.201). Segundo esse autor, as pessoas não precisam vivenciar os fatos, mesmo os fatos não vividos, mas compartilhados, adquirem relevância em seu imaginário e se incorporaram de tal modo que se torna difícil distinguir se vivenciou ou não aquela experiência.

Ademais, Pollak (1992) defende que as pessoas e os lugares são elementos da memória. Mesmo que não façam parte da realidade pessoal, pessoas e lugares são personagens de um tempo e de um espaço que se transformaram em conhecidos. A memória, portanto, é seletiva e organizada. Por não se conseguir organizar, selecionar e armazenar tudo que vivemos, é necessário filtrar os fatos de acordo com as circunstâncias. Assim sendo, a organização desses fatos se faz em função de inquietações pessoais, por isso atribui-se à memória a peculiaridade do fenômeno construído.

Para Pollak (1992), a memória coletiva caracteriza o trabalho dos historiadores na constituição e manutenção de uma memória política, por exemplo, que pode ser alvo de disputa entre diferentes organizações. O termo é compreendido como um sistema de valores unificador com a finalidade de manter a coesão de determinados grupos sociais. Segundo o autor, a memória enquadrada se alimenta de narrativas fornecidas pela história que consiste em privilegiar

acontecimentos e personagens com base em registros de vestígios de objetos materiais tais como os monumentos, as bibliotecas, os museus e outros. Uma das formas de enquadramento da memória seria a referência ao passado, embora o material fornecido pela história sofra reinterpretação na concepção de determinado agente ou grupo social.

Nessa perspectiva, a memória coletiva se torna fruto de negociações estabelecidas entre a memória coletiva e as memórias individuais ao mesmo tempo em que ela entra em disputa com os grupos sociais que participam das culturas dominadas e minoritárias que se opõem à memória oficial. É um cenário de identidade regional que se constrói. Nele surgem agentes sociais que utilizam estratégias de manipulação simbólica em função de interesses não somente materiais, como também simbólicos, do seu portador para reforçar as representações mentais na luta pela definição de uma identidade regional. O senso comum e os saberes são incorporados ao cotidiano, no modo de viver. Tudo que é criado pela comunidade é incorporado ao seu modo de pensar, de sentir e de agir.

Em última análise, Pollak enfatiza que memória é disputa, conflito; constrói-se pelas inquietações do presente; e é enquadramento, seleção e negociação. Assim, é possível se referir a um fenômeno construído social e individualmente, no qual se percebe uma aproximação entre a memória e o sentimento de identidade. Nessa perspectiva, a memória não perpassa apenas por um contexto de reconstrução de acontecimentos, mas atua no intuito de reforçar uma consciência coletiva, pelo comportamento de ideias, sonhos, desejos, tomando dimensões e visibilidade no cotidiano.

Com essa investigação acerca da memória, observou-se que ela determina os modos e os recursos criados coletivamente no processo de produção da cultura e, sem dúvida, é com a linguagem²⁰, que podemos operacioná-la e refleti-la. Sendo assim, nesta investigação, em que as razões e os modos de lembrar e esquecer, as formas de narrar, de fazer e registrar os acontecimentos estiveram sempre presentes, compreende-se a memória e a imaginação como integrantes do

²⁰ Como vimos anteriormente, é pela linguagem que comunicamos nossos pensamentos, sendo assim transmitimos imaginação. Ao narrar as experiências, as lembranças são trazidas para o presente e favorecem a organização das imagens e lembranças quase apagadas, distantes, fragmentadas. Portanto, a linguagem (re) constrói os sentidos, as lembranças e também a memória do homem/mulher.

pensamento, portanto, tudo aquilo que é imaginável é, nesse sentido, objeto da memória.

Ao lembrar-se de alguma coisa, apela-se para os sentidos culturalmente construídos, ou seja, lembrar significa apelar para imagens representadas por sinais²¹, cujos sentidos são construídos no contexto cultural.

Por um lado, a construção da memória se realiza a partir da força da imagem criada na interação cultural e, de outro, nos faz pensar sobre aquilo que não queremos lembrar. A imagem pode ser real ou inventada associada a um sinal qualquer a respeito de um objeto do mundo real ou de mundos possíveis e, desse modo, permite o domínio sobre a imagem que se quer transformar em lembrança.

Em *Memória e Sociedade*, Ecléa Bosi se refere à lembrança como uma forma de permanência do passado. Segundo ela, “[...] se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar” (BOSI, 1994, p.54). E lembrar não tem apenas o sentido de reviver, mas reorganizar, refletir com as imagens que se tem do presente as experiências vividas no passado. Nesse sentido, “[...] a memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1994, p.55).

Ao ouvir a narrativa dos colaboradores deste estudo, levou-se em conta que a memória se constrói no presente com fatos ocorridos no passado. A memória não é só de quem narra, ou seja, o que é narrado passa a ser social no momento em que ocorre essa narrativa. O ato de narrar é resgatar aspectos do passado para outras pessoas por meio da palavra. Ao se vivenciar algo importante torna-se inevitável contar, sobretudo quando existem fragmentos de uma cultura na memória, os quais devem e podem ser reunidos pelas narrativas de alguns, possibilitando, também, o conhecimento dos sentidos construídos em determinada cultura e seus pontos de vista. As lembranças são formadas de fragmentos responsáveis em fornecer a matéria-prima para o trabalho da memória, toda ela formada por sinais com sentidos e significados culturais.

Ainda em Bosi (1994), pode-se observar que as lembranças se constroem por meio de objetos presentes nas representações que se encontram em nosso pensamento atual. O que possibilita uma “[...] leitura social do passado com os olhos do presente” (BOSI, 1994, p.453). Ademais, a autora nos lembra que as lembranças de hoje, não são exatamente os fatos ocorridos no passado, isso porque o tempo se

²¹ Com a compreensão vista em Frege (1978), o sinal (signo ou símbolo) é mais que a palavra (imagens, desenhos, figuras, gestos) e inclusive a palavra.

encarrega de atenuar ou intensificar imagens do passado. O tempo remete a uma sucessão de eventos que se produzem em um dado espaço no qual os indivíduos vivem seu cotidiano, envoltos pela realidade social. O tempo da memória é, nesse sentido, social, “[...] não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar”. (BOSI, 1994, p.31).

Nos estudos sobre a memória, de Halbwachs (2006), entende-se que as lembranças são incorporadas pela história, à medida que vão deixando de existir. Sobre o tema esse autor declara: “[...] em geral a história só começa no ponto em que termina a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto subsiste uma lembrança, é inútil fixá-la por escrito ou pura e simplesmente fixá-la.” (HALBWACHS, 2006, p.100). Como as imagens do passado representam o resultado da interação entre indivíduos, a história só é possível quando a memória coletiva deixa de existir.

Para Halbwachs (2006), se as pessoas constroem seu passado baseadas em situações do presente, não significa que este não contenha experiências do passado, ou seja, as percepções da memória histórica têm significado: “[...] os quadros coletivos da memória não se resumem a datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo.” (HALBWACHS, 2006, p.71).

Nos estudos sobre memória, em Michael Pollak (1989), compreende-se que, mesmo havendo concordância das ideias dele com as ideias de Halbwachs sobre a memória, percebem-se divergências. Entre essas divergências pode-se citar que, enquanto Halbwachs (2006) se refere à memória como sendo um fenômeno social e, por isso, mutável, Pollak (1989) afirma existir certa fixidez de algumas lembranças. Outro ponto divergente entre esses autores diz respeito à seleção do que se quer lembrar e do que se quer esquecer.

Halbwachs remete a uma disputa entre os atores sociais que operam essa construção da memória e da identidade ao passo que Pollak acrescenta o caráter conflitivo da memória. “A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes.” (POLLAK, 1989, p.4). Desse modo, a memória é enquadrada pela colisão e não apenas pela adesão afetiva, como Halbwachs (2006) mencionava.

Portanto, a memória se torna um fenômeno construído pelas preocupações pessoais e políticas do momento, sendo, por isso, motivo de disputa.

No entanto, nesta pesquisa, o interesse se volta à abordagem sociológica de Maurice Halbwachs²² sobre memória coletiva e seus quadros sociais na compreensão das lógicas dessas comunidades através das paisagens culturais. Isso porque, nas comunidades amazônicas há uma comunicação silenciosa, oculta dos sujeitos com as paisagens naturais, cujas marcas ou cicatrizes se revelam em suas lembranças com as especificidades das cores, dos cheiros, das flores, dos animais e, principalmente, das matas e das águas que os cercam.

Com essa compreensão, procurou-se atrelar a memória particular ao meio social, essencial para auxiliar no desenvolvimento deste estudo em que se articularam narrativas individuais à memória local. As relações não se limitam, portanto, ao individual, mas se fazem presentes na realidade social, na qual se encontram a família, a escola, a igreja, as instituições formadas pela convivência e pelas relações que se criam no mundo real.

Para entender esse ser humano analisado à pesquisa foi inevitável atentar para suas memórias e sua identidade. Ou seja, foi necessário conhecer como esse ser humano se insere nesse contexto social a partir de seus sentidos, suas memórias, sua conformação identitária. Com a concepção de que nessa incursão, com a compreensão dessa sua inserção nesse contexto social que se conheceria a essência da comunidade a que cada sujeito pertence, o grupo que representa a base na qual a individualidade se estrutura, se organiza, e no qual se desenvolvem as ações individuais que representam o pertencimento, seu mundo vivido, o seu lugar.

Observa-se, portanto, que esse homem/mulher dependente do rio e da floresta para quase tudo, usufrui desses bens, mas também os transfigura. Nessas comunidades amazônicas “é pelos sentidos atentos à natureza magnífica e exuberante que o homem se afirma no mundo objetivo e é por meio deles que aprofunda o conhecimento de si mesmo” (LOUREIRO, 2008, p. 155).

A água dá a essas comunidades a espacialidade necessária às suas vidas, uma espacialidade que não é uma dádiva que ocorre por um processo linear e

²²Halbwachs se refere à memória como um fenômeno social, sujeito a transformações em oposição ao pensamento vigente nas primeiras décadas do século XX. Período no qual a memória era entendida como estritamente individual (2006).

acabado, mas é um produto que é construído por meio de um processo cultural e social, ambientado nos sentidos culturalmente construídos, nas percepções e nas representações que conduzem aos significados que o coletivo utiliza como referencial de estar e se fazer no mundo (ALMEIDA SILVA, 2010).

Um conhecimento que não depende apenas da dimensão científica, mas incorpora a experiência vivida e os sentidos, integrando o infraconsciente onde “[...] o espaço é um produto cultural imbuído de significações que traduzem as crenças e os valores da sociedade, como um repositório das culturas e estilos de vida que fazem parte da identidade dos indivíduos e das sociedades” (SALGUEIRO, 2001, p. 50).

A água presente nos sentidos, memória e identidade dessas comunidades constituem o viver no espaço amazônico, onde o homem tem uma relação de troca, como nos demais espaços. É nesse espaço repleto de rios e mata que urge nesse homem essa necessidade da crença, dos mitos e lendas que dão sentido ao seu viver, ao seu lugar. “O caboclo parece não crer que a natureza em torno, organizada esteticamente em paisagens, seja apenas matéria orgânica” (LOUREIRO, 2008, p. 158).

De acordo com Loureiro (2008), o homem/mulher amazônico parece estar certo de que há alguma coisa inerente nessa paisagem, dando-lhe novo e original sentido, “retirando-o da monotonia, conferindo-lhe sentimento, nova beleza e intensificação de vida”. Esse homem amazônico encontra nessa paisagem um construtor de sentidos à sua vida e os significados de sua cultura.

A água amazônica está presente no viver desse ser amazônico, na sua imaginação e na sua poesia, portanto na sua memória e na sua identidade. “Água que corre no furor da correnteza, água que leva, água que lava, água que arranca, água que se oferta cantando, água que se despenca em cachoeira, água que vai [...]” (MELLO, 1987, p. 22).

Com base em encantarias, o homem/mulher amazônico, com sentidos e significados próprios, por meio de suas memórias, tem produzido narrativas orais, expondo os lugares em que moram os seus seres encantados, os deuses e os personagens desse imaginário amazônico. Construções imaginárias que brotam dos sentidos criados diante das águas doces do seu lugar. “A convivência cotidiana com seres fabulosos de seu imaginário passa a condicionar um sentido contemplativo de

beleza na convivência dessa relação dos homens entre si e deles com a natureza” (LOUREIRO, 2008, p. 183).

Para o ser amazônico, o sentido de água encontra-se vinculado à sua própria existência e dá sentido ao lugar. Paisagens que lhes dão imagens dinâmicas, que compõem o seu mundo vivido e o seu imaginário. Entre essas imagens, há elementos que estão sempre presentes: as trevas, a noite, o rio, a cobra grande, o boto, a Boiúna, a mãe d’água, o Mapinguari e tantos outros (SILVA, 2007; ALMEIDA SILVA, 2010; LOUREIRO, 2008).

Rios, Igarapés, furos²³, estreitos, lagos, igapós são lugares amazônicos onde se inscrevem saberes locais. São esses elementos que permitem a homens e mulheres construir sentidos e significados que sustentam suas vidas e alinham suas identidades, saberes e crenças, os seus modos de ser, trabalhar, festejar e morrer. Nesse espaço, transformado pelos sentidos em seu lugar, o imaginário amazônico, e todos os seres encantados que nele habitam ilustram a enorme imensidão de representações incorporadas e legitimadas por configurações culturais da região e demonstram a importância da água na vida desse homem/mulher (SILVA, 2007; ALMEIDA SILVA, 2010; LOUREIRO, 2008).

As águas amazônicas assumem lugar de destaque entre poetas e romancistas amazônicos que reconhecem que os habitantes da Amazônia são detentores de importantes saberes nesse mundo sob o regime das águas²⁴. Nessas literaturas amazônicas, observa-se que as águas amazônicas são responsáveis por relações de extrema dependência entre o homem, a mulher e o meio ambiente.

Vê-se, portanto, que as águas e a floresta aparecem em diferentes relatos sobre as comunidades amazônicas como elementos estruturadores das dinâmicas dessas comunidades, do seu lugar. Mesmo com a incorporação do novo e do moderno nessas culturas pela recente inserção de redes técnicas (rodoviária, telecomunicação, energia elétrica etc.) e da difusão da sociedade urbana, ou ainda, pela dimensão dos impactos socioambientais trazidos à região pela construção das grandes Usinas Hidrelétricas, a água continua ocupando um lugar de grande importância no mundo vivido dessas comunidades que sofrem com os impactos

²³ Furo, na região amazônica, é o nome dado a um espaço navegável que corre entre as árvores e serve de comunicação entre dois rios, lago ou lagoa. (In: FERREIRA, Aurélio B. de H., Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1995).

²⁴ Produções intelectuais locais representadas por nomes como José Veríssimo, Dalcídio Jurandir, Helena Tocantins, entre outros, muito influenciaram os estudos do homem amazônico.

trazidos, com a diminuição da quantidade e variedade do pescado e com a alteração do nível da várzea, fatos impactantes na sua relação homem-natureza (SILVA, 2007; ALMEIDA SILVA, 2010; LOUREIRO, 2008).

Portanto, na observação da paisagem cultural de comunidades amazônicas, procurou-se fazer a reflexão sobre os diferentes pontos de vista sobre uma mesma paisagem e os sentidos que conduzem ao apreciar ou não o que se observa. Nessas reflexões, viu-se que os sentidos, por serem construídos culturalmente, conduzem a manifestações específicas de apreciação individual e à noção de lugar. Ou seja, são esses sentidos diferenciados que conduzem as percepções e permitem sentimentos diferenciados de uma pessoa para outra, na apreciação e no sentido de lugar. Por isso o sentido de lugar é diferente de uma pessoa para outra, pois suas percepções sobre um lugar estão relacionadas às suas experiências e vivências, suas memórias e sua identidade. “Sutis distinções que nos remetem a compreender o que representa a categoria de lugar no contexto da paisagem cultural” (MIDORI, 2012, p. 158).

1.5 PAISAGENS: REPRESENTAÇÕES REPLETAS DE SENTIDOS

Neste estudo, as categorias de análise geográfica são vistas como formas de representação, sendo a paisagem um conceito que se coloca como um amplo espaço de intenções com sentidos e significado. Tais intenções se concretizam por meio dessas representações em que os sujeitos se projetam e descrevem suas experiências no seu mundo vivido. Por isso este estudo relaciona o conceito de paisagem à construção de identidade, exibida pela modificação da paisagem natural e a construção da paisagem cultural pelos seres humanos amazônicos observados.

A paisagem, portanto, se encontra relacionada à observação desse sujeito que a modela e a remodela. Um movimento que produz cicatrizes traduzidas por representações simbólicas que trazem sentido e significado ao seu lugar. Por isso a relação entre esses elementos “[...] torna também a paisagem apta a significar: ela se apresenta com uma unidade de sentidos, ela fala a quem a olha” (COLLOT, 1990, p.24). Para esse autor, esses sentidos são produto da visão, da existência e do inconsciente, elementos constituintes do sistema organizador da paisagem.

Esse é um entendimento da paisagem no sentido fenomenológico, ou seja, a paisagem é a representação do “[...] acúmulo, através da memória, e o descarte,

pelo esquecimento, das expressões e associações culturais que se definem sobre o espaço geográfico e que são a base do ser social das pessoas.” (HOLZER, 1992, p.163). Se a paisagem é portadora de atributos simbólicos, há vida nela e é preciso reproduzir os valores culturais para que continuem a ter sentido. Compreende-se, portanto, que a paisagem supera a expressão morfológica, a estrutura física e fornece ao homem, a partir de seus próprios sentidos, sentido à sua própria vida.

Para a observação dessa paisagem que está na memória de quem a observa e a sente, Gould e White (1974) desenvolveram os estudos sobre os mapas mentais. Nesses estudos, tais autores pensavam no desvendar das imagens que os homens construíam dos espaços próximos ou distantes e da ênfase às representações provenientes da imaginação. Para esses autores, os mapas mentais podem representar as qualidades de uma paisagem, ou seja, a construção da imagem mental de uma área particular, refletindo muito mais que a simples representação dos marcos referenciais e rotas.

De acordo com Kozel (2007), Peter Gould foi um dos pioneiros nas investigações sobre o comportamento humano, se atendo aos itinerários e às preferências espaciais contidas nos espaços topográficos, considerando o homem como produtor de imagens.

O arquiteto Kevin Lynch, ao publicar a obra *Imagem da Cidade*, em 1960, também ressaltou a importância do trabalho com mapas mentais. Lynch compreendia os mapas mentais como as imagens que resultam do processo bilateral entre o observador e seu ambiente, levando em conta a identidade, estrutura perceptiva e o significado. Para o autor, o observador seleciona, organiza e confere o significado àquilo que vê, existindo grande variedade de imagens entre observadores diferentes.

Em um estudo que consistia em saber como os habitantes percebiam a cidade e qual era o papel das imagens ambientais, Lynch procurou desenhar um esboço da cidade (mapa mental), descrição detalhada de um número de percursos pela cidade (orientação, percepções: visual, sonora e olfativa e emoções) e dos lugares mais importantes. De acordo com Lynch (1960), o ato de perceber uma cidade não é total, realiza-se no transcurso do tempo, na soma de imagens que o espaço físico transmite e o homem acaba registrando nas sucessivas vivências. Desse modo, a percepção acaba tendo esse caráter não abrangente, mas parcial, fragmentário.

De certa forma, Lynch deu ênfase às imagens mentais e às fotografias no estudo sobre a cidade e à recomposição dos trajetos percorridos pelas pessoas. Outro trabalho de destaque é de Seemann (2003) que trabalhou com mapas mentais e percepção ambiental, mostrando o quanto a percepção trabalha com o olhar e o sentir das pessoas e dos grupos nas várias dimensões. Para o autor, os mapas, como representação simbolizada da realidade, podem ser pontos de partida para a realização de pesquisas.

De acordo com Seemann (2003), compreende-se que o mapa mental torna visível os pensamentos, atitudes, sentimentos em relação à realidade percebida, quanto ao mundo da imaginação. Além disso, pode ser um ponto de partida para a construção de outros mapas mentais. Essa visão de Seemann mostra que esses mapas são formas de comunicação utilizadas para interpretar, analisar e imaginar os conhecimentos ambientais. Ademais, o autor aponta, também, que são esses mapas o produto cognitivo, tendo suas diversas formas como desenhos, esboços ou listas mentais dos lugares de referência que se elabora na construção de um percurso.

A partir dos anos de 1970, quando os geógrafos procuraram estabelecer uma ligação entre a percepção com os conceitos geográficos como lugar e paisagem, para fins de conhecimento das atitudes e valores das pessoas sobre o meio ambiente, muitos outros autores fazem uso dos mapas mentais, comprovando, desse modo, que a Geografia e as imagens sempre estiveram ligadas. Num primeiro momento, com o sentido de transmitir informações sobre os espaços, posteriormente, como forma de comunicação/representação do espaço físico, mensurável ou do espaço vivido subjetivo, passando a ser denominados mapas quando os registros são impressos num suporte de plano dimensional (KOZEL, 2007, p.116).

Carl Sauer observou que os mapas representam um recurso essencial para a geografia, tanto que esse autor expressava a opinião de que sem os mapas, estaríamos de mãos vazias, fosse à sala de conferências, ao estudarmos, ou no trabalho de campo. Os mapas são vistos como uma expressão da geografia, porque, segundo o autor, os mapas têm a capacidade de acabar com nossas inibições, estimular nossas glândulas, mexer com nossa imaginação, soltar nossas línguas (SAUER, 2000, p.139).

Mapear é tomar a medida do mundo, em um sentido mais amplo, figurando a medida tomada em tal maneira que possa ser comunicada entre pessoas, lugares ou

tempos. Essa medição não é restrita ao matemático, pode ser espiritual, política ou moral. O mundo figurado pelo mapeamento pode ser material ou imaterial, existente ou desejado, inteiro ou em partes, experimentado, lembrado ou projetado em várias maneiras (COSGROVE, 1999, p.01).

O registro do mapeamento não é confinado ao que é para arquivar, mas também inclui o que é lembrado, imaginado, contemplado. O mapa permanece um modo poderoso de visualizar e representar os aspectos espaciais de como culturas se formam, interagem e mudam (COSGROVE e DELLADORA, 2005, p.28).

Para analisar essas relações do ser humano com o meio, esse mundo percebido pelos sentidos culturalmente construídos, que conduzem à significação e que provocam a construção de mapas mentais, tornou-se necessário compreender como estavam estruturadas essas paisagens percebidas na mente desses humanos amazônicos, ou seja, como ocorre a construção das imagens mentais. Mapas mentais correspondem a uma forma de linguagem, ou seja, de inúmeros enunciados que permitem ir além da referência ao lugar e ao mundo vivido, proporcionando uma observação ampla no contexto social e cultural em que esse sujeito está inserido (KOZEL, 2007, 136).

Na busca da compreensão desses mapas mentais, importante foi lembrar que a construção de uma imagem é proveniente da cognição associada à bagagem cultural. Essa bagagem cultural é constituída por experiências, valores, informações (sentidos construídos e especializados em uma determinada cultura), estabelecendo representações. De acordo com o que já vimos anteriormente, essas representações não existem à parte da leitura que se faz do mundo. Desse modo, compreende-se que esses mapas mentais também podem refletir um processo mental construído pelas pessoas ao longo de suas vidas. Uma representação integrada multimodal, ou seja, muitas representações coexistentes em uma mesma imagem.

Como se procurou conhecer as percepções desses humanos amazônicos sobre a água, levou-se em conta, também, que mapas mentais na percepção ambiental não devem ser vistos apenas como produtos cartográficos, mas como forma de comunicar, interpretar e imaginar conhecimentos ambientais. Um mapa não é a realidade e não nos deixa ver coisa nenhuma, mas ele nos permite perceber o que outras pessoas viram, acharam ou descobriram. Mapas, portanto, são, realmente, caricaturas científicas do fenômeno que eles representam. Os detalhes e a complexidade da realidade são selecionados, simplificados e, em seguida,

ênfatisados de uma maneira que eles apenas retratam o que o fazedor do mapa acredita ser essencial a respeito do espaço referido (WOOD, 1992, p. 133).

Dessa forma, com a crença de que os mapas como representações simbolizadas da realidade podem ser um ponto de partida para as pesquisas em geral, utilizou-se, neste estudo, os mapas mentais para conhecer acerca das percepções das comunidades pesquisadas sobre a água. Mapas mentais, aqui, são entendidos como representações que revelam a ideia que as pessoas têm do mundo e assim, vão além da percepção individual, refletindo a construção social.

Com o reconhecimento de que cada colaborador é um sujeito atuante na paisagem que integra e vivifica intensamente, acredita-se que a percepção individual se dá pelos seus sentidos construídos culturalmente, ou seja, são esses sentidos que permitem perceber, por meio da captação dos estímulos externos representados por essa subjetividade, o que está a sua volta de maneira particular.

Ademais, como se viu na teoria, embora os seres humanos sejam privilegiados com os cinco sentidos, são diversas as percepções do meio ambiente, pois essa percepção depende da cultura a que cada humano pertence, isto é, o sujeito está limitado a ver, compreender, sentir as coisas de acordo com sua cultura. Por exemplo: O que é poluição em uma determinada cultura pode não o ser em outra.

Com essa compreensão, em busca dos sentidos, percepções e representações sociais dos seres humanos inseridos nas comunidades de Porto Velho e de Guajará-Mirim, ênfatisa-se, nesta pesquisa, o pensamento geográfico de que as representações são construções decorrentes da vivência cultural, da construção dos sentidos, dos significados e subjetividades espaciais. Refletindo, desse modo, a percepção e compreensão sociocultural dos indivíduos que as produzem, perpassadas por diferentes prismas em direção ao representativo/simbólico que se situa na base da relação sujeito/ signo/ imagem (KOZEL, 2007).

As paisagens culturais dessas comunidades amazônicas são, portanto, aqui consideradas por esse ângulo e compreendidas não apenas como uma soma de objetos, mas como uma forma de linguagem explicitada no sistema de relações sociais no qual estão inseridos sentidos, valores, atitudes e vivências.

A linguagem aparece como uma semantização que os sujeitos fazem de seu espaço vivido ou uma modalidade privilegiada de representação. Essa linguagem é referendada por signos que são construções sociais. De acordo com Kozel (2007),

os mapas mentais são “[...] formas de linguagem que reflete o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais”. Um dialogismo em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais que podem ser construídos por intermédio de imagens, sons, formas, odores, sabores, porém seu caráter significativo prescinde de uma forma de linguagem para ser comunicado. Penetrar nessa intrincada rede de relações pressupõe construção e ação de uma consciência e isso requer diferentes linguagens.

Na compreensão desse homem/mulher encontrado no espaço amazônico, contexto da pesquisa, utilizou-se o mapa mental como um aporte que reflete uma forma de linguagem, a ser lido e compreendido, um recurso metodológico de apoio ao conhecimento dos sentidos que cada um dos colaboradores(as) tem em relação à água que o cerca. Uma maneira de perceber os sentidos e significados dado à água por esse ser humano, bem como as distinções expostas entre os(as) diferentes colaboradores(as). Para isso utilizaram-se as teorias de Bakhtin/Volochinov (1999) e compreendeu-se cada enunciado, seja na fala, na escrita, ou em mapas mentais, levando em conta a necessidade de não apenas saber de antemão a significação das palavras, mas sim, (re)conhecer e também construir sentidos na cultura na qual esses sentidos adquiriram significações.

No contexto comunicativo é que o sentido se constrói e adquire significações, por isso na compreensão de enunciados expostos, tanto nas narrativas como nos mapas mentais desses colaboradores amazônicos, a leitura é feita com o conhecimento do contexto comunicativo no qual os sentidos foram produzidos.

CAPITULO II

O SENTIDO CULTURALMENTE CONSTRUÍDO CONDUZINDO ÀS PERCEPÇÕES, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E LÓGICAS DAS COMUNIDADES AMAZÔNICAS.



Figura 04 - Vista Parcial do Rio Madeira. Comunidade Niterói. Porto Velho/RO.
FONTE: A autora (2013).

*Água que o sol evapora
Pro céu vai embora
Virar nuvens de algodão
(Planeta água, Guilherme Arantes)*

2 O SENTIDO CULTURALMENTE CONSTRUÍDO CONDUZINDO ÀS PERCEPÇÕES, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E LÓGICAS DAS COMUNIDADES AMAZÔNICAS

A partir da unidade de sentido em Frege (1978), procurou-se pela compreensão das percepções e representações sociais sobre o elemento água nas comunidades amazônicas como uma estratégia utilizada para desvendar a essência dos atores investigados e assim também desvendar suas lógicas.

Nesse intuito, fez-se uma incursão na teoria sobre o tema e se reconhece que a relação do ser humano com o seu meio é um dos objetos de estudo da Geografia e, na vertente Humana, mais especificamente na Cultural é que se busca compreender o sentido que o ser humano dá a sua existência.

Com a compreensão de que o sentido é construído culturalmente, a Geografia apoiou-se na fenomenologia e investigou como se dá a percepção humana (funções psicológicas que capacitam o indivíduo a converter os estímulos sensoriais em experiências, organizadas e coerentes) e representações (processos que permitem a evocação de objetos, paisagens e pessoas, independentemente da percepção atual deles) e como se tem utilizado tais conceitos na Geografia.

Portanto, a partir da unidade de sentido em Frege (1978), seguiu-se a teoria de Tuan (2012) em seus estudos sobre percepção, atitudes e valores do meio ambiente e a importância do sentido culturalmente construído na percepção individual. Ainda, em busca de compreender o *mundo vivido* das comunidades analisadas, procurou-se pela fundamentação teórica de Merleau-Ponty (1999a) e suas considerações sobre o processo de percepção e apropriação do lugar, levando-se em conta suas digressões sobre as percepções da alma, sentidos e valores espaciais e cromáticos.

Essa reflexão sobre os sentidos e percepções trouxe ao estudo uma aproximação teórica à problematização do objeto em construção. Nesse diálogo com o método fenomenológico da intencionalidade e da intersubjetividade, surgiu a aproximação com Edmund Husserl (1996, 2002) e Alfred Schultz (1979) em busca da essência do fenômeno e do encontro dos sujeitos no seu mundo vivido.

Essa aproximação com o método fenomenológico (intencionalidade e da intersubjetividade) propiciou à pesquisa a concepção do ser observado como sujeito ativo, participativo evidenciando uma concepção de mundo e relações com o cotidiano.

Na perspectiva da interface com a psicologia social, buscou-se pelos estudos das representações sociais em Serge Moscovici (2011) aporte para a compreensão das visões de mundo dos sujeitos pelos discursos proferidos. Seguidor de Durkheim, Moscovici se inspirou no conceito daquele autor de representação como a tradução do modo como o grupo pensa e suas relações com os objetos que o afetam (MOSCOVICI, 2011).

Para desvendar as representações sociais dos colaboradores de pesquisa, procurou-se captar o olhar desse homem/mulher amazônico sobre sua água, entrando nos códigos de posseção do objeto, das facilidades, das dificuldades, da vivência. Uma análise para conhecer os sentidos que constituem o seu pensar, esse mesmo sentido que constitui os seus códigos simbólicos formados a partir de sua cultura e comunicados aos outros pela sua linguagem, fazendo de sua representação subjetiva a representação do outro, tornando-a social.

Com o auxílio de teóricos da lógica societal, buscou-se pela compreensão da lógica dessas comunidades. Indagações que trouxeram a este estudo o entendimento de que são essas lógicas, constituídas pelos sentidos, percepções e representações sociais, os laços forte da cultura local.

2.1 A PERCEPÇÃO: DOS SENTIDOS À VISUALIZAÇÃO DAS PAISAGENS

A Geografia Cultural, alicerçada em temas como a história da cultura no espaço, ecologia cultural e paisagens culturais, desde o seu surgimento, conviveu com críticas severas relacionadas a questões conceituais e metodológicas, fato que conduziu seus estudos, temporariamente, a uma visível e sentida negligência (1940-1950) (CORRÊA, 1999).

No entanto, na década de 1950, um novo paradigma aos estudos geográficos surge com o estudo das localizações. Inclui-se nesses estudos o conceito de redes na definição de espaço. O espaço está organizado porque está estruturado em redes de relações sociais e econômicas, em redes de vias de

transporte e de comunicação e em redes urbanas, que concretizam os efeitos da combinação dessas redes (CLAVAL, 2002 p.18).

Com a ideia do espaço quebrada a partir da visão naturalista, cedendo a uma ideia funcionalista, surgem movimentos de discussão que ressaltam e alertam para o fato de que a Geografia pouco falava sobre os homens, os seres que se apropriam de espaços, modificam paisagens e dão sentidos aos lugares.

Com essas inquietações, já no início de 1960, a partir das discussões de John K. Wright, David Lowenthal lança trabalhos nos quais discute o fato de que a Geografia deveria abarcar os vários modos de observação, o consciente e o inconsciente, o objetivo e o subjetivo, o fortuito e o deliberado, o literal e o esquemático, desenvolvendo uma renovação e ampliação do objeto da Geografia (HOLZER, 1996).

Inicia-se um novo modo de pensar a Geografia, com um enfoque cultural. Na resposta a essas inquietações surgem autores como de Yi Fu Tuan e Anne Buttimer que trazem em suas obras um novo pensar sobre a relação do homem com o mundo em que vive (SERPA, 2001; HOLZER, 1996). Houve, então, o ressurgimento da perspectiva cultural na Geografia²⁵ ou, como foi denominada, uma nova Geografia Cultural. Trazendo consigo denominações diversas como a Geografia Fenomenológica, a Geografia da Percepção, a Geografia Humanística ou, enfim, a Geografia Humanista. (OLIVEIRA, 2001; SEABRA, 1999; HOLZER, 1992).

Com estudos fenomenológicos na Geografia, o sentido que conduz aos significados culturais também começa a interessar, com o entendimento de que, para conhecer esse homem que ocupa o mundo, é necessário conhecer os princípios e as origens do significado e da experiência. Essa compreensão é concernente a fenômenos tais como ansiedade, comportamento, conduta, religião, lugar e topofilia, que não podem ser explicitados somente pela observação e medição, mas que devem, primeiro, ser vividos para serem compreendidos como eles realmente são (TUAN, 2012).

Desse modo a Geografia Cultural passa a ser vista como um modo filosófico de reflexão a respeito da experiência consciente e uma tentativa para explicar os sentidos culturalmente construídos e seus significados culturais. Com essa

²⁵A forte atenção por estudos da cultura pela Geografia tem sido compreendida como uma retomada da Geografia Cultural, muito embora o enfoque predominante da abordagem atual seja bastante distinto das formulações que lançaram as bases dessa disciplina (HEIDRICH, 2013, p. 53).

abrangência, essa metodologia passa a ser utilizada como aporte para entender o mundo enquanto espaço vivido e de vivência a partir do qual o ser humano, habitante de um mundo físico e social, constrói sentidos dentro de uma determinada cultura. Também como isso influi diretamente sobre os significados e as intencionalidades de sua consciência, na qual são construídas e estabelecidas as experiências, fato que envolve mais do que apenas compreensões cognitivas, sendo o espaço um conjunto contínuo e dinâmico onde o experimentador vive, se desloca, percebe e valoriza as coisas, constrói sentidos e atribui significados (BUTTIMER, 1982; LOWENTHAL, 1982; RELPH, 1975; TUAN, 2012).

Como o sentido é construído culturalmente, a percepção que resulta desses sentidos tende a ser seletiva, criativa, fugaz, inexata, generalizada, estereotipada e, justamente porque imprecisa, “[...] as impressões parcialmente heterogêneas sobre o mundo em geral sempre são mais convenientes do que os detalhes exatos a propósito de um pequeno segmento do mundo” (LOWENTHAL, 1982, p. 122).

Embora sejam natos do ser humano os cinco sentidos, esse ser aprende a utilizá-los a favor de sua cultura. Por exemplo: o conceito de beleza está intimamente ligado à cultura, a maneira de compreender o mundo. O que é *belo* em uma determinada cultura não o é em outra. Cada visão do mundo é única, pois cada pessoa habita, escolhe e reage ao meio de diferentes maneiras, influenciadas pelos seus sentimentos, visões particulares, e, sobretudo, contemplando as paisagens com suas imagens particulares, em seu próprio e particular estender-se para o mundo (TUAN, 2012).

O ser humano nasce com os órgãos do sentido, mas esses seus sentidos são fortemente influenciados pela cultura a que esse ser pertence. Tais influências dão lugar ao que chamamos, aqui, de sentido culturalmente construído. Esses sentidos culturalmente construídos são responsáveis pelos vieses culturais, pontos de vista, crenças e valores. Há, portanto, valores próprios de cada cultura determinantes do tipo de experiências a serem vivenciadas individualmente, assim como há valores que, embora sejam expressos de forma diversa em cada cultura, são comuns a todas as culturas.

Os sentidos sempre estiveram presentes no olhar geográfico. É pela percepção, com o uso e a prática desses sentidos que o geógrafo passou a estudar as suas categorias: paisagem, espaço, lugar e território, com uma visão que, inicialmente, queria ser neutra (CLAVAL, 2010).

Compreende-se, neste estudo, a partir da unidade de sentido em Frege (1978), a percepção como Tuan a descreve: “[...] tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados ou bloqueados” (Tuan, 2012, p. 18). É o produto dos sentidos culturalmente construídos, pois, se muito do que percebemos tem valor para nós, para a nossa sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura, tudo que percebemos está ligado aos sentidos culturalmente construídos.

Portanto, com essa compreensão, faz-se uma adaptação do esquema explicativo sobre o processo perceptivo de Del Rio (1999) na figura 05:

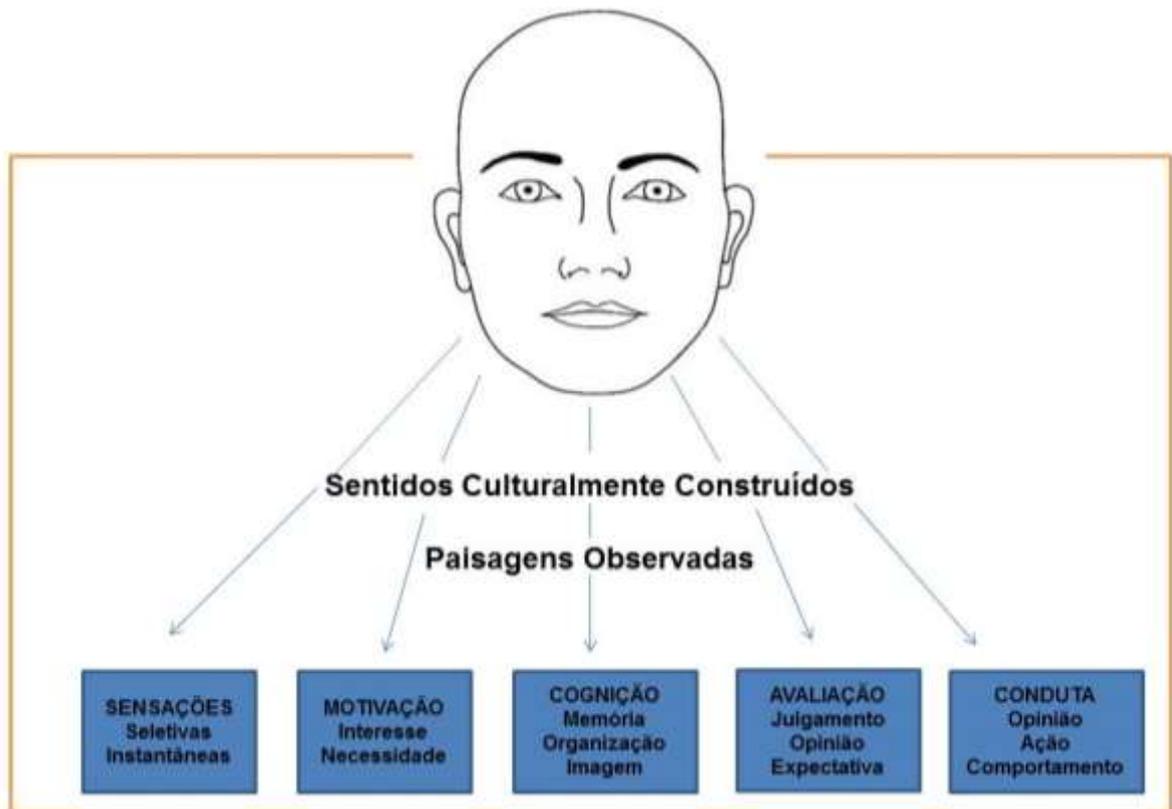


Figura 05 - Representação do Processo Perceptivo a partir dos Sentidos Culturalmente Construídos
Fonte: Del Rio (1999, p. 03). Adaptado pela autora (2013)

A partir dessa compreensão, reafirma-se a importância da cultura para que o homem/mulher perceba e dê importância às suas visões, aos odores que sente, aos sons que ouve etc. Por isso, ao teorizar caminhos que conduzam às percepções de homens e mulheres pertencentes a comunidades amazônicas, há consciência de

que os sentidos construídos culturalmente são importantes para a formação de um ponto de vista, de um juízo de valor e significados de toda uma comunidade.

Desse modo, na busca das percepções do ser humano amazônico, procurou-se observar como esse ser vê a sua própria paisagem, suas casas, seus caminhos, seu lugar. Como esse humano modifica as paisagens e dá sentido à sua vida, não só com seus sentidos natos, mas sim com os sentidos culturalmente construídos pela comunicação com seus pares, com a influência das mídias que chegam até ela, outros envolvimento e trocas culturais.

Lembrando também que, como não há uma só cultura amazônica, mas várias, a visão e pontos de vista contidos nela variam de acordo com os interesses das diferentes comunidades que nela habitam e dos diferentes grupos que sobre ela depositam seus interesses. Assim como a Amazônia para os de culturas e sentidos diferentes não é a mesma para os amazônicos, mas, devido aos vieses culturais, cada grupo tenta fazer valer a sua verdade do que seja a Amazônia: “Esse jogo de verdades é parte do jogo de poder que se trava na e sobre ela” (GONÇALVES, 2001, p. 17).

2.2 A GEOGRAFIA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Com o entendimento de que a investigação da representação social pode ser uma estratégia a ser utilizada para desvendar a visão de mundo dos grupos sociais e conhecer como eles são percebidos por seus atores, procurou-se pela compreensão dessa representação social em Moscovici (2011) e como essa teoria tem sido aplicada nos estudos geográficos.

O estudo das representações começou a fazer parte dos estudos geográficos a partir do momento em que as simples descrições dos elementos da paisagem não foram mais o objetivo último dos geógrafos, mas sim o seu sentido, a sua significação, o conteúdo simbólico arraigado ao mundo. Os desmembramentos existentes entre os sinais (símbolos ou signos), seus sentidos e significados passaram a ser o alvo final geográfico, fortalecendo a relação entre a imagem e a paisagem.

Durkheim foi o primeiro estudioso no campo da Sociologia a dar importância ao estudo das representações. No entanto, neste estudo, procurou-se pela teoria em Serge Moscovici, um dos expoentes da vertente sociológica da Psicologia europeia,

que já no início dos anos sessenta, mesmo sendo seguidor de Durkheim, deixa claro que a visão da Psicologia Social difere da forma como o conceito foi empregado na Sociologia durkheimniana.

Para Moscovici (2011), a Psicologia Social preocupa-se com a estrutura e a dinâmica das representações e propõe, em sua elaboração teórica, considerar o conceito como um fenômeno. Para isso Moscovici considera as representações sociais como uma maneira de compreender e comunicar o que já sabemos e, ao contrário de Durkheim, acredita serem dinâmicas essas representações. Moscovici, portanto, dá outro sentido às representações coletivas, ao introduzi-las nos estudos da psicanálise, denominando-as de representações sociais.

Enquanto para Durkheim a vida social era a condição de todo o pensamento organizado e o conhecimento só poderia ser encontrado na experiência social, Moscovici o contradiz e afirma que não é apenas uma herança coletiva dos antepassados que é transmitida de maneira determinista e estática, o indivíduo participa do processo de construção da sociedade, assim como é criado por ela.

A representação social trazida por Moscovici tem permitido a ligação não só entre diversas áreas na Psicologia Social, mas também entre as ciências sociais e humanas. Nessa denominação, Moscovici considera a diversidade de origem, tanto nos indivíduos quanto nos grupos e desloca a ênfase sobre a comunicação que permite aos sentimentos e aos indivíduos convergirem; de modo que algo individual pode tornar-se social ou vice-versa (MOSCOVICI, 2011).

Moscovici vê o social como o modo de ver e produzir sentido, ou seja, um modo não só de construir imagens, mas de identidades da própria sociedade. De acordo com esse autor, o aspecto simbólico é que diferencia o social do individual. Ele vê as representações sociais como “[...] fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum” (IDEM, 2011, p.49).

Analisar as representações sociais significa centralizar o olhar nos processos de comunicação, como mediação social, ou seja, mediação que se apresenta de diversas formas: entre necessidades humanas, alteridade e um mundo com perspectivas diversas, inclusive um mundo da intersubjetividade, no qual os indivíduos buscam o sentido de sua existência. “E enquanto mediação social, elas expressam por excelência o espaço do sujeito na sua relação com a alteridade,

lutando para interpretar, entender e construir o mundo.” (JOVCHELOVITCH, 2007, p.81).

Portanto, em toda a análise das representações sociais em comunidades amazônicas, compreendem-se essas representações sociais como produto das mediações sociais, cuja origem está atrelada a um processo formado e formador da vida das comunidades, por isso um fato cultural que se veicula pela comunicação. Uma troca de ideias e saberes no qual se dão os processos, nos quais se constroem sentidos e significados. Com essa compreensão das representações sociais, procura-se explicar os fenômenos submetidos a uma ordem dos fatos e suas causas no contexto do senso comum e dos saberes adquiridos ao longo da vida social.

Conhecer essas representações é, de algum modo, uma oportunidade de resgatar acontecimentos num mundo cuja compressão do tempo no espaço se torna crescentes. Acontecimentos que nos mostram que não vivemos de modo isolado; ao contrário, compartilhamos a nossa vida habitual com o outro.

Essa é uma das razões que revela a importância das representações para o dia a dia das pessoas. As representações sociais orientam o viver em comunidade “[...] no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva” (JODELET, 2001, p.17) e se configuram pelas palavras.

A Geografia dialoga com a Teoria das Representações Sociais por meio de elementos essencialmente culturais encontrados na paisagem. De acordo com Almeida (2003), é a paisagem cultural que confere à Geografia uma aproximação com o real. A interpretação das representações se apoia nos sentidos culturalmente construídos, nos valores, nas significações e nas associações, elaborados por um dado grupo social. Conhecer as representações dessas comunidades sobre a água que constitui o seu mundo vivido foi, também, conhecer os valores que dão sentido e significado aos seus espaços de vivência, cujas marcas estão presentes nas paisagens observadas. As representações espaciais se constituíram num importante aporte para a compreensão do modo pelo qual as comunidades amazônicas investigadas compõem a paisagem e exprimem seu modo de ver e viver no mundo.

Essa busca pelo sentido, percepções e representações do ser humano amazônico sobre a água conduziu o estudo à Teoria das Representações Sociais por permitir refletir sobre os saberes a partir do senso comum, o que mantém a

unidade dos sentidos, valores, atitudes e pontos de vista dos sujeitos construtores de paisagens culturais.

Durkheim, no final do século XIX, desenvolveu o estudo das representações coletivas apoiado na noção do fenômeno e do fato social. O fato social, de acordo com Durkheim, é tudo o que se produz na e pela sociedade, ou ainda o que interessa e afeta o grupo de alguma forma, passível de observação e interpretação. Ademais, de acordo com o autor, é por meio da observação que as representações se apresentam como fenômenos da realidade, dotados de características próprias e são elas, as representações, que chamam a atenção para os fatos e nos auxiliam a vê-los e compreendê-los melhor (DURKHEIM, 1999).

Para Durkheim (1999), a representação é o modo de fazer com que, ao mesmo tempo, um fato seja geral para a sociedade como um todo e tenha existência própria, ainda que suas manifestações sejam individuais. Durkheim (1999) esclarece que uma das regras essenciais é entender os fatos sociais como coisas, ou seja, “[...] tudo o que é dado, tudo o que se oferece ou, melhor, se impõe à observação” (DURKHEIM, 1999, p. 28). O que nos conduz à compreensão de que os fatos sociais, como coisas, são produzidos pela ação dos homens.

O fenômeno, por sua vez, é considerado por Durkheim (1999) como coisa (objeto) e deve ser tratado como tal. Ademais, só deve ser visto como parte do coletivo se este for comum aos indivíduos que fazem parte de uma dada sociedade. De acordo com esse autor, o fenômeno se concretiza por crenças e práticas que nos são transmitidas prontas e as recebemos e as adotamos porque “[...] sendo ao mesmo tempo uma obra coletiva e uma obra secular, elas estão investidas de uma particular autoridade que a educação nos ensinou a reconhecer e a respeitar” (DURKHEIM, 1999, p.9). Tais práticas exprimem um modo de vida distinto daquele próprio da realidade do indivíduo. Os fenômenos sociais devem ser considerados por si, afastados da realidade na qual os sujeitos os concebem para ser possível ver como eles se nos apresentam.

Desse modo, à medida que procura estabelecer um diálogo entre indivíduo e sociedade, o conceito proposto por Moscovici se afasta do conceito de representações coletivas. As representações, para esse autor, eram marcadas pela mobilidade específica de conhecimento “[...] que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (MOSCOVICI, 2011, p.21), cabendo à Psicologia Social “[...] penetrar nas representações para descobrir a sua

estrutura e os seus mecanismos internos” (IDEM, 2011, p.156). Ademais, Moscovici enfatiza que as representações sociais são teorias coletivas sobre o real; contêm uma linguagem particular, baseada em valores adquiridos pelos grupos nos quais os indivíduos produziram e comunicariam suas próprias representações.

Sob essa perspectiva, toda apreensão de si, da sociedade, do outro como conhecimento, é vista como uma representação e os indivíduos organizam suas relações com o mundo, dando-lhes sentido por meio das imagens que fazem de si, da sociedade e dos outros. Assim, as representações contêm valores e modos de pensar e de agir, orientando a sociedade na sua organização e influenciando nos comportamentos dos indivíduos.

Para uma representação tornar-se social, Moscovici assinala três maneiras distintas. Podem participar das representações todos os membros de um grupo sem terem sido produzidas por ele. Essas representações são denominadas hegemônicas e prevalecem nas práticas simbólicas. Outras representações são conhecidas como emancipadas, pois são o produto da circulação de conhecimento e de ideias de grupos que mantêm uma relação de interpretações e de símbolos. Cada grupo cria as suas próprias versões e partilha-as com os outros, por isso possuem certo grau de autonomia. Por último, existem as representações controversas, geradas por um conflito ou polêmica social e que não são partilhadas pela sociedade no conjunto.

As representações sociais para Moscovici (2011) constituem-se de ato de pensamento na qual o sujeito se relaciona com o objeto (pessoa, ideia, evento social ou natural), por operações mentais (atenção, percepção e memória). A natureza social dessas representações sociais tem vários sentidos (figura 06), ou seja, podem ser constituídas de predisposições genéticas herdadas, imagens e hábitos aprendidos, categorias culturais e de recordações preservadas.

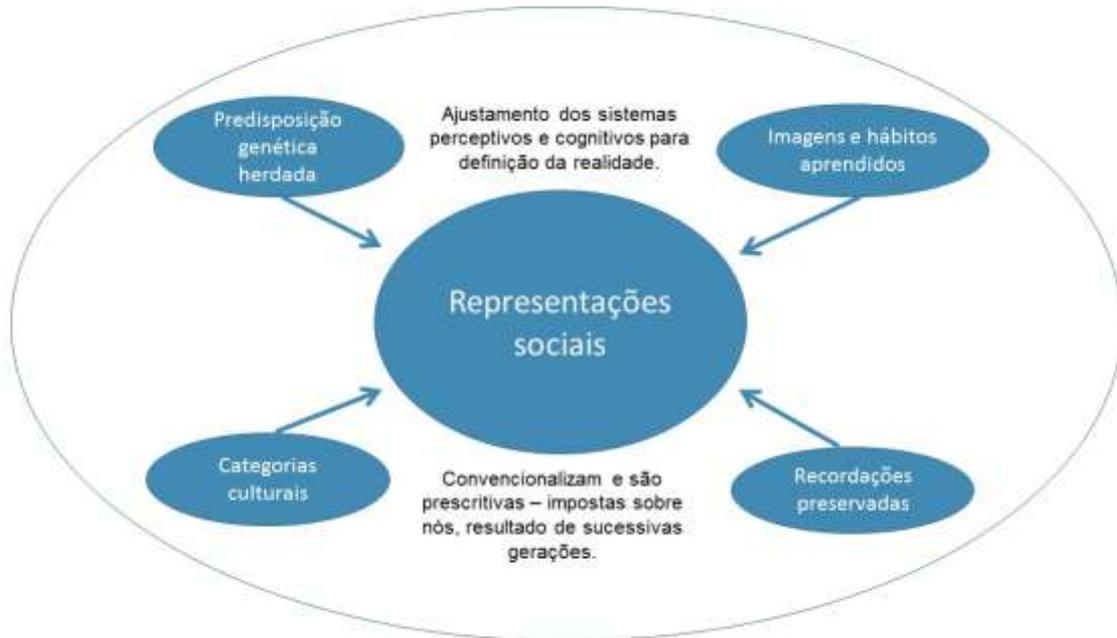


FIGURA 06 - A constituição da Representação Social em Moscovici
 FONTE: Moscovici (2011). Adaptação livre da autora (2014)

Tais sentidos são aspectos socialmente significativos que necessitam de ajustamento dos sistemas perceptivos e cognitivos para definição da realidade. São sociais em sua origem; são compartilhadas pelos grupos sociais, porém não são homogêneas para a sociedade; são construções simbólicas da realidade em sua forma e conteúdo. São convencionais e prescritas, impostas sobre o grupo como resultados de sucessivas gerações, mesmo assim, ao mesmo tempo, não deixam de ser dinâmicas.

A teoria elaborada por Moscovici proporcionou um novo olhar à sociedade e, a partir dos anos 1980, pesquisadores de diversos campos da ciência a incorporaram em suas pesquisas. Essa teoria é definida como um conjunto de conceitos, enunciados e explicações originado na vida. Esse autor a equiva aos mitos e aos sistemas de crença das sociedades tradicionais: “[...] poder-se-ia mesmo considerá-las como a versão contemporânea do senso comum” (MOSCOVICI, 2011, p.198).

A Teoria da Representação Social tem como bases fundamentais o contexto da produção do conhecimento e a importância da dimensão histórica na produção do conhecimento. No domínio da epistemologia, essas proposições permitem à teoria rejeitar o indivíduo como unidade de análise básica da Psicologia Social, optar por formas sociológicas da Psicologia Social, ressaltar a dimensão simbólica da produção de significados e contextualizar o conhecimento na história.

Moscovici expõe em seus estudos os universos de pensamento consensual e reificado (figura 07). Tais universos, embora dicotômicos, compõem as representações sociais. O universo consensual consiste no espaço cujas representações se produzem e os indivíduos elaboram suas opiniões livremente sobre as noções básicas necessárias ao convívio social, aprendidas em seu espaço de convívio – todo o contexto cultural. Esse universo é dinâmico e a convivência com o outro favorece a vida social.

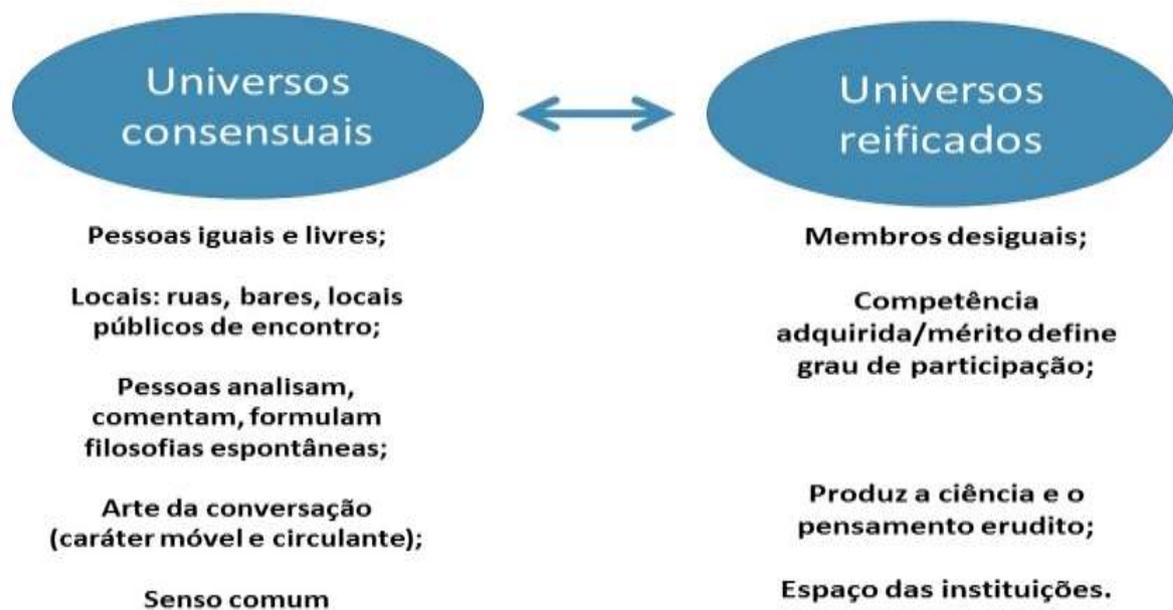


FIGURA 07 – Universos de Pensamento Consensual e Reificado em Moscovici
 FONTE: Moscovici (2011). Adaptação da autora (2014)

O universo reificado, por sua vez, é o científico, onde há regras determinadas de acordo com o surgimento dos contextos e resultam em representações sociais, ao passo que as representações sociais propriamente ditas são identificadas no universo consensual. As regras estabelecidas no universo reificado produzem hierarquias, constituindo um lugar social para o indivíduo, diferenciando de outros indivíduos. Essa rigidez provoca certa passividade no indivíduo em termos do lugar ocupado por ele, o que não ocorre no universo consensual. Neste, o indivíduo é considerado sujeito de qualquer processo de mudança de sua realidade.

Moscovici (2011) comenta acerca da natureza social das representações e observa que determinados aspectos próprios das representações tais como as reações, as proposições e as avaliações não se organizam do mesmo modo nas diferentes classes sociais, formando diversos universos de opinião. Cada um desses universos (consensual e reificado), portanto, se estrutura em três dimensões: a atitude, a informação e a imagem.

A primeira dimensão corresponde à orientação geral ao objeto da representação; a segunda trata da organização dos conhecimentos adquiridos pelo grupo sobre um determinado objeto social e a terceira retrata o conteúdo concreto e limitado de proposições relativas a um determinado aspecto do objeto e pressupõe uma hierarquização de elementos. O conjunto formado pelas três dimensões fornece uma ampla visão de seu conteúdo e sentido. A análise dessas dimensões permite também caracterizar os grupos em função de sua representação social, tornando possível definir os limites de um grupo e diferenciá-lo de outros grupos por meio de um dado objeto social.

Ademais, Moscovici desenvolveu os processos formadores das representações pela ancoragem e pela objetivação. Esses processos são produzidos pelo efeito entre o cognitivo e o social. De acordo com Jovchelovitch (2007) esses processos são “[...] formas específicas em que as representações sociais estabelecem mediações” (JOVCHELOVITCH, 2007, p. 81) e são essas formas que modelam a produção simbólica de uma comunidade e dão concentricidade às representações sociais. Tais processos interagem entre si e se formam por fatores sociais.

A fim de dar compreensão às mediações das representações sociais, Jovchelovitch (2007) esclarece que, no caso de novas situações ou objetos, o processo de representar apresenta uma sequência lógica: tornar os objetos não-familiares (novos) em objetos familiares por um duplo processo, então intitulado amarração – no sentido de amarrar um barco a um porto seguro, conceito que logo evoluiu para o conceito de ancoragem - e objetivação, processo no qual indivíduos ou grupos acoplavam imagens reais, concretas e compreensíveis, retiradas de seu cotidiano objetivo, aos novos esquemas conceituais com os quais tinham que lidar.

Portanto, com essa compreensão, entende-se também que a motivação para a produção das representações sociais ocorre em torno de uma ação central com “[...] a tentativa de construir uma ponte entre o estranho e o familiar” (Moscovici,

2011, p.87), à medida que esse estranho implique falta de comunicação, ou seja, a falta de interação (construção, reavaliação ou especialização²⁶ de sentidos) entre o grupo.

Assim, propõe-se a aproximação dos estudos da Percepção e da Teoria da Representação Social na Geografia partindo do entendimento do sentido culturalmente construído e seus significados compartilhados dentro de grupos sociais, na perspectiva de desvendar a lógica das comunidades pesquisadas.

Para estudar as representações sociais nas comunidades amazônicas, partiu-se do princípio de que o pensamento dos moradores a respeito da água não deixa de ser, como as representações sociais, uma realidade mental. Ao mesmo tempo, a água é uma realidade concreta, material e socialmente localizada. De acordo com Peluso (1998), é nessa encruzilhada em que um objeto tanto é uma realidade mental como uma realidade social e espacial que se forma o ambiente propício para que os moradores elaborem suas representações sociais.

Para desvendar as representações sociais dos colaboradores de pesquisa, procurou-se captar o olhar do morador sobre sua água, entrando nos códigos de posse do objeto, das facilidades, das dificuldades, da vivência. Uma análise para conhecer os sentidos que constituem o seu pensar, esse mesmo sentido que constitui os seus códigos simbólicos formados a partir de sua cultura e comunicados aos outros pela sua linguagem, fazendo de sua representação subjetiva a representação do outro, tornando-a social. A influência de uma pessoa sobre outra acontece principalmente pela comunicação de um pensamento. De acordo com Frege (1978), alguém comunica um pensamento e causa mudanças no mundo externo normal ao induzir essa outra pessoa a aprender o seu pensamento e aceitá-lo como verdadeiro (MOSCOVICI, 2011).

Os códigos das representações sociais são importantes, pois deles derivam a relação dos sujeitos entre si e com a água que os cercam, mostram os modos de pensar sobre a água e os processos que a atravessam, reconhecem a si mesmos e aos outros sujeitos segundo as várias categorias do viver essa água.

²⁶A especialização do sentido acontece com o envolvimento cultural, que conduz a compreensão da palavra dentro do contexto de determinada cultura (palavras que, isoladas, não têm nenhum sentido). Esse envolvimento cultural produz a construção de novos sentidos, mas também pode especializar sentidos ou reavaliar sentidos construídos em culturas diferenciadas e, por meio desses processos, se dará a compreensão sem acobertamentos, sem preconceitos, ou seja, sem compreensões errôneas de diferentes culturas (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999).

2.3 O OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE AS LÓGICAS DE COMUNIDADES

A lógica de comunidade, neste estudo, é compreendida como a identidade manifestada pelos colaboradores de uma mesma comunidade, observada como uma forma de vínculo com outros membros locais, pelo comprometimento com esse grupo, manifestado pela defesa de valores e ideologias enraizadas na cultura local (THORNTON, OCASIO E LONSBURY, 2012).

Sobre esses laços e a noção de uma vida significativa, Widenfeld, no prefácio da obra *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido – a orientação do homem moderno*, afirma que tais laços e noções “só são partilhadas por pequenas comunidades” e por isso “é importante observar como os indivíduos se unem nesta comunidade” (BERGER E LUCKMANN, 2012, p. 09).

Álvaro Heidrich (2013, p. 53) corrobora essa ideia ao declarar que “Uma vida plena de sentido é naturalmente reconhecível em comunidades pequenas e tradicionais”, e lembra ainda que, na complexidade do cotidiano moderno, “o sentido é reelaborado por instituições e meios produtores de ideias e mensagens”.

Ademais, nas comunidades, vê-se, também, que as compreensões se renovam e, por meio da exposição da ideia por outro sujeito ou grupo, aquilo que não faz parte da compreensão de um pode se tornar presente e compreensível. “Para a composição do vivido o diálogo é imprescindível. O que se põe em relação na vida social, ao mesmo tempo em que afeta também é afetado” (HEIDRICH, 2013, p. 53).

Com a compreensão de que dentro das comunidades os sentidos, as ideias e pontos de vista (percepções e representações) se renovam, se modificam e são repassados e reconstruídos pela comunicação (FREGE, 1978; BERGER e LUCKMANN, 2012; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999; HEIDRICH, 2013), procurou-se por definições de comunidade, a partir daí, buscou-se pelo conceito de lógica de comunidade e comunidade geograficamente localizada para, com a compreensão necessária, trazer esses conceitos à Geografia e, desse modo, expor as lógicas das comunidades amazônicas.

Weber (1987) denomina comunidade “[...] um grupo cuja relação social baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes” (WEBER, 1987, p. 77). A partir desse conceito, para o

desenvolvimento de um estudo da lógica de comunidade na Geografia, procurou-se pela compreensão de comunidade em outros teóricos.

Ferdinand Tönnies (2001[1887]) considera as questões da comunidade e da sociedade civil em dualidade e tem como argumento que a comunidade é uma categoria sociológica diferente da sociedade, ao considerar a sociedade como algo que remete a uma forma mais ampla e impessoal de interação. Essa distinção passou a ser relacionada não só à característica da comunidade como um agrupamento de atores sociais em um determinado espaço geográfico delimitado, mas também ao fato de que os membros da comunidade, por compartilharem do mesmo território geográfico, compartilham algumas características comuns, assim como expectativas e interesses, constituindo, desse modo, uma identidade local (MARQUIS E BATTILIANA, 2009).

Em estudos que visam à gestão e organização, o conceito de comunidade está relacionado à imersão dos atores a uma determinada área geográfica. Essa premissa permite reconhecer os aspectos que distinguem diferentes comunidades, permitindo que se analise como a lógica de determinadas comunidades exerce influência sobre o comportamento dessas gestões ou organizações (DAVIS E GREVE, 1997; KONO, PALMER, FRIEDLAND E ZAFONTE, 1998; MARQUIS, 2003).

Almandoz, por sua vez, considera que a lógica de comunidade é responsável pela valorização dos laços fortes e duradouros entre os membros de pequenos grupos (ALMANDOZ, 2008). De acordo com esses estudos, a imersão nas comunidades tem uma influência relativamente durável no comportamento organizacional, por meio de um número de mecanismos que são responsáveis pela mediação e manutenção desse relacionamento. Nesse sentido, a questão da proximidade geográfica e das redes sociais locais que se desenvolvem a partir de um contexto comunitário influencia as práticas sociais no espaço. No entanto, para compreensão do conceito de comunidade, é preciso contrapô-lo ao conceito de sociedade. Da mesma forma, tal distinção permite entender como se dá o processo de imersão em comunidade e como atuam os mecanismos que traduzem essas lógicas em práticas locais (COSTA, 2012).

Ao refletir sobre sociedade e comunidade, considera-se a sociedade uma entidade mais transparente, universal e anônima e a comunidade focada em relações interpessoais e conexões particularistas. Enquanto a sociedade está

relacionada ao arbítrio dos respectivos membros, a comunidade está relacionada à vontade (mais essencial ou orgânica) (TÖNNIES 2001 [1887]).

Nesse sentido, a comunidade é vista como uma forma de associação existente muito antes da constituição social de indivíduos e seus fins, ainda que isso não implique a consideração de fatores restritivos de condições sociogenéticas (BRANCALEONE, 2008). Em vez disso, a comunidade se relaciona a imperativos profundos do próprio ser, enquanto vontade essencial, mais do que à vontade de escolher (TÖNNIES, 2001 [1887]).

De acordo com Arenari (2003), os conceitos de vontade no pensamento tonniesiano estão relacionados à tentativa de, a partir da vida interior do indivíduo (psicológica), encontrar os pressupostos do desenvolvimento das formas de socialização. Para esse autor, há um estreito laço entre a psicologia e a sociologia no pensamento de Tönnies, pois ele considera que a segunda é sustentada pelos pressupostos da primeira; também há um terceiro elemento nos conceitos de vontade desse autor, a filosofia, na qual ambas (psicologia e sociologia) estão assentadas.

Dessa forma, a comunidade é considerada uma forma social fundamentada nas relações pessoais (como as que ocorrem da família, em uma aldeia ou em outras formas de pequenas comunidades urbanas), com a presença de intenso espírito emocional, e constituída pela cooperação, pelos costumes e pela religião (TÖNNIES, 2001 [1887]).

Como critérios de análise, esses elementos são importantes, porque sinalizam a distinção entre comunidade e sociedade: enquanto a comunidade, geralmente, remete a um tipo de grupo social mais primitivo, tradicional e original da vida humana (Brancaleone, 2008), a sociedade é considerada uma organização de grande escala, como a cidade, o Estado ou a nação, que se funda nas relações impessoais, nos interesses particulares, no direito e na opinião pública (TÖNNIES, 2001 [1887]). De acordo com essa dicotomia, atribuíam-se à comunidade a temporalidade da tradição, do passado e do primitivo; enquanto à sociedade era atribuído o tempo moderno, ou seja, o presente e o futuro (BRANCALEONE, 2008).

De acordo com Marquis e Battiliana (2009), muitas definições antropológicas e sociológicas do conceito de comunidade sinalizam como aspectos distintivos a pequena escala, a estrita delimitação de suas fronteiras e os fortes laços entre seus membros, que se estabelecem particularmente por uma identidade comum. Como

sugere Storper (2005, p. 34), comunidade pode ser compreendida como uma “[...] grande variedade de modos e maneira de agrupar-se com outros com quem compartilhamos partes de nossas identidades, expectativas e interesses”²⁷ (Tradução da autora).

Embora a distinção entre a comunidade e a sociedade seja útil por destacar muitos dos importantes componentes constituintes de uma comunidade, essas definições não delimitam as fronteiras de uma comunidade local (MARQUIS E BATTILIANA, 2009). Para esses autores, essas fronteiras são difíceis de serem delineadas em uma definição abstrata e não precisam, necessariamente, coincidir com qualquer fronteira administrativa ou política. Por esse motivo, considerando o contexto da modernidade delimitado pela lógica societal, alguns pesquisadores têm argumentado que uma comunidade pode, de fato, ser um conceito simbólico e somente pode ser uma questão definida no atual contexto histórico a partir das interações sociais e elementos culturais compartilhados (COHEN, 1985).

Esses diversos trabalhos sugerem que, apesar de crescimento nos padrões de globalização, as influências locais são mantidas. No olhar a essas influências, Battiliana e Marquis (2009) analisam como indivíduos, organizações e mercados são influenciados por elementos comuns de cultura, normas, identidade e leis como resultado do compartilhamento de uma localização física comum e concluem que até os indivíduos mais cosmopolitanos e os espaços mais organizados são considerados enraizados em alguma localização geográfica. Por meio de análise dialética entre o global e o local, o trabalho de Battiliana e Marquis (2009) sugere que as diferentes comunidades tornam-se mais integradas como resultado de um aumento da globalização, demarcando também, dessa maneira, as fronteiras entre elas próprias mais claramente.

A partir dessas reflexões, compreenderam-se as lógicas dessas comunidades. Lógicas que auxiliaram a desvendar uma Geografia impregnada de história, com seus conflitos, estruturas, usos, intercâmbios. Uma Geografia constituída de compreensões ambientais necessárias à preservação e à sustentabilidade a partir dos sentidos culturalmente construídos.

Nas comunidades amazônicas investigadas, compreendidas, aqui, como comunidades geograficamente localizadas, perceberam-se suas lógicas como o

²⁷“*Wide variety of ways of grouping together with others with whom we share some part of our identity, expectations, and interests.*”

produto da soma de seus sentidos, suas percepções e suas representações sociais, cuja origem está atrelada ao processo formado e formador da vida dessas comunidades e que se veicula pela comunicação.

Desse modo, ao procurar pelos sentidos culturalmente construídos, percepções e representações sociais desse humano amazônico, procurou-se reconhecer nessa paisagem a abrangência de uma gama de elementos culturais. Elementos materializados na produção de sentidos, nos valores e significados, nos comportamentos das pessoas e, portanto, em suas lógicas.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA E TRAJETÓRIA DA PESQUISA



FIGURA 08 - Rio Madeira. Porto Velho/RO
FONTE: A autora (2013)

*Águas escuras dos rios
Que levam
A fertilidade ao sertão
Águas que banham aldeias
E matam a sede da população...*

(Planeta água – Guilherme Arantes)

3 METODOLOGIA E TRAJETÓRIA DA PESQUISA

A pesquisa em pauta tem como aporte teórico metodológico a geografia cultural sob seu viés fenomenológico, perpassada pela geografia social na busca da compreensão dos sentidos que comunidades atribuem à água. Assim, trilharam-se caminhos da pesquisa qualitativa cujos procedimentos metodológicos se pautaram em entrevistas não estruturadas e mapas mentais.

Foi utilizado, ainda, para análise dos dados elencados, o método *Grounded Theory*²⁸, uma proposta para pesquisa qualitativa, na qual todas as teorias construídas variam em sua natureza e diferem entre si, mas, independentemente de como são construídas, cada teoria é única, por isso acredita-se ser pertinente a esta pesquisa.

De acordo com Strauss e Corbin (2008) a teorização é o ato de construir a partir dos dados, um esquema explanatório que integre sistematicamente vários conceitos por meio de declarações de relações. “Uma teoria faz mais do que gerar entendimento ou pintar um quadro vivo. Ela permite aos usuários explicar e prever fatos, fornecendo, assim, diretrizes para a ação” (STRAUSS e CORBIN, 2008, p.37).

Com o interesse voltado a essa metodologia, procurou-se por outras fontes e levaram-se em deferência as considerações ontológicas e epistemológicas do subjetivismo, conforme definições de Morgan e Smircich (1980), as quais, de acordo com a *Grounded Theory*, consideram que a realidade pode ser socialmente construída a partir da interação entre indivíduos que a legitimam por meio de sinais (signos ou símbolos). Fato primordial para observação e análise dos dados colhidos a este estudo. Por ser esse um método interpretativista de pesquisa que busca explicar a realidade a partir dos sentidos e significados atribuídos pelos envolvidos às suas experiências.

Contudo, diferentemente de outros métodos subjetivistas como o método fenomenológico, a etnografia e a experiência vivida, os procedimentos de análise do método da *Grounded Theory* intencionam tornar os resultados os mais objetivos possíveis, tanto do ponto de vista teórico, para que tenham possibilidade de generalização do fenômeno explicado, como do ponto de vista metodológico. No entanto, necessário é afirmar que isso não significa estar alinhado com os cânones

²⁸ Teoria Fundamentada.

do positivismo ou outro paradigma objetivista, pois, no método da *Grounded Theory*, compreende-se que o que deve ser passível de refutação é o processo de pesquisa e o nível de fundamentação empírica e não se os resultados são a única explicação da realidade.

A *Grounded Theory* é um método científico que utiliza um conjunto de procedimentos sistemáticos de coleta e análise dos dados para gerar, elaborar e validar teorias substantivas²⁹ sobre fenômenos essencialmente sociais, ou processos sociais abrangentes. Entende-se por teoria “um conjunto de categorias (conceitos) que estão sistematicamente inter-relacionadas através de sentenças de relacionamento [proposições] para formar o esquema teórico que explica um fenômeno social” (STRAUSS; CORBIN, 1998, p. 22).

A diferença entre a teoria formal e a teoria substantiva é que, enquanto a primeira é mais geral e aplica-se a uma visão maior de disciplinas e problemas, a segunda é específica para determinado grupo ou situação e não visa generalizar além da sua área substantiva. A essência do método da *Grounded Theory* é que a teoria substantiva emerge dos dados, ou seja, é uma teoria fundamentada em uma análise sistemática dos dados. Ademais, deve ser coerente com a realidade da área especificada para o estudo e, como consequência, fornecer sentido para que seja compreendida pelos sujeitos envolvidos e por outros pesquisadores.

Apesar de existir um conjunto sistemático de procedimentos, a criatividade do pesquisador é muito importante para a análise dos dados na utilização do método da *Grounded Theory*. Glaser (1998) chamou de sensibilidade teórica a criatividade do pesquisador na identificação, construção e medição dos conceitos que compõem a teoria, porém, neste estudo, dá-se o nome de *olhar geográfico* a essa sensibilidade teórica que procura construir sentidos a partir da cultura observada, a fim de demonstrar habilidade de dar significado aos dados, à capacidade para entender e à capacidade para separar o que é pertinente do que não é para a pesquisa. Uma sensibilidade teórica desenvolvida a partir do conhecimento científico acumulado pelo pesquisador, de sua experiência profissional e pessoal (STRAUSS e CORBIN, 1998).

²⁹Entende-se que uma teoria substantiva busca a explanação integrada de conceitos, por meio de declarações de relações, de uma área de estudo específica em um dado contexto, indo além da mera descrição e de ordenamento conceitual que, no entanto, constituem etapas do processo de construção teórica.

Para isso, exigiu-se a utilização de técnicas e procedimentos que atenuassem os preconceitos do pesquisador no processo interpretativo, por isso as necessárias visitas ao contexto de pesquisa, o envolvimento com atividades culturais e a intensa interlocução com os colaboradores das comunidades, a fim de construir sentidos, especializá-los ou reavaliá-los nessas comunidades.

Desse modo, o pesquisador, além de construir novos sentidos (ou reavaliar os já existentes), deu sentidos aos dados, por comparações entre os dados obtidos e um elenco de possibilidades de significados, fruto da sensibilidade teórica e da compreensão correta das narrativas, por meio desses sentidos culturais. As comparações foram imprescindíveis para evitar distorções e facilitar a interpretação dos dados. Em suma, as técnicas de comparações utilizaram o conhecimento (sentidos e significados culturais) do pesquisador para descobrir o que não estava revelado nos dados, sempre com o cuidado e respeito necessário, a fim de não manipulá-los a favor de sua própria cultura.

Após os primeiros contatos, conversas informais e trocas de informações, percebeu-se que a coleta de dados por meio de entrevistas não estruturadas seria o meio para obter as gravações e audições das narrativas buscadas a este estudo, isso porque, dentre os colaboradores, havia pessoas mais eloquentes e menos eloquentes. Reconheceu-se, também, que o tempo de entrevista seria marcado sem muito rigor, procurando pelo aspecto prático de cada situação. Quanto ao local, deixamos por conta do entrevistado escolher onde queria gravar o seu depoimento e, em sua grande maioria, a escolha foi o quintal de sua própria residência, o seu lugar.

Para a escolha dos colaboradores, deu-se preferência aos moradores mais antigos do lugar e a outros atores cuja existência fizeram e fazem a diferença na composição das comunidades e paisagens culturais. Na decisão sobre o número de entrevistas, levou-se em conta a assertiva de que, quando os depoimentos começam a sair do interesse da pesquisa está na hora de parar³⁰.

Como resultado dessas entrevistas não estruturadas, foram gravadas digitalmente trinta e uma (31) narrativas: vinte e cinco (25) nas comunidades portovelhenses observadas (Bairro Triangulo – seis (06); Agrovila – três (03); São Sebastião – cinco (05); Maravilha – três (03) e Niterói – oito (08), entre os meses de outubro e novembro de 2013. E seis (06) na Colônia de pescadores do Bairro

³⁰ Quando o tema água já não aparecia na enunciação do interlocutor.

Triângulo de Guajará-Mirim, em janeiro de 2014. Como se optou por uma pesquisa qualitativa, o número de entrevistados foi aleatório, obedecendo aos critérios observados no projeto da pesquisa.³¹

Para a análise das narrativas, optou-se pela utilização do software ATLAS/ti 6.0 e todas as possibilidades por ele fornecidas para a observação das diversas transcrições de entrevistas não estruturadas fornecidas pelo trabalho de campo.

A narrativa de cada colaborador proporcionou a análise dos sentidos e significados em paisagens humanizadas e, nessa análise, optou-se pela valorização subjetiva de detalhes da vida, assim, obtiveram-se aspectos interessantes e significativos do ser humano observado e das paisagens que o cercam. Privilegiou-se, portanto, na personalização do enquadramento da narrativa, a valorização do indivíduo como o centro das atenções e se reconheceu em todo o caminhar do estudo, entrevistas, elaboração de mapas mentais e análises, o sentido mais humano da paisagem amazônica: a oferta da essência desse sujeito amazônico  obtenção de resultados a esta pesquisa.

Antes de gravar a narrativa de cada um dos colaboradores, em conversa informal, procurou-se por dados sobre sua vida pessoal, tais como: local de nascimento, idade, estado civil, naturalidade de seu cônjuge, número de filhos etc., por julgarem-se importantes esses dados iniciais  análise dos sentidos culturalmente construídos.

Na análise dessas narrativas, procurou-se lembrar e seguir o que se viu em Frege (1978), ou seja, que os sentidos se constroem culturalmente, e tudo o que  construído culturalmente , obrigatoriamente, vinculado a valores culturais. Por isso mesmo os sentidos expressam, além de suas ações referenciais, valores culturais e geram uma impressão desses valores nas mentes dos falantes.

Conhecer sentidos e significados a partir das narrativas na composição da paisagem cultural das comunidades amazônicas exigiu lembrar, tmm, a proposta e defesa de Raccah (2002) ao analisar os fenmenos da construção dos sentidos e sua concepção dos diferentes pontos de vista. Assim como da utilização de todas as referências utilizadas para a construção do arcabouço teórico  pesquisa.

Ademais, na busca pelas percepções e representações do ser humano amazônico e em toda a análise dos dados obtidos em campo, utilizou-se o princípio

³¹ Todas as entrevistas estão inseridas no DVD, anexo ao final da tese, com suas devidas transcrições e toda a documentação referente à tomada de dados em campo.

dialógico que perpassa a própria noção de enunciação e, conseqüentemente, de significação da língua e vai além, vai ao sentido culturalmente construído (BAKHTIN/VOLOCHINOV,1999). Esse mesmo sentido que conduz à percepção, aos variados pontos de vista e ao (re)conhecimento das representações sociais que conduzem ao conhecimento das lógicas das comunidades pesquisadas.

Desse modo, para a concretização deste estudo, escolheu-se o seguinte recorte espacial: comunidades amazônicas inseridas em duas cidades do Estado de Rondônia: Porto Velho e Guajará-Mirim, cujas particularidades serão apresentadas a seguir (figura 09):

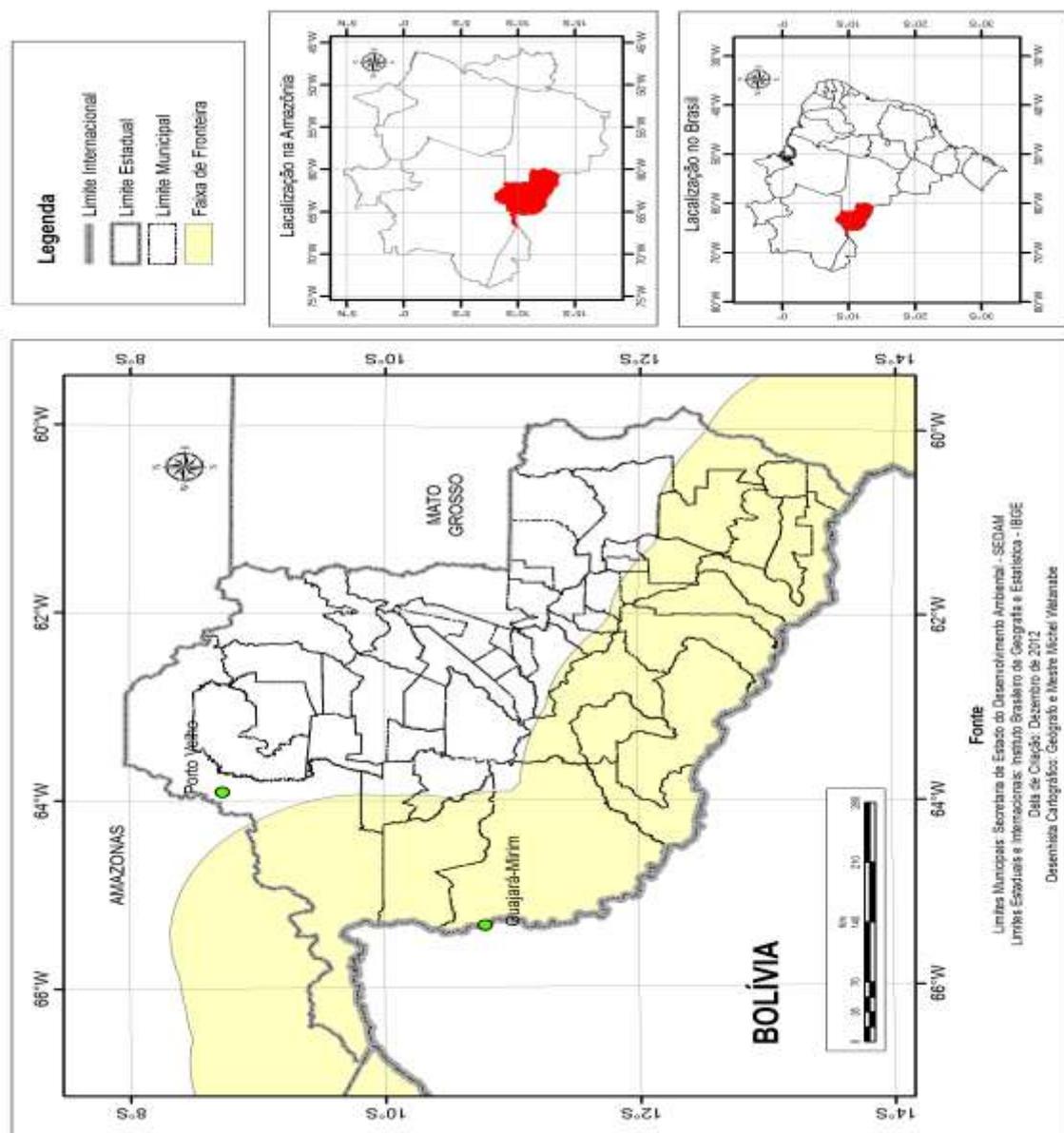


FIGURA 09 – Localização das cidades onde as comunidades pesquisadas estão inseridas

3.1 PAISAGENS PORTOVELHENSES

Com uma paisagem marcada pelos ambientes naturais, Porto Velho teve, inicialmente, a apropriação de seus espaços por trabalhadores, em sua maioria estrangeira, para dar lugar à construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré. Começava, pois, a surgir uma cidade, no ponto inicial da estrada de ferro (FERREIRA, 1982).

A partir daí, a paisagem natural começa a dar lugar aos ambientes humanizados e, com o decorrer da evolução social, desponta a cidade de Porto Velho que, durante toda sua formação, tem recebido pessoas de regiões variadas em ciclos migratórios bem marcados, tais como: ciclo da borracha, da cassiterita, da distribuição de terras pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, do ouro e, atualmente, o ciclo da construção das Usinas Hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau.

Porto Velho passou a ser município em 02 de outubro de 1914, pela Lei nº 757, primeiramente, sob a jurisdição do Estado do Amazonas. Em 13 de setembro de 1943, passou a capital do Território Federal do Guaporé, posteriormente, denominado Território Federal de Rondônia. Com a condição de Território Federal elevado à categoria de Estado, em 04 de janeiro de 1981, essa cidade teve sua condição de capital preservada (FONSECA, 2012).

Com uma população de cerca de 480.000 habitantes³², esse município abriga três Terras Indígenas e catorze Unidades de Conservação, que incluem reservas ecológicas, florestas nacionais, florestas sustentáveis e outras categorias. Complementarmente, o Município dispõe ainda de um Zoneamento Sócio-Econômico-Ecológico, produzido pela Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral – SEPLAN.

Por sua condição de Capital do Estado, Porto Velho tem sua economia fortemente baseada no setor terciário. O comércio é forte e diversificado, por atender a uma extensa região sob sua área de influência e, juntamente com o setor de serviços, constituía a maior fonte geradora de empregos, situação que mudou a partir do início da construção das Usinas Hidrelétricas do rio Madeira.

A hidrelétrica de Santo Antonio está localizada no Rio Madeira, a uma distância de cinco (05) quilômetros do centro de Porto Velho, para geração inicial de

³²Fonte: IBGE, Contagem da População, 2012.

R\$3.150 MW de energia (2.218 MW de energia média), ao custo inicial de R\$15,1 bilhões. A hidrelétrica de Jirau está sendo construída a uma distância de cento e trinta e cinco (135) quilômetros do centro dessa capital (medidos ao longo do rio) para geração inicial de R\$3.300 MW de energia (1.975 MW de energia média), ao custo inicial de R\$13,5 bilhões. Ambas as construções já tiveram seus projetos iniciais modificados e investem na expansão de suas gerações (PLATAFORMA DHESCA BRASIL, 2011).

A paisagem carrega a marca da cultura, da atividade produtiva dos homens e de seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o as suas necessidades (MACHADO, 2007, p. 139). A paisagem natural da cidade de Porto Velho, formada pelos rios e pelas matas, tem sido constantemente modificada. Essa paisagem cultural, diariamente construída, reconstruída e remodelada, é o que interessa a este estudo. Ademais, os ambientes humanizados diversos, presentes nessa cidade, com paisagens culturais desenhadas por sua história, forneceu a esta pesquisa a observação de entidades subjetivas e objetivas com extrema diversidade e multiplicidade.

Na margem direita do rio Madeira, onde o urbano se apresenta, o *Bairro Triângulo* nos forneceu sentidos e significados específicos na comprovação de que as estruturas das sociedades influenciam decisivamente nas estruturas dos indivíduos; molda suas personalidades que emergem, não só do contexto social, mas de um contexto social específico. Um mundo onde o urbano encontra-se com a água e fornecem paisagens, algumas vezes encantadoras, outras assustosas aos olhos de quem as observa.

Na margem esquerda, onde o rural prevalece, quatro comunidades integrantes da paisagem de Porto Velho forneceram os dados a este estudo. São elas: *Agrovila*, uma comunidade nova, construída para os moradores desalojados do entorno da Usina de São Antônio, a 5' minutos da Comunidade de São Sebastião; a comunidade *São Sebastião*, localizada à frente da área central de Porto Velho; a comunidade *Maravilha*, localizada ao lado da ponte sobre o Rio Madeira, a 25' minutos do centro de Porto Velho; e a comunidade *Niterói*, a 45' minutos de barco do centro urbano dessa Capital (figura 10).

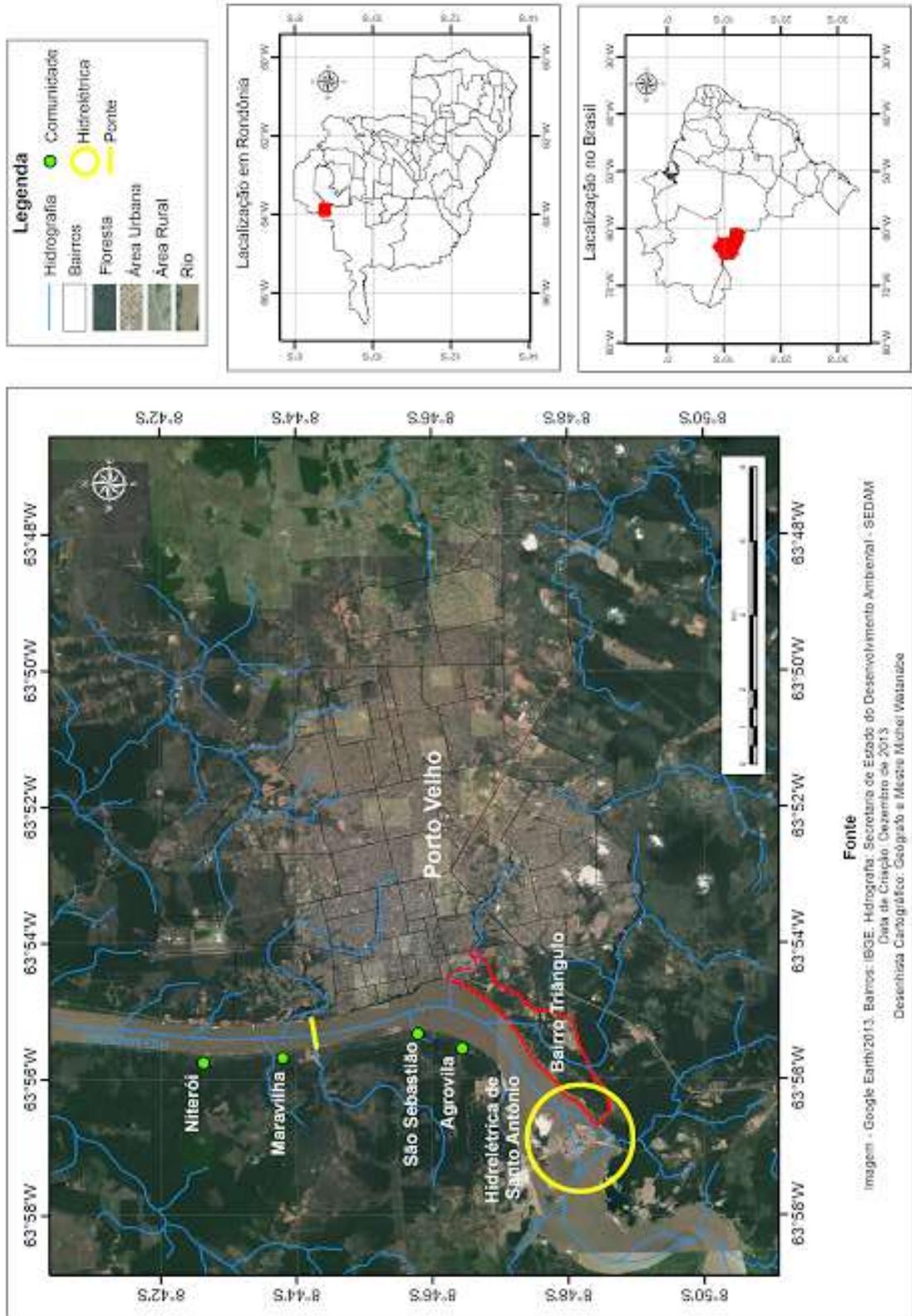


FIGURA 10. Porto Velho e a localização das comunidades analisadas

Comunidades que, em seu conjunto, possuem intensos problemas ambientais que se originaram com o garimpo nas águas do Rio Madeira e hoje se intensificam com a construção das usinas hidrelétricas e colocam em risco a manutenção da vida desses seres humanos.

A observação da paisagem nessas comunidades evidenciou que a forma de ser de homens/mulheres de uma determinada cultura apresenta características comuns, que as tornam semelhantes entre si e, ao mesmo tempo, diferentes de homens/mulheres de outras culturas. Comunidades próximas do centro urbano que, por seu modo específico de vida, assim como as demais comunidades *beradeiras*³³ localizadas ao longo do rio Madeira, possuem costumes e valores próprios.

Sentidos construídos, em sua grande maioria, em culturas nordestinas diversas, trazidos à região com o deslocamento de seus antepassados à Amazônia para o trabalho nos seringais que, repassados aos seus descendentes, foram especializados na cultura amazônica. Com pequena estrada que dá acesso às comunidades, as quais, até final de setembro de 2014, faziam a travessia com auxílio de pequenos barcos ou balsa e hoje a fazem pela ponte sobre o Madeira, em um espaço ainda sem ruas. O rio e o silêncio fazem parte dessa paisagem onde a cortesia dos moradores integra seus atrativos.

Com a condução da pesquisa, verificou-se que o ser humano amazônico encontrado nessas comunidades portovelhenses difere das comunidades ribeirinhas descritas e recitadas por outros autores, seja pela proximidade com o centro urbano ou pelo acesso ininterrupto de informações, encontrou-se, nessas paisagens, seres humanos diferenciados que, além de viver às margens de um rio, mantêm uma organização social particularizada, com sua sobrevivência econômica baseada em atividades diversas (serviços públicos e privados), mas também com a manutenção da pesca e da pequena produção agrícola.

Sociedades organizadas que deixam claro que não basta somente morar às margens de um rio ou igarapé para ser considerado ribeirinho. Segundo Silva (2007), essa seria uma classificação simplória diante da diversidade da forma de viver da população amazônica. De acordo com esse autor, há nessas paisagens um viver que integra o homem e as águas e não se enquadra enquanto conceituação do urbano nem do rural.

³³ Termo regional para referir-se aos ribeirinhos amazônicos.

3.2 PAISAGENS GUAJARAMIRENSES

Guajará-Mirim, inicialmente conhecida como Esperidião Marques, no início do século XX, não passava de um marco geográfico para assinalar o ponto brasileiro à povoação boliviana de *Guayaramerín*. No ciclo da borracha, a extração do látex foi o ponto decisivo na vida do município. A construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré veio acelerar o povoamento local, contribuindo no incremento da agricultura, além do extrativismo vegetal proporcionado pela vasta e rica vegetação natural existente. Esses e outros fatores, também de relevante importância, influíram na subsistência da localidade (FONSECA, 2012).

Com a conclusão da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, em 1912 (inaugurada oficialmente em 1º de agosto do mesmo ano), o Governo da Província de Mato Grosso instalou na localidade um posto fiscal (1917) e, em 26 de junho de 1922, passou a município de Santo Antônio do Rio Madeira. Quatro anos mais tarde, em 12 de julho de 1926, foi elevada à categoria de cidade. Em 12 de julho de 1928, pela Lei nº 991, o Distrito foi elevado à categoria de município e comarca com área desmembrada do município de Santo Antônio do Rio Madeira (atual Porto Velho), tomando o nome de Guajará-Mirim, nome já utilizado pela população local (FONSECA, 2012).

Guajará-Mirim encontra-se na fronteira com a Bolívia e é o segundo maior município do estado em extensão territorial, com área total de 24 856 km². O oitavo município em população, com cerca de 42.000 habitantes. Com paisagens naturais que fornecem ao observador o sonhar, o devaneio e a comemoração do belo com o encontro da mata, do céu e do rio exibiu a este estudo diferentes paisagens culturais.

O ser humano amazônico pertencente à comunidade analisada, a Colônia de Pescadores do Bairro Triângulo (figura 11), em permanente interação com o urbano nacional e o urbano internacional em convivência constante e comunicação contínua, expôs a este estudo, com suas narrativas, sentidos, percepções e representações sociais diferentes dos observados nas comunidades de Porto Velho. Seres Humanos que transformaram paisagens naturais em paisagens culturais, mas com características tão familiares a ponto de se passarem por naturais, ou seja, com o seu labor criam o seu mundo vivido, o seu lugar e fornecem ao observador sentidos e significados particulares da sua construção de mundo.

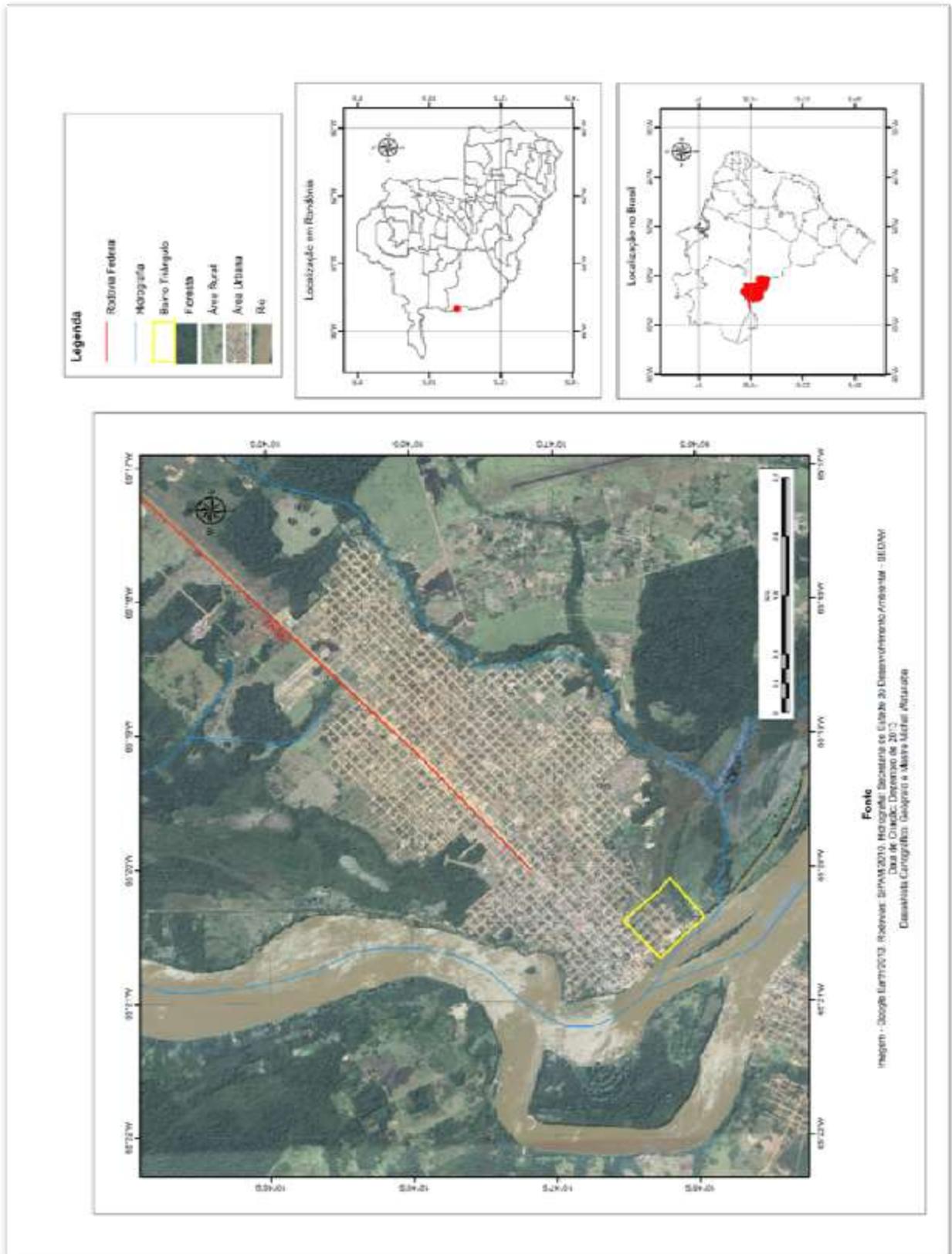


FIGURA 11 – Guajará-Mirim e a localização da comunidade analisada

3.3 O CENÁRIO DE PESQUISA E SUAS ESPECIFICIDADES

As comunidades inseridas nas cidades de Porto Velho e Guajará-Mirim, embora sejam comunidades ribeirinhas (Rio Madeira e Rio Mamoré – figura 12) e possuam paisagens com valores, crenças e símbolos que transcendem as culturas individuais, pois fazem parte da cultura nacional, apresentam sentidos característicos, construídos culturalmente, que conduzem a pontos de vista particulares.

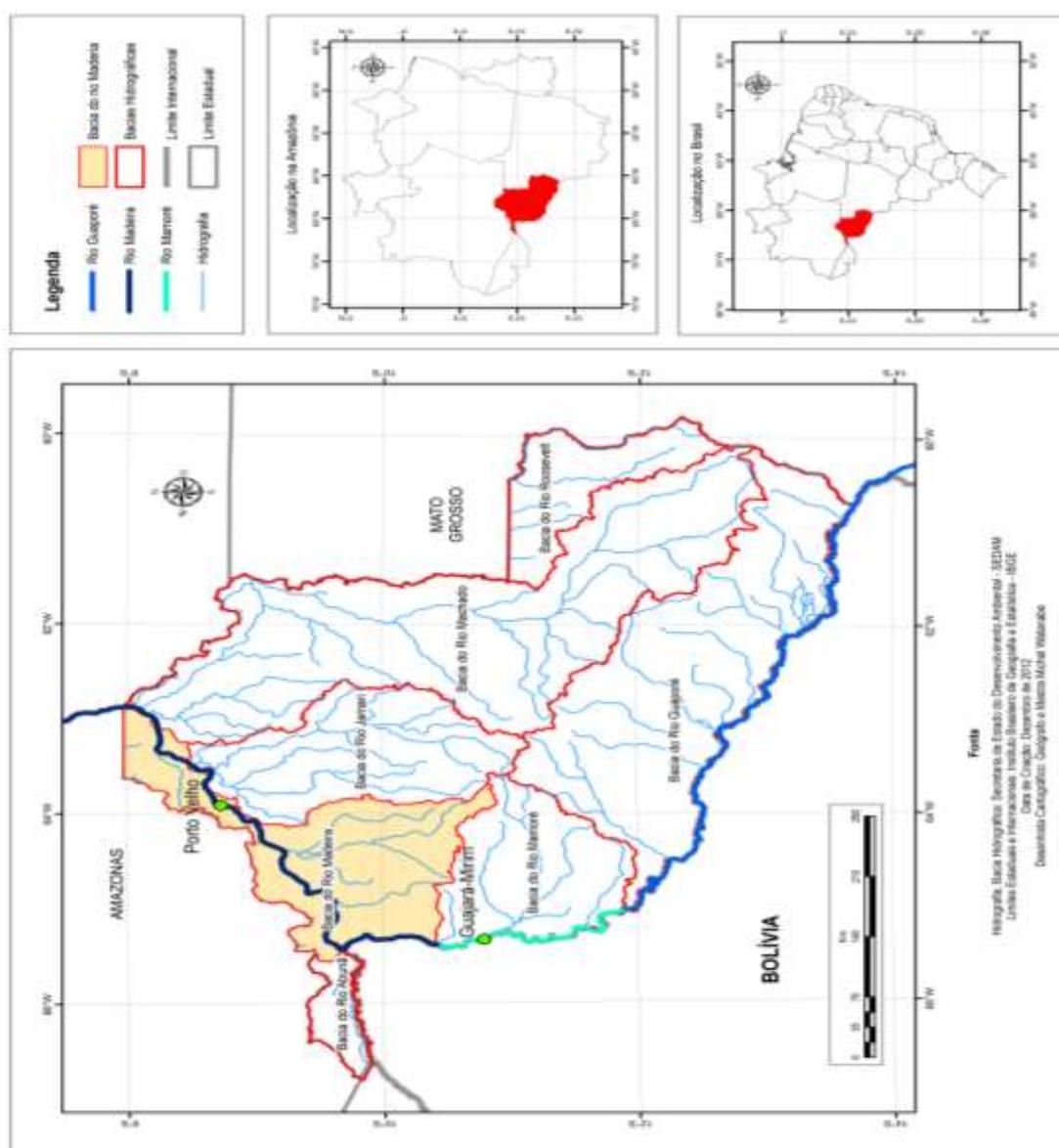


FIGURA 12–As diferentes Bacias Hidrográficas do cenário de pesquisa

Porto Velho permanece em constante processo migratório, em um ir e vir de pessoas de diferentes regiões em busca de oportunidades de vida, enquanto Guajará-Mirim tem um constante ir e vir de estudantes, trabalhadores e turistas brasileiros e bolivianos. Fato que mantém essas comunidades em persistente construção ou especialização de sentidos, um processo condutor a novas maneiras de ser e de ver o mundo.

Ambas as cidades são formadas por diferentes comunidades, com diversas religiões, mitos e crenças. Para dar conta desse trabalho, que visou compreender os sentidos culturalmente construídos, as percepções e representações sociais dessas comunidades amazônicas sobre a água e toda a problemática que as envolve, entrevistaram-se colaboradores distintos. Cada um deles, também, com suas diferenças e especificidades: *adultos amazônicos (natos) e não amazônicos (imigrantes)* que têm na paisagem ribeirinha o seu mundo vivido, o seu lugar.

A escolha desses atores como informantes à pesquisa se deve aos seguintes motivos: os dois grupos são formados por uma rica diversidade, incluindo diferentes sentidos, conhecimentos e etnias. São atores que convivem lado a lado, mas muitos deles mantêm os seus costumes singulares a despeito da proximidade geográfica, dos contatos sociais frequentes e da mistura e influência dos meios de comunicação. Desse modo, por apresentarem tão rica diversidade de sentidos que conduzem aos significados culturais, esses atores interessaram à pesquisa.

O *Bairro Triângulo* (figuras 13 e 14), em Porto Velho, ao lado da área central e delimitado às margens do Rio Madeira, formado, inicialmente, pelas residências dos trabalhadores da Estrada de Ferro Madeira Mamoré – EFMM, no início do século XIX. A partir dessa ocupação, vieram, também, comerciantes e seringueiros. O bairro recebeu esse nome em virtude de um *triângulo de retorno* das locomotivas da Ferrovia. Com cerca de 3.000 (três mil)³⁴ moradias, seus habitantes estabeleceram, no decorrer dos anos, uma relação com o rio, com atividades que envolvem desde pesca até construções de embarcações. Na configuração da paisagem há uma forma específica de moradia urbana, que não exclui as práticas do viver ribeirinho, embora muitos deles tenham, também, ocupação em repartições públicas e privadas.

³⁴ Fonte: Valores – IBGE.



FIGURA 13 - Limite Centro - Bairro Triângulo – início da enchente 2013/2014
FONTE: A autora

A paisagem observada na comunidade desse bairro portovelhense abrange uma ampla gama de elementos culturais. Os elementos culturais são materializados nos valores, na produção de sentidos que conduzem aos significados, nos comportamentos das pessoas, resultando na cultura, pela interação destas com a paisagem urbana e a paisagem natural.

Essa paisagem cultural, à margem direita do Rio Madeira, ofereceu à pesquisa um mosaico das representações sociais do ser humano buscado, representações sociais produzidas nas diversas culturas que se encontram e interagem nesse espaço e diversas temporalidades.



FIGURA 14 - Vista Parcial do Bairro Triângulo. Porto Velho/RO
FONTE: A autora (2013)

A *Comunidade Agrovila* (figura 15), na área rural, à esquerda do Rio Madeira, é formada por desalojados do seu lugar, a Cachoeira de Santo Antônio e seu entorno, espaço hoje ocupado pela Hidrelétrica³⁵ que leva o mesmo nome, portanto, uma comunidade com no máximo 04 anos de existência, com cerca de 50 (cinquenta) famílias. Com a paisagem construída a partir de sentidos culturalmente construídos em cultura estrangeira à cultura ribeirinha, essa comunidade exigiu da pesquisadora um olhar que fosse além do que se vê, jardim, flores, casas de alvenaria e ruas planejadas, um olhar analítico que vasculhasse os recônditos desse ser humano amazônico além dessa paisagem e desvendasse os seus sentidos.

³⁵A construção da Usina Hidrelétrica de Santo Antônio foi iniciada em 2010.



FIGURA 15 - Vista parcial da Comunidade Agrovila. Porto Velho/RO
 FONTE: A autora (2013)

A *Comunidade São Sebastião* (figura 16), com cerca de 70 (setenta) famílias, é a mais antiga das comunidades pesquisadas, formada, inicialmente, por uma só família, os Rabelo que, nos anos 1950, receberam autorização do bispo, prelado de Porto Velho, Dom João Batista Costa, para ocupar os espaços em torno de onde se construiria, mais tarde, a Igreja de São Sebastião.

A organização da paisagem, nesse lugar, mostrou à pesquisa que essa organização ocorreu de acordo com o uso que se fez da terra. Percebe-se nessas paisagens uma composição de tonalidades que se altera no dia, na noite, no amanhecer e no anoitecer. Enquanto a manhã oferece o nascer do sol sobre o Rio Madeira aos sujeitos do lugar, no entardecer, o próprio lugar transforma-se na mais bela paisagem portovelhense com o pôr do sol sobre ela.

Pequenas áreas do verde escuro das paisagens naturais misturam-se às árvores frutíferas, flores e pimenteiras, mas essas cores mudam com a chegada das águas, as inundações e os desbarrancamentos, antes em períodos bem marcados,

hoje, com a chegada das Hidrelétricas³⁶, sem tempo ou hora, outros tons surgem para compor o mosaico sobre essas paisagens.



FIGURA 16 - Vista Parcial dos espaços comunitários da Comunidade São Sebastião. Porto Velho
FONTE: A autora (2013)

As *Comunidades Maravilha* (figura 17) e *Niterói* (figura 18), com um total de 200 (duzentas) famílias, à margem esquerda do Rio Madeira, na área rural de Porto Velho, com paisagens naturais compostas de lago, igarapés, nascentes e espaços humanizados, também forneceram à pesquisa sentidos culturais próprios e significantes.

³⁶ Hidrelétrica de Santo Antônio, a cinco (05) quilômetros do centro de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia, e Jirau, a cento e trinta e cinco (135) quilômetros dessa capital.

Com paisagens culturais ricas em sentidos, percepções e representações, essas comunidades apresentam concepções de vida significativas que, em um relacionamento com os grandes campos funcionais da sociedade portovelhense, conseguem preservar sentidos com características predominantemente rurais.



FIGURA 17 - Vista Parcial dos espaços comunitários da Comunidade Maravilha. Porto Velho
FONTE: A autora (2013)

A pesquisa ocorreu com a integração dos colaboradores, coconstrutores deste estudo, que possibilitaram os resultados das análises e as respostas às indagações iniciais e assim se pôde desvendar os seus sentidos culturalmente construídos, suas percepções e suas representações sociais sobre a água e a problemática que a envolve.

Com a pesquisa em campo, desvendou-se o ser humano amazônico dessas paisagens pela representação oral e pelo cenário natural do lugar visto e sentido por eles. De outro modo, a busca pelo sentido, percepção e representação social dessas comunidades sobre a água e fornecidos pelas narrativas e imagens (mapas mentais) consistiu, em todo o decorrer deste estudo, em uma representação vista e sentida

pelo sujeito do lugar, aqui entendido no sentido coletivo, dinâmico, de construção de sua história.



FIGURA 18 - Vista Parcial da Comunidade Niterói. Porto Velho/RO
FONTE: A autora (2013)

Os enunciados se constituíram das palavras e imagens, portanto, emergiram tornando evidente o sentido da água percebido. Uma dimensão na qual a água pôde ser observada enquanto representação. Lembrando que o olhar às paisagens que se mostram aos olhos não são suficientes para explicar as representações expressas nessas paisagens.

Desse modo, para compreender esses sentidos, percepções e representações sociais a partir das paisagens desses cenários, entendeu-se necessário realizar uma leitura do universo simbólico criado e recriado pelos colaboradores e assim possibilitar o estabelecimento de relações acerca daquilo que esse ser humano amazônico foi capaz de criar em relação ao ambiente no qual ele vivencia suas experiências (ALMEIDA, 2003).

Com a compreensão de que a forma de mediação das representações se manifestarem está na palavra, maneira mais evidente de comunicação existente entre os indivíduos, utilizaram-se as teorias de Frege (1978), Moscovici (2011), Berger e Luckmann (2012), Bakhtin/Volochinov (1999) e de outros autores que dialogam com a compreensão do sentido no olhar geográfico e contribuíram para a compreensão do sentido na enunciação e no processo dialógico, com a certeza de que, quando se trata da comunicação da vida cotidiana, a palavra é fundamental (MINAYO, 2007).

3.4 A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NAS PAISAGENS OBSERVADAS E A OBTENÇÃO DOS DADOS À PESQUISA

A proposta de conhecer sentidos, percepções e representações sociais em comunidades amazônicas para (re)conhecer as lógicas dessas comunidades exigiu a presença da pesquisadora e seu envolvimento com a cultura a ser analisada. Com esse intuito, fizeram-se: visitas às comunidades, confecção do diário de campo, entrevistas, gravações de narrativas, elaboração de mapas mentais, tratamento e análise dos dados.

Com a finalidade de se alcançar o objetivo traçado, desenvolveram-se encontros com associações, cuja finalidade foi identificar as lideranças e participar do dia a dia dessas comunidades por dezoito (18) meses, de setembro de 2012 a março de 2014. Com esse envolvimento, fizeram-se visitas aos colaboradores, adquirindo-se a confiança e troca de conhecimento.

Após o fortalecimento das relações, fez-se uma primeira visita, em outubro de 2013, com o interesse em explicar este estudo aos colaboradores já escolhidos entre lideranças, dando-se a preferência às pessoas mais velhas ou pessoas que realmente fizeram, com seus atos e sua voz, a diferença para a construção e desenvolvimento de cada uma das comunidades. Outras visitas (outubro, novembro, dezembro e janeiro/2013) foram feitas a cada colaborador, num primeiro momento, para identificar o trabalho proposto e propor novos encontros (muitas vezes após segundo e terceiro encontro, os próximos foram marcados e desejados pelo próprio colaborador).

Nesses encontros, havia sempre um clima de cordialidade e amizade, com a oferta de frutas, almoço e outras gentilezas por parte do colaborador. Com o

caminhar deste estudo, houve o amadurecimento das relações e o refinamento do olhar, enquanto geógrafa que proporcionou à analista a construção, especialização e reavaliação de sentidos e valores para a correta compreensão da paisagem cultural observada.

Para a aproximação necessária com as pessoas do lugar, optou-se pela coleta de dados por meio de entrevistas não estruturadas e mapas mentais, uma metodologia que direciona a análise para uma codificação essencialmente indutiva que conduziu aos sentidos culturalmente construídos desses colaboradores.

Essa preferência se deu pela compreensão de que, por meio das entrevistas não estruturadas e imagens, o colaborador encontraria o espaço necessário para expor os sentidos e significados culturais e, com as narrativas e a elaboração de mapas mentais, daria o sentido cultural às suas experiências vividas, sentidos construídos numa relação de vida com a água amazônica, ou seja, o sentido buscado no decorrer deste estudo.

Para desvendar os sentidos e percepções através das imagens, solicitou-se a elaboração de mapas mentais a duas pessoas de cada comunidade. Em todo o decorrer da pesquisa, na relação com os sujeitos das comunidades analisadas, uma grande dificuldade encontrada foi quanto à disposição dos colaboradores à elaboração desses mapas mentais. Acredita-se que essa falta de disposição se deve ao fato de que os colaboradores já adultos, não gostam de desenhar, pois, em sua maioria, a desculpa ouvida foi: “*Não, eu não sei desenhar.*” No entanto, com o fornecimento do material, lápis, papel A4 e borracha, cinco (05) mapas foram elaborados. Portanto, por encontrar a negativa de muitos colaboradores à elaboração desse mapa, só com 05 deles dialoga-se neste estudo.

Para a elaboração desse mapa mental, antes do contato com os informantes, elaborou-se uma pergunta para ser respondida em forma de mapa. A pergunta, propositalmente elaborada, pela qual se buscou resposta - **O que é sua comunidade para você?** - teve o objetivo de observar a presença ou não da água no imaginário, na memória e na percepção de cada um através do seu mapa mental, ou seja, a presença da água no mundo vivido desse homem/mulher amazônico. Ressaltando que, nesse diálogo proporcionado pelo mapa mental e sua decodificação, não se procurou por superficialidades ou resolução de problemas.

Na interpretação e compreensão desses mapas, levou-se em conta que as construções sígnicas encontradas estão inseridas em contextos sociais, espaciais e

históricos coletivos, referenciando particularidades e singularidades das paisagens culturais dessas comunidades pesquisadas. Portanto, para essa interpretação/decodificação, utilizou-se a Metodologia Kozel (2007) tendo como aporte o *Dialogismo* proposto por Bakhtin/Volochinov (1999) que permite analisar os sinais, símbolos ou signos representados nos mapas mentais, como enunciados.

Para a análise das narrativas obtidas, seguiu-se, inicialmente, o tratamento proposto por Meihy (2005), com a gravação digital, transcrição e textualização de cada narrativa para, a seguir, utilizar a metodologia *Grounded Theory* com a utilização do *software* ATLAS/ti.

Tanto as palavras, quanto os mapas mentais são vistos neste estudo como modos de comunicação que transmitem visões de mundo e modos de vida. Para a compreensão e análise dessas imagens, os sentidos culturalmente construídos pela pesquisadora na(s) cultura(s) observada(s) foram essenciais.

Para a compreensão de cada narrativa e análise desses dados, buscou-se, sob um olhar fenomenológico, compreender o ser humano amazônico como parte integrante da paisagem observada, sua forma de pensar, modificar e ver, com esse fim, procurou-se o apoio teórico, principalmente, em Edmund Husserl (1996, 2002) e Alfred Shutz³⁷ (1979), Paul Claval (2010; 2009; 2007; 2004; 2002; 2001), Dardel (2011), e Yu Fu Tuan (2012), Moscovici (2011), Bakhtin/Volochinov (1999), Berger e Luckmann (2012) e Heidrich (2013).

A gravação das narrativas foi realizada no momento mais propício apontado pelos entrevistados com ritmo e temporalidade própria. As interferências do entrevistador só ocorreram como forma participativa de interação. Para a escolha dos colaboradores, como já exposto, levaram-se em conta dois principais critérios: homens e mulheres com mais tempo no lugar, ou pessoas que tiveram relevância na vida social dessas comunidades.

Com a entrevista, cada colaborador expôs a sua forma de expressar seu mundo; com a gravação, foram registrados os fragmentos de memórias que refletiram tanto o individual quanto o coletivo. Para atingir a representação social de cada comunidade, tornou-se necessário, também, um processo de construção da narrativa. Com esse conjunto de narrativas, procurou-se compreender o viver do colaborador, sua cultura, seu grupo social. Para isso, esse colaborador teve a

³⁷A temática social a partir de uma concepção fenomenológica concebe o homem como sujeito ativo, interativo e participante.

oportunidade de rever sua entrevista, a correção em conjunto e aprovação do texto final.

Na fase da transcrição, o som foi traduzido para a grafia, procurando manter a reprodução fiel da fala e o ritmo narrativo do colaborador. Terminada essa fase, iniciou-se a textualização, momento em que a fala do entrevistador ausenta-se do texto e é realizada uma reorganização do discurso para, com isso, torná-lo mais compreensível e agradável (MEIHY, 2005). Nessa reorganização do discurso, procurou-se pela compreensão do colaborador com seus sentidos e significados, com a compreensão também de suas percepções e das representações sociais de sua comunidade.

3.5 O TRATAMENTO DOS DADOS

1. NARRATIVAS

Como já explicitado, para a análise das narrativas fornecidas pelas entrevistas, o software *ATLAS/ti* foi utilizado. Esse software é um programa indicado para análise longitudinal no qual se usam instrumentos diversos e complementares. Embora consciente de que o *ATLAS/ti* tem versões mais recentes disponíveis no mercado e em versão free disponível por trinta (30) dias na Internet, optou-se pela utilização da versão 6.0.

Com o auxílio do *ATLAS/ti*³⁸, foi possível organizar, registrar e acompanhar os registros efetuados, o que contribuiu para os resultados deste estudo. A partir dos conhecimentos teóricos revistos e com o conhecimento necessário para a utilização do *software ATLAS/ti*, seguiu-se a seguinte metodologia de análise às narrativas:

a. Pré-análise

Com a escolha metodológica da coleta de dados por meio de entrevistas não estruturadas, direcionou-se a análise para uma codificação indutiva³⁹, sem, no entanto, desrespeitar os sentidos culturais de cada comunidade, por isso as categorias de análise foram elaboradas após o exame dos dados coletados, no

³⁸ O curso para aprendizagem e manipulação do *ATLAS/ti* foi possível via Internet e está disponível no site <http://cer.berkeley.edu/atlasti-training>.

³⁹ Método indutivo é um processo mental que, para chegar ao conhecimento ou demonstração da verdade, parte de fatos particulares, comprovados, a fim de tirar conclusões genéricas.

caso, as narrativas resultantes das entrevistas realizadas e gravadas com os representantes das comunidades observadas em Porto Velho e Guajará-Mirim.

Primeiro, realizou-se uma leitura exploratória das narrativas, com o objetivo de identificar os conceitos-chave da pesquisa, atentando para os seus objetivos específicos. Essa pré-análise consistiu em uma exploração inicial do material por meio de uma leitura flutuante⁴⁰, a fim de (re)conhecê-lo e iniciar a identificação das unidades básicas de análise (conceitos), caminhando para o desenvolvimento de categorias.

b. Análise

A análise, em si, iniciou-se com a determinação das unidades de registro por tema e com a atenção do pesquisador no sentido dado a cada uma das enunciações dos colaboradores (BARDIN, 1977). A caracterização da enunciação, sentido e significado cultural se adequou à pesquisa porque se utilizou das narrativas dos atores como expressões e variações das ocorrências dos conceitos por eles empregados.

c. Criação da unidade hermenêutica⁴¹

A unidade hermenêutica no ATLAS/ti foi criada colocando-se os arquivos textuais dentro do programa, no caso, as trinta e uma (31) entrevistas realizadas nas cinco (05) comunidades de Porto Velho e na comunidade de Guajará-Mirim. Feita essa inserção, cada entrevista passa a ser um documento primário (PD – *primary document*). Os documentos primários foram organizados de acordo com as duas regiões de interesse da pesquisa, para que fosse possível a comparação posterior. Portanto, os documentos foram divididos em duas famílias – comunidades portovelhenses (vinte e cinco entrevistas) e comunidade guajaramirense (seis entrevistas).

d. Codificação – abordagem indutiva

Realizada a leitura exploratória dos documentos, bem como a organização dos mesmos na unidade hermenêutica, a próxima etapa foi codificá-los, isto é,

⁴⁰ Leia-se uma leitura prévia, para observar cada narrativa e reconhecer na fala do colaborador o sentido dado às suas palavras.

⁴¹ Unidade Hermenêutica: consiste no arquivo do software ATLAS/ti, no qual todos os dados da pesquisa são depositados.

classificar o texto de acordo com categorias e recortá-lo em códigos. A aplicação dos códigos foi direcionada tendo em vista os objetivos da pesquisa, o que canalizou esforços de interpretação e sumarização dos dados.

A codificação iniciou-se com a leitura do texto em busca de informações salientes (citações), observando-se o que foi proposto na pré-análise, e a seguinte aplicação de códigos ao texto, ou seja, a rotulação das instâncias relevantes de cada documento (desenvolvimento de categorias). À aplicação dos códigos, somase a comparação constante dos trechos codificados com o mesmo código. Por conseguinte, os códigos criados foram sendo aplicados a novas instâncias, tendo em vista a busca por padrões e variações de fala, com respeito ao seu sentido e significado.

Após a aplicação inicial dos códigos aos documentos, buscou-se refinar a codificação, criando ou excluindo códigos, visando à saturação da codificação, ou seja, uma classificação das citações do texto que atendessem ao máximo os objetivos de pesquisa, extraindo todas as informações possíveis, procurando sempre dar ênfase ao sentido cultural.

Realizado o refinamento da codificação, os códigos criados foram agrupados em famílias, o que significa o agrupamento de códigos que direcionam para o entendimento de uma mesma questão. Feito isso, houve a categorização dos documentos primários.

e. *Outputs – arquivos de saída*

Após a categorização dos documentos primários (31 narrativas), geraram-se *outputs* dos códigos e das citações. *Outputs* são relatórios gerados automaticamente pelo ATLAS/ti, os quais são relevantes para se ter uma ideia geral da categorização realizada, permitindo que exista a leitura de todas as citações relevantes organizadas por código. Tais relatórios compõem a maior parte da análise qualitativa dos documentos, de modo que são úteis para a interpretação dos dados e para a formulação de inferências de pesquisa.

f. *Gráficos*

O ATLAS/ti permitiu o tratamento estatístico aos códigos inseridos nos documentos. Uma das opções de *output* no menu de códigos é a geração de matrizes no Excel, nas quais estão dispostos todos os documentos primários e a

contagem dos códigos (por documento) inseridos. A partir dessa ferramenta, é possível levantar, quantitativamente, os códigos por meio da elaboração de gráficos, o que também contribui para a formulação de inferências e, principalmente, para a análise comparativa entre as comunidades de Porto Velho entre si e dessas comunidades em relação à comunidade de Guajará-Mirim.

g. Query Tool

A *Query Tool* é uma ferramenta de busca de texto no ATLAS/ti. Diferente de uma busca de texto simples pela contagem de palavras, essa ferramenta permite que haja a procura das citações marcadas em todos os documentos primários, bem como a identificação de relações entre os códigos (de famílias diferentes) e as citações. A busca de sentido nas palavras utilizadas nas narrativas dos entrevistados foi feita a partir dessa ferramenta que, com auxílio da compreensão e construção, especialização ou reavaliação de sentidos por esta autora, buscou identificar os motivos para determinados padrões e variações de pensamento, o que resultou na montagem das redes gráficas que fazem parte de toda a análise.

h. Análise dos resultados fornecidos pelo Atlas/ti

Após a leitura dos relatórios gerados, da interpretação dos gráficos elaborados, bem como do uso da ferramenta *Query Tool*, foi possível ter um panorama geral acerca dos resultados gerados para a pesquisa pelos dados colhidos em campo (narrativas obtidas como resultado das entrevistas aos colaboradores).

2. MAPAS MENTAIS

Para o tratamento aos mapas mentais, utilizou-se da Metodologia Kozel (2007), com a qual se fez o diálogo com os mapas elaborados pelos colaboradores. Para a análise de cada um desses mapas, delimitaram-se os seguintes pontos:

1. Interpretação quanto à forma de representação dos elementos da imagem;
2. Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem;
3. Interpretação quanto à especificidade dos ícones: Representação dos elementos da paisagem natural, Representação dos elementos da paisagem construída, Representação dos elementos móveis, Representação dos elementos dos humanos;
4. Apresentação de outros aspectos ou particularidades (KOZEL, 2007, p.133).

Desse modo, a análise dos dados foi pautada na compreensão de que a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. Levou-se em conta que, em uma paisagem cultural tão diversa quanto a encontrada nas comunidades pesquisadas, cada um dos elementos significativos isoláveis de uma enunciação e a enunciação toda são transferidos nas nossas mentes para um contexto ativo e responsivo (BAKHTIN/VOLOCHINOV,1999).

Ademais, na busca pelas percepções e representações do humano amazônico e em toda a análise dos dados obtidos em campo, utilizou-se o princípio dialógico que perpassa a própria noção de enunciação e, conseqüentemente, de significação da língua, vai além, vai ao sentido culturalmente construído. Esse mesmo sentido que conduz à percepção, aos variados pontos de vista e ao (re) conhecimento das representações sociais que conduzam ao conhecimento das lógicas das comunidades pesquisadas.

Na análise desses dados, colocou-se pesquisadora e colaborador como interlocutores e a enunciação como a orientação da palavra para uma determinada situação de mundo, construído com sentidos culturais e anunciados para serem compreendidos.

CAPÍTULO IV

A ÁGUA COMO CONSTRUTORA DE SENTIDOS, PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS



Figura 19 – Comunidade São Sebastião – Enchente de 2012/2013
FONTE: A autora

*Gotas de água da chuva
Tão tristes, são lágrimas
Na inundaçãõ...
(Planeta água, Guilherme Arantes)*

4 A ÁGUA COMO CONSTRUTORA DE SENTIDOS, PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

As narrativas obtidas, assim como os mapas mentais elaborados em campo, foram analisados como diálogos que possibilitaram a compreensão dos sentidos em relação à água percebida e vivida pelas comunidades analisadas.

No diálogo com esses dados, na busca desses sentidos, lembrou-se que a percepção é o resultado desses sentidos e acontece de forma subjetiva e se liga ao mundo vivido desses colaboradores. Por isso mesmo esses sentidos expressam elementos importantes para a compreensão desse elo afetivo do homem com o lugar e no qual a linguagem e a comunicação têm papéis relevantes. São nas cenas enunciativas, na interação verbal que ocorre a construção de sentidos e produção dos significados e é nessa interação colaborador/pesquisador que esses sentidos foram observados nessas comunidades amazônicas.

Nos diálogos proporcionados pelas narrativas e pelos mapas mentais, esses colaboradores expressaram maneiras de sentir, viver, dizer, observar e estranhar, se misturando na heterogeneidade encontrada nessas comunidades, sentidos que necessitam ser comunicados, ser expressos no espaço. Nessa necessidade do viver ser dialogado com os outros homens entra em cena a perspectiva do dialogismo bakhtiniano na concretização dessas interlocuções (SOUSA, 2012).

Por isso, nesse exercício dialógico, utiliza-se a perspectiva bakhtiniana de que a língua se move continuamente e se desenvolve sempre na vida social, na relação com o outro. De modo que o fenômeno social da interação verbal constitui a realidade fundamental da linguagem em que se materializam as enunciações. Esse processo de materialização das enunciações ocorre por meio da palavra, o recurso que possibilita a expressão.

Essa palavra é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Pela palavra, o homem/mulher se define em relação ao outro e em relação à coletividade. “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999, p. 113).

Desse modo, a produção da enunciação inclui a existência de um auditório social, pois a palavra sempre se dirige a um interlocutor que pode ser real ou ser um representante médio da sociedade. De acordo com Bakhtin e Volochinov, portanto, “[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados [...]” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999, p. 112).

Isso pressupõe que tanto a situação imediata quanto o meio social mais amplo definem, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação. A situação imediata de interação verbal que envolve os sujeitos interlocutores das enunciações produz efeitos para si e para os outros no momento em que elaboram a sua atividade mental. A complexidade do discurso interior produzido pela atividade mental do sujeito depende das relações estabelecidas entre o sujeito e o discurso da coletividade, ou seja, da atividade mental do nós.

A fim de dar uma clara ideia do conteúdo de cada narrativa, antes de expor a análise da totalidade de dados proporcionados com o auxílio do software ATLAS/ti, optou-se por apresentar a narrativa dos colaboradores de cada uma das comunidades observadas e seus respectivos mapas mentais. Após a apresentação desses diálogos, apresenta-se a análise dos dados proporcionados pelo ATLAS/ti.

4.1 UM BREVE OLHAR SOBRE AS NARRATIVAS⁴²

Nas falas dos colaboradores, compreendeu-se que muitos deles têm na beira do rio o seu lugar. Para uns, o rio é o local de trabalho, da sobrevivência, da atividade econômica, do lazer. Para outros, o rio transformou-se no medo e na necessidade de mudanças. No entanto, perceberam-se, na narrativa desses homens/mulheres amazônicos, os seus sentidos culturais e seus significados, trazidos à tona por suas memórias que desnudam suas identidades, conduzindo este estudo aos seus sentidos, percepções, representações sociais e lógicas de comunidade.

⁴²Todas as narrativas (31) foram analisadas e estão expostas nas redes e nos anexos. Escolheram-se 05 delas para observar aqui por estarem acompanhadas dos seus respectivos mapas mentais. Somente a narrativa do colaborador da Agrovila está exposta e não acompanha o mapa mental.

a. Colaborador 01

O colaborador 01 nasceu em Porto Velho, filho de nordestinos, com valores e sentidos repassados por seus pais a partir da cultura nordestina. Morador do Bairro Triângulo, em Porto Velho, local onde construiu seus valores culturais, casou com moça portovelhense, também filha de nordestinos, criou 04 (quatro) filhos e contribuiu e ainda contribui para a modificação da paisagem natural e a construção da paisagem cultural.

Colaborador: F.C. S. – 60 anos, nascido no lugar. Lado direito do Rio Madeira. Bairro do Triângulo – Porto Velho.

Meu nome é F. Eu vivi por 40 anos da pescaria... Levantava muito cedo... Voltava com o barco cheio... Agora não pesco mais... Meus filhos ainda pescam... Antigamente, até 2011, a gente podia utilizar essa água, a água do Rio Madeira era a água de casa, mas depois da Usina a água ficou contaminada... Antigamente a gente usava para tomar banho, para beber, agora até o peixe que sai do Igarapé para desovar morre nessa água (se referindo ao Igarapé que deságua no Madeira), Algo tem de errado nessa água... Os técnicos vêm aqui, mas nada fazem, tiram um pouco d'água e nem respondem mais... Eu tenho 04 filhos, todos nascidos e criados aqui. Eles iam estudar na cidade, ali no morro... Minha mulher foi do lar a vida toda... Eu sustentava tudo com a pesca... Hoje... Nem peixe no rio subiu mais, para não dizer que não subiu peixe este ano subiu um cardume de Mandy... As casas que eu e meus filhos fizemos estão caindo, vieram as águas e desbarrancou tudo... Meus filhos se empregaram na Usina... mas, ainda pescam... Eu esperava que pelo menos eles mantivessem o bairro, aqui já vi em vários governos retirarem gente. Meus amigos, nesta última leva, saíram daqui para morar no aperto, que casa que nada, um negócio fechado que daqui alguns dias cai tudo... Sem rio, sem nada... Plantei aqui as mangas, caju, limão, de tudo eu tinha aqui, agora tudo foi pro rio... E o bairro, não existe mais... Limpar o rio não dá mais. A senhora viu o que aconteceu com o rio Jamari quando fizeram a Usina lá, acabou todo o peixe. Eu falo pros meus filhos que o futuro vai ser ruim?

Antes no tempo da piracema a gente pegava peixe com a mão, agora acabou. Falo para a comunidade se reunir para ver se fazemos alguma coisa, ninguém pode tomar banho, nem no rio, nem no Igarapé que dá coceira e falei com pessoas, lá dentro (se refere à dentro da Usina) morre toneladas de peixe e a gente aqui passando necessidade. Agora paga a água para tomar banho, para lavar roupa e louça...

A gente ainda utiliza outro tipo de água, mas as pessoas aí para baixo não têm condição, usam essa água contaminada, nós usamos a água comprada... com esse mundo de água... temos de comprar água...

As pessoas precisam se reunir para tomar providência... Começa com o esgoto de Porto Velho, cai tudo dentro do rio e para completar essa Usina, o óleo e tudo mais...

Na minha infância, eu via esse rio como tudo de bom, aí atrás tem um Igarapé, a gente bebia e usava em casa a água do Igarapé, criei meus filhos assim, no verão dava praia... A praia do Madeira... daí a gente ganhava um dinheiro dos turistas atravessando o rio e levando gente para se banhar no rio Madeira, agora, nem dá praia e ainda a gente tem que dormir com o olho aberto, a Usina solta a água a noite e a gente nem espera, se não cuida perde os barcos, eu já perdi a balsa. É uma tristeza...



FIGURA 20 - Mapa Mental 01 - Bairro Triângulo – Porto Velho – RO

FONTE: Colaborador F. C. da S. – 60 anos. Ícones: linhas, figuras geométricas. Elementos da paisagem natural: o rio, a água. Elementos da paisagem construída: casa, estrada de ferro. Elemento humano.

Nessa sua narrativa, proporcionada à pesquisa pela oralidade e pela imagem (figura 20), observa-se que esse colaborador nasceu inserido na cultura da comunidade pesquisada, construiu sentidos nessa paisagem cultural e, através desses sentidos, percebe o perigo. Uma paisagem que ele ajudou a construir, ali constituiu família, educou os filhos, repassou sentidos e com eles valores. Agora, esse colaborador sente receio pela perda do seu lugar (figura 21).

Com sua experiência pessoal, ele estrutura e dá o seu tom sentimental às paisagens e, pelos seus sentidos, percebe e vai da experiência aos propósitos enquanto sujeito. O conhecimento de mundo que esse humano amazônico adquiriu, com todas as suas possibilidades e limitações, permite-lhe fazer o reconhecimento de suas paisagens e, pela sua narrativa, expõe suas inquietações quanto às modificações por ele observadas.



FONTE: portalamazonia.com.br (2012)

FIGURA 21 - Casas desocupadas no Bairro Triângulo. Construção de muro de contenção às águas. Porto Velho/RO

Como sujeito ativo na paisagem cultural em que está inserido, ele expõe sua percepção e deixa que os seus sentidos natos (visão, tato, audição e olfato sejam orientados por sua cultura, a cultura ribeirinha, na vivência com o rio, nas movimentações das águas) venham à tona. Desse modo, pelos sentidos construídos culturalmente, esse indivíduo se representa pelo seu discurso e demonstra a singularidade da sua percepção.

Na imagem do seu mapa mental há a representação do elemento natural: o rio, a presença humana representada pela figura do humano e pela paisagem construída: as casas e a estrada de ferro. Em sua resposta, esse informante representa o vazio de sua paisagem, seu lugar desterritorializado, com a água chegando às casas que restam. Esse humano amazônico representa, também, sua

tristeza pelas lágrimas que correm no rosto percebido e representado, mostrando, desse modo, por sua representação simbólica, o que ele próprio sente e percebe: o seu lugar sem vida, sem árvores, sendo modificado pelas águas do rio e pela interferência humana.

No olhar da geógrafa pesquisadora, também fica a marca dessa cultura, ao observar a paisagem do homem que vive o rio. Ao analisar a cultura desse ser humano amazônico que, a partir da chegada de novos projetos em suas águas, teme a perda do seu lugar, de suas raízes. Esse humano que viu seus amigos, compadres, irmãos e filhos saírem do bairro, não por vontade própria, mas pela intervenção humana na natureza. Um homem fechado, contido em seus sentimentos, em momento de extremo sofrimento, esse humano se mostra acolhedor ao contato com pessoas desconhecidas e mantém um tratamento respeitoso e o compromisso da palavra. O ser humano que, mesmo vivendo ao lado das mazelas urbanas ainda conserva seus sentidos construídos na cultura ribeirinha: pacífico, plácido, esperando as mudanças que estão por vir.

Pela oralidade, esse colaborador compôs o seu quadro e o forneceu à pesquisa. Nesse quadro ele demonstrou seus sentimentos, reorganizou fatos e resgatou lembranças inseridas em seu imaginário coletivo, com sentidos relacionados à água e a tudo aquilo que ela representa.

A paisagem do Bairro Triângulo (Porto Velho) é recoberta por um universo simbólico que nos direciona para a água, considerada então, como uma categoria sociocultural que ordena e organiza esse espaço de vivência. Um espaço repleto de atrativos naturais, como os açazeiros, mangueiras, coqueiros, e que se mostram ausentes do imaginário social desse colaborador.

b. Colaborador 02

Nascido no Amazonas, o colaborador 02 veio à região já adulto, portanto, com sentidos construídos em sua própria cultura. Com sentidos, percepções e representações sociais que lhe permitiam ver o mundo de uma maneira diferenciada das pessoas que aqui encontrou, conheceu sua companheira nessa comunidade, casou-se e constituiu família. Integrou-se à comunidade Niterói, construiu sua casa à beira do rio e nesse lugar tem construído seus sonhos.

Com o casamento e a convivência no lugar, ele construiu sentidos na cultura da comunidade analisada e, pela interação e troca de saberes, também influenciou

na construção de sentidos de sua comunidade e na construção da paisagem cultural ali observada.

Colaborador: A. I. P. – 47 anos, mora na comunidade há 25 anos. Lado esquerdo do Rio Madeira. Comunidade Niterói – Porto Velho.

Eu vivo da pesca e arrumei um emprego de salário mínimo, carrego as crianças para a escola do outro lado... A água para mim e tudo... Sobrevivo dela, mesmo quando não estou pescando, minha carteira marítima me deixa viver dela... Tenho três filhos... Todos estudam do outro lado... Então a gente atravessa esse rio todo dia... Minha mulher também pesca... Aqui todo mundo é parente... Tem umas 250 famílias... Eu não me criei aqui, mas aqui encontrei minha mulher... essa coisa linda... Ela nasceu e se criou aqui... Todos têm parentes... Eu vi mudança depois das Usinas... Ninguém pode passar lá para cima e o peixe também não consegue subir... O peixe também não gosta de água suja, ele subia com as águas mais limpas... Para usar essa água tem que fazer tratamento com cloro, não jogar óleo e sujeira na água é importante porque senão mata até os filhotinhos e por isso diminui os peixes na água...

Eu costumo enterrar o lixo e não joga no rio, o rio hoje tá afetado, a gente deveria ter uma contribuição para essa gente, mas a gente hoje vive com temor... Eu penso que as coisas aqui antes de serem feitas tem que ser bem estudadas porque estamos correndo risco, a gente não dorme mais, pois o medo dessas usinas arrebentarem e a água levar tudo, a gente não planta mais, pois vem a água forte e leva o barranco todo. O rio Madeira sempre foi forte, mas a gente sabia quando vinha a força, isso tinha tempo, hoje ninguém sabe a força da água, pois é a força do pessoal da Usina que abre e não avisa... Até as mangueiras que eu plantei nesse lugar estão desbarrancando... No verão eu plantava quiabo, mandioca... Uma coisa ou outra... Agora não dá... Muita gente se empregou na Usina, mas as mulheres acabaram arrumando outro marido e algumas deixaram até seus filhos para trás... A água para beber também está muito ruim, porque antes se tratava a água do Igarapé, agora o Igarapé está cheio de peixe morto, os jacarés aumentaram, os botos rosas arrebentam as redes e o que a gente pega e a gente não tem nem um poço artesiano, ninguém pensa na gente, quem tem o poder não pensa nas pessoas mais simples... Eu respeito as águas... A gente vive dela... Quem pensa que vida de pescador é fácil, não é... Já levei muito susto... E sobrevivi... Estou sobrevivendo. A gente não sai aí fazendo greve, bagunça nada, só fica aqui quieto, esperando...

Como falar de água com quem vive a água? Na fala desse colaborador, reconhece-se nos seus sentidos percepções e representações à água como o seu mundo vivido. A água como paisagem geográfica, vivenciada e modelada de acordo com as relações simbólicas que vão sendo criadas na tessitura da superfície e por isso mesmo uma paisagem portadora de sentidos. Esse humano amazônico, pela sua narrativa, deixa claro que a paisagem natural constituída pelas águas está na base de suas representações e apresenta à pesquisa seus temores e anseios.

A paisagem observada e narrada por esse ser humano pertencente à Comunidade Niterói (figura 22) mostra que suas representações a respeito da água estão delineadas, basicamente, por duas categorias: subsistência e temor. O sentido do ribeirinho, seguro, conhecedor do seu lugar dá lugar ao temor ao novo empreendimento trazido pelo homem e suas variações com inundações fora do seu

calendário, construindo novos sentidos, percepções e representações: As Usinas Hidrelétricas do Madeira.



FIGURA 22 - Comunidade Niterói – Porto Velho
FONTE: A autora

Esse humano amazônico vê sua vida se modificar: *Muita gente se empregou na Usina, mas as mulheres acabaram arrumando outro marido e algumas deixaram até seus filhos para trás.* E percebe sua subsistência se extinguir: *O peixe também não gosta de água suja, ele subia com as águas mais limpas e, pela sua oralidade, demonstra seus sentidos percepções e representações e os fornece à pesquisa*

como um ser em busca de respostas e soluções aos seus temores na manutenção da sua paisagem natural envolta nas modificações de sua paisagem cultura.

A natureza que tecia a condição de sujeito nesse humano ribeirinho foi enfrentada e modificada. Suas escolhas de viver no lugar, de viver à beira do rio e ser produto e produtor dessa paisagem estão ameaçadas. A intimidade com a paisagem ribeirinha, que o permitiu escolher essas paisagens como o seu lugar, deixou de existir. Não há mais a segurança do lugar, tudo desmorona em volta, o barranco, as plantas, as famílias. O *banzeiro*⁴³ do tempo certo, agora aparece a qualquer hora, e faz com que o temor das águas passe a fazer parte de suas representações.

MAPA MENTAL 2



FIGURA 23 - Mapa Mental 02- Comunidade Niterói- Porto Velho – RO

FONTE: Colaborador A.I.P - Ícones: linhas, figuras geométricas. Elementos da paisagem natural: o rio, a água, os peixes, as galinhas, o lago, as árvores etc. Elementos da paisagem construída: casas, barco. Elemento humano, embora não seja evidente, está presente por suas diversas obras. (2013)

No mapa (figura 23), em perspectiva, esse colaborador utilizou de linhas e figuras para a representação da paisagem observada e vivida. Em sua resposta à pergunta: **O que é sua comunidade para você?** Ele expõe sua vida em relação à

⁴³Banzeiro é um termo muito usado na Amazônia para designar as ondas formadas nos rios.

água, sua casa, suas plantas, sua criação, sua vizinhança. A identidade amazônica ribeirinha que constitui sua própria identidade.

Pela oralidade e pela imagem, esse colaborador expõe a sua interação com a paisagem, mas demonstra que, pelos seus sentidos culturalmente construídos, passa por uma crise de sentidos e se percebe que já não é o sujeito de transformação dessa paisagem. Mas sabe, também, que é sob a interferência objetiva e subjetiva do homem que essa paisagem é transformada. Através de sua percepção, sabe que sua paisagem está sendo modificada e teme pela perda de seu lugar, não com revolta, mas silenciosamente, permanece na quietude e sobrevive: *Estou sobrevivendo. A gente não sai aí fazendo greve, bagunça nada, só fica aqui quieto, esperando...*

c. Colaborador 03

Nascido em Rondônia, o colaborador 03 veio integrar as paisagens ribeirinhas do Rio Madeira aos sete anos de idade, filho de pais rondonienses, com sentidos construídos no lugar, vê perigos em sua água. Na comunidade São Sebastião (figuras 24 e 26) ele cresceu, constituiu família e educou seus filhos. Com sentidos construídos em sua comunidade tão próxima do viver urbano, especializa seus sentidos, reavalia-os no convívio e na comunicação com o urbano. Em uma crise de sentidos, ele descreve sua trajetória de vida e demonstra, por suas percepções, o receio do futuro incerto de sua água, do seu espaço, do seu lugar.

Colaborador: J. R. R. F., 64 anos. Comunidade São Sebastião – Porto Velho. Mora na Comunidade há 57 anos.

Meu nome é J. Eu moro aqui, desde mil novecentos e cinquenta e sete. Eu tinha sete anos de idade. Nasci aqui em Rondônia mesmo.

Antes nós consumíamos essa água do rio Madeira, hoje ninguém consome mais que está muito poluída. E... Agora nós temos um poço artesiano aqui. Ele foi construído através de um projeto do PLANAFLORO e hoje nós consumimos essa água... Mas é com muita dificuldade, sabe. Que hoje nós abastecemos um dia sim e outro não. E aí quando queimam a bomba, aí a dificuldade é mais. E hoje eu vejo é muito essa água ser poluída, hoje nós tínhamos, nós temos aqui esse córrego aqui atrás aí, oh, que a água antes era boa... É o Igarapé São Sebastião...

Hoje você vê essa água aí é totalmente poluída devido construção da hidrelétrica aí, né? Mudou esse povo pra cá, né? Aí não teve assim uma estrutura bem adequada, então, quando eles vieram para aí, tudo que tinha de fossa caía dentro do igarapé... Então essa água ficou poluída, aí nós sofremos com isso, né? Então, daqui para frente, não sei não. Melhoría, graças a Deus, o ano que eu cheguei aqui, cinquenta e sete... Pra cá mudou muito, nós sofremos muito aqui, com meus pais, nós chegamos aqui na área ribeirinha abaixo de São Carlo, que é um distrito aqui de Porto Velho, aí nós viemos pra cá, a gente sofreu muito, que esse mundo assim quem não tem nada não tem nada... Quem tem é

numa boa, quem não tem, sofre bastante, né? Mas pelo que eu vejo, graças a Deus, eu criei minha família pescando e na agricultura, né? Depois empreguei aqui nessa casa de força aí que gerar energia pra comunidade aí foi o que melhorou... Porque assim você vê bem... A gente no interior a gente, o estudo da gente é fraco... Às vezes a pessoa tem vontade de estudar mas não tem a escola, com dificuldade, a hoje tá acontecendo também, antes era pior porque a hoje tá acontecendo também o material é muito caro, né? Nem todo pai tem o dinheiro para comprar material escolar, né? Um transporte... Que hoje em dia tudo é difícil... Pra quem mora na zona rural, né? Transporte, tudo. Então a dificuldade é essa. Antes que ninguém ligava pra nada porque não tinha mermo nada... Mas a gente sobrevivia. É, meu pai criou nós com a agricultura... E eu que já criei meus filhos com a pesca e a agricultura, também...

Eu tenho... Três filhos, é.. Biológico... E tenho um adotivo, mas tudo eu considero como filho, são quatro filhos. É, todos eles terminaram o segundo grau... Todos terminaram e, graças a Deus, tão empregado, e já tem, cada qual tem sua família, cada qual vive a sua vida, né? Com dificuldade mas vai levando...



FIGURA 24 - Imagens produzidas na Comunidade São Sebastião– Porto Velho
 FONTE: A autora

Eu vivia da pesca e hoje ninguém pode pescar mais porque o rio cavou... E antigamente nós tínhamos uma praia daqui até na balsa. Quando chegava os domingos era um meio da

gente ganhar um dinheiro, né? Porque, era um meio de ganhar um dinheiro porque traz esse de catraia, né? Sempre eu trabalhei isso também, além da agricultura e da pesca, sempre que chegava o sábado e domingo eu ficava... Para manter a família. Aí hoje tudo se acabou, o rio cavou e passou muita tranqueira no rio que é essas árvores de pau, né, que cava, desce no rio, que é o nome do rio é Rio Madeira... Por causa de tanta madeira que desce. Então hoje ficou difícil, ninguém pode pescar, e a outra coisa pior que está tendo também é os botos. Que é o boto cor-de-rosa que chamam... E os tucuxi não mexe não... Mas o do boi carrega muito peixe da malhadeira... Carrega. Então isso pra nós é um prejuízo, então hoje ninguém pode... Esse lado da lei aí ... Do governo, protege muito os animais... Eu concordo que proteja, né? Mas vamos ver o nosso lado, o sofrimento que nós temos aqui na área ribeirinha. Nós somos umas pessoas sofredoras aqui...

A gente vive uma vida dessa aqui mas... O dia-a-dia da gente não é fácil, não, tá.

Quando nós chegamos aqui meu pai às vezes falava assim "Meu filho, não é para derrubar mata, né? "Às vezes aqui, assim, até plantar uma fruteira assim, ele já ensinava o que tinha de fazer para ter. E aí nós fazíamos... Depois que ele faleceu, em oitenta... Aí comecei, e já fazia uma rocinha aí no mato, aí. Só pro sustento da família... Só pra sobrevivência mesmo, né? E nós ainda começamos a fazer já para manter em casa... Que era a lei também da agricultura e da roça, aqui sempre foi só roça que deu dinheiro aqui... E hoje você vê a farinha tá oito reais o quilo...

O futuro que eu vejo, se eles verem pro lado do pessoal da lei... Vendo pelo um lado a gente que é acostumado a viver na área ribeirinha, a gente que vê o que era a natureza, pra você ver hoje... A tendência é acabar. Se não tomar providência mesmo... Tendência é acabar.

MAPA MENTAL 3



FIGURA 25 - Mapa Mental 03 - Comunidade São Sebastião – Porto Velho – RO

FONTE: Colaborador J.R.R.F. Ícones: linhas, figuras geométricas, letras. Elementos da paisagem natural: o rio, a água, os peixes, árvores. Elementos da paisagem construída: casa, igreja, barcos, usina. Elemento humano está representado por suas diversas obras: usina, casas, barcos etc. (2013).

Não vejo nenhuma educação ambiental ou preservação... Esse lado aí nunca, nunca, nunca. Aqui eu moro desde mil novecentos e cinquenta e sete, né, nós estamos em dois mil

e treze, então isso da parte do governo, prefeito aqui, nós não temos nada, né? Ainda que passou aqui fazendo análise da água ... Mas nunca passou resposta pra gente foi a Santo Antônio, né? Pegaram a água do igarapé, pegaram a água do rio, pegaram os peixe do igarapé, pegaram os peixe do rio, mas a resposta até hoje nunca nós tivemos, de chegar na nossa comunidade e dizer pra nossa comunidade “ Vocês pode consumir esse peixe, vocês pode consumir essa água”, essa resposta nunca nós tivemos...

Nós chegamos aqui em cinquenta e sete, você olha assim a beira do rio era que nem essa mata aqui oh, só era floresta... E aqui era só um bananal, desde lá debaixo até lá em cima, foi plantada as seringueiras, você conhece a árvore seringueira, então foi plantado isso e aí o bananal se acabou... Aí quando nós chegamos aqui, em cinquenta e sete só tinha uma pessoa que morava aqui ... a primeira família que se colocou aqui nesta comunidade de São Sebastião foi a nossa. Eu, meu pai e minha mãe.

Pela sua narrativa, nota-se que seus sentidos são ligados à água, como um condutor de vida à sua comunidade e ao seu viver. Mostra a influência da água nas suas relações e na sua sobrevivência, deixa vir à tona os seus sentidos, inquietações e temores. Percebe-se que ele próprio tem dificuldades em traduzir em palavras essas inquietações.

Em seu mapa mental (Figura 25), ele utilizou linhas, figuras geométricas e letras, com elementos da paisagem natural: o rio, a água, os peixes, árvores que se juntam com os elementos da paisagem construída: casa, igreja, barco e a usina, tão presente em suas percepções. Ele expõe sua vida em relação à água, com toda a importância dada a ela em sua constituição enquanto sujeito e expõe suas memórias e seus temores.

Na decodificação desses signos que formam esse diálogo, ele expõe não somente suas representações individuais, mas sim as representações coletivas, de valores, sentidos e significados compartilhados na rede de relações dessa comunidade.

Sentidos construídos na água, com valores construídos nessa comunidade, o lugar escolhido por seus pais para criá-lo e criar seus irmãos, hoje, só lhe traz a certeza de que o seu horizonte concreto não existe mais. Em sua narrativa, esse homem amazônico demonstra que não vê mais a segurança em suas águas, ao contrário, a aderência que antes lhe garantia o equilíbrio de suas paisagens, a sua rotina de vida, está desabando e suas perguntas continuam sem respostas.



FIGURA 26 - Vista parcial da Comunidade São Sebastião – Porto Velho
 FONTE: A autora (2013)

d. Colaborador 04

Proveniente de comunidade rural do Amazonas, a colaboradora 04 trouxe os filhos para a beira do Rio Madeira e na Comunidade Maravilha (figura 27) os criou. Já viveu com seus filhos na área urbana, mas deu preferência ao viver nesse espaço, onde o rural prevalece e a paisagem natural ainda predomina.

Colaboradora: M. D. T., 68 anos. Comunidade Maravilha – Porto Velho. Moradora da comunidade há 05 anos.

Meu nome é M., sou amazonense, nascida em Três Cãs no Amazona, abaixo de Humaitá. Então a minha vida é assim: Sempre trabalhei no interior, na roça, plantando as coisas que eu gosto... Criei meus filhos, criei meus sete filhos assim, trabalhando assim, mas só que quando eles já eram grandinhos eu mudei para esse lugar. Antes, a gente morava em Porto Velho. Eles estudaram em Porto Velho, cada um já é dono da sua vida, comigo mesmo só tem duas netas, que mora comigo.

Eu moro aqui porque eu gosto. Eu gosto de plantar, criar minhas galinhas. Ter as minhas criações, minhas plantas, eu gosto...

Na minha infância eu e minha irmã morávamos em um castanhal, no seringal com meus irmãos, pois eu fui criada pelo meu irmão mais velho, meu pai morreu cedo, deixou tudo nós pequenos... O meu irmão mais velho e minha mãe... A minha mãe foi meu pai e minha mãe. Assim, a gente foi criada em seringal, cortando seringa, tirando sova, quebrando castanha,

foi assim que foi minha criação. Até agora, por isso que eu vivo aqui. Gosto de trabalhar na roça.

A água para mim é tudo... Rio, Igarapé, tudo aí pra mim é tudo... Eu gosto de peixe, de pegar peixe, comer peixe, da qualidade que eu gosto. Não é toda a qualidade de peixe que eu gosto... Eu fui criada no interior, mas não como todos os peixes que tem no rio, que pegam no rio. Minha mãe criou a gente assim, comendo peixe escolhido. Não foi qualquer peixe, não. Eu gosto de morar assim.



FIGURA 27 - Travessia a balsa em visita à Comunidade Maravilha (área rural) – Porto Velho
 FONTE: A autora (2013)

O rio Madeira aqui está meio feio... Porque está caindo tudo à beira do rio, tudo o que a gente planta... A gente planta alguma coisa assim pela beira do rio: Macaxera, abóbora, essas coisas, daí está caindo tudo. Pouca coisa fica, só alguma que dá. Maxixe, quiabo, essas coisas a gente planta... Cada coisa a gente planta um pouquinho, planta para dizer aquilo vamos vender, mas desbarranca e só dá para comer. Quando chega uma pessoa para comprar, vendo também. É assim, planta um pouquinho de roça, dali, dacolá, é assim. Quando eu faço dois quilos de farinha, vendo um... Vou vendendo, assim, de pouco. Não é aquele monte não, eu tenho biribá, tenho pupunha, tenho tucumã, tenho limão... Se a pessoa chegar aqui, me pedir, eu tenho que dar. “Dá mais limão?” Eu: Tá aqui. “Mais um.” Eu: Tá aqui. Eu dou, eu vendo. É assim que eu faço. Pouquinho, assim, vender de saco, três sacos, não. Dou de pouco...

Sair daqui??? Só se der enchente muito grande... Além do rio, tem o Igarapé. O Igarapé é longe. É longe. Tem o Jatuarana que passa lá pra trás... Água para usar tem o olho d’água lá atrás. Bem cristalina, de lá que a gente pega a água. Ou então a gente compra na cidade também. É... Compra água mineral na cidade.

Com o seu particular de vida, com suas poucas produções agrícolas e pequenas criações, ela percebe, também, que o seu mundo vivido não está mais seguro: *O rio Madeira aqui está meio feio. Porque está caindo tudo à beira do rio, tudo o que a gente planta.* Mas, como os outros colaboradores, insiste e permanece no lugar.

MAPA MENTAL 4



FIGURA 28 - Mapa Mental 04. Comunidade Maravilha – Porto Velho
 FONTE: Colaboradora M.D.T. Ícones: linhas, figuras geométricas. Elementos da paisagem natural: o rio, a água, os peixes, o lago, as árvores etc. Elementos da paisagem construída: casas, barco. Elemento humano e suas diversas obras: casas, escola (embora não evidenciada) etc. (2013)

Em sua resposta à pergunta (figura 28): ***O que é sua comunidade para você?*** Ela expõe sua vida em relação à água, com toda a importância dada a ela em sua constituição enquanto sujeito e expõe suas memórias e sua identidade enquanto um ser humano que lida com a terra, planta e cria. Com a água a seu dispor, fazendo da beira do rio o seu lugar.

f. Colaborador 05

Com sentidos construídos fora do contexto de pesquisa, esse informante mostra o seu *gostar* pela água e da vida ribeirinha que permanecem em sua memória. Um sujeito deslocado do seu lugar, a cachoeira de Santo Antônio, após 30 (trinta) anos de convivência com as corredeiras foi obrigado a deixá-las. Com todo o seu mundo transformado, tenta se refazer e aceitar as transformações e adaptações necessárias à sua sobrevivência.

Colaborador: R. M. S., 69 anos. Agrovila – Porto Velho. Mora na Comunidade desde seu deslocamento da Cachoeira do Santo Antônio (4 anos).

Meu nome é R. Eu tenho sessenta e nove anos. Aqui eu já tenho mais de trinta anos, bem mais. Eu morava em Humaitá, todo tempo morei na beira do rio, todo tempo sou ribeirinho, mas aqui na cachoeira mesmo é uns trinta anos. Fui o primeiro que foi atingido, fui o primeiro a ser jogado pela usina. A vila aqui foi feita por eles... A casa aqui foi por eles, não do jeito que está aí, me deram a casa nua, nua, isso aqui já foi eu que ampliei. Aqui eu vivo muito angustiado... Porque lá a gente tinha um lugarzinho melhor. Lá a gente comia o que queria, a gente pegava o peixe que queria, eu vendia duas, três vezes por semana peixe na cidade e agora nem andar lá ninguém pode. E o peixe sumiu. Nem candiru no Madeira tem. Sumiu tudo, Então a gente tem que se virar em outros modos... O que eu faço é o lucrozinho disso aqui, lido com água e refrigerante. Isso aqui não dá lucro, é lucrozinho de centavos, só mercado grandes e mercado grandes que dá empreendimento, aqui é só pra ter e eu sou aposentado, com a aposentadoria e agora com a morte da minha mulher, ela era pescadora, eu era mas depois eu me aposentei e fui cortado, e ela era pescadora e ficou uma pensão pra mim, só que eu mandei o juiz dividir pra mim e mais duas filhas, que uma mora ali e outra ali, que elas são de menor, então o juiz achou de acordo que podia dividir, pros três, não nesse aqui porque esse aqui está na minha companhia, então eu aceitei, aceitei porque o dinheiro era dela... Então eu fui e aceitei e tá nisso. E eu me viro e tal... e é assim. Tenho medo dessa Usina. Porque o que nós estamos sabendo, que nós estamos muito perto da usina, então é área de risco, então a gente tá sabendo que diz que vão tirar nós daqui. É, porque tá muito perto... Tá muito perto da usina, a usina tá aí, quando ela tá estrondando parece que vai gerar aqui. Então, que Deus o livre isso arrebentar ou a lá de cima arrebentar isso aqui não aguenta. Acaba com isso tudo, nós estamos em área de risco. Não foi pensado nisso. Negócio de parte de engenharia deles né e tudo, aí nós se localizemos aqui perto do Madeira, queriam jogar nós pra muito longe, ninguém aceitou. A gente já mora no Madeira, já tá acostumado. E compraram essa área aqui e localizaram nós aqui. Mas... Eu acho que a engenharia deles não pensou que... In da mais que agora com seis turbina que vai ter mais. Quer dizer, vai aumentar mais um metro e meio de água... Esse metro e meio de água aumentada o nível, ela vai buscar longe. Aí pra dentro já tão tirando o pessoal porque ela vai invadir. Ela vai buscar longe, um metro e meio de água no nível, ela vai buscar longe. Muito longe, não sei se vocês já andaram aí pra dentro, eu não sei, sei que só é água, não tem mais terra, é só água... E vão fazer mais Usinas. A gente tá sabendo que vai ter uma na Bolívia. Uma usina na Bolívia, uma ponte de Guajará para Bolívia, essa ponte aqui que está saindo, quando esses empreendimentos saírem tudinho, que diz que vai ter um outro empreendimento de um canal de navio, agora não sei por onde, até Bolívia, embarcou aqui, desembarca na Bolívia, que é o turismo, esse negócio de turismo que vai dar muito dinheiro não sei pra quem.

Então, isso aí é o que a gente vê falar, né, não sabe ao certo. A gente sabe dessas usinas aí da Bolívia, a ponte e essa aqui já vai sair...

As águas estão muito ruins. Ninguém pode tomar banho na água mais... A água tá podre. Se você tomar banho numa água dessa chega aqui você já tá sentindo coceira por causa do químico da usina, do cimento da usina que é um cimento muito forte, que bateu n'água secou, então aquilo tá prejudicando muito... Tá podre, morreu peixe, morreu toneladas e toneladas ali pela usina de peixe, é toneladas e toneladas... O meu genro trabalha lá, é toneladas e toneladas de peixe morto... Morrendo porque não tem oxigênio. A água tá parada e não tem oxigênio, então aquilo apodreceu, aí vai pegar um para trazer, não pode, e assim mesmo eles tão contaminado... Pode fazer mal para a saúde, pode ter certeza que eles tão contaminado e contaminam a gente também. É mesmo que o gado, se não tiver vacina não tá certo... É tudo né, hoje em dia é tudo, é fruta, é tudo. Tudo é tratado, e se não tiver tratado, diz que tá contaminado, isso e aquilo, isso e aquilo.

Figura 29 - Imagens produzidas em uma das idas à Comunidade Agrovila (área rural) – Porto Velho



FONTE: A autora (2013)

Sobre a mortandade de peixe é verdade. Verdade, toneladas e toneladas. Toneladas e toneladas. Baixava aqui no Madeira, aqui pela beirada assim encontrava peixe, o meu genro trabalha lá... eles que enterram, fazem os buracos, lá fazem o buraco e enterram tudinho. E não falam nada. Ficam tudo calado... Até as mortes que tem aí da usina ninguém quer falar, só por alto né, porque tem colega que trabalha lá e tudo, não sai em rádio, não sai em televisão, não sai nada porque não é permitido fazer isso por causa da usina, é uma filmagem grande não pode fazer isso... Mas a gente sabe que quase todo dia tem morte aqui.

Sofrido, esse ser humano amazônico pouco consegue expressar seu amor à água, no entanto, expõe suas percepções ao perigo que está por vir e teme, mais

uma vez, perder o seu lugar. Em suas memórias, guarda os tempos bons da facilidade e da fartura: “*Lá a gente comia o que queria, a gente pegava o peixe que queria, eu vendia duas, três vezes por semana peixe na cidade*”. Hoje, temeroso, com preocupações ambientais, com seus sentidos em crise, sem entender como continuar a sobreviver, culpa os novos empreendimentos pela poluição, mortes e perda da sua subsistência pela pesca. Tenta reconstruir o seu lugar, mas receia por novos transtornos e mudanças em sua vida. Esse colaborador não representou seu lugar e suas memórias por meio do mapa mental.

f. Colaborador 06

Nascido no Paraná, o colaborador 06 trilhou caminhos diversos até chegar a Rondônia. Com sentidos interculturais, ele escolheu o Bairro Triângulo guajaramirense (figuras 30 e 31) para fazer o seu lugar. Apresentou a dimensão de sua experiência e de sua vivência não só em rios amazônicos, mas em rios brasileiros de vários Estados.

Com a naturalidade da sua fala e a complexidade do seu mapa mental, ele procura se expressar e mostrar os elementos do seu mundo vivido peculiares à sua história de vida e a sua relação íntima com água, sem deixar de lado a família, o trabalho, o aprendizado sobre o rio, as suas experiências, as dificuldades diárias, os conflitos, o seu olhar sobre as belezas e mistérios das águas, os encantados do rio com suas peripécias, problemas ambientais existentes e aspectos culturais e sociais diversos.

Colaborador: R. F. C., 72 anos, mora na comunidade há 38 anos. Bairro Triângulo. Guajará-Mirim

Eu nasci em Arapongas, estado do Paraná, né, fica ali perto de Maringá e me criei naquela região de Gariporã, lá perto de Pitanga. Agora eu estou com Setenta e dois anos. A minha trajetória até aqui foi pescar, eu pesquei junto com o finado do meu pai. Ele faleceu com quarenta anos, ele se chamava Moisés Claro, cearense e criou a família dele pescando. Eu nasci nessa profissão, vim pescando e me casei ali em Querência do Norte, pescando no rio Paraná Grande, pesquei naquele setor do porto de Presidente Epitácio, até a baía, são duzentos quilômetros de extensão. Ali eu pesquei dezesseis anos, em Querência do Norte, morando na Ilha floresta. Ali eu pesquei e foi onde eu me casei. Entrei pra lá solteiro, abri uma posse em uma ilha e me casei e vim vindo lutando com a família, mas nunca saí de beira de rio, não saí de beira d'água de jeito nenhum... Eu prefiro a beira da água porque é onde existe a fartura, existe tudo o que a gente quer da natureza... A natureza tá na beira d'água. Na cidade não tem natureza, natureza na cidade é poluição e eu de cidade não gosto. Hoje, estou aqui, mas na beira do rio. E morei em Surpresa quando vim de Vilhena, do Mato Grosso... Vim de Vilhena, pesquei no rio Brilhante e pesquei no rio Vilhena. Pesquei no Curupaí, Curupuba, rio Bahia, Rio Miranda. Pesquei nesses rios todos. Do Mato Grosso eu fui para o Pantanal, do Pantanal eu vim pra uma fazenda lá do Nivaldo na beira do rio Vilhena e de lá eu vim embora pra cá, para Rondônia, cheguei aqui em setenta e seis.



FIGURA 30 - Imagens produzidas na Comunidade do Bairro Triângulo (área urbana) – Guajará-Mirim/RO
 FONTE: A autora (2013)

Quando cheguei, fiquei em Cacoal, a cidade ainda não existia... Pesquei ali no rio Machado, no rio São Pedro, no rio Paia, mas eram rios que quase não davam peixe nessa época, só quem pescava na época que eu cheguei era o “Passarinho”, que mora em Cacoal. Um grande pescador... Eu pesquei com ele um bocado de tempo, daí eu falei “ah vou tocar um sítio, né?” Mas um sítio pra mim não dava, pois eu não sou do sítio, sou da beira da água, gosto de viver com o peixe, mexer com canoa e andar na floresta...

Por isso, eu não conheço médico, para começar estou com uma saúde boa até nessa idade que eu estou. Então, criei meus filhos, tenho seis filhos, todos criados, meus filhos não se interessaram em pescar... Um mora em Curitiba, tem dois que moram aqui. Uma filha e outro filho moram em Surpresa... Essa filha, que mora em Surpresa, ela pesca também, ela é pescadora, ela gosta de pescar. Hoje mesmo eles estão para o rio, estão a quatro dias. Eu não tenho contato com eles, mas quando eles estão em Surpresa, eu sempre tenho...

Dos meus seis filhos, tenho três casais. Três homens e três mulheres. Três são paranaenses e três Rondonienses. Eu me aposentei aqui em Rondônia, mas não dá e a gente vai pescar mesmo. Minhas carteiras estão todas liberadinhas da marinha, sou um grande piloto, conheço aqui...

Hoje vejo diferença na minha vida... A diferença que eu vejo é que a minha idade chegou, aquela força que eu tinha, aquela natureza de nadar, sem precisar de muita energia de

natação, hoje em dia eu ainda nado muito bem, mas não é igual era... A força também de lutar com as coisas que a capitania exige, não ando sozinho mais... Todo tempo eu pesquei sozinho, a vida toda sozinho... Mato Grosso, tudo era sozinho. Depois que eu casei, eu vivi com a minha esposa quarenta e uns anos. Ela faleceu aqui em Rondônia. Há quatro anos que eu estou viúvo agora... Aí nós fomos morar em Urupá, que os parente dela moram lá, eu pescava no rio Urupá e Urupí, assim mesmo, continuei ainda pescando, morando na cidade mas andando na floresta. E eu gosto da beira do rio porque eu não conheço médico, tudo bem de saúde, como de tudo, não sou cachaceiro de parar em boteco, gosto é da beira do rio e tomo minhas cervejinhas...

Tive muita experiência com a água, bichos que me assombravam à noite, muitas feras, principalmente no Mato Grosso... Feras grandes aqui no Guaporé também. Têm vários lugares que a gente não pode passar à noite, tem que passar e dar a volta, você não pode passar na beira do rio naqueles lugares por causa de feras. Conheço essa parte de Tartaruga, de praia alta. Aqui em cima, existe muita coisa diferente que pra lá não existe e pra cá tem, várias feras, peixe grande... Eu fui o maior pescador de piraíba aqui no Mamoré, em Guajará na época que eu cheguei, tinha uns pescadores aí que diziam ser profissionais, mas não sabiam o que era um peixe porque eles não estavam acostumados a mexer com o Jaú lá no Mato Grosso... Jaú grande de cento e tantos quilos, eu era acostumado a mexer com peixe grande, aí vim pra cá e consegui fazer minha jornada em pescaria. Eu tenho dado muita entrevista. Agora eu só vou mesmo para pescar um peixinho pra comer, um peixinho de casco ruim. É esporte, lazer... Agora não pesco para fazer negócio ou para vender, pois eu tenho minha aposentadoria que dá para eu viver...

Este rio que passa aqui é o Mamoré e as modificações que tem aqui são porque onde a gente mora pega água todos os anos... Todos os anos a água vem, a senhora pode ver a água tá bem ali oh, as canoas estão tudo ali oh, estão bem aí as canoas. Para chegar em casa, a gente sai lá do Mamoré e entra numa vala, pelo igarapé, e vem bater aqui no fundo do terreno... Aqui mais tarde vai sair tudinho porque vai sair essa usina aqui no Ribeirão, o pessoal já andou aqui fazendo pesquisa para ver como é que é... Eu falei para eles que aqui é um lugar baixo, se sair essa usina, aqui vai ser tudo inutilizável, não terá mais isso aqui, essa parte aqui de Guajará. Mas aqui é uma cidade muito boa, é uma cidade pacata, tranquila, cidade fronteira...

A inundação não assusta porque aqui a inundação não é como aí para fora, que as águas tomam tudo de uma vez e levam tudo. Aqui vai enchendo assim de pouquinho e vai indo de pouquinho, d  tempo de a senhora tirar tudo o que tem tranquilo, se fica, fica porque quer, mas d  tempo de tirar a mudança, tem como você tirar a criao, d  tempo de tirar tudo que tem, não é igual lá pra fora que quando vem uma enchente assim vem abalando tudo, como em Porto Velho. De Porto Velho para baixo é perigoso porque ali tem as usinas do Jirau e a de Santo Antônio. Se gerar qualquer problema na usina dali para baixo arrebenta tudo. Por isso a gente fica a par de que a água   perigosa. A  gua não alisa ninguém e a água quando ela vem, ela vem para levar mesmo... Eu gosto muito daqui porque aqui   o meu lugar.

Cheguei aqui no finalzinho de setenta e seis pra setenta e sete. Tem um filho meu mais velho que nasceu aqui em Rondônia. Chegamos em m mês, no outro m s ele já nasceu, a idade dele é a idade de ano aqui...

A terra aqui   boa. Terra que produz de tudo, esse beiradão tem muita fartura, eu já toquei bananal no beiradão do rio, muitos anos fui um grande produtor de banana, pescando e tudo mais... Eu tive muita produo de banana, quando eu tinha minha velha, eu tinha meus oito, dez hectares de banana, uns barcos bons de pescar, minha praia boa, depois que ela adoeceu, eu fui acabando com tudo para ver a saúde dela e a perdi assim mesmo. Eu não tive sorte, minha sorte era ficar sozinho mesmo... Mas estou pensando, aqui é bom de viver no beiradão d  de tudo. A união veio fazer assentamento para ajudar os ribeirinhos, nessa época o INCRA chegou e eu não estava, eu não tive sorte de pegar esse dinheiro dos ribeirinhos para poder fazer uma casa boa na beira do rio. Essa eu fiz por minha conta...

Minha casa   boa, mas foi feita pelos meus braços, nunca o governo ajudou, mas eu ganho muito dinheiro aqui, minha família tinha de tudo, pra mim não faltava nada e a pessoa que luta nesse beiradão aqui é uma grande coisa aí pela frente sabe... Vou falar pra senhora aqui, isso é uma grande coisa que tem, porque na idade que eu estou, eu sou conhecido daqui até Pimenteira... Eu conheço esse beiradão todo, tanto faz por água como pescando com a Bolívia. Esses criadores de bicho que tem por aí, no tempo da Dr. Fátima do IBAMA, ela era muito conhecida da gente... Eu nunca tive questão com autoridade nenhuma, nunca

fui apreendido por nenhuma autoridade, tanto pela autoridade boliviana, naval boliviana, quanto pela naval brasileira... Toda vida andei direitinho, com meus documentos todos direitinhos, saía daqui tudo bem, ia e voltava sem problema, ajudei muita gente, pensava só em ajudar. Até a Dr. Fátima muitas vezes precisou de mim lá na área do IBAMA e eu estava pronto. Então, todos esses órgãos aqui são conhecidos da gente. Desde federal, civil, PMs, exército, tenho muito amigo aí que era companheiro de pesca e hoje em dia está no exército...

Este é o meu lugar... Faz de conta que eu saí da minha cidade, da onde eu nasci, mas vim para um lugar que amo. Me criei aqui, bem dizer, foi aqui que eu me dei bem, andei, andei, andei e vim parar no lugar certo, porque aqui é bom. Vou falar uma coisa para a senhora, aqui é um lugar que a gente vive em paz e tem de tudo, se quiser lazer tem, o que quiser comprar tem... Não pode mexer com coisas contrariadas, mas o resto também tudo tem, o peixe aqui tem grande saída, o movimento é extraordinário... Este lugar até é bom demais, eu conheço aqui e aqui é meu lugar, acho que daqui é só pra terra final...

Esses empreendimentos nos rios da Amazônia são temerosos. Daqui para cima não vamos ter mais Usina. Nós estamos pro lado de cima das usinas, o perigo daqui é a usina prender a água lá e a água subir devagarinho e a gente ficar sem o lugar de morar. Geralmente que nem diz os biólogos, isso aqui vai ser indenizado e a gente ganha sempre um pouquinho para não perder o que fez... O que não jogar fora, amanhã ou depois recebe de volta. Mas é bom demais esse lugar, não tem outra coisa melhor de que aqui, aqui é ponto final, é uma fronteira, é uma fronteira de paz... É vou falar uma coisa pra senhora, todo mundo aqui deve estar satisfeito. Porque sabe todo lugar tem um bandido e isso existe, mas aqui são esses bandidinhos, não é igual lá pra fora que estouram tudo, fazem impureza. Aqui não, aqui você fica tranquilo, você dorme à noite sem precisar de preocupação. O pessoal é muito bom...

Aqui é o bairro Triângulo, é o último bairro aqui, em Guajará, à beira – rio... Lá pra baixo é o São Jose, Joao Caetano lá pro bairro do Mirante da cachoeira. Subindo para Surpresa é o último bairro. Aqui tem o porto dos canoieiros, a associação dos canoieiros e essa rua aqui, ela termina lá na frente, vai até lá no final da cidade perto da serra, é a última rua do Triangulo. Ali é onde tem as capivaras, todo dia, e fica aquele monte de capivara parece aquele bando de porco, coisa mais linda, as pacas vem por aí, é uma fartura danada...

Lá para trás é a natureza, ninguém mora lá, não mora ninguém, a serra é a natureza. Sempre eu pego a canoa e passo o dia por aí, andando, pegando uma traíra, andando pegando piau... Tem dois igarapés e eu vou lá no igarapé e numa ilha que tem aqui em cima... Vou de canoinha, a minha canoa grande eu vendi, Não há perigo de alagar e sempre tem umas três, quatro meninas aqui, mocinha, que vão junto comigo, andar, aí a gente vai dar uma volta, faz de conta que elas são minhas filhas...

Aqui dá muito peixe. Dá mais o tambaqui, Jatuarana, piraíba e dourado, na parte do rio. Agora, na parte do Igapó, a gente pega muita traíra, piau, branquinha, essas coisas quando o Igapó está cheio. Eu peguei umas piracemas e pacus, tem muita piracema pulando. ..

Agora, nesta época é proibido pescar, mas tem os peixes que pode pescar que nem a traíra, o pacu, o pirau, o jaraqui né, piranha, jaú, pirarara, bacu, esses peixes pode pescar, mas já o surubi, pirapitinga, tambaqui e Jatuarana não pode...

A gente ainda se banha no rio... Todos se banham no rio... Não tem perigo... Mas, aqui, esses dias, é perigoso jacaré. Como aconteceu de um jacaré pegar um menininho aqui no igarapé. Ele estava tomando banho e o jacaré o abraçou e o levou embora, mas foram muitos jacarés, era um casal de jacaré, o grandão está por aí ainda, a gente vê ele de vez em quando, uns seis metros de comprimento...

Os jacarés ficam na beira do rio, eles vêm pelo igarapé por causa do peixe, por causa do peixe... Muitos peixes entram no igarapé desovar, pois é tempo da desova. Eles pegam o rio pequeno para desovar, eles não desovam no rio grande. Nenhum peixe desova em rio grande... Até a piraíba vai à margem dos afluentes para desovarem... É. Muita gente fala "ah, isso aqui é bom para peixe desovar", o pintado ele pega o igarapé e vai na cabeceira do igarapé, chega que nem uma porcada assim, roncando, um monte, desova. Aí vem o machão joga o sêmen naquelas ovas, mistura com a lama e as fêmeas descem todas, fica só os machos ali cuidando, desce tudinho de novo pro rio outra vez... Aí, quando tem uns peixinhos, os machos já se viram e não cuidam mais, não é que nem tucunaré, o caruaçu, que cuida dos filhos até ficar grandão... Aqui no igarapé aqui tem um monte de peixinho assim, o caruaçu está ali grandão, bem grandão assim, está ali no meio. Mas, ali ninguém chega, pois ele vem que nem um pai bravo quando tem os filhos, cuidando... A natureza, a

senhora vê é a coisa mais linda. Tem hora fico um tempo acompanhando assim, olhando os bichinhos pra lá, pra cá, uma coisa bonita. Muita gente às vezes querem judiar, mas não podem. É um peixe que está em extinção, não podemos pegar nele... Temos que deixar desovar primeiro, criar os filhinhos dele, depois a gente pega... Ele é gostoso mesmo. E é isso aí minha senhora, aqui é muito bom por causa disso, a natureza que nós temos pela frente. A margem do rio assim, sem derrubada, só os ribeirinhos que são muito preguiçosos e que não trabalham.



FIGURA 31 - Pescador de Guajará-Mirim (área urbana) – Guajará-Mirim/RO
 FONTE: A autora (2013)

Minha vida sem a água não presta... Não é vida. Não é vida. Se eu sair de perto da água eu não sou ninguém. Se eu fico na cidade, longe da água, eu fico preocupado com a água. Não fico bem onde eu estou... Eu fico com vontade de voltar pra trás, ir para perto da água. Meus meninos moram lá em cima, eles queriam que eu ficasse morando com eles e eu disse não. Eu disse: _ Eu vou lá para o Bairro Triângulo, porque lá é que é o meu lugar, pertinho da água. É lá que eu quero viver. Daí eles perguntaram: _ E de lá o Senhor vai para onde? Eu respondi: _ De lá eu vou pra Surpresa, para a Bolívia, o que importa é que eu quero estar na beira da água...

Eu vivo aqui é por causa da água... Eu não como qualquer coisa. É difícil comer dessas coisas assim, dessas contaminações que tem na cidade, não é? Coisas com remédio, essas coisas, carne de boi eu quase nem gosto, gosto mais é de peixe, a natureza, bicho do mar, né? Esse é que é o meu mundo... Coisa só da natureza mesmo, mais é da natureza. E quando eu, eu gosto mais de galinha também criada em casa, né? Nada de granja, essas coisas assim, nada... nada... nada...

Se alagar por aqui com o tempo, eu mudarei de lugar, mas da beira d'água. Não saio fora. Com a contaminação da água eu não me preocupo. Não há preocupação com isso. Aqui para nós não há... Onde nós estamos. Existe lá para baixo, que nem eu falei da do Jirau, esse outro lugar que vai fazer essa usina, não é? Aí pode acontecer contaminação por causa de óleo, essas coisas assim, ou por causa de ouro que tem o mercúrio. Tudo ataca a água. Tudo afeta a água. Aqui pra nós não existe isso contaminação, para nós aqui não.

Para nós aqui não existe área de garimpo...Então não existe poluição. Nós aqui temos uma natureza, uma natureza virgem, né? Não tem contaminação de nada. A não ser que Deus mande mais tarde uma... Mas eu acho que não...

Quando estou no meio do rio é muito tranquilo para mim. Fico aqui às vezes pensando numa pescaria... Quando eu entro numa canoa a minha mente se abre. Quando eu pego um barco para pilotar e vou viajando, para mim é um tudo. Eu passo a noite, encosto uma garrafa de café do lado assim, passo a noite pilotando, nem vejo, e vou embora tranquilo. Nunca bati, nunca tive problema de alagamento de barco, sei cortar as marés, sei entrar nos temporões e quando vejo o perigo eu encosto...

Na água, para mim, só existe amor e paz. Não tenho nenhum sentimento ruim com a água. Quando vem um temporal eu sei que é Deus que está mandando, aquilo passa logo e a gente vai embora...

Quando eu morava no beiradão, eu tinha bananal. Desbarrancava e eu cansei de perder o bananal inteirinho, cansei, mas quando eu perdía o bananal eu tirava no peixe, pois vinha a alagação e eu ganhava na pesca. Aí então era aquela alegria, eu perdía o bananal nem ficava sentido, mas eu marombava as mudas da banana para quando a água fosse baixando, daí eu ia plantando de novo... E quem ganhava dinheiro era eu, porque eu tinha essa coragem de fazer isso de novo no meu campo de serviço. Então toda a vida eu vivi bem. Essa aqui mesmo me conheceu no beiradão. Numa tranquilidade, esse Vanderlei me conheceu lá, a família dele era do beiradão também, o sogro dele, também. Nós trabalhamos juntos por muito tempo. ..

Eu não conheço as leis da pesca. Não estou lembrado dessas leis ou quando elas começaram... A lei do defeso, não sei qual foi o ano que começou essa lei. Porque no Mato Grosso não existia essa lei pra nós... A proibição de pesca na desova já existia. Quando o peixe estava na desova lá não se falava em pescar. Nem o pequeno, nem o grande, nenhum peixe. Pescar escondido de maneira alguma. E se a autoridade pegava, o pescador apanhava com o próprio material de pesca... E a lei lá era severa. E aqui não, aqui, mesmo com a lei, muitos pescam por baixo dos panos. Escondem o peixe, e isso não pode. Tem que respeitar a lei. Você sabe disso, aqui é Rondônia... É o que acontece, isso é só aqui. Essa região de Rondônia, aqui a parte do Amazonas que desce aí debaixo do Porto Velho. Manicoré, Borba, esses lugares aí. Em Humaitá, existe a proibição. Mas, eles não respeitam mais igual pra lá pra fora, Paraná, São Paulo, Mato Grosso. Lá a lei é mais severa. Mas, vem chegando as leis de lá pra cá... Quando eu cheguei aqui, o pessoal comprava o IBAMA. Hoje em dia não compra mais não. Isso acabou. Antes, eles enganavam o IBAMA para descarregar peixe proibido. Hoje em dia, isso não tem mais, acabou. A lei veio e veio seca mesmo. Veio lá de fora.

Poluição aqui não tem. Não tem de jeito nenhum. Nós não temos poluição aqui na beira do rio. Poluição é só na cidade. A poluição do rio nós nem vemos. Isso aqui na beirada do rio, os ribeirinhos não conhecem isso aqui...

Lixo agora está tendo, começou agora nas praias. Primeiro não, mas agora já começou ter lixo nas praias. Plástico, garrafa, tudo quanto é coisa de lixo. Já tem. Agora já tem pessoas começando a trabalhar no rio juntando lixo. Pra cá, já tem. Então já está tendo limpeza.

Já existe a preocupação em limpar... Quando eu cheguei aqui, há trinta anos atrás, não existia isso não. A gente ia nas praias e era uma coisa incrível, jogava garrafa, jogava lixo, latinha, sacolas de Pepsi. Você via rodando no rio, sacolas rodando no rio. Agora acabou, agora ninguém vê isso mais não. Já tá tendo uma limpeza agora muito bonita. A gente vê gente trabalhando sobre isso. O pessoal da saúde já vai nos fundos de quintal, sempre eles vêm aqui, olham o Igarapé e veem como é que ele está.

O esgoto aqui, por enquanto, é fossa... Só quando o bairro enche, que dá problema, a fossa enche também... Aí não tem fossa, não tem nada. Porque esse lugar aqui é baixo. A maior parte é tudo privada, sem esgoto ainda... Eu mesmo ainda estou usando privada. Estou com o encanamento e tudinho aí para fazer a minha fossa. Para fazer, tijolar. Para não ter mais nenhum problema... O lixo a gente põe numa coisa aqui, leva lá longe e queima. Lá fora, queima tudo, não joga fora, não joga no rio...

Há mutirão de limpeza. Há pouco tempo, há poucos dias houve limpeza. Agora que está tendo limpeza.

Vem a turma da educação, vem aí a turma do conselho e tudo o mais, eles vêm ver como é que está a criançada, se estão estudando direitinho... Difícil ver um pai que não dá uma disciplina no seu filho para que eles sigam o estudo...

Nós cuidamos da água de beber, também... A água de beber é a água de torneira, pois aqui não dá poço. A água da torneira vem da CAERD já tratada. Aqui todos nós usamos só água da CAERD. Ninguém tem poço... Eu não me lembro de alguém aqui que tenha poço. Todos só têm água da CAERD. Porque todo poço aqui dá água enferrujada e já teve um poço que deu até gás. Aquele cheiro podre de gás...Ninguém faz mais poço por isso. Os que abriram, entupiram e acabou. Então é essa a vantagem daqui...

Quem tem moleque na escola, como meus meninos, todos eles dão em cima das crianças mesmo, eles têm que levantar cedo, tem que sair com higiene de casa, escovar bem os dentes, os pais fazem os filhos saírem limpos... Saem bem trocadinhos, bonitinhos, todos que eu vejo, todos os alunos que eu vejo aqui são assim, os vizinhos aqui tudo, saem bem trocadinho, as mães dão em cima, os pais, os moleques as vezes não querem ir para a escola, mas eles vão...Nem que não chegue na escola, mas que ir. De casa eles saem. Mas todo eles vão. Vão e voltam. Bacana a molecada aqui. Existe disciplina bonita entre pai e filho.

MAPA MENTAL 5

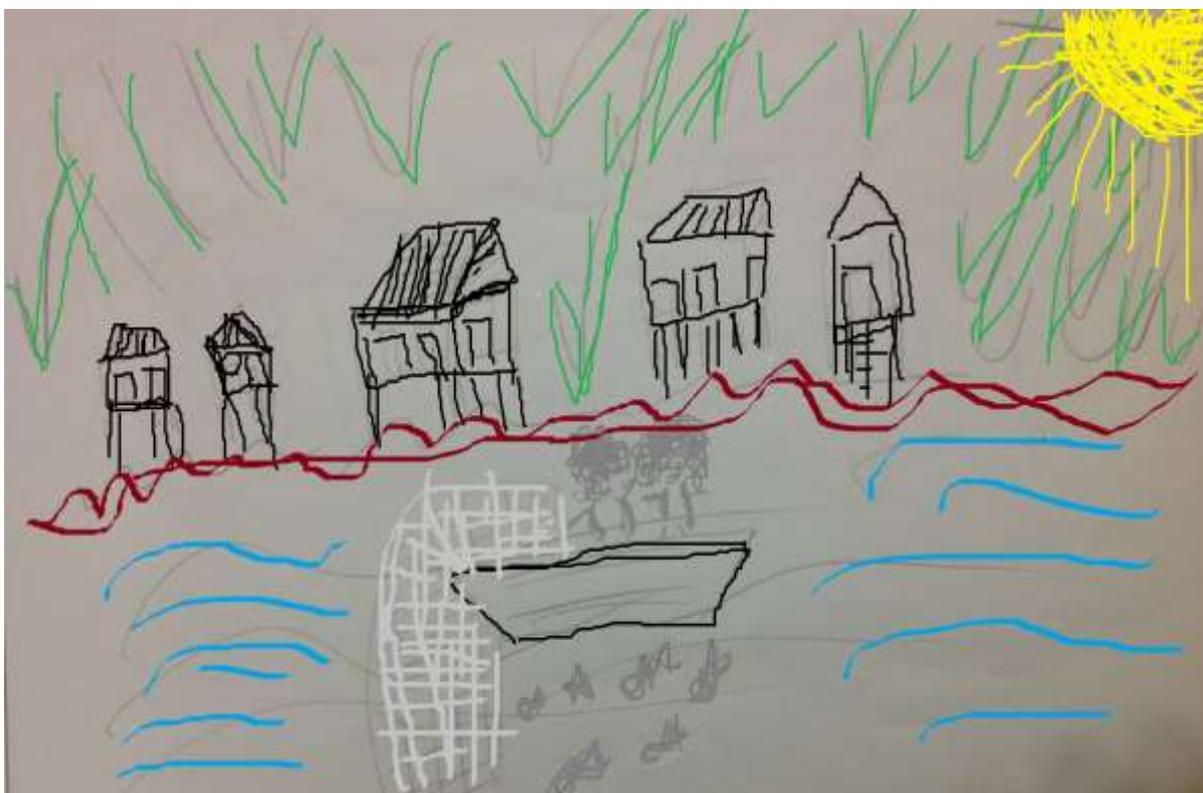


FIGURA 32 - Mapa Mental 05, Comunidade Colônia dos Pescadores do Bairro Triângulo – Guajará-Mirim/RO

FONTE: Colaborador Paranazinho (R.F.C.). Ícones: linhas, figuras geométricas. Elementos da paisagem natural: o rio, a água, os peixes. Elementos da paisagem construída: casas, barco. Elemento humano está presente, assim como suas diversas obras: casas, barcos etc.

Em toda sua narrativa, esse colaborador deixa claro a sua preferência pelo viver na água. Com sentidos construídos em comunidades diversas, chegou a Guajará-Mirim, instalou-se no bairro Triângulo há 38 anos e ali ficou, modificou e integrou-se em paisagens e auxiliou na construção de novos sentidos no lugar.

Com a sua narrativa alicerçada à beira da água, esse colaborador não tem dificuldade em falar das suas sensações, do seu deleite ao sentir a água em sua vida. Ele expressa seus sentimentos com o lugar, o seu lar, o modo de ganhar a vida e mostra seus laços com o meio ambiente e com o seu entendimento de mundo, numa intensa relação de amor e de vida com a água que o cerca.

Em sua resposta à pergunta (figura 32): **O que é sua comunidade para você?** Ele expõe seu mundo vivido, sua relação de amor e conforto em relação à água, com toda a importância dada a ela em sua constituição enquanto sujeito e expõe suas memórias e sua identidade enquanto ser humano que na água e na pesca moldou sua identidade. Uma imagem proveniente da cognição associada à bagagem cultural que ele possui.

Uma bagagem cultural constituída por experiências, valores, informações (sentidos construídos e especializados em culturas diversas) que estabeleceram representações, as quais, como se viu na teoria, não existem à parte da leitura que se faz do mundo. Desse modo, esse colaborador, pela oralidade e pela imagem permitiu a análise de seu íntimo, sua reflexão mental construída ao longo de sua vida. Uma representação integrada multimodal, ou seja, muitas representações coexistentes em uma mesma imagem.

4.2 UM OLHAR REVELADOR SOBRE AS NARRATIVAS COM AUXÍLIO DO SOFTWARE ATLAS/ TI

Paul Claval (2004), em seu artigo *Do Olhar do Geógrafo a Geografia como Estudo do Olhar dos Outros*, afirma que “a prática geográfica nunca foi tão simples como a análise do olhar do geógrafo poderia o deixar crer”. Na concordância com esse pensamento, procurou-se por novas metodologias que fornecessem a este estudo uma análise que desvendasse o que o olhar geográfico buscava esclarecer e optou pelas entrevistas não estruturadas e pelo método da *Grounded Theory* na condução do mesmo.

Na busca da leitura e compreensão do *outro*, sua interpretação da realidade e por informações novas, obteve-se a narrativa dos colaboradores coautores e, após o tratamento de cada uma dessas narrativas orais, fez-se uma leitura exploratória em busca da essência do ser humano amazônico e sua relação com a água.

Para tanto, após a leitura exploratória das entrevistas, com o objetivo de identificar os conceitos-chave da pesquisa (quadro 01), atentou-se para:

- o papel da água na configuração dos sujeitos e no tecido social das comunidades;
- conexões entre os fenômenos sociais e as problemáticas que cercam a água;
- noção de preservação – das comunidades sobre o uso da água.

Quadro 01

PAPEL DA ÁGUA	LIGAÇÃO FENOMÊNOS SOCIAIS E ÁGUA	NOÇÃO DE PRESERVAÇÃO
Qual o espaço privilegiado da água na vida dessas comunidades?	Que características envolvem, em geral, as percepções das comunidades Amazônicas no que diz respeito à água?	Quais os fatores que incidem no pensamento das comunidades investigadas sobre o uso e preservação da água?
Que papel cumpre a água na configuração dos sujeitos e no tecido social dessas comunidades?		Que características envolvem, em geral, as percepções das comunidades Amazônicas no que diz respeito à água?

Quadro 01- Identificação dos conceitos-chave da pesquisa

Fonte: A autora

Essa fase consistiu em uma exploração inicial do material por meio da leitura, a fim de melhor compreendê-lo e, desse modo, iniciar a identificação das unidades básicas de análise, ou seja, conceitos indicadores de sentidos culturalmente construídos que fornecessem caminhos ao desenvolvimento de categorias a serem dispostas no software ATLAS/ti.

Após essa pré-análise, criou-se a unidade hermenêutica no software ATLAS/ti, que permitiu a descoberta de fenômenos complexos, os quais, possivelmente, não seriam detectáveis na simples leitura do texto, principalmente em relação à técnica tradicional de tratamento dos dados manualmente, com a utilização de lápis, tesoura e cola. Isso porque, com o auxílio da tecnologia, foi possível integrar as unidades hermenêuticas (projetos primários) entre si.

Para esse fim, os arquivos textuais (as narrativas obtidas com as entrevistas realizadas nas comunidades investigadas) foram inseridos no programa. Feita essa inserção, cada entrevista passou a ser um documento primário (*primary document*).

Os documentos primários foram organizados de acordo com cada comunidade de interesse para que, posteriormente, fosse possível a comparação. Portanto os documentos foram divididos em famílias – cinco comunidades inseridas em Porto Velho (vinte e cinco entrevistas) e uma comunidade inserida em Guajará-Mirim (seis entrevistas).

Após a organização dos documentos na unidade hermenêutica, a próxima etapa foi codificá-los, isto é, classificar o texto de acordo com categorias e recortar o texto em códigos. A aplicação dos códigos foi direcionada tendo em vista os objetivos da pesquisa, interpretação e sumarização dos dados⁴⁴.

A codificação iniciou-se com a leitura do texto em busca de informações salientes (citações), observando-se o que foi proposto na pré-análise, e a aplicação de códigos ao texto, ou seja, a rotulação das instâncias relevantes de cada documento (desenvolvimento de categorias). À aplicação dos códigos, soma-se a comparação constante dos trechos codificados com o mesmo código. Por conseguinte, os códigos criados foram sendo aplicados a novas instâncias, tendo em vista a busca por padrões e variações nas narrativas dos informantes que trouxessem à tona os seus sentidos culturalmente construídos.

Após a aplicação inicial dos códigos aos documentos, buscou-se refinar a codificação, criando ou excluindo códigos, visando à saturação da codificação, ou seja, uma classificação das citações do texto que atendessem ao máximo os objetivos de pesquisa, extraindo todas as informações possíveis⁴⁵.

Realizado o refinamento da codificação, os códigos criados foram agrupados em famílias, o que significa o agrupamento de códigos que direcionam para o entendimento de uma mesma questão. Feito isso, houve a categorização dos documentos primários, conforme exposto no quadro 02:

⁴⁴Os principais elementos interligados ao software ATLAS/ti e que estão dentro de um projeto, denominado unidade hermenêutica, são: os documentos primários (P-Docs), as citações (Quotes), os códigos (Codes) e as notas (Memos). Esses elementos dão origem às teias (ferramentas de análise que podem ser utilizadas para ilustrar as relações que foram analisadas pela pesquisadora).

⁴⁵ Nesse momento, embora não estivesse incluso nenhum objetivo específico ou perguntas de pesquisa sobre as Hidrelétricas construídas no Rio Madeira, optou-se pela inclusão de códigos referentes a elas por se entender que as mesmas fazem parte de sentidos, percepções e representações sociais das comunidades analisadas e estão presentes em todas as narrativas.

Quadro 02

<p>Família 1.espaço_água: espaço privilegiado que a água possui na vida das comunidades entrevistadas.</p> <p>1.1.água e pesca: pesca faz a água ter um espaço privilegiado na vida das comunidades.</p> <p>1.2.convivencia_água_infância: o contato com a água desde a infância faz a água ter um espaço privilegiado na vida das pessoas que moram nas comunidades.</p> <p>Família 2.papel_água: papel que a água cumpre na configuração dos sujeitos e no tecido social das comunidades entrevistadas.</p> <p>2.1.papel_água_substância: água tem o papel de fornecer alimento (peixe, irrigação para plantação, etc.).</p> <p>2.2.papel_água_fundamental p/ vida: água representa a vida, sem ela não é possível vida.</p> <p>2.3.papel_água_lazer/diversão: água como uma forma de diversão, de lazer.</p> <p>2.4.papel_água_natureza/fartura: água representa a natureza, é sinônimo de fartura.</p> <p>2.5.papel_água_paz de espírito: água dá paz de espírito, uma sensação de felicidade.</p> <p>2.6.papel_água_saude: água contribui para uma vida saudável.</p> <p>2.7.papel_água_sustento/substância: água é o meio para o sustento das pessoas, gera renda, trabalho (pesca).</p> <p>2.8.papel_água_uso: água serve para uso em geral (banhar, beber, lavar roupa, etc.).</p> <p>Família 3.percepções_água: percepções que as pessoas entrevistadas das comunidades possuem com relação à água, as quais interferem no seu relacionamento com ela.</p> <p>3.1.percepções_água_perigosa: o perigo como uma característica relacionada à água, geralmente ligado à força que ela possui.</p> <p>3.2.percepções_água_feras: água relacionada às “feras”, animais selvagens (jacarés, cobras) bem como relacionada aos enigmas, lendas.</p> <p>3.3.percepções_água_medo/respeito: água como algo que exige respeito, cuidado, zelo. Respeito muitas vezes ligado a receio, medo dela.</p> <p>3.4.percepções_água_segurança/local calmo: água ligada a um lugar tranquilo, calmo, sem violência.</p> <p>3.5.percepções_água_nao perigosa/calma: água como não perigosa, não exige medo.</p> <p>Família 4.influen_água: fatores que influem negativamente ou positivamente na preservação e no uso da água.</p> <p>4.1.influen_água_desmatamento: desmatamento como fator negativo para a água (rio seco).</p> <p>4.2.influen_água_poluição: poluição como um fator negativo que influi na qualidade da água – água poluída.</p> <p>4.3.influen_água_limpeza: limpeza da água e das praias como fator positivo.</p> <p>4.4.influen_água_economia: economia da água como fator positivo.</p> <p>4.5.influen_água_purificação: purificação da água (para beber, principalmente) como fator positivo e necessário por conta da água poluída.</p> <p>4.6.influen_água_esgoto: esgoto como fator negativo para o uso e preservação da água. Indicação dos entrevistados de que não há saneamento básico e que o esgoto jogado no rio polui a água.</p> <p>4.7.influen_água_conscientização: conscientização ambiental como um fator positivo na preservação e no uso da água.</p> <p>Família 5.preocup_água: preocupações dos moradores das comunidades com relação à água e seu futuro.</p> <p>5.1.preocup_água_atitude_governo: governo não demonstra se preocupar com a preservação e/ou limpeza da água.</p> <p>5.2.preocup_água_poluição: poluição como uma preocupação dos moradores em relação à água (água poluída).</p> <p>5.3.preocup_água_gerações futuras: preocupação com a água por conta das gerações futuras.</p> <p>5.4.preocup_água_lixo: preocupação com o lixo que polui a água.</p> <p>5.5.preocup_água_rio seco: preocupação com o assoreamento do rio.</p> <p>5.6.sem_preocup_poluição: não há por parte do morador preocupação com a poluição das águas.</p> <p>Família 6.impacto_hidrelétrica: impactos (e preocupações) que na visão dos moradores das</p>
--

comunidades são advindos da construção das hidrelétricas (Hidrelétrica de Jirau e Hidrelétrica Santo Antônio).

6.1. impacto hidrelétrica poluição: poluição das águas gerada por causa da construção da hidrelétrica.

6.2. impacto hidrelétrica inundação: aumento do risco de inundação das áreas residenciais devido à construção da hidrelétrica. Há uma preocupação grande dos moradores quanto ao risco de inundação.

6.3. impacto hidrelétrica migração cidade: a construção das hidrelétricas força os moradores a procurarem as cidades em busca de emprego e de uma forma de sobrevivência.

6.4. impacto hidrelétrica desapropriação: a construção das hidrelétricas gerou a desapropriação dos moradores, os quais sentem negativamente a retirada do seu local de origem (redução da pesca, falta de assistência).

6.5. impacto hidrelétrica pesca: a construção das hidrelétricas teve impacto negativo na pesca, que era para a maioria dos moradores a principal forma de obtenção de renda (alta mortalidade de peixe por causa da poluição e força das águas; proibição, delimitação da pesca).

6.6. impacto hidrelétrica rompimento barragem: preocupação com o rompimento das barragens, aumentando o risco de inundação.

6.7. impacto hidrelétrica empregos: a construção das hidrelétricas gerou empregos às comunidades.

Família 7. conseq hidrelétrica: tipo das consequências geradas pela construção das hidrelétricas.

7.1. conseq hidrelétrica boa: consequências boas geradas pelas hidrelétricas.

7.2. conseq hidrelétrica ruim: consequências ruins geradas pelas hidrelétricas.

Quadro 02 - Códigos e famílias utilizados na elaboração de dados à análise das narrativas com auxílio do ATLAS/ti

Fonte: A autora

Após a categorização de todas as entrevistas (documentos primários), geraram-se *outputs* dos códigos e das citações. *Outputs* são relatórios gerados automaticamente pelo ATLAS/ti, sempre relevantes, pois fornecem à pesquisa uma ideia geral da categorização que foi realizada, permitindo que exista a leitura de todas as citações organizadas por código. Tais relatórios compuseram a maior parte da análise qualitativa dos documentos, de modo que são úteis para a interpretação dos dados e para a formulação de inferências de pesquisa.

O ATLAS/ti permitiu ainda o tratamento estatístico aos códigos inseridos nos documentos. Uma das opções de *output* no menu de códigos é a geração de matrizes no *Excel*, nas quais estão dispostos todos os documentos primários e a contagem dos códigos (por documento) inseridos. A partir dessa ferramenta, foi possível ter um levantamento quantitativo dos códigos por meio da elaboração de gráficos, o que também contribui para a formulação de inferências e, principalmente, para a análise comparativa entre os sentidos e percepções fornecidos pelos colaboradores das várias comunidades de Porto Velho e da comunidade de Guajará-Mirim.

A seguir, fez-se uso da ferramenta do ATLAS/ti chamada *Query Tool*. Essa ferramenta forneceu a busca textual à pesquisa. Diferente de uma busca de texto simples pela contagem de palavras, essa ferramenta permitiu que houvesse a

procura das citações marcadas por esta pesquisadora em todos os documentos primários, bem como a identificação de relações entre os códigos (de famílias diferentes) e as citações.

4.3 SENTIDOS EXPOSTOS COM AUXÍLIO DO ATLAS/TI

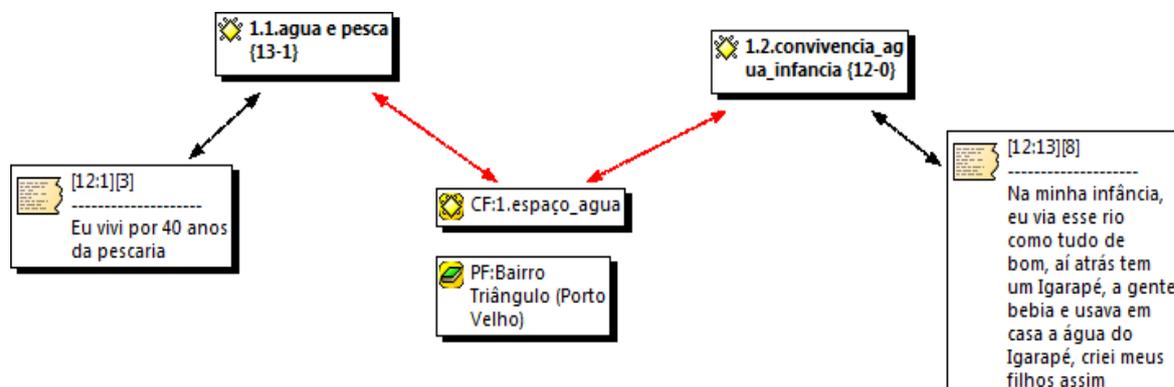
A busca de sentidos culturalmente construídos e percepções sobre a água nas narrativas dos colaboradores fez-se com o auxílio do software ATLAS/ti, a partir dos códigos criados e agrupados em famílias, expostos no quadro dois (02), e das citações relevantes nas narrativas analisadas. A partir daí, buscou-se identificar os motivos para determinados padrões e variações de pontos de vista, o que resultou na montagem das redes gráficas que fazem parte da análise que virá a seguir. Desse modo, fez-se, primeiramente, a análise das narrativas de cada comunidade em separado⁴⁶, obtendo-se o seguinte resultado:

a) Comunidades Portovelhenses:

Bairro Triângulo (06 colaboradores)

Família 1.espaço_água: apenas (01) um entrevistado do Bairro Triângulo em Porto Velho afirma sua relação com a pesca e sua convivência com a água desde a infância.

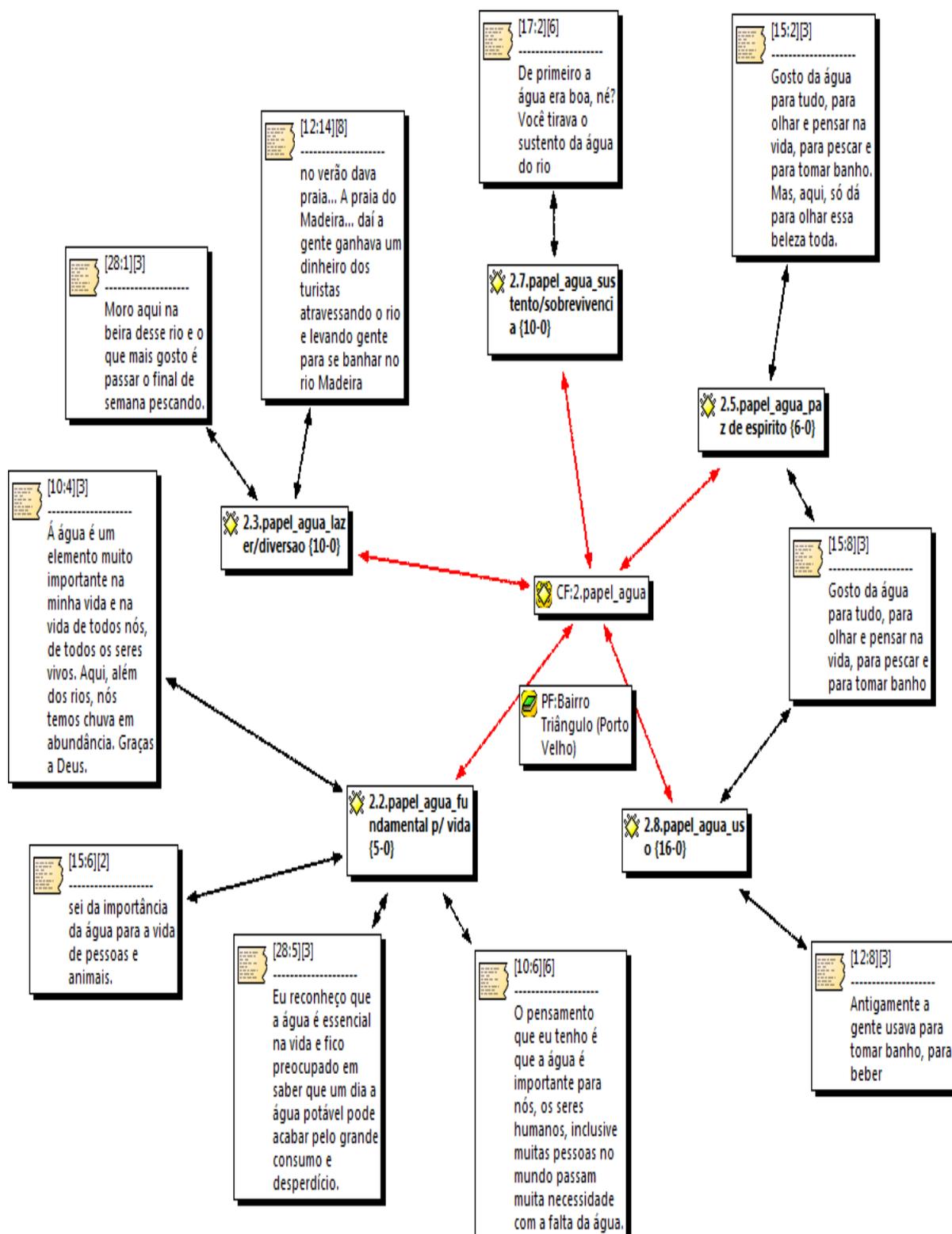
REDE 01 – Família 1. Espaço água. Bairro Triângulo. Porto Velho



⁴⁶ Todo o material de análise fornecido pelo Software ATLAS/ti foi utilizado na análise final dos dados e estão disponíveis no DVD em anexo.

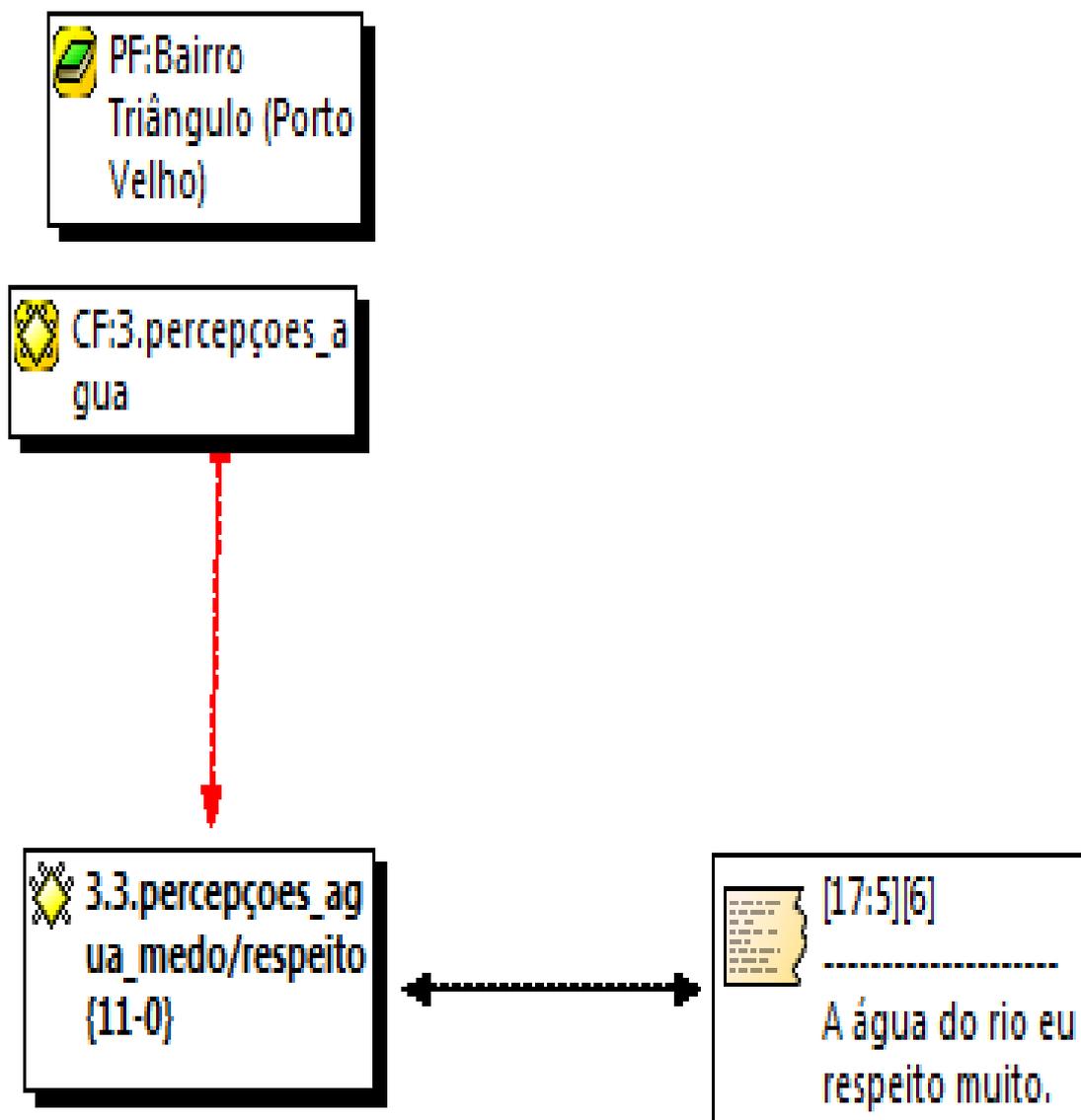
Família 2. papel_água: a maioria dos entrevistados do Bairro Triângulo vê a água desempenhando um papel fundamental para a vida, além de fonte de sustento e sobrevivência, esses colaboradores sentem a água como paz de espírito, lazer, diversão e fonte de inspiração.

REDE 02 – Família 2. Papel água. Bairro Triângulo. Porto Velho



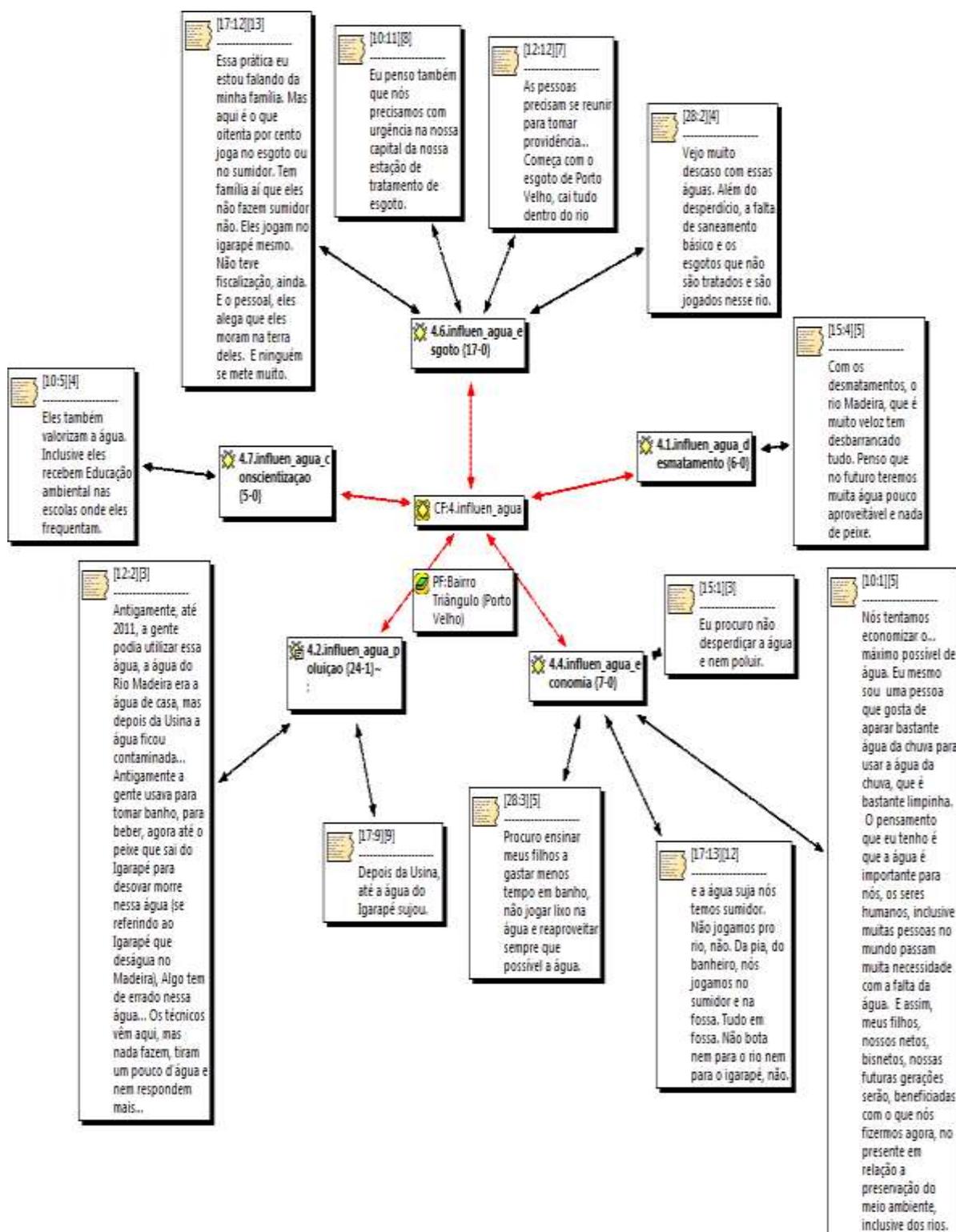
Família 3. percepções_água: das entrevistas realizadas no Bairro Triângulo, em 1 (uma) se encontra a percepção da água como medo/respeito (respeito relacionado ao medo dela, por sua força e velocidade).

REDE 03 – Família 3. Percepções água. Bairro Triângulo. Porto Velho



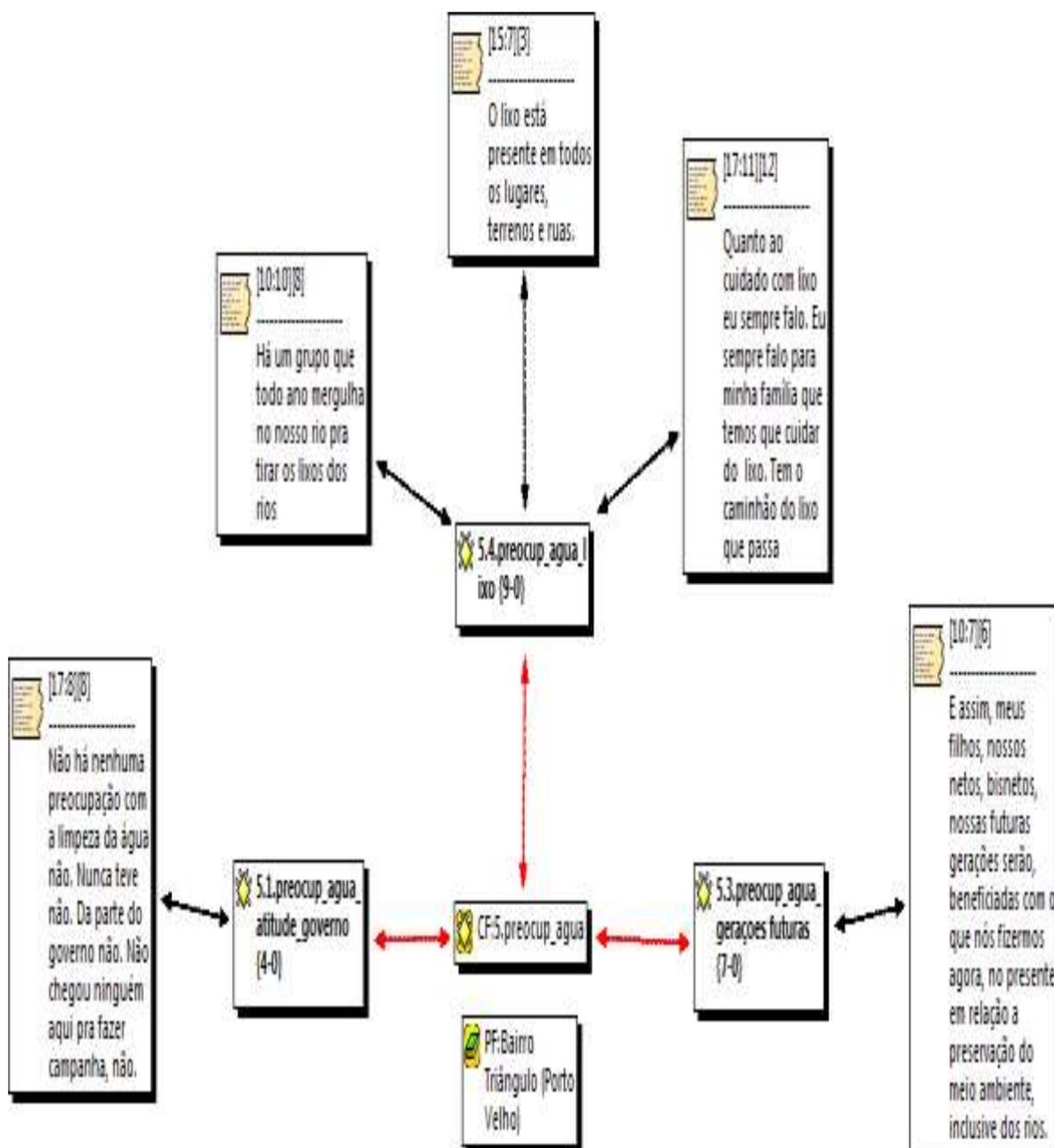
Família 4. influencia_água: a maioria dos entrevistados do Bairro Triângulo aponta a influência negativa do esgoto, no entanto cita a poluição (por óleo, cimento e desmatamento etc.) com relação à água e a influência positiva da economia e da conscientização sobre ela.

REDE 04 – Família 4. Influência água. Bairro Triângulo. Porto Velho



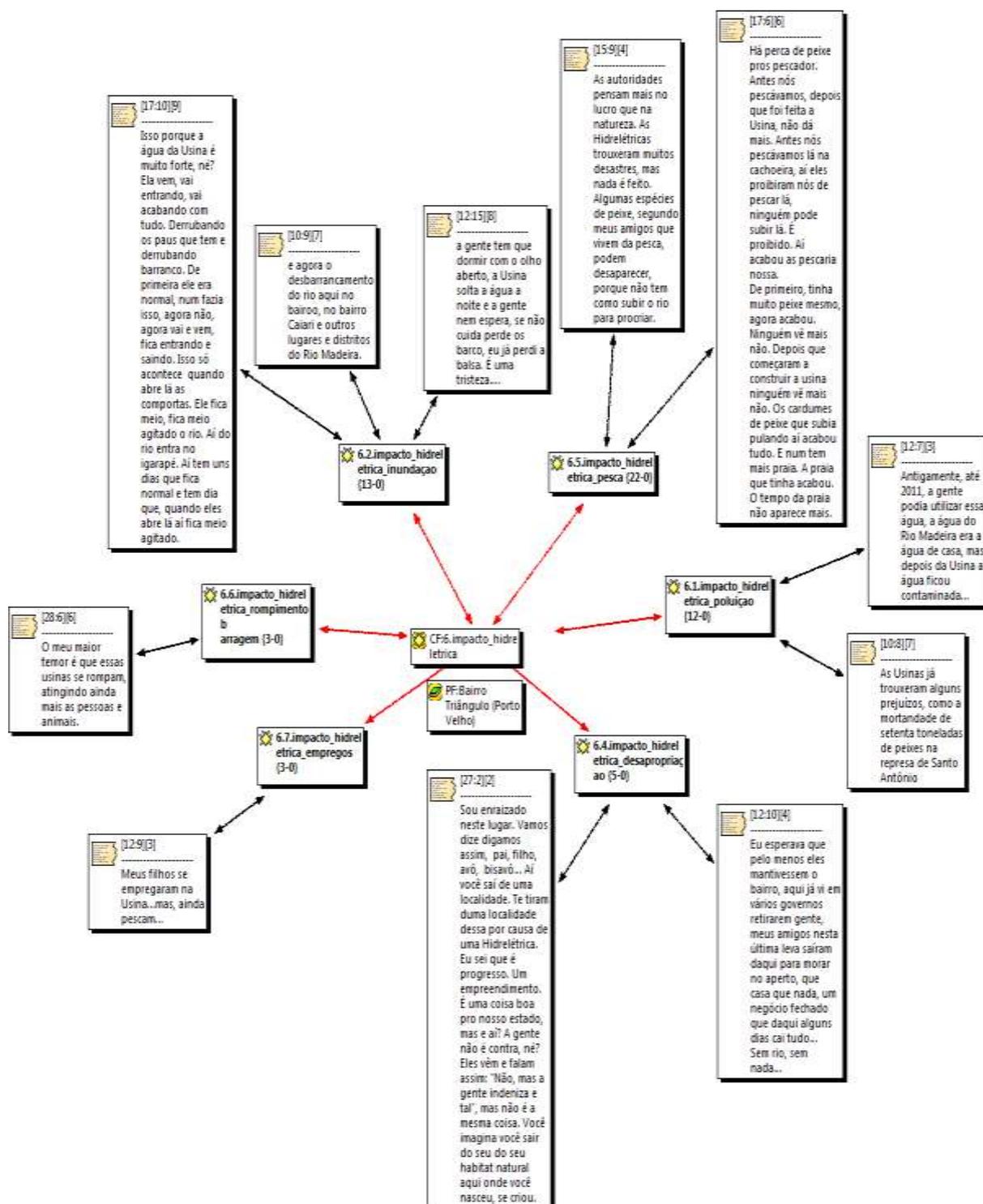
Família 5. preocupação_água: parte dos entrevistados do Bairro Triângulo se preocupa quanto ao lixo na região, 1(um) deles se preocupa com a atitude do governo frente aos problemas e 1(um) se preocupa com a água para as futuras gerações.

REDE 05 – Família 5. Preocupação água. Bairro Triângulo. Porto Velho



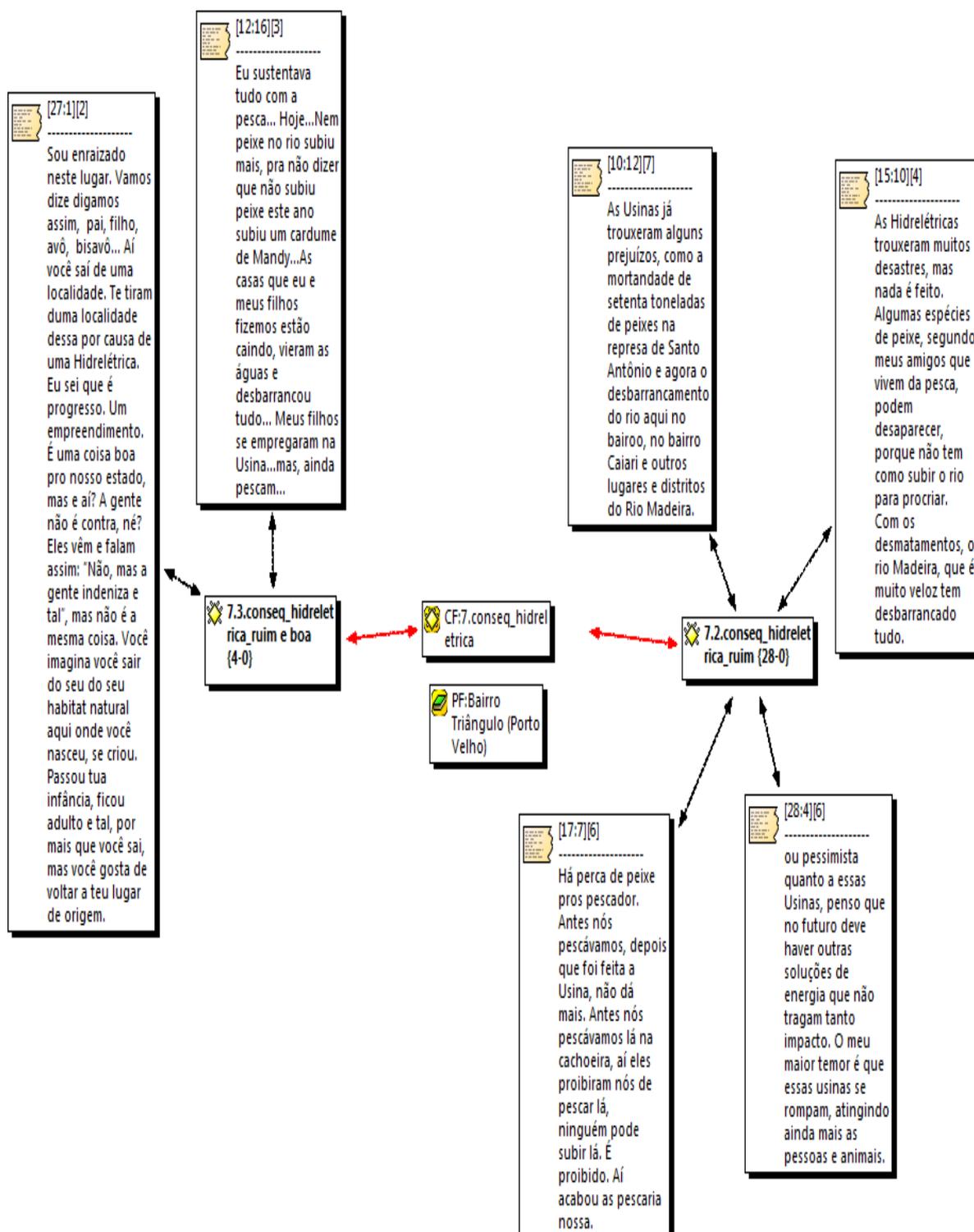
Família 6.impacto_hidrelétrica: metade dos entrevistados do Bairro Triângulo aponta o risco de inundação como maior impacto da construção das hidrelétricas, mas cita o impacto na pesca, nas desapropriações e na poluição da água.

REDE 06 – Família 6. Impacto Hidrelétrica. Bairro Triângulo. Porto Velho



Família 7.consequência_hidrelétrica: (04) quatro dos (06) seis entrevistados do Bairro Triângulo acreditam que a hidrelétrica tem consequências ruins ligadas principalmente à escassez de peixe na região e à desocupação do lugar.

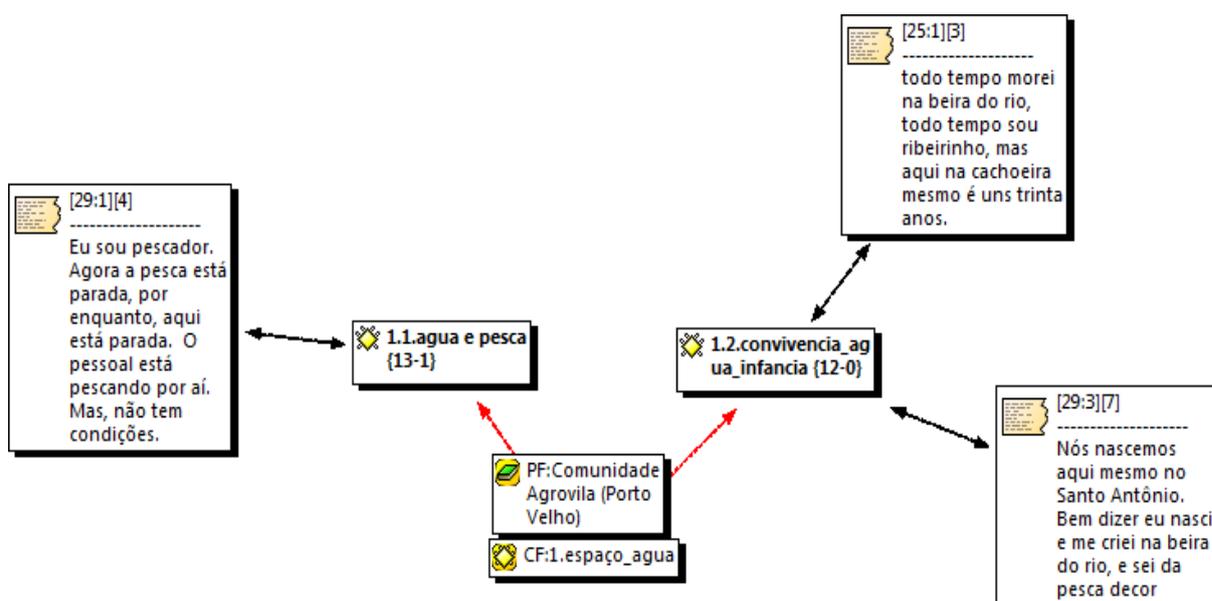
REDE 07 – Família 7. Consequência Hidrelétrica. Bairro Triângulo. Porto Velho



Comunidade Agrovila (03 colaboradores)

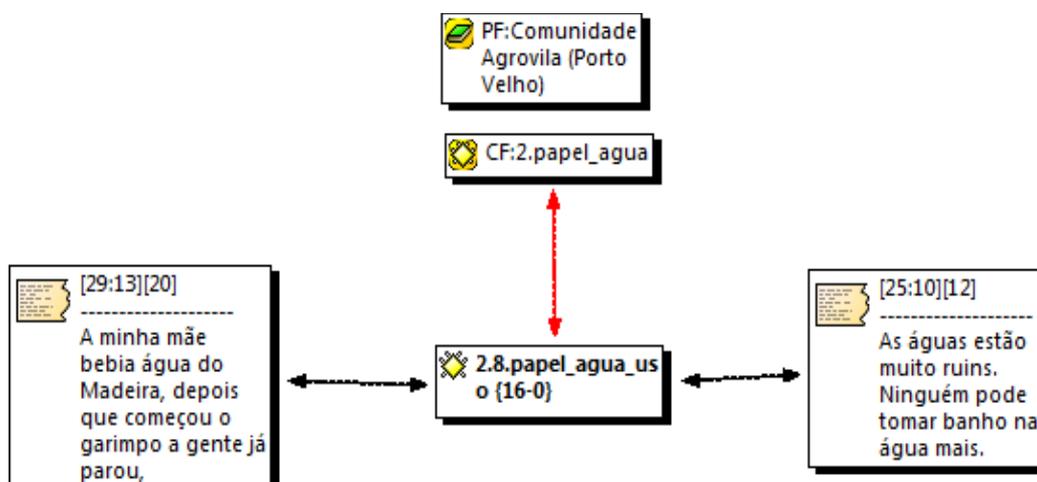
Família 1.espaço_água: (01) um entrevistado da comunidade Agrovila menciona sua relação com a pesca e (02) dois citam sua convivência com a água desde a infância.

REDE 08 – Família 1. Espaço água. Agrovila. Porto Velho



Família 2.papel_água: (02) dois dos (03) três entrevistados da Agrovila mencionam o uso da água como seu principal papel.

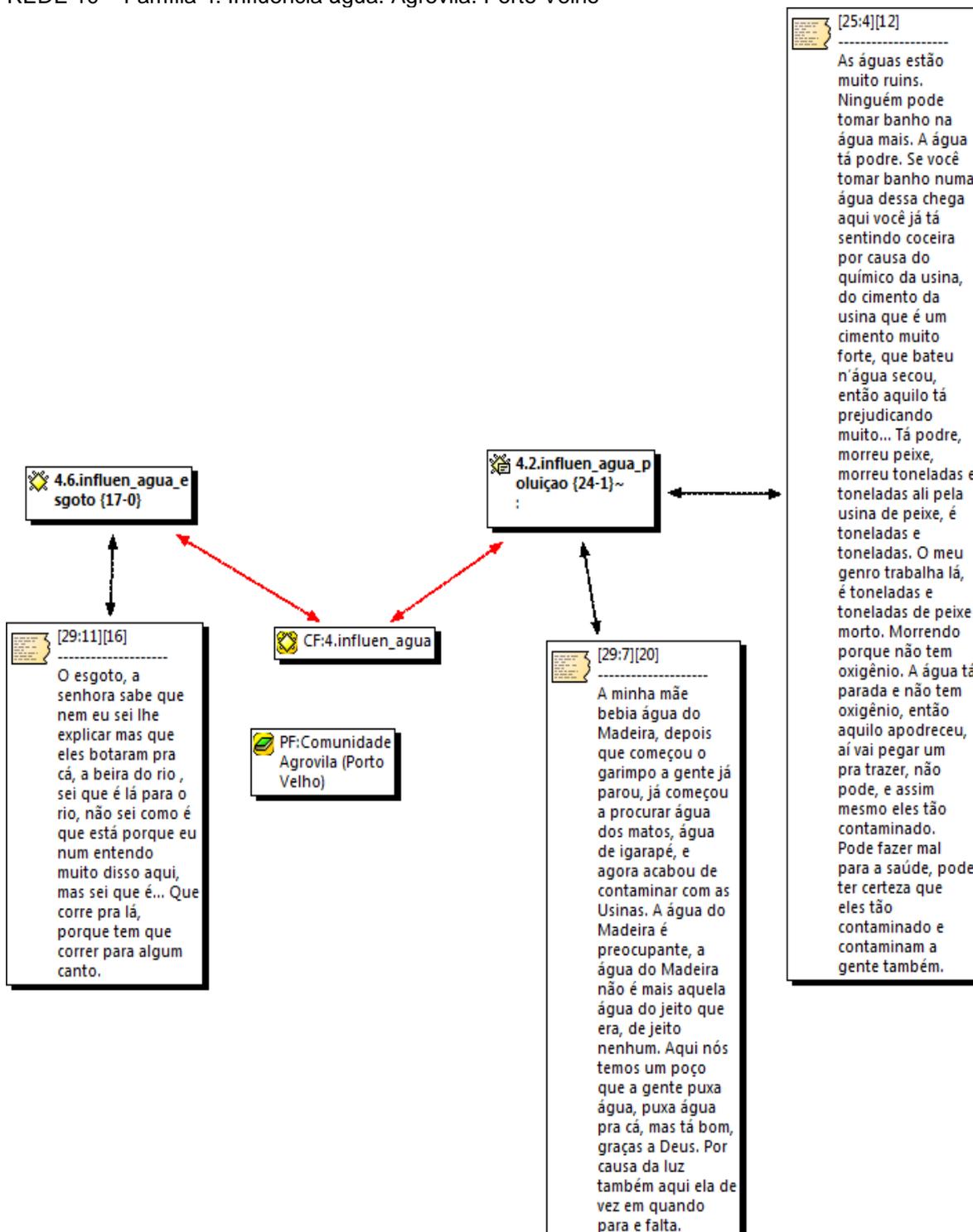
REDE 09 – Família 2. Papel água. Agrovila. Porto Velho



**Nas três entrevistas da comunidade Agrovila não foram encontradas percepções sobre a água, por isso a rede não foi elaborada para esse caso específico.

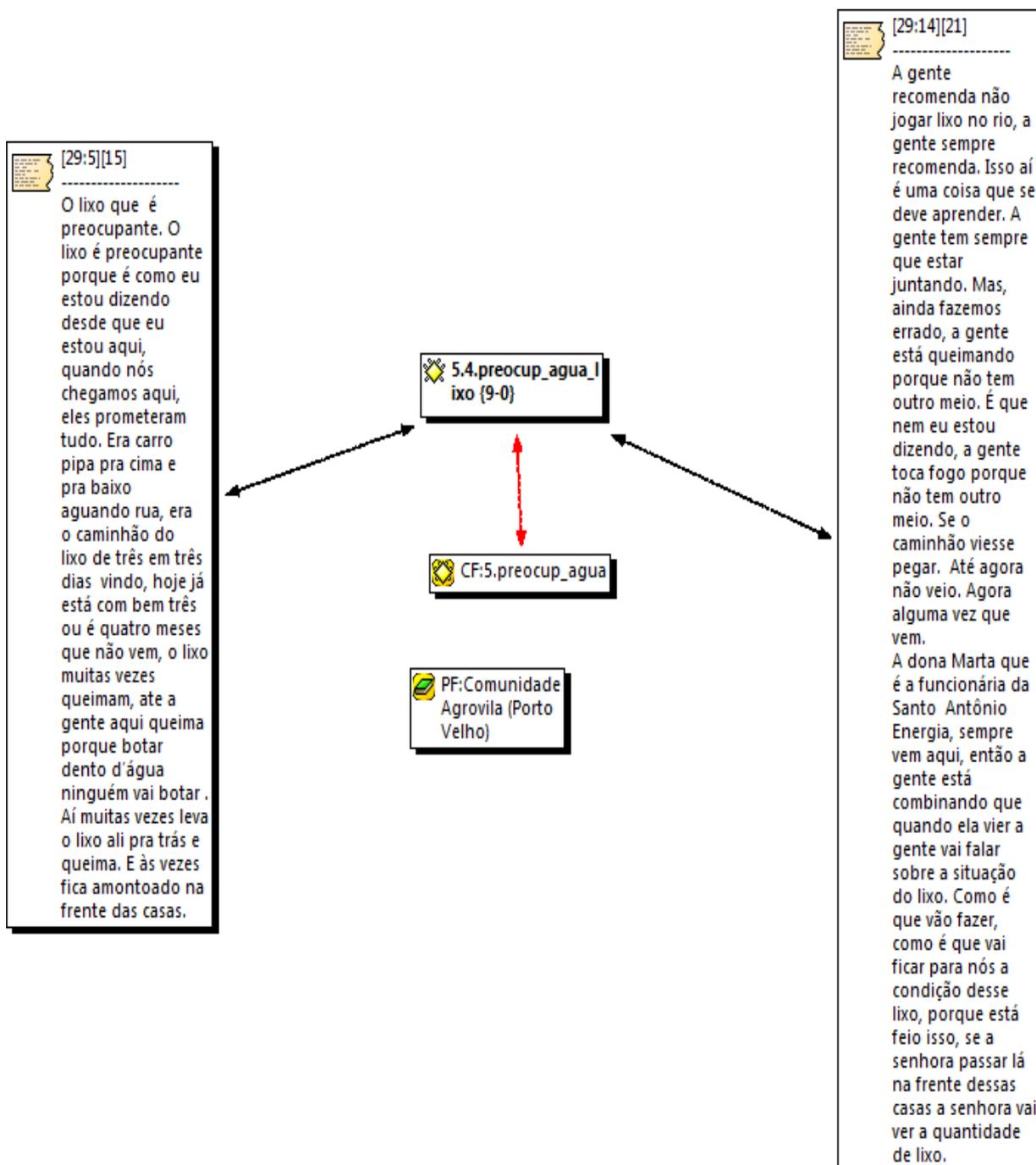
Família 4.influencia_água: (02) dois dos (03) três entrevistados da Agrovila mencionam a poluição (lixo, esgoto, cimento, óleo, garimpo) como fator que influencia negativamente a água.

REDE 10 – Família 4. Influencia água. Agrovila. Porto Velho



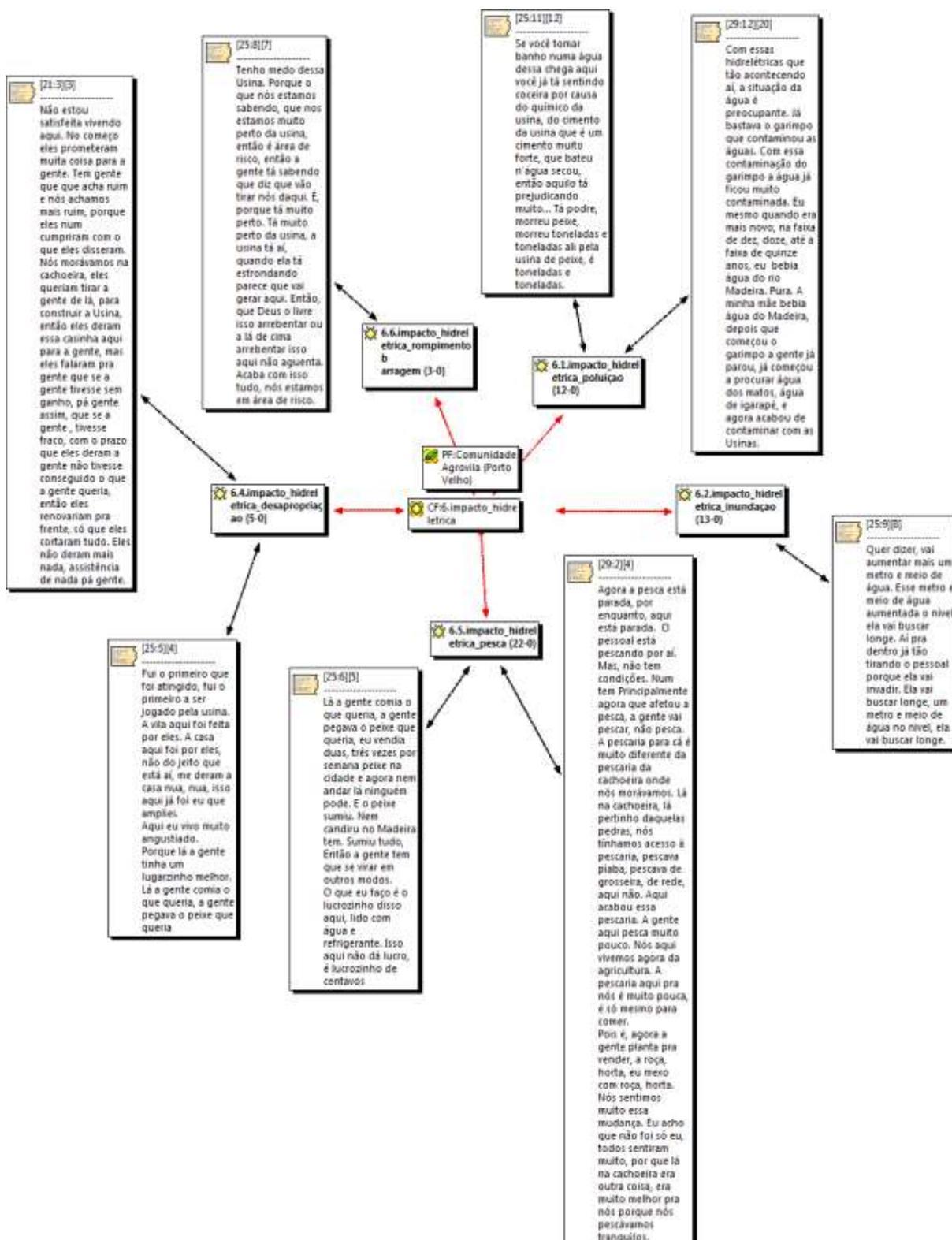
Família 5.preocupacao_água: (02) dois dos (03) entrevistados da Comunidade Agrovila mostram preocupação com o lixo e sua influência na água.

REDE 11 – Família 5. Preocupação água. Agrovila. Porto Velho



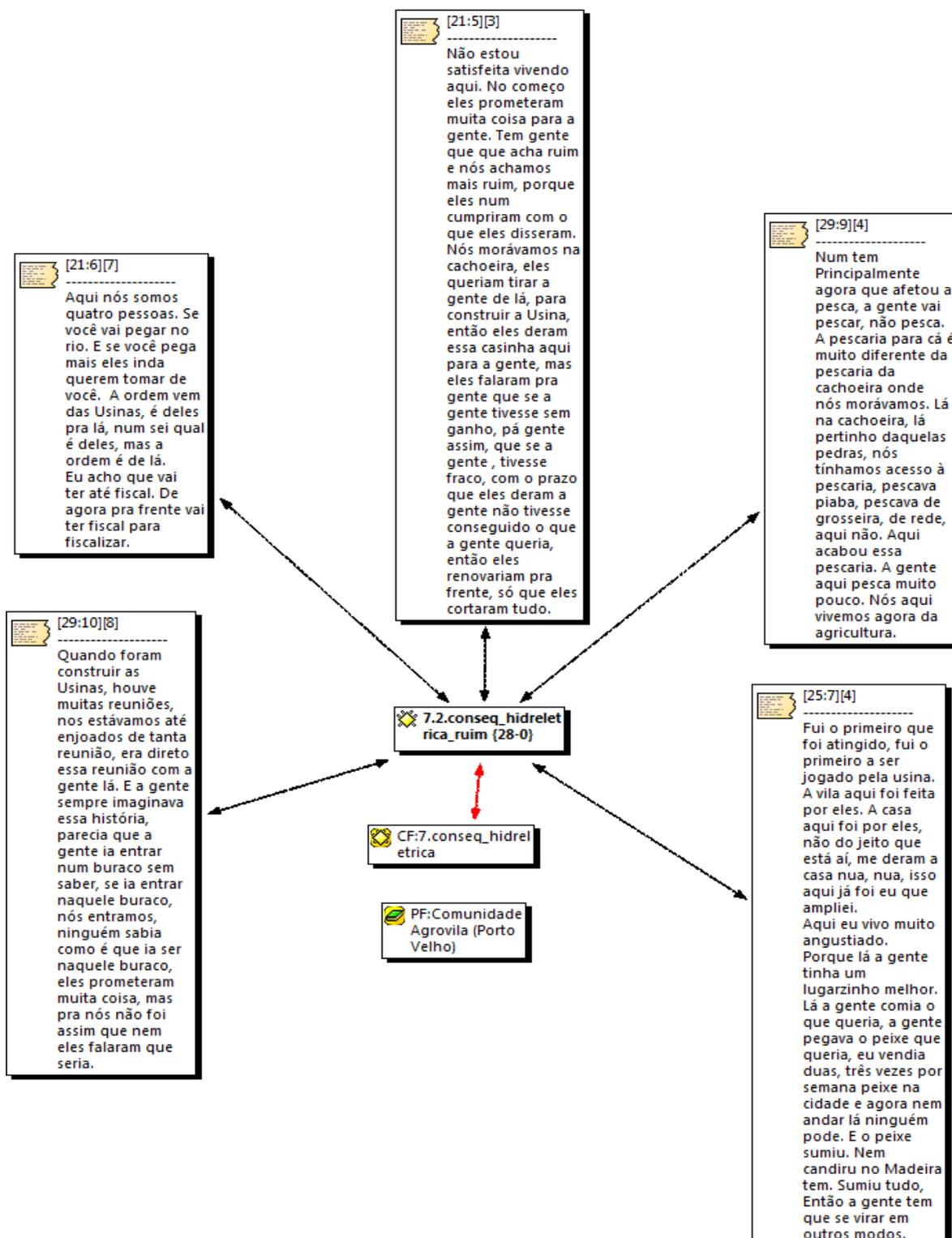
Família 6.impacto_hidrelétrica: dois (02) entrevistados citam a poluição, a escassez da pesca e a desapropriação como principais impactos da construção das hidrelétricas.

REDE 12- Família 6. Impacto Hidrelétrica. Agrovila. Porto Velho



Família 7.consequência_hidrelétrica: os (03) três entrevistados da comunidade Agrovila citam consequências ruins advindas da construção das hidrelétricas, referentes à pesca e à desapropriação.

REDE 13 - Família 7. Consequência Hidrelétrica. Agrovila. Porto Velho



Comunidade Maravilha (03 colaboradores)

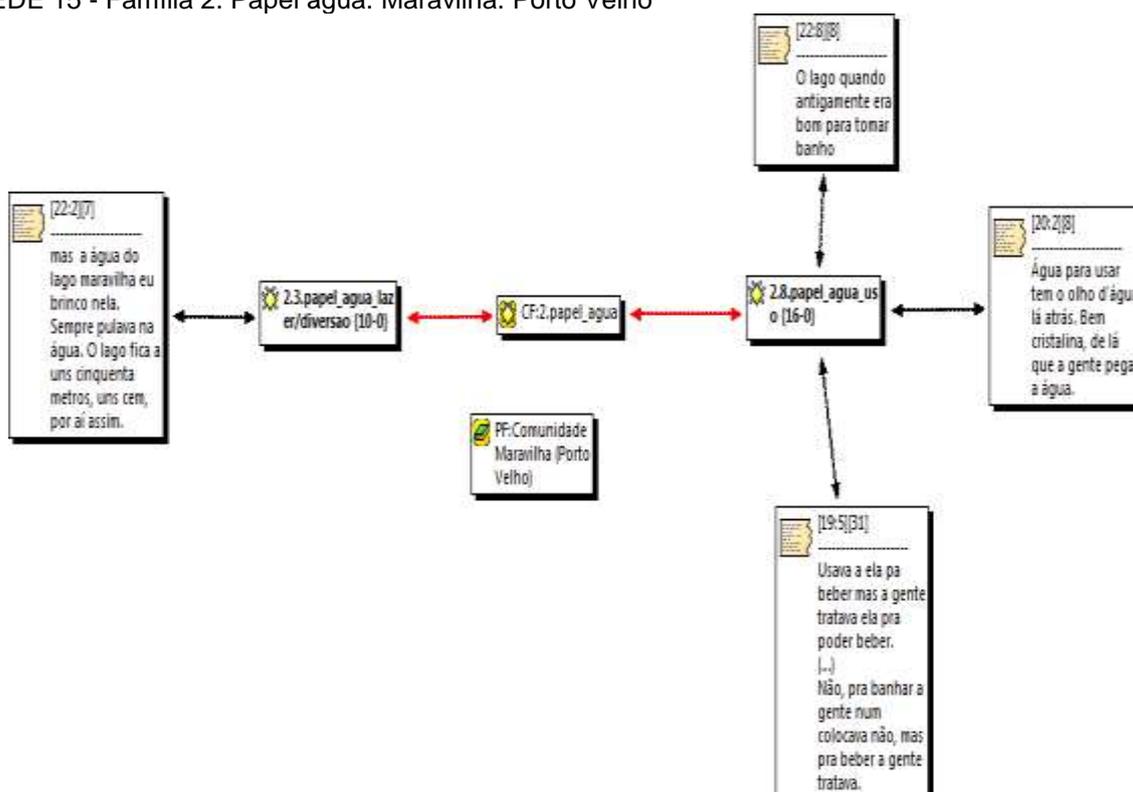
Família 1.espaço_água: (01) um entrevistado da Comunidade Maravilha cita sua convivência com a água desde a infância.

REDE 14 - Família 1. Espaço água. Maravilha. Porto Velho



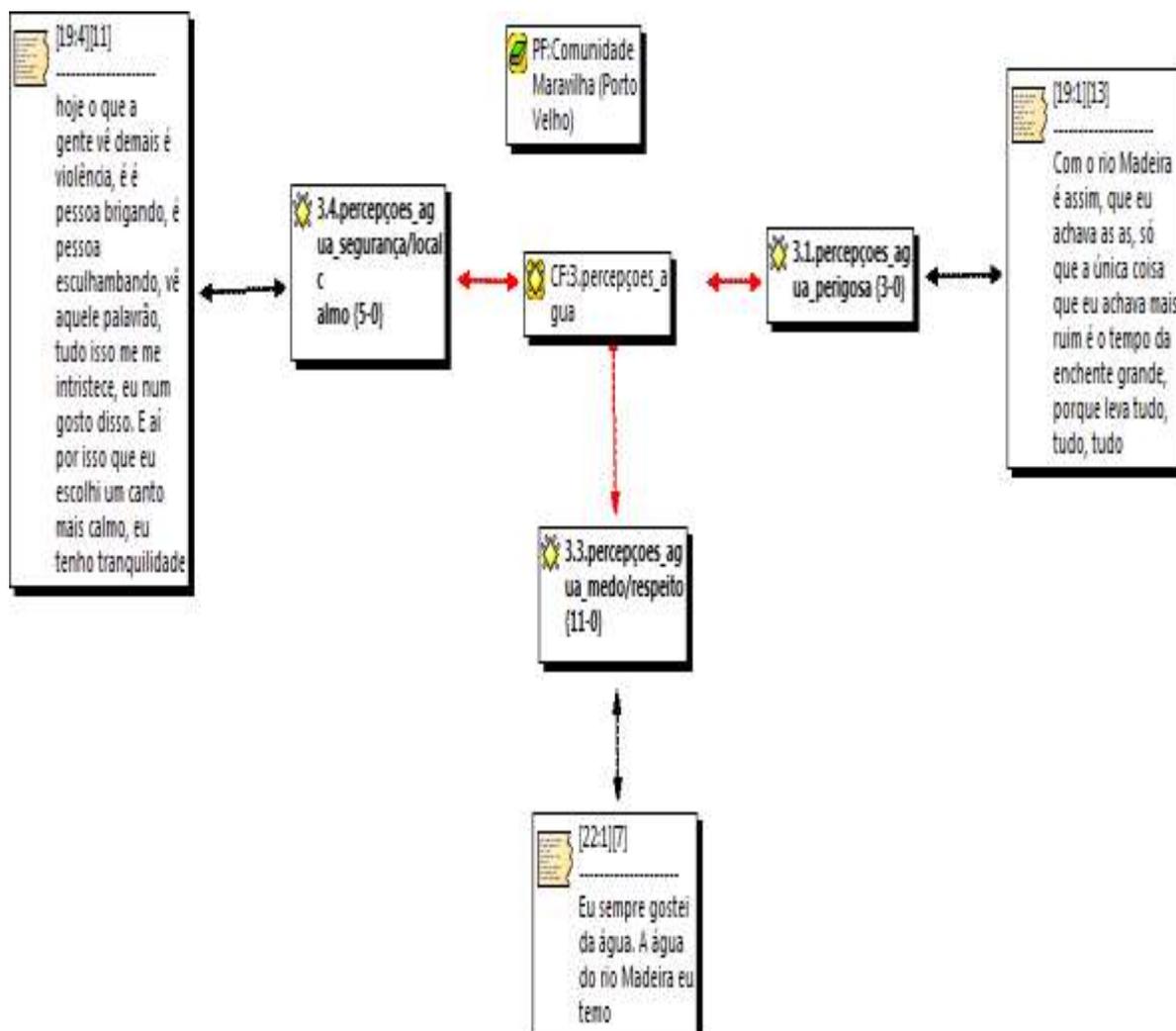
Família 2.papel_água: todos os entrevistados da comunidade Maravilha citam o uso da água para beber/ tomar banho como o seu papel fundamental, um informante a vê como lazer/diversão.

REDE 15 - Família 2. Papel água. Maravilha. Porto Velho



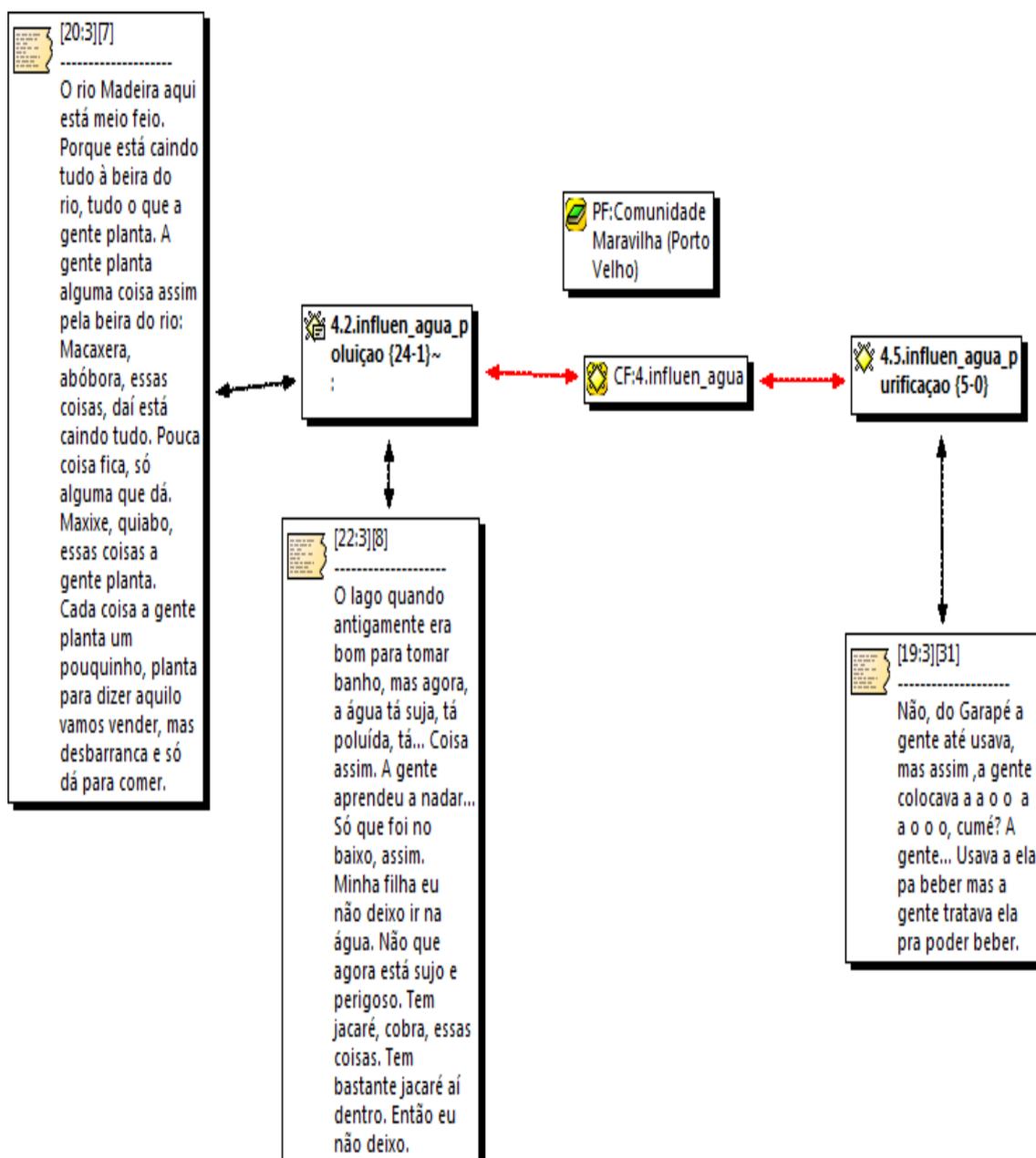
Família 3.percepções_água: Um (01) entrevistado percebe a água como local seguro, calmo. (01) um percebe a água como perigosa devido ao risco de enchente. (01) um a percebe como temerosa e cita o medo/respeito em relação à água (sempre o respeito quanto ao perigo de morte e medo quanto a sua velocidade).

REDE 16 - Família 3. Percepção água. Maravilha. Porto Velho



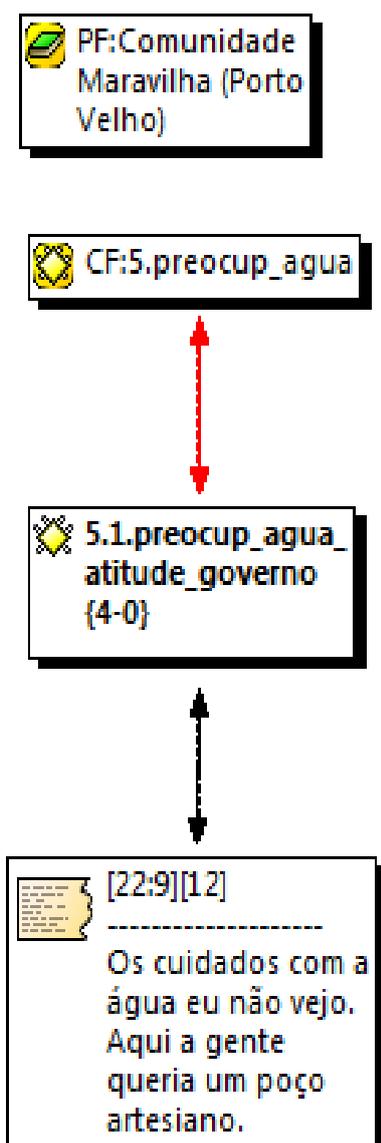
Família 4.influencia_água: Os entrevistados da comunidade Maravilha citam a poluição e o desbarrancamento como fatores que prejudicam a sua relação com a água.

REDE 17 - Família 4. Influencia água. Maravilha. Porto Velho



Família 5. preocupação_água: um (01) entrevistado cita uma preocupação relacionada à ausência do governo na região com relação aos cuidados com água e a realização de obras necessárias.

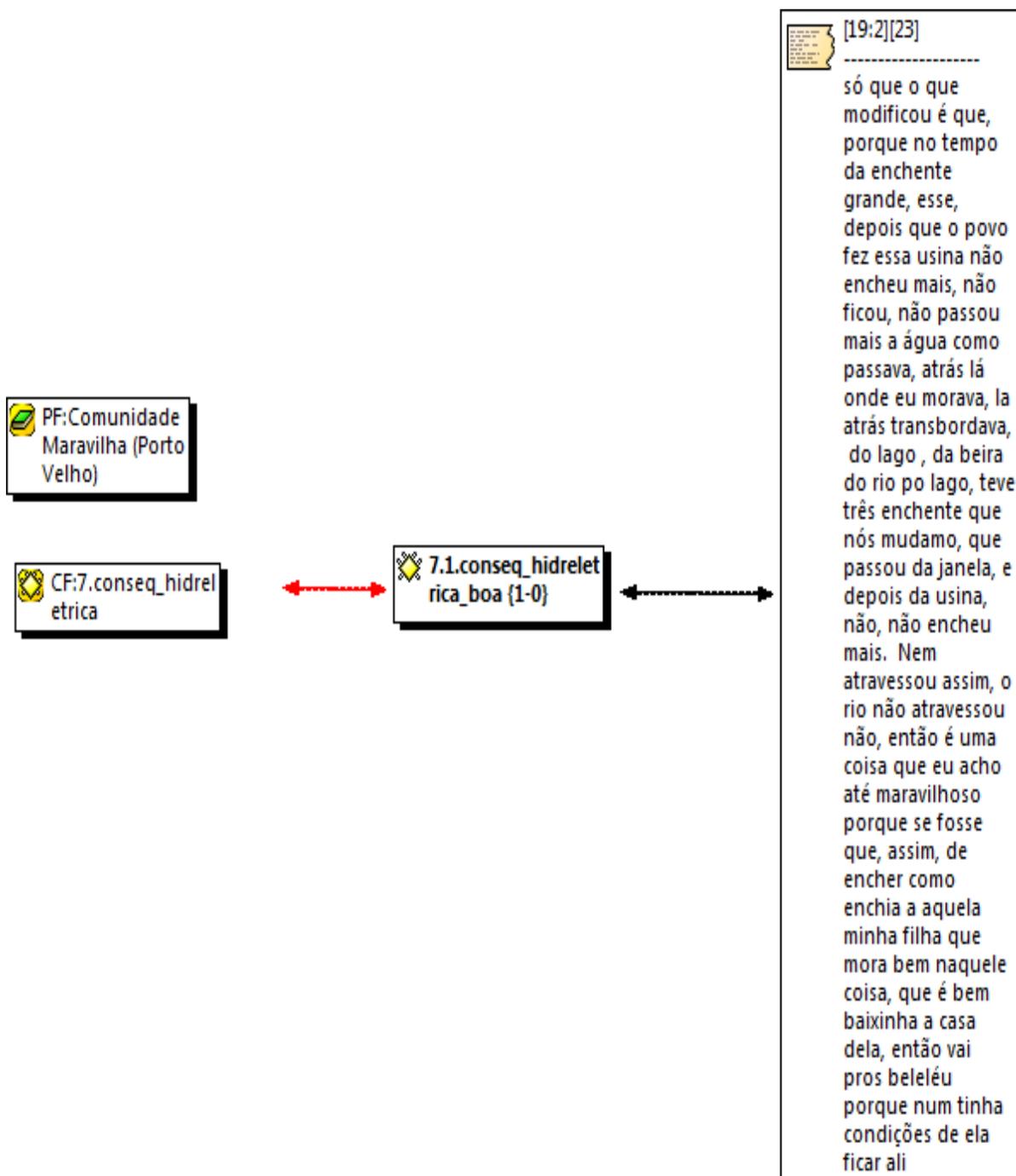
REDE 18 - Família 5. Preocupação água. Maravilha. Porto Velho



Família 6. impacto_hidrelétrica: Nas três entrevistas da comunidade Maravilha não foram encontradas respostas sobre o impacto das hidrelétricas, por isso a rede não foi elaborada para esse caso específico.

Família 7.consequência_hidrelétrica: (01) um entrevistado da comunidade Maravilha cita consequência boa da usina hidrelétrica.

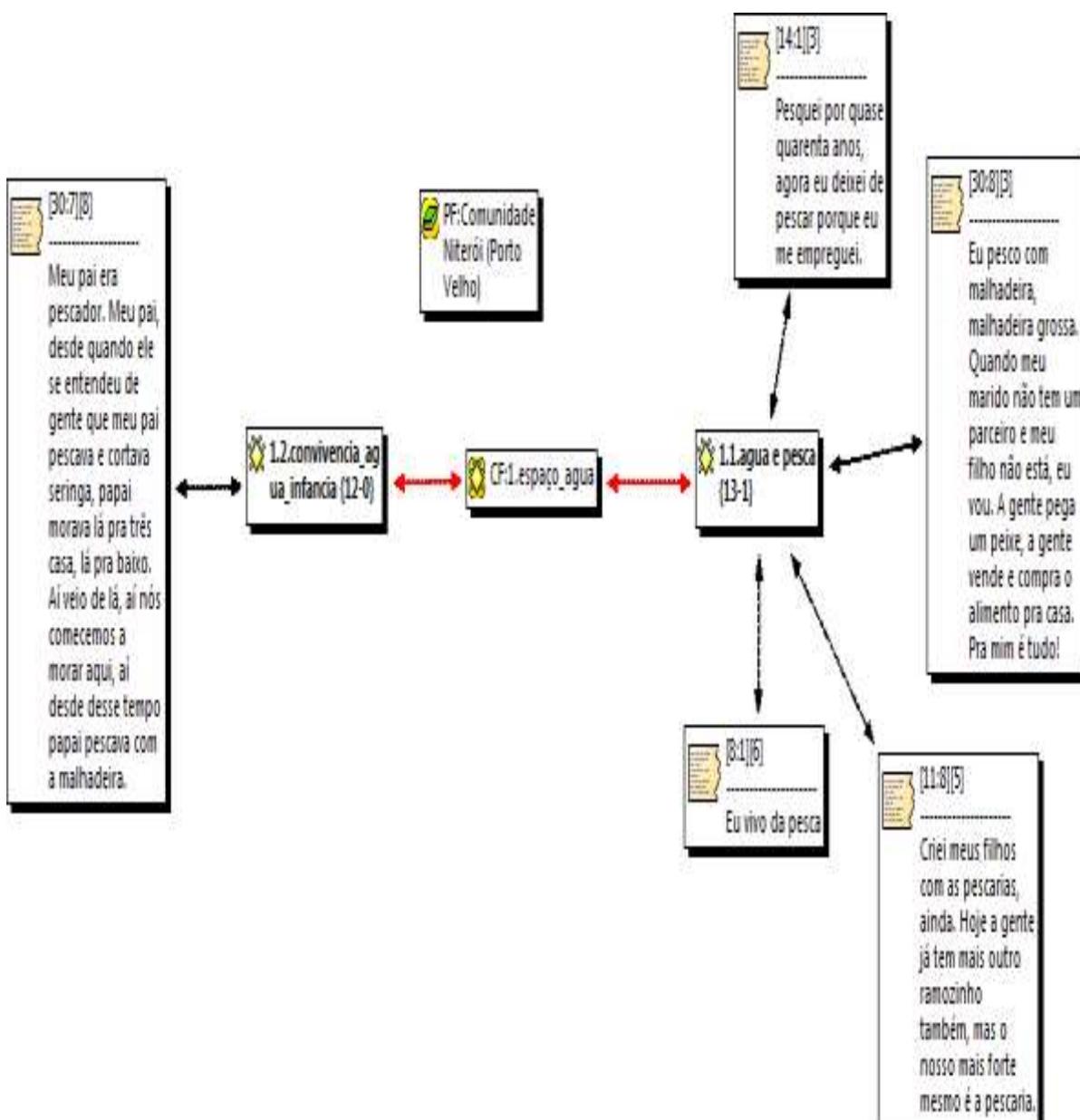
REDE 19 - Família 7. Impacto Hidrelétrica. Maravilha. Porto Velho



Comunidade Niterói (08 colaboradores)

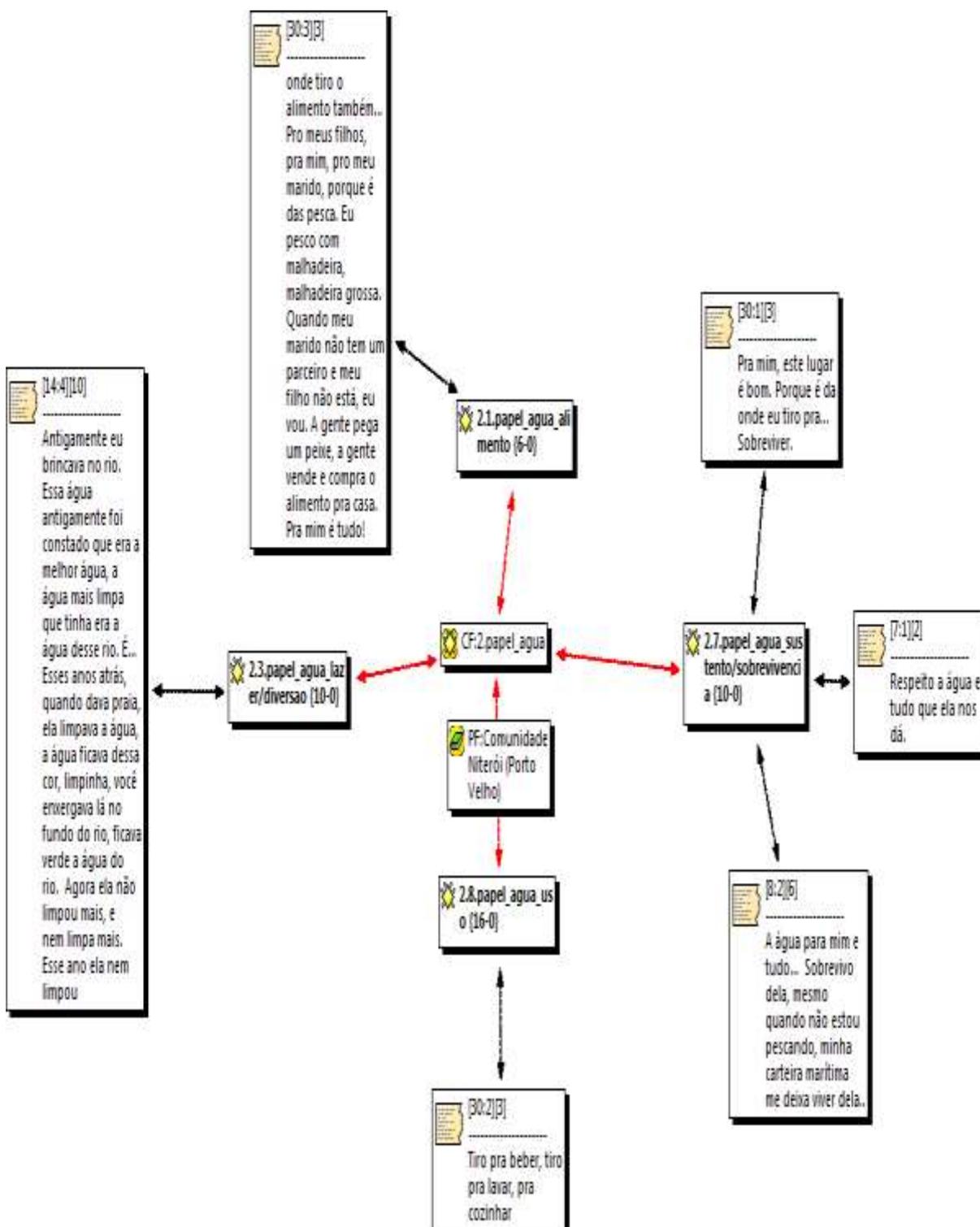
Família 1. espaço_água: (04) quatro entrevistados citam a sua relação com a pesca e (01) um menciona sua relação com a água desde a infância.

REDE 20 – Espaço água. Niterói. Porto Velho



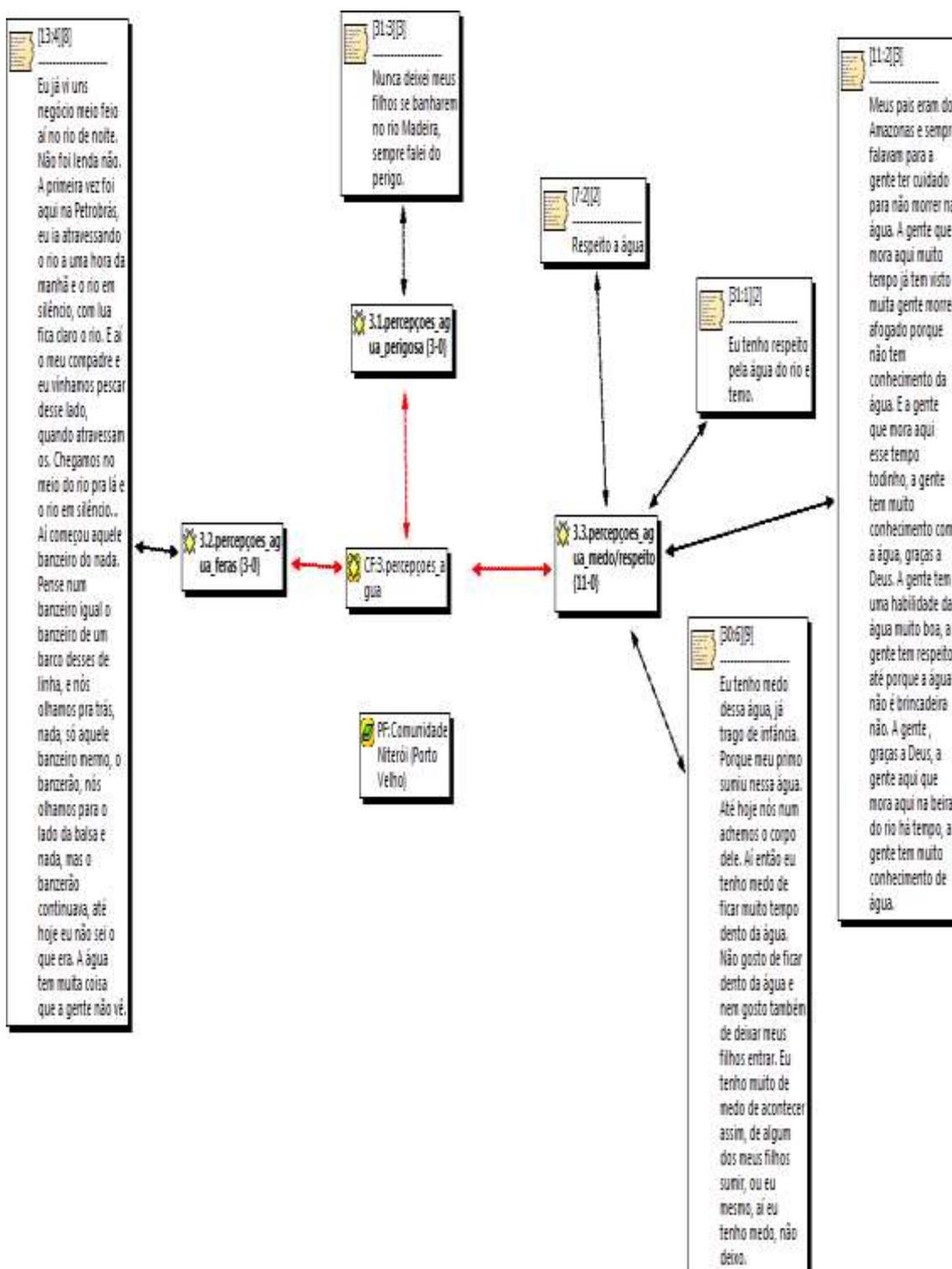
Família 2. papel_água: (05) cinco entrevistados veem a água como fundamental para a subsistência/sobrevivência. (01) um vê a água como lazer/ diversão.

REDE 21 - Família 2. Papel água. Niterói. Porto Velho



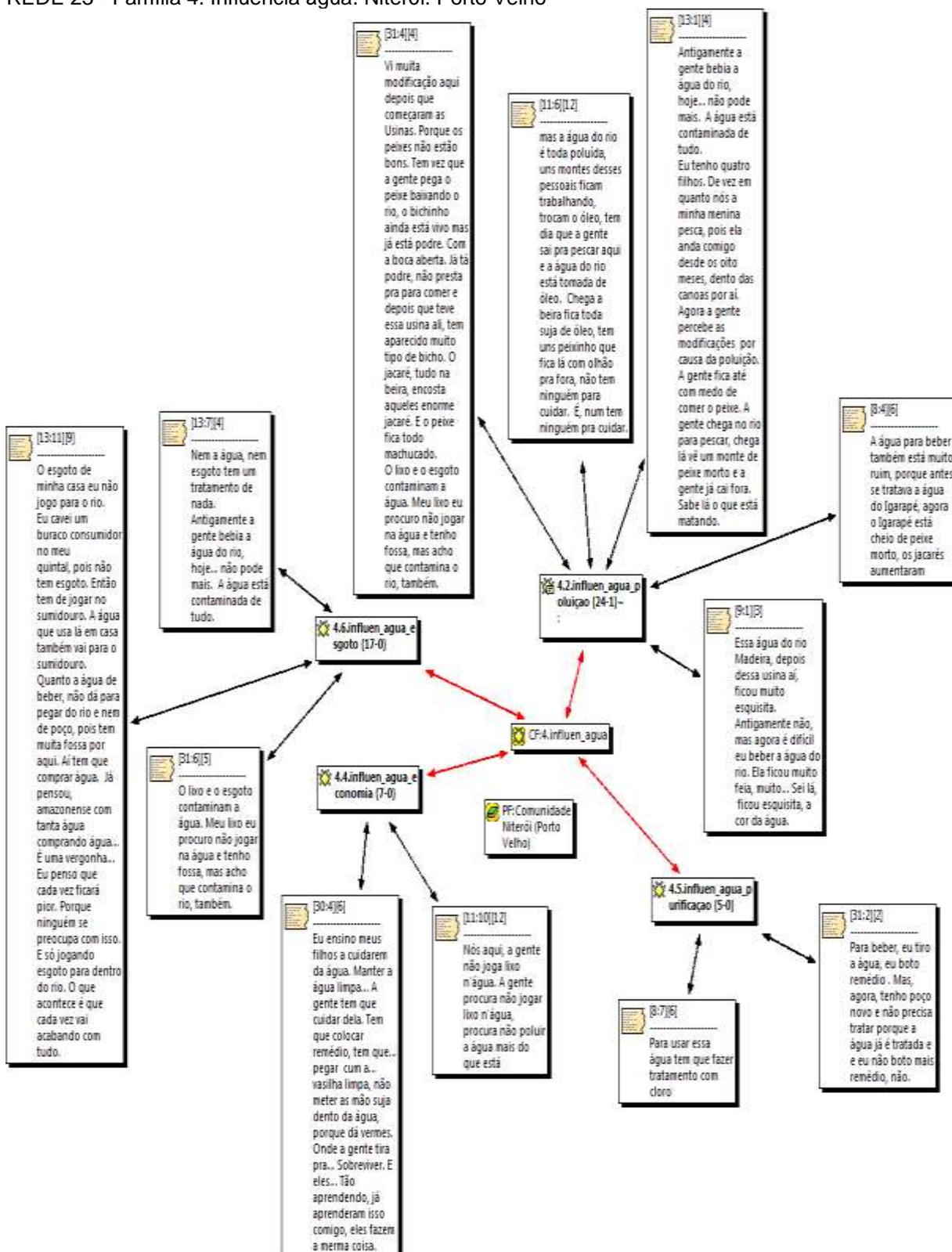
Família 3. percepções_água: (06) seis dos entrevistados de Niterói têm uma percepção sobre a água relacionada ao medo/respeito, outros a percebem como perigosa e como lugar de feras.

REDE 22 - Família 3. Percepção água. Niterói. Porto Velho



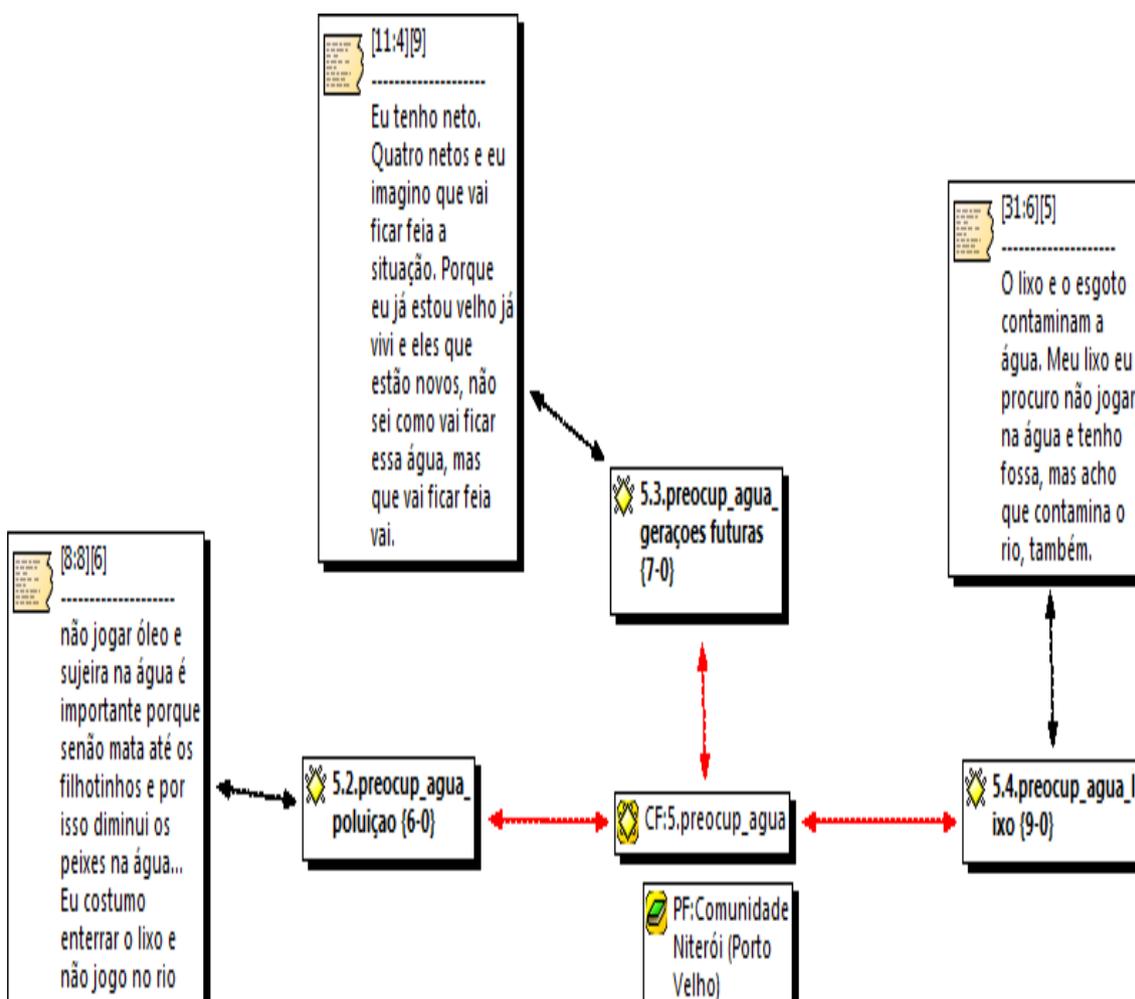
Família 4. influencia_água: cinco (05) dos oito (08) entrevistados de Niterói citam a poluição (lixo, esgoto, resíduos da usina e óleo) como fator que influencia negativamente a água.

REDE 23 - Família 4. Influencia água. Niterói. Porto Velho



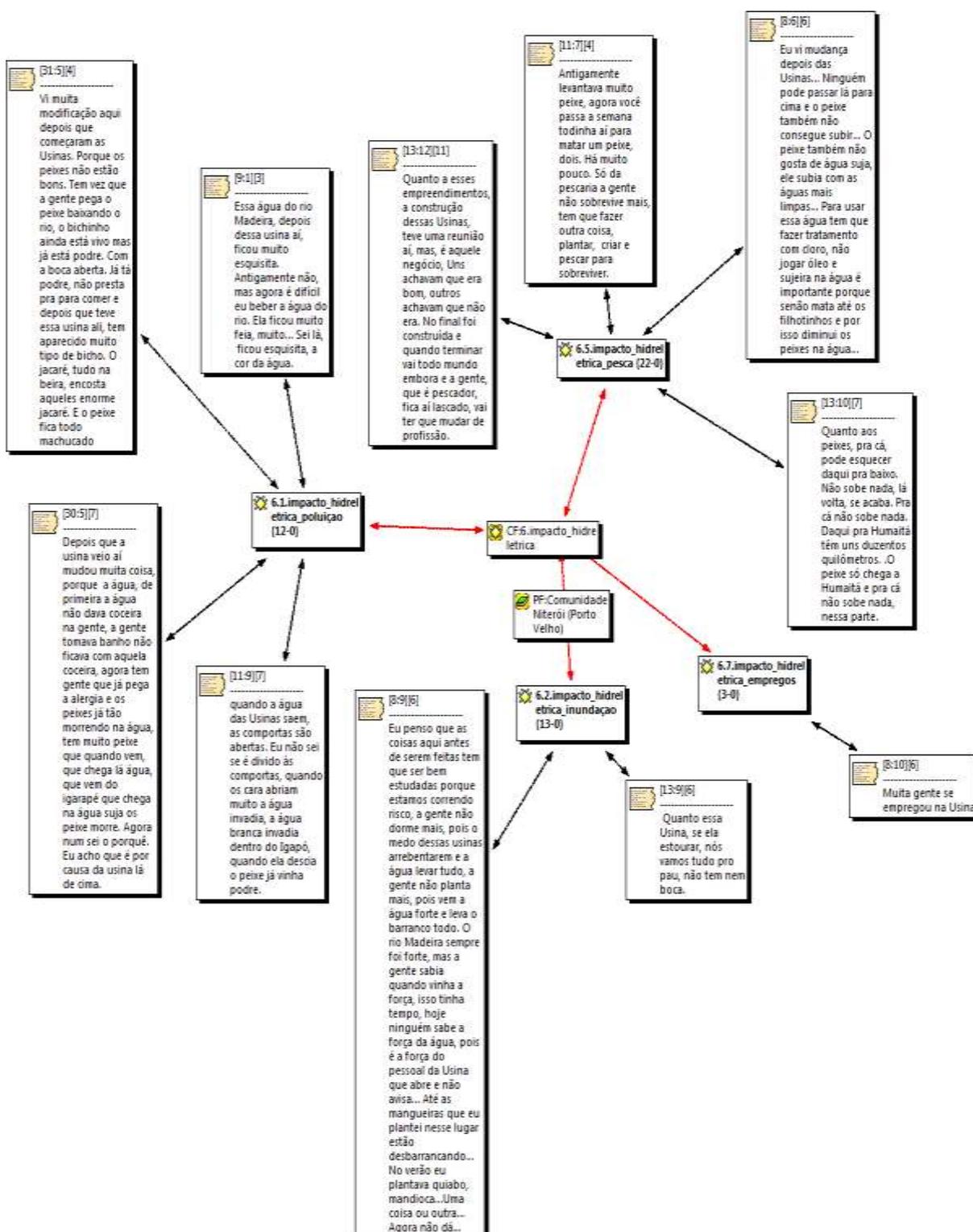
Família 5. preocupação_água: três (03) entrevistados citam preocupações diferentes com relação à água – relacionadas à poluição, ao lixo e às gerações futuras.

REDE 24 - Família 5. Preocupação água, Niterói. Porto Velho



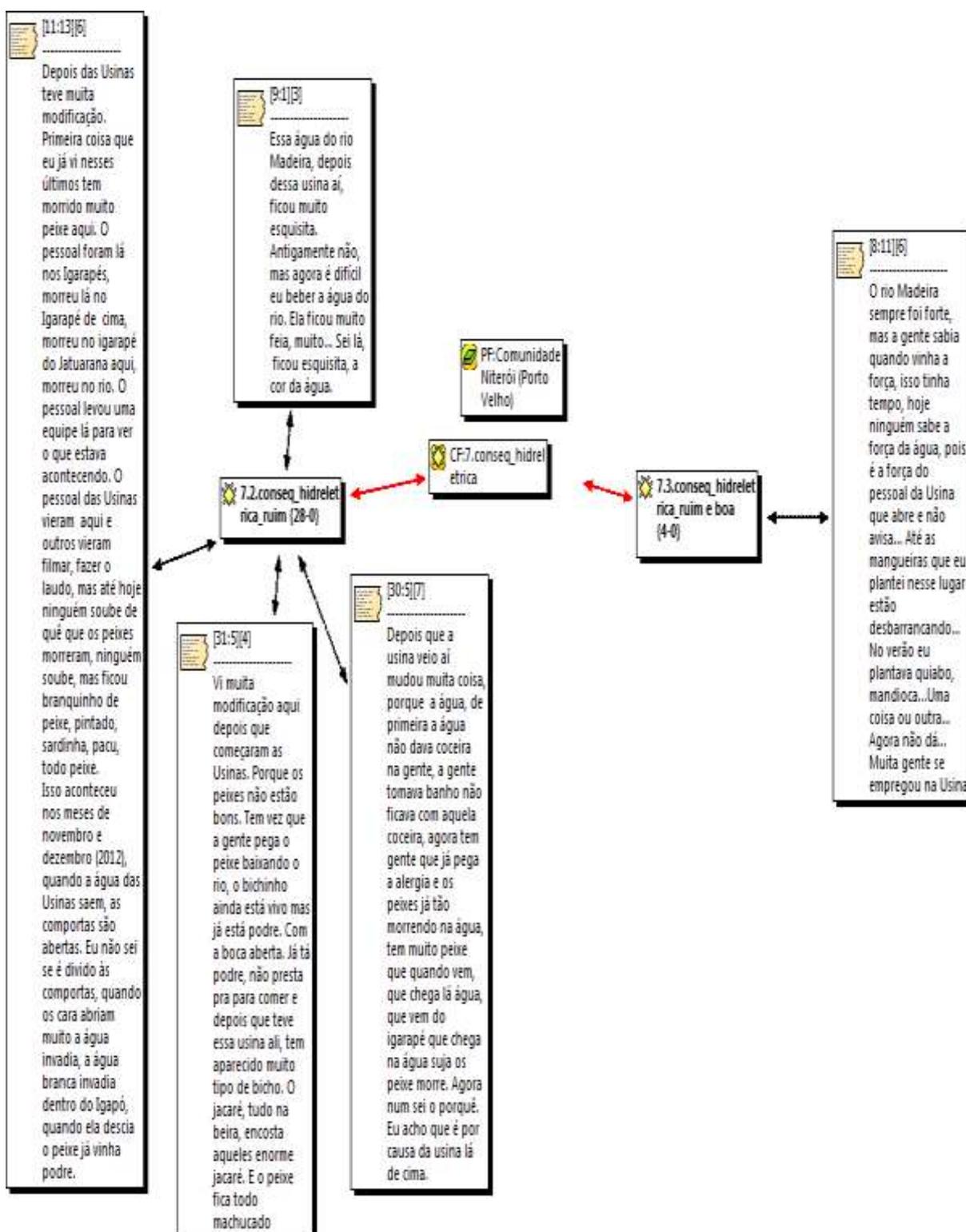
Família 6. impacto_hidrelétrica: Os entrevistados da Comunidade Niterói apontam a poluição e a escassez de peixe como os principais impactos gerados pelas hidrelétricas.

REDE 25 - Família 6. Impacto hidrelétrica. Niterói. Porto Velho



Família 7. consequências_hidrelétrica: quatro (04) entrevistados de Niterói citam consequências ruins referentes à construção das hidrelétricas ligadas à poluição e à escassez de peixe.

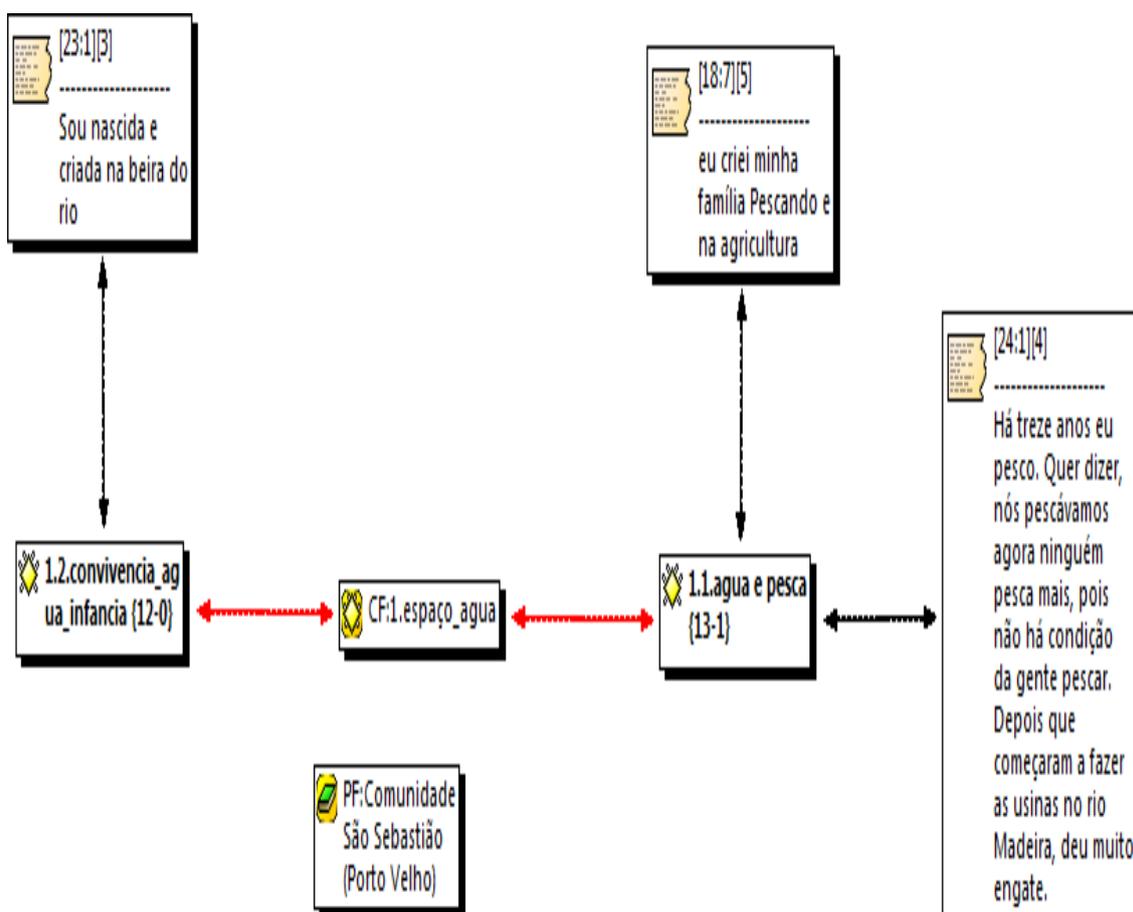
REDE 26 - Família 7. Consequências Hidrelétricas. Niterói. Porto Velho



Comunidade São Sebastião (05 colaboradores)

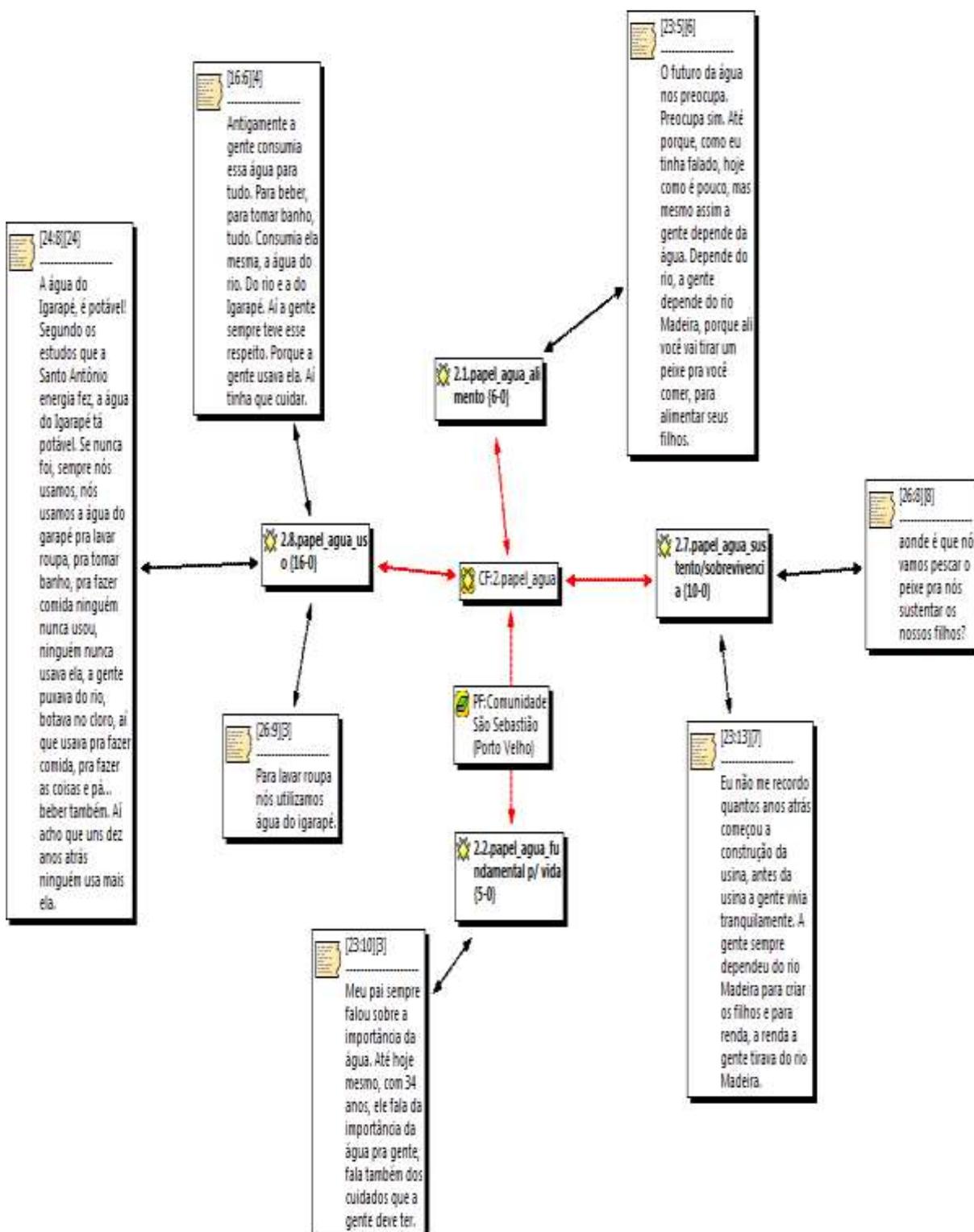
Família 1.espaço_água: (02) dois entrevistados de São Sebastião citam sua relação com a pesca e (01) um entrevistado menciona sua convivência com a água desde a infância.

REDE 27 – Família 1. Espaço água. São Sebastião. Porto Velho



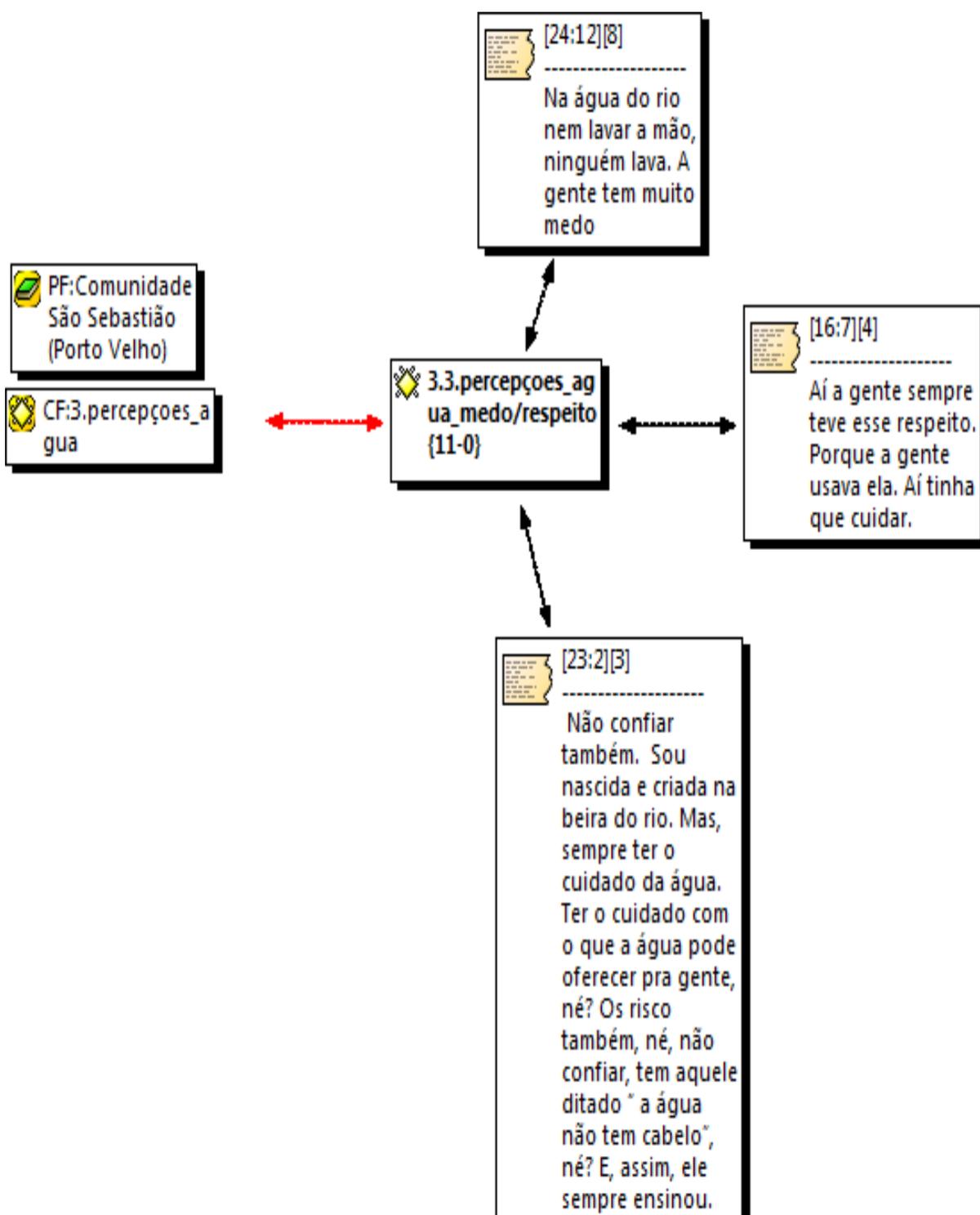
Família 2. papel_água: Os entrevistados em São Sebastião reconhecem na água o seu papel fundamental à sobrevivência, no uso diário e como fonte de subsistência.

REDE 28 - Família 2. Papel água. São Sebastião. Porto Velho



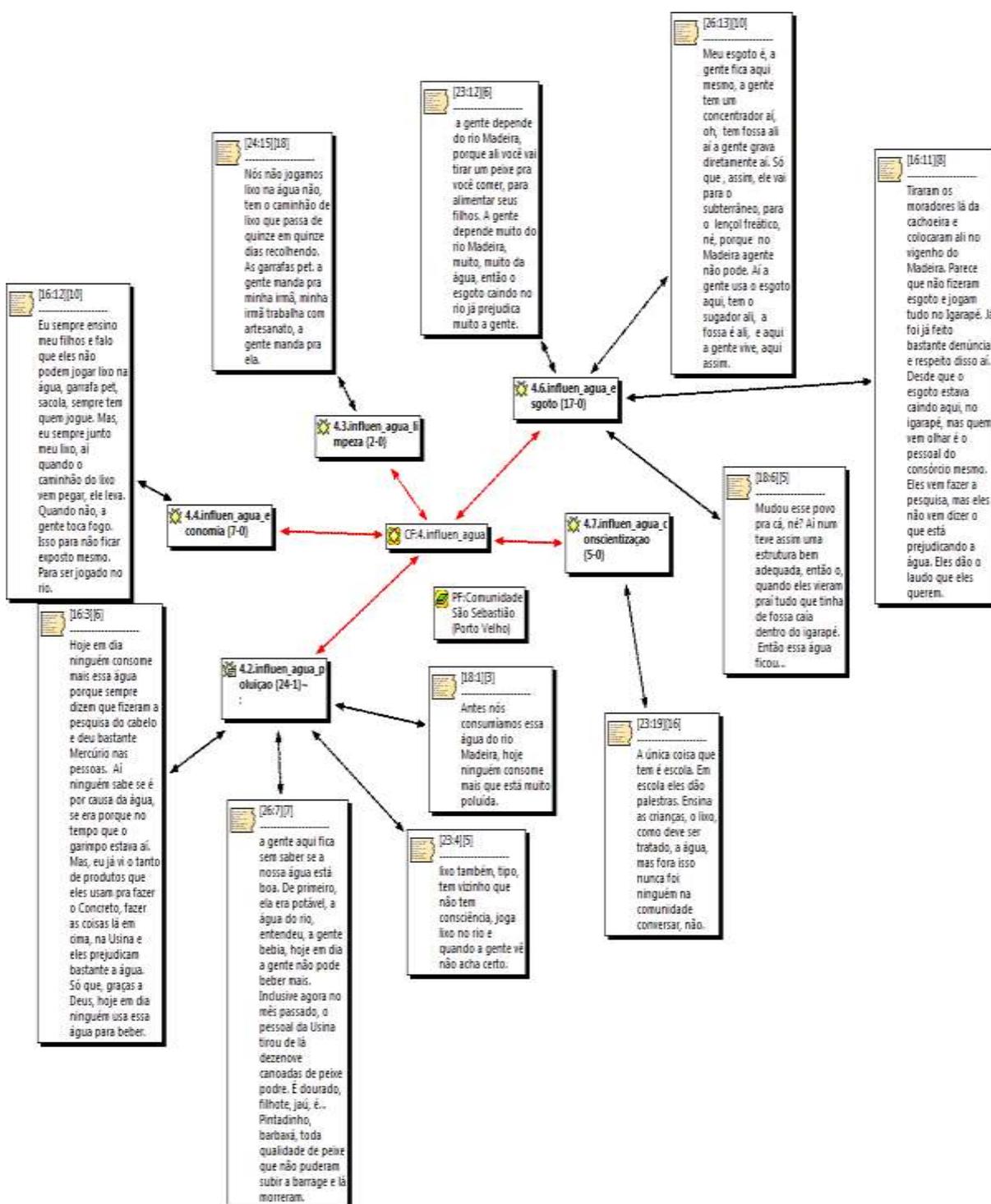
Família 3. percepções_água: (03) três entrevistados de São Sebastião citam percepções sobre a água relacionadas ao medo/respeito (respeito temeroso quanto à sua velocidade e ao perigo de morte).

REDE 29 - Família 3. Percepção água. São Sebastião. Porto Velho



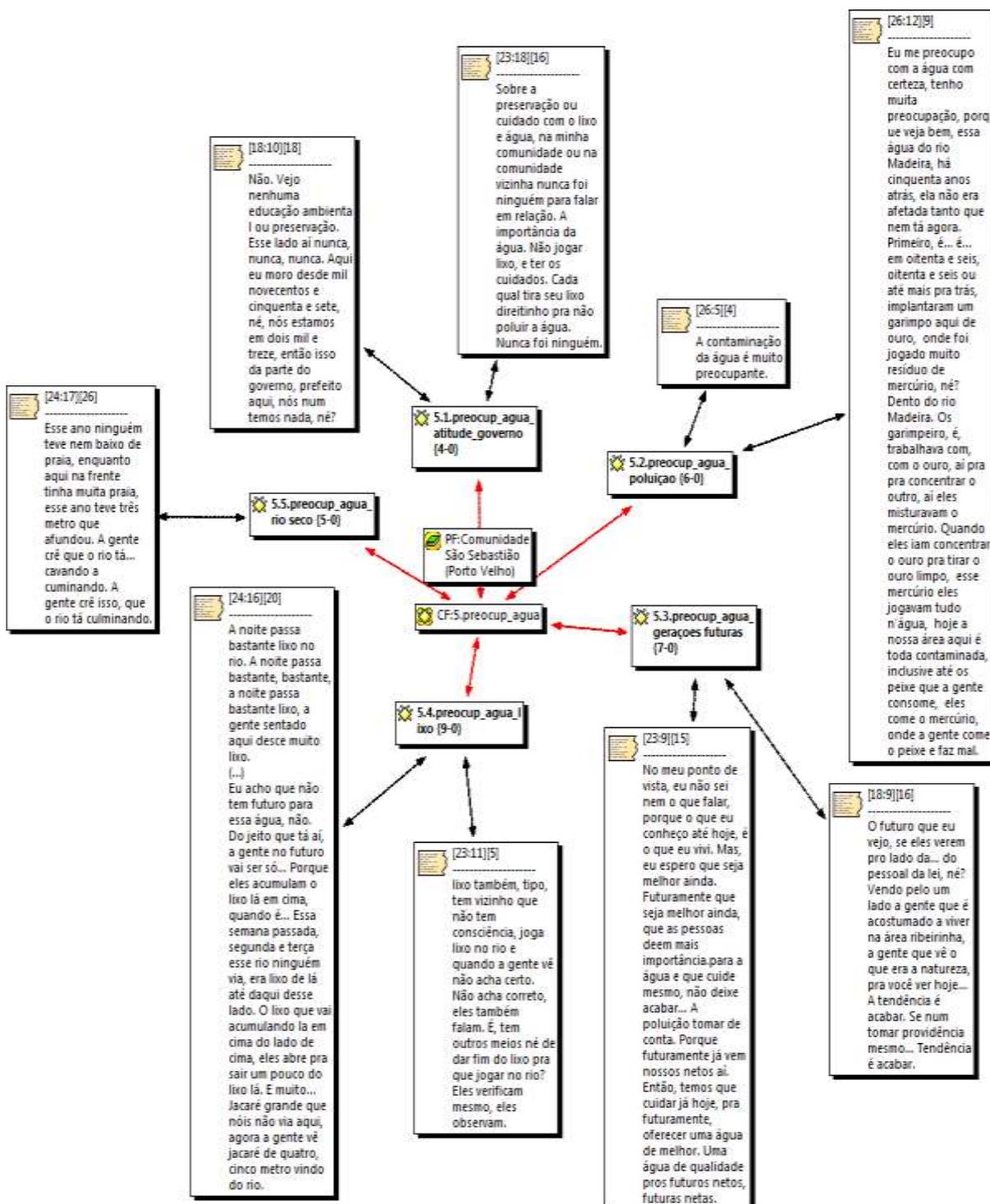
Família 4. influencia_água: a maior parte dos entrevistados de São Sebastião cita a poluição e o esgoto como principais influências negativas à água, no entanto cita como influências positivas os mutirões de limpeza, a conscientização e a economia.

REDE 30 - Família 4. Influência água. São Sebastião. Porto Velho



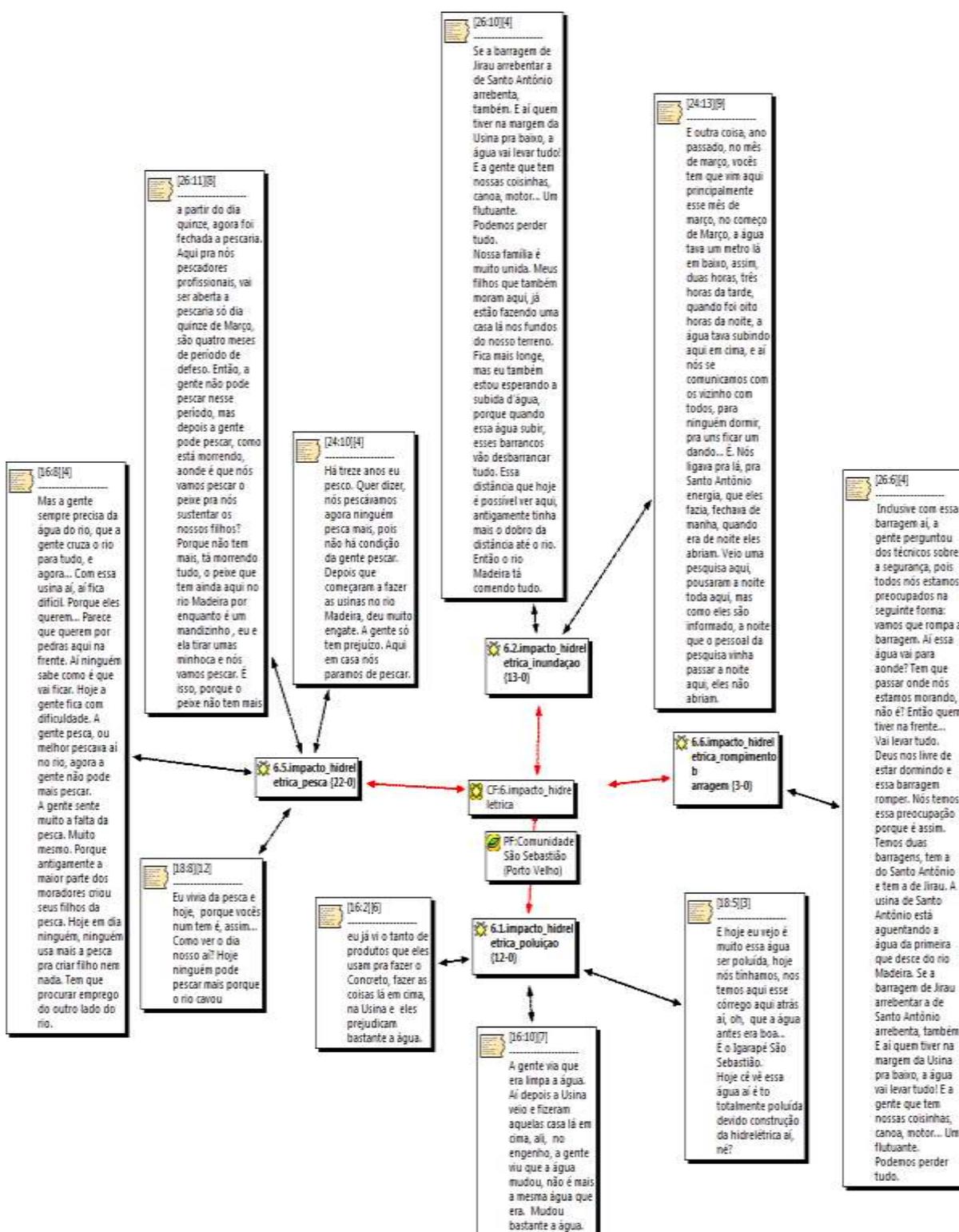
Família 5. preocupação_água: a preocupação com o lixo, a poluição, assoreamento, inércia e falta de atitudes do governo e a preocupação com as gerações futuras são as preocupações mais citadas pelos entrevistados de São Sebastião.

REDE 31 - Família 5. Preocupação água. São Sebastião. Porto Velho



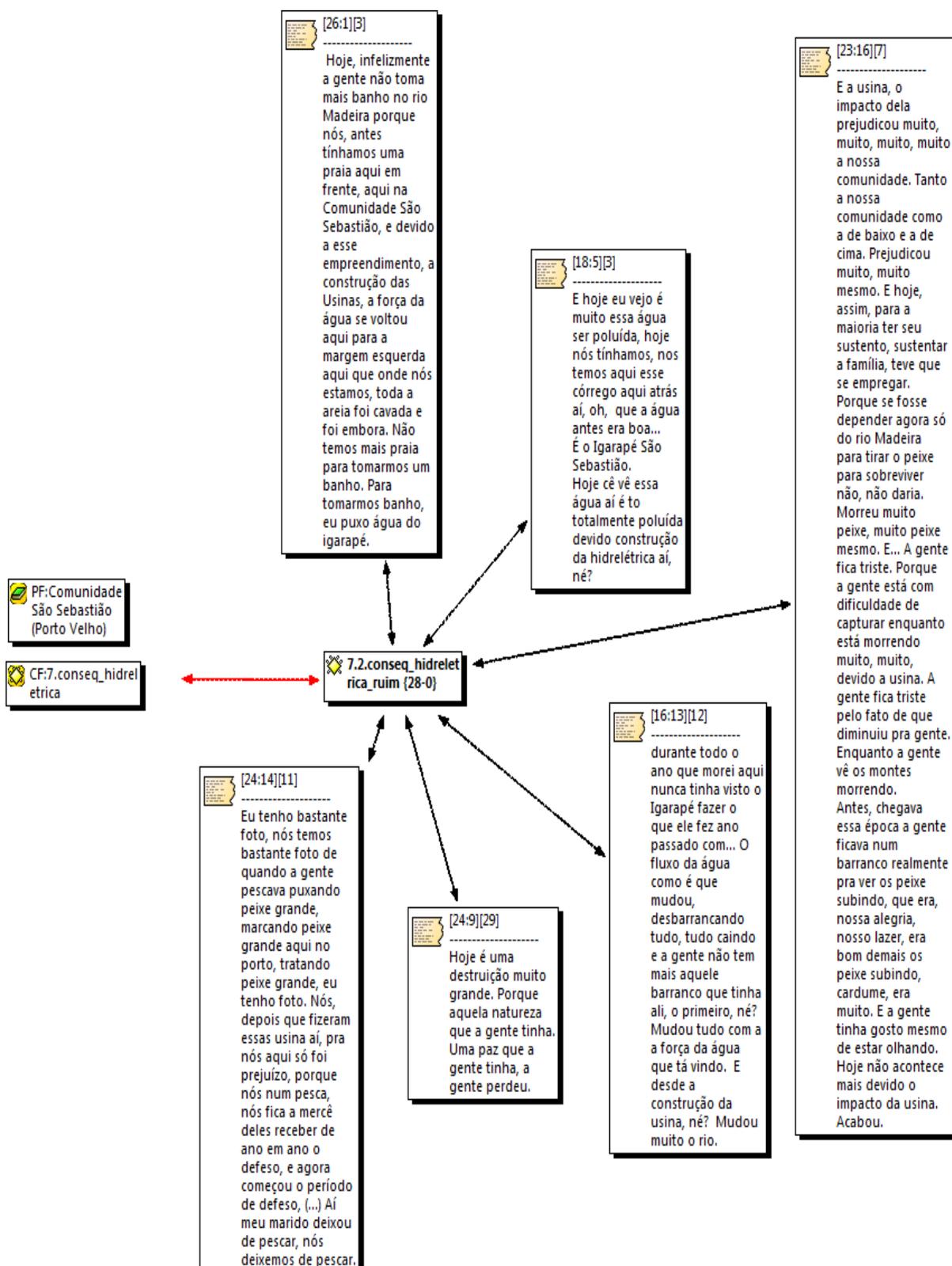
Família 6. impacto_hidrelétrica: de acordo com (04) quatro entrevistados de São Sebastião, o maior impacto das hidrelétricas é com relação à pesca. Seguido a esse impacto está a poluição, citada por (03) três entrevistados.

REDE 32 – Família 6. Impacto Hidrelétrica. São Sebastião. Porto Velho



Família 7. consequências_hidrelétrica: todos os entrevistados de São Sebastião citam consequências negativas relacionadas às hidrelétricas.

REDE 33 - Família 7. Consequências Hidrelétricas. São Sebastião. Porto Velho

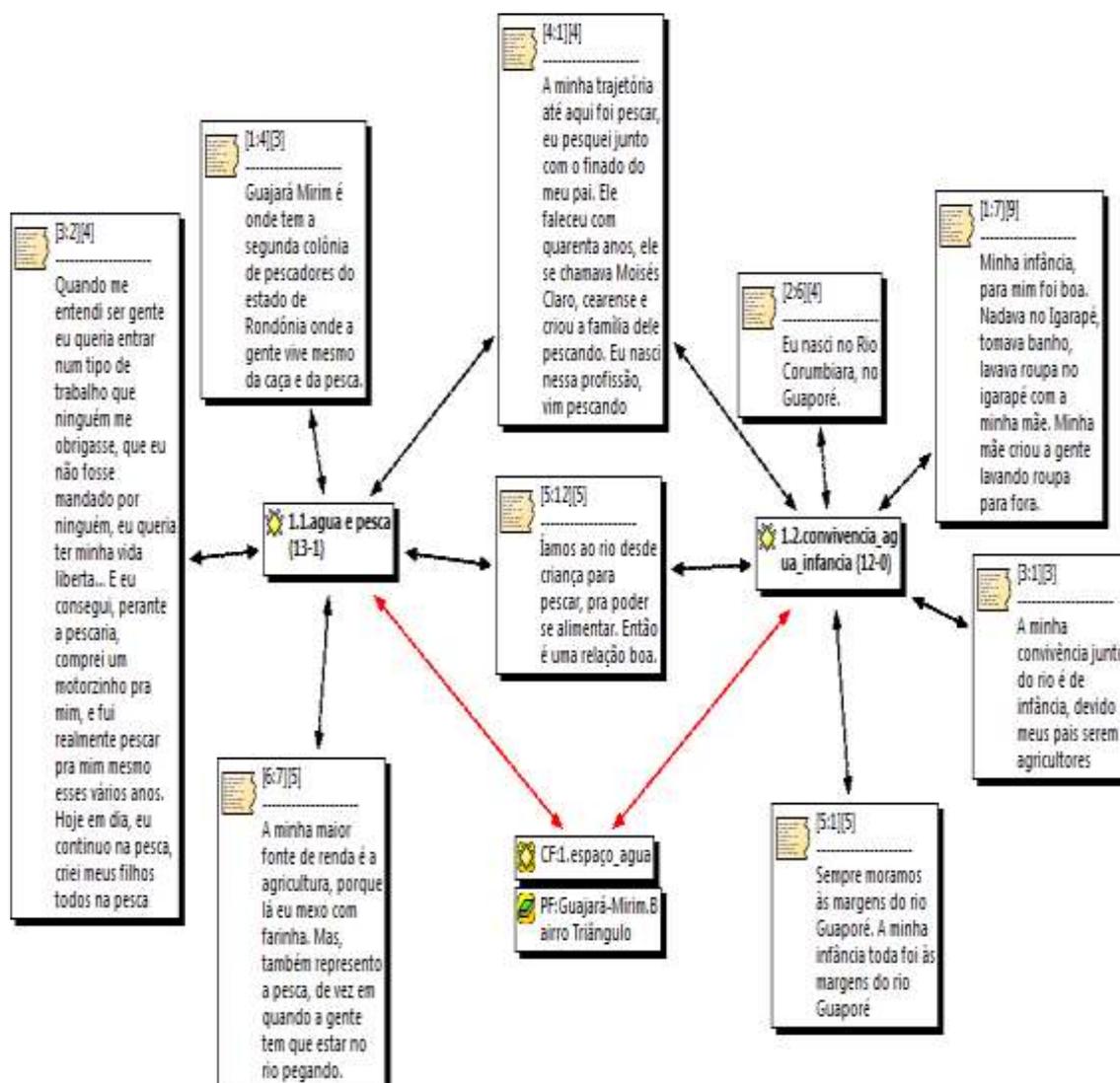


Além da possibilidade de analisar as redes gráficas das comunidades portovelhenses, com o auxílio do ATLAS/ti, fez-se, também, a rede gráfica da Comunidade do Bairro Triângulo de Guajará-Mirim.

Comunidade do Bairro Triângulo – Guajará-Mirim (06 colaboradores)

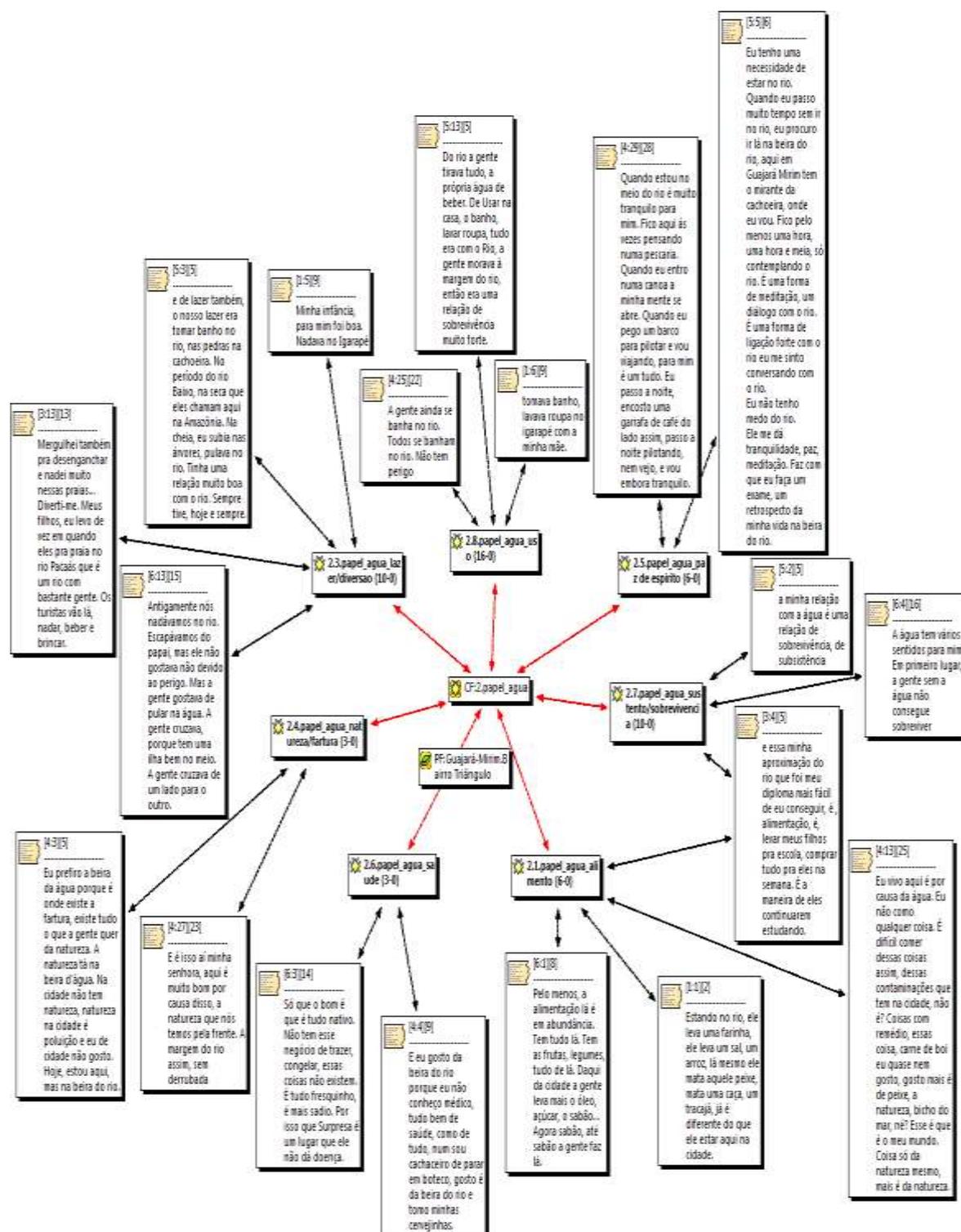
Família 1. espaço_água: observa-se que grande parte dos entrevistados de Guajará-Mirim tem relação com a pesca (meio de sobrevivência - subsistência) bem como tiveram convivência com a água desde a infância. Pode-se inferir, portanto, que esses entrevistados tenham maior “apego” à água, gerado por essa convivência.

REDE 34 - Família 1. Espaço água. Bairro Triângulo. Guajará-Mirim



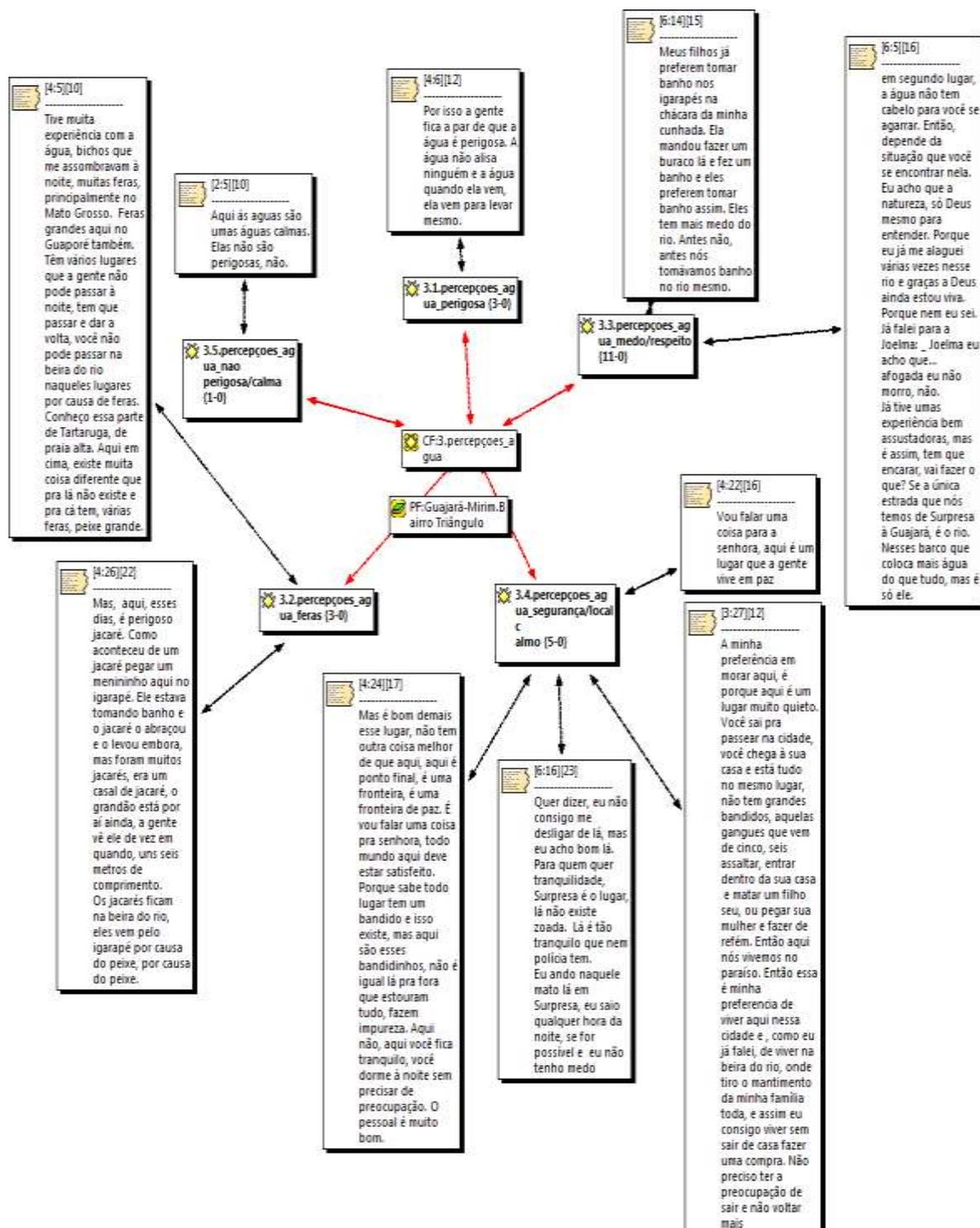
Família 2. papel_ água: a maioria dos entrevistados de Guajará-Mirim vê a água como meio de lazer/diversão, paz de espírito e fonte de subsistência. Metade deles, além de relacionar a água como meio de sobrevivência, indica a sua importância devido ao seu uso para atividades rotineiras (tomar banho, lavar roupa, beber etc.).

REDE 35 - Família 2. Papel água. Bairro Triângulo. Guajará-Mirim



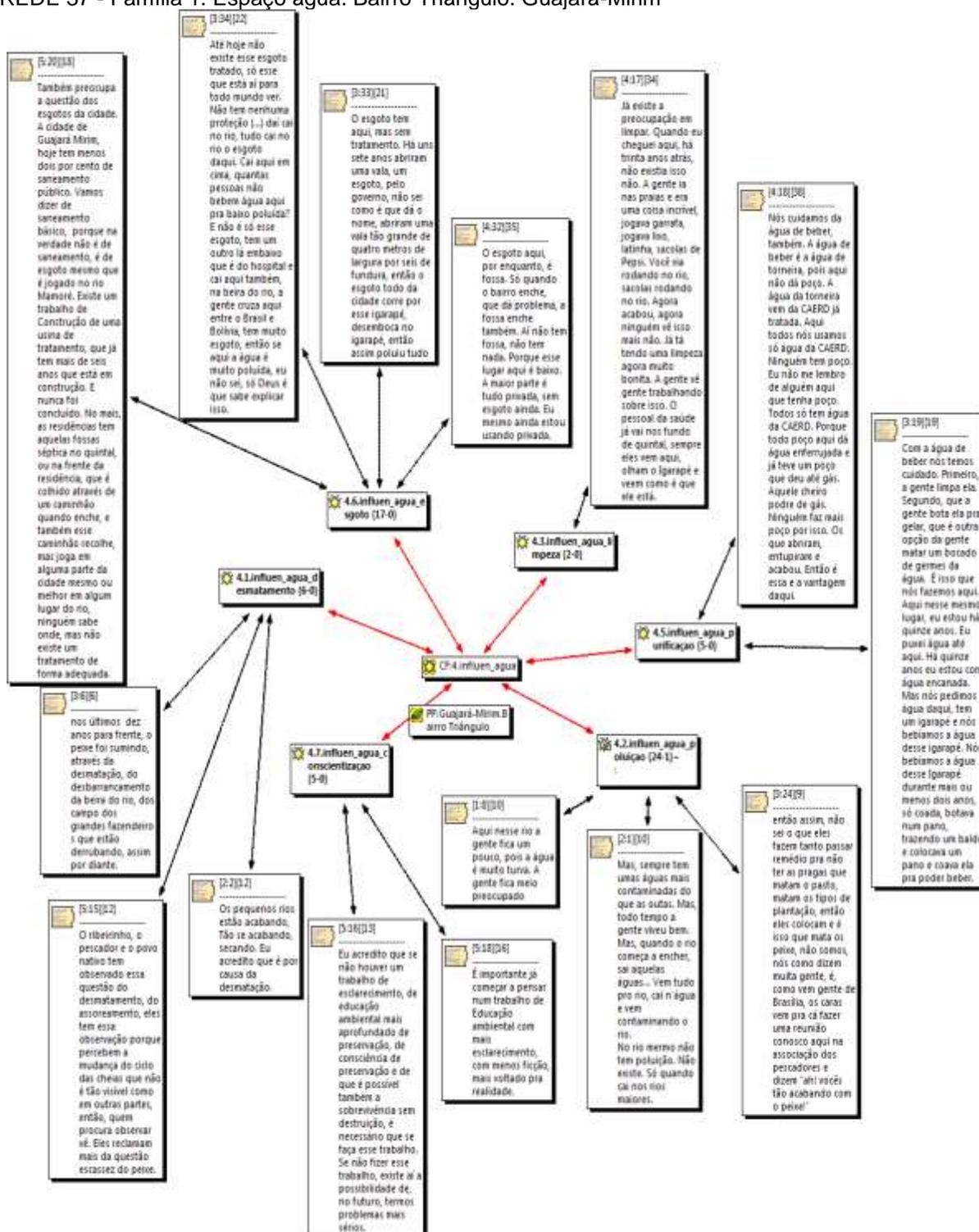
Família 3. percepções_água: (04) quatro dos (06) seis entrevistados de Guajará-Mirim relacionam a água com o fato de viverem em um local seguro, calmo, tranquilo. Outros a percebem com respeito e temor à enchentes, ou ao perigo do afogamento e ainda por ser o lugar de animais (jacaré).

REDE 36 - Família 3.. Percepções água. Bairro Triângulo. Guajará-Mirim



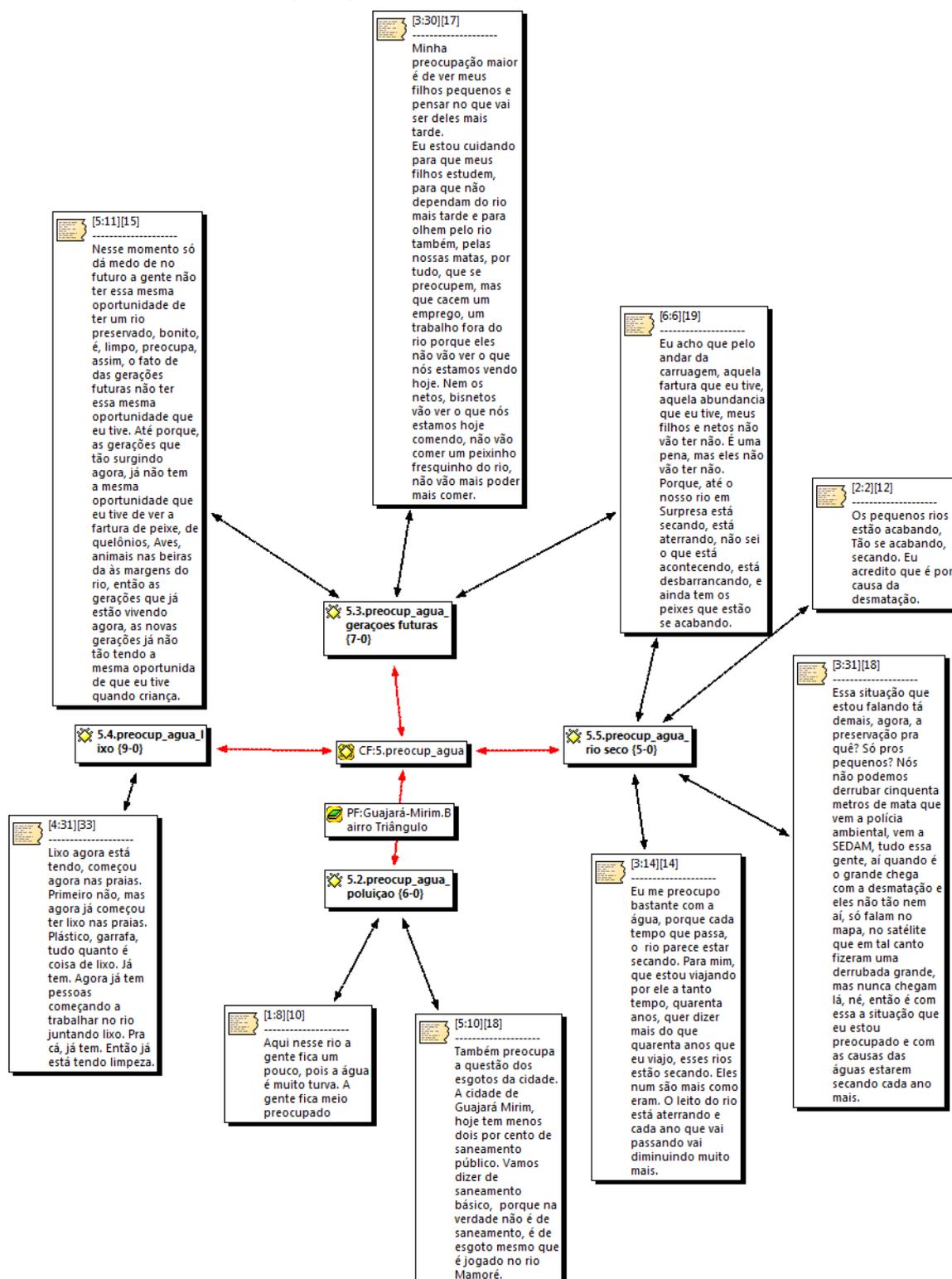
Família 4. influencia_água: o desmatamento, o esgoto e a poluição são fatores que, na visão da maioria dos entrevistados de Guajará-Mirim, influenciam negativamente na água da região. Segundo três (03) entrevistados, o desmatamento causa a escassez de peixe na região, devido à sua influência à secagem do rio (assoreamento).

REDE 37 - Família 1. Espaço água. Bairro Triângulo. Guajará-Mirim



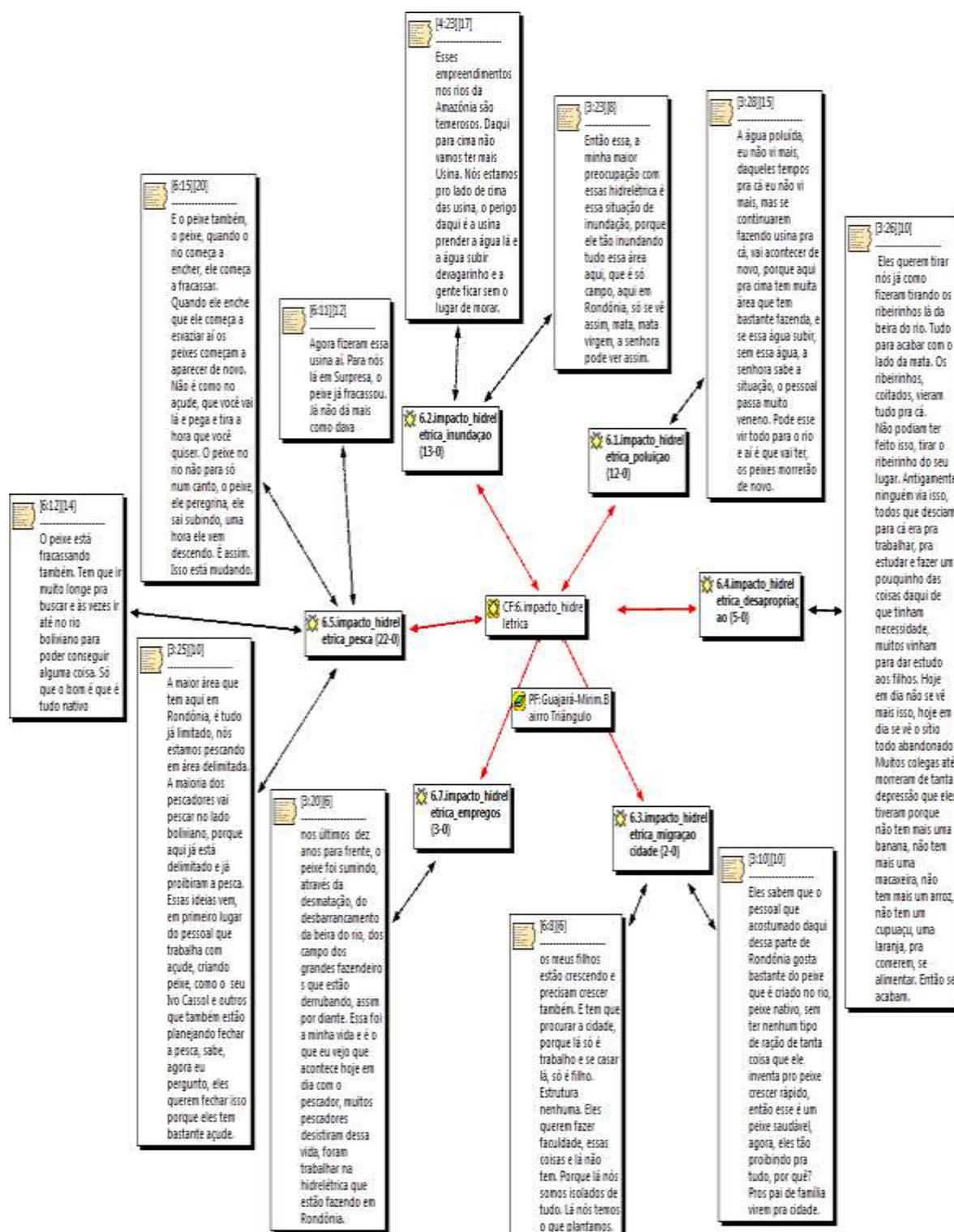
Família 5. preocupação_água: entre as preocupações dos entrevistados de Guajará-Mirim, as mais citadas são as preocupações relacionadas à secagem (assoreamento) do rio e com relação à água para as gerações futuras.

REDE 38 - Família 5. Preocupação água. Bairro Triângulo. Guajará-Mirim



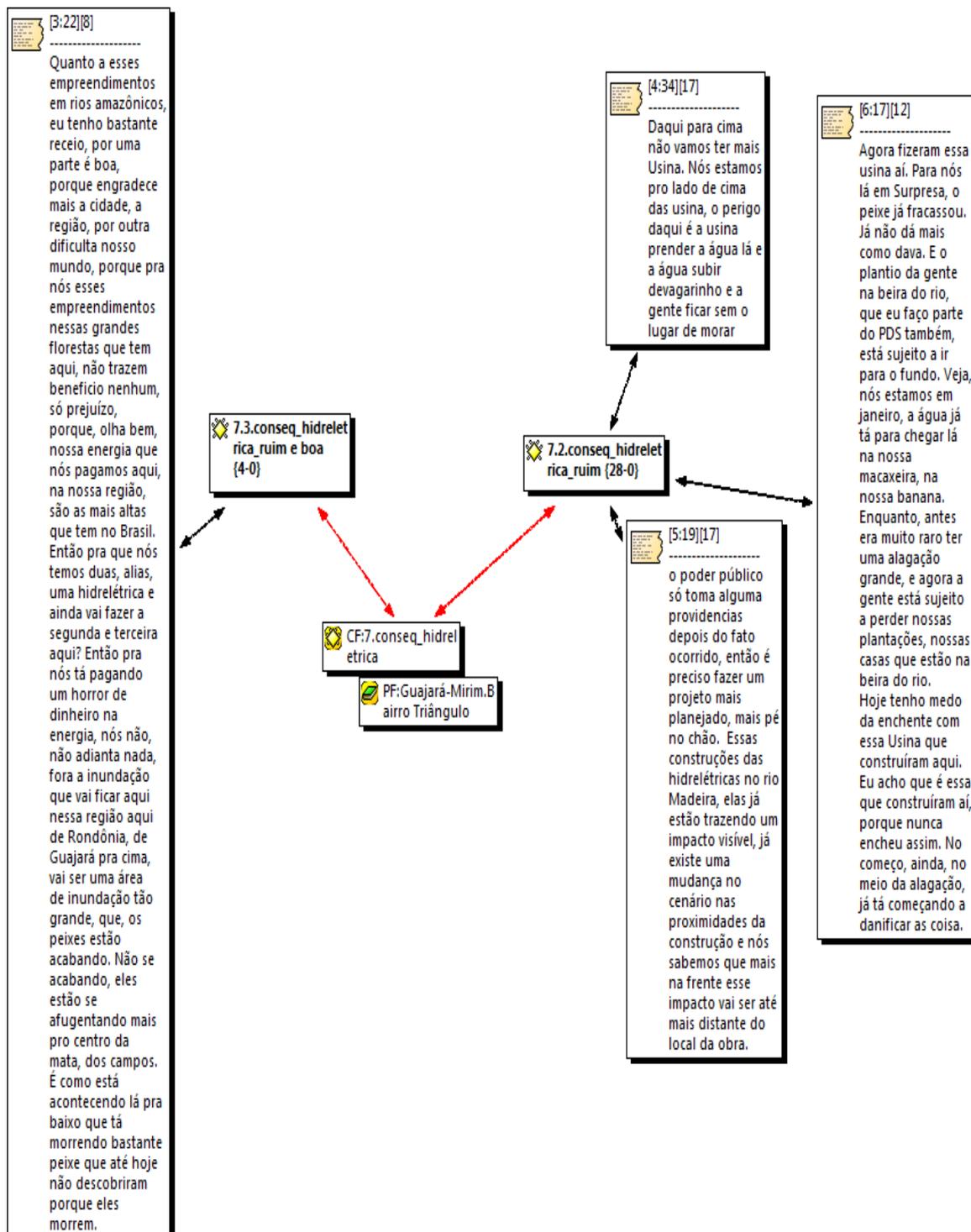
Família 6. impacto_hidrelétrica: as questões mais citadas quanto aos impactos causados pela construção das hidrelétricas são relacionadas à pesca (escassez de peixe e proibição da pesca), ao risco de inundação e à migração compulsória dos moradores para a cidade.

REDE 39 - Família 6. Impacto Hidrelétrica. Bairro Triângulo. Guajará-Mirim



Família 7. consequência_hidrelétrica: metade dos entrevistados cita consequências ruins relacionadas às hidrelétricas, como o risco de inundação e o “fracasso” do peixe.

REDE 40 - Família 7. Consequência Hidrelétrica. Bairro Triângulo. Guajará-Mirim



Após a análise em separado de cada comunidade, o ATLAS/ti forneceu à pesquisa as redes formadas com a totalidade dos dados obtidos nas comunidades de Porto Velho.

Ademais, após o fornecimento dos dados à pesquisa com a construção dessas redes gráficas, auxiliado pelo software ATLAS/ti, ainda se obteve para análise as tabelas de dados com as semelhanças e diferenças de sentidos, percepções e pontos de vista nas diferentes comunidades portovelhenses, como se expõe, abaixo (tabela 01):

Tabela 01 - Semelhanças e diferenças entre as comunidades de Porto Velho

	Agrovila (3)*	Bairro Triângulo (6)*	Maravilha (3)*	Niterói (8)*	São Sebastião (5)*
Família 1 Espaço_água	Pesca (1) e infância (2)	Pesca e infância (1)	Infância (1)	Pesca (4) e infância (1)	Pesca (2) e infância (1)
Família 2 Papel_água	Uso (2)	Fundamental p/ vida (4)	Uso (3)	Subsistência /sobrevivên- cia (3)	Uso (3)
Família 3 Percepções água	-----	Medo/respeit o (1)	Local calmo (1), água perigosa (1), medo/respeit o (1)	Medo/respeit o (4)	Medo/respeit o (3)
Família 4 Influência água	Poluição (2)	Esgoto e economia (4)	Poluição (2)	Poluição (5)	Poluição (4) Esgoto (4)
Família 5 Preocupações água	Lixo (1)	Lixo (3)	Atitude governo (1)	Poluição (1) Lixo (1) Gerações futuras (1)	Lixo (2) Atitudes governo (2) Gerações futuras (2)
Família 6 Impacto hidrelétrica	Poluição, pesca, desapropri ação (2)	Inundação (3)	-----	Poluição (4) Pesca (4)	Pesca (4) Poluição (3)
Família 7 Consequências hidrelétricas	Consequên- cias ruins (3)	Consequên- cias ruins (4)	Consequên- cia boa (1)	Consequên- cias ruins (4)	Consequên- cias ruins (5)

*Número de entrevistados

A seguir, expõem-se, na tabela 02, os resultados obtidos na comparação entre a comunidade de Guajará-Mirim e as comunidades de Porto Velho:

Tabela 02 - Semelhanças e diferenças entre Guajará-Mirim e Porto Velho

	Guajará-Mirim (6)*	Porto Velho (25)*
Família 1 Espaço água	Pesca (5) e infância (4)	Pesca (8) e infância (6)
Família 2 papel água	Lazer/diversão (4) Alimento (4)	Uso/Subsistência/sobrevivência/ fund. á vida (17)
Família 3 Percepções água	Segurança/local calmo (3)	Medo/respeito (9) Perigosa (1) Local calmo/tranquilo (1)
Família 4 Influencia água	Desmatamento (3) Poluição (3) Esgoto (3)	Esgoto (8) Poluição (13) Economia (4)
Família 5 Preocupações água	Assoreamento (3) Gerações futuras (3) Poluição (3)	Lixo (7) Gerações futuras (3) Poluição (1) Atitude do Governo (3)
Família 6 Impactos hidrelétrica	Inundação (2) Pesca (2) Migração cidade (2)	Poluição (9) Pesca (10) Inundação (3)
Família 7 Consequências_hidrelétricas	Consequências ruins (3)	Consequências ruins (16) Consequências boas (1)

*Número de entrevistados

As diferenças e similaridades apontadas nas tabelas acima foram acompanhadas das redes gráficas⁴⁷.

A análise com o auxílio do ATLAS/ti privilegiou o contexto, os processos e a subjetividade em que estavam envolvidos esses colaboradores, portanto, ao se inserirem os dados, procurou-se pela correta compreensão dos sentidos e significados em cada enunciação. No capítulo V, faz-se a correlação entre a teoria e os dados analisados.

⁴⁷ Todo o material produzido com auxílio do ATLAS/ti está disponível no DVD, anexo a esta tese.

CAPÍTULO V

DESVENDANDO AS LÓGICAS DE COMUNIDADES AMAZÔNICAS ATRAVÉS DOS SENTIDOS, PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS



FIGURA 33 - Rio Mamoré/ Rio Beni. Fronteira Brasil/Bolívia.
FONTE: A autora (2013)

*Águas que movem moinhos
São as mesmas águas
Que encharcam o chão...*

(Planeta água, Guilherme Arantes)

5 DESVENDANDO AS LÓGICAS DE COMUNIDADES AMAZÔNICAS POR MEIO DOS SENTIDOS, PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Este estudo visou conhecer os sentidos dos homens/mulheres amazônicos, buscando pela compreensão desse sentido culturalmente construído em Frege (1978) e a sua concepção de unidade de sentido. Em todo o seu caminhar, compreendeu-se o sentido como a ideia compartilhada como referente, isto é, uma concepção geral que permite o entendimento dos significados simbólicos entre os membros de uma mesma cultura e que são repassados por meio da linguagem, pela comunicação (FREGE, 1978).

Na compreensão de como se dá a construção desses sentidos em comunidades amazônicas, observou-se que a Amazônia brasileira, diferentemente de como foi representada ao longo dos anos por pesquisadores diversos, não é um espaço vazio ou estranho, é sim, uma área portadora de ricas e miscigenadas culturas urbanas e rurais. Um espaço com sentidos e significados que recebem constantemente influências de culturas diversas, seja pela migração constante, pelos meios de comunicação, ou pela intervenção permanente de projetos públicos ou privados. Um ambiente no qual os sentidos se constroem pela comunicação, proporcionada pela interlocução através da linguagem, com a transmissão de valores, saberes e conhecimentos em uma constante troca intercultural.

Ademais, compreendeu-se também que são as interferências externas (migração, meios de comunicação etc.) que influenciam o modo de vida das pessoas e trazem à região uma gama de novas informações e conhecimentos que transformam, não só suas paisagens, mas também os sentidos que interferem nos pontos de vista de seus habitantes, transformando culturas, linguagens e modos de comunicação.

Percebeu-se, portanto, que os sentidos culturalmente construídos em comunidades amazônicas, assim como em outros contextos e cenários, não são estáticos, pois são construídos pela transmissão de conhecimentos e valores, via comunicação entre indivíduos pertencentes à mesma cultura ou cultura diversas. É, também, pela comunicação que esses sentidos culturalmente construídos sofrem mutações.

Os sentidos humanos, embora façam parte da consistência humana, são sempre influenciados pela cultura na qual foram construídos, ou seja, por serem

construídos culturalmente, é por causa desses sentidos, emoldurados pela linguagem, que os seres humanos se relacionam com o meio. Desse modo, cada homem/mulher a partir de sua cultura, do seu mundo vivido, percebe o mundo exterior de formas distintas que o conduzem a apreciar ou não paisagens diversas. Portanto, é esse sentido que interfere também na valorização ou não dos elementos naturais. Desse modo, por portar significantes interculturalidades, as comunidades objeto deste estudo apresentaram, também, diferentes modos de pensar e viver a água.

No entanto, pelos dados obtidos neste estudo, verificou-se que a água tem um espaço privilegiado na vida desses homens/mulheres observados, seja por sua importância à subsistência pela pesca ou pelo contato com essas águas desde a infância. Fato que faz essa água ter um papel relevante na configuração desses sujeitos e no tecido social dessas comunidades. É um espaço no qual a água amazônica não é apenas um recurso natural, ou uma paisagem portadora de belezas naturais, encantamentos, mitos e crenças, é mais, representa a vida dessas comunidades. Uma vida composta de importantes peças que compõem o mosaico das paisagens culturais investigadas.

Com fatores relevantes que incidem no pensamento das comunidades investigadas sobre o uso e preservação da água, pôde-se observar que suas percepções vão além da subsistência ou do lazer, vão a relações de proximidade e de afastamento, do respeito ao temor. Percepções que as conduzem à passagem dos sentidos do mundo real (a água como subsistência ou lazer, dos peixes e das feras) aos sentidos do imaginário (a água dos mitos e crenças, dos sonhos e das feras) e interferem no seu relacionamento com ela.

Com percepções distintas em relação à água que os cercam, os colaboradores de Porto Velho e de Guajará-Mirim relacionam a vida perto da água desde a tranquilidade de viverem em um local seguro e calmo até ao medo que as águas representam devido ao risco de afogamento, de enchentes e das existências reais e imaginárias de animais selvagens dentro dela.

As representações sociais dessas comunidades observadas se entrecruzam em diversos aspectos (com sentido do respeito, temor, cuidado, subsistência) e formam lógicas de comunidade com interesse aos fenômenos sociais presentes em seus espaços (migração, desapropriação, novos empreendimentos etc.) e os

conduzem a pensar e repensar a problemática que cerca o objeto água (escassez, contaminação, irregularidades de cheias e vazantes etc.).

5.1 O PAPEL DA ÁGUA NA CONFIGURAÇÃO DOS SUJEITOS E NO TECIDO SOCIAL DAS COMUNIDADES AMAZÔNICAS

Os sentidos culturalmente construídos, responsáveis pelos valores culturais, percepções e representações sociais que integram a paisagem cultural de comunidades diversas, dizem muito da interação desses elementos humanos com o meio ambiente. A partir desse sentido, a valorização dos elementos naturais pode variar de indivíduo para indivíduo, assim como a própria atribuição de significados e a forma de organizar o espaço e o lugar é explicada a partir desses sentidos culturais, pois são eles, os sentidos culturalmente construídos, que influenciam intensamente o comportamento e os valores humanos.

Essa capacidade de perceber o espaço, de aprender e de socializar conhecimento numa região como a Amazônia, implica na capacidade de manter inter-relações, alicerçadas pela linguagem e comunicação com o outro, numa intensa troca de saberes, baseada na construção de novos sentidos que possibilitam a reavaliação e/ou especialização desses sentidos culturais.

O homem/mulher pode conhecer um lugar pela habilidade do olhar, podendo ser de forma íntima ou conceitual (símbolos), buscando captar imagens que revelam o ambiente, a paisagem nas diferentes nuances (SOUSA, 2012). No entanto, “O olho não é um instrumento neutro. O que nós vemos nos agrada, nos incomoda ou nos faz medo. O olhar participa da experiência emotiva e, por vezes, estética, que temos dos lugares” (CLAVAL, 1999, p. 83).

O ser humano, pelos sentidos e práticas interlocutivas, cria a si próprio e ao seu mundo, decodifica os lugares, troca experiências espaciais, se interroga sobre a vida e o desconhecido. No entanto, a percepção visual, assim como as demais percepções, é seletiva e o observador capta algumas características que sua cultura o conduziu a valorizar. Assim, sob os vieses culturais, a valorização ou não de elementos naturais é conduzido por esses sentidos culturalmente construídos.

Embora a visão seja um órgão essencial à percepção das qualidades plásticas do mundo exterior, nas comunidades amazônicas notou-se que a

apreciação da água vai além da visão, ou seja, vai muito além das qualidades plásticas e da apreciação do belo ou não belo. Os sentidos culturalmente construídos do ser humano amazônico permitem-lhe valorizar a água e ver além do que esse elemento natural representa para pessoas estranhas ao lugar.

Os olhos desses homens/mulheres amazônicos obtêm determinadas informações, algumas mais precisas e detalhadas, mas sem desconsiderar a função dos demais sentidos colaboradores na percepção do espaço, na composição dos lugares vividos, respeitados, amados e indesejados. Os sentidos colaboram nessa produção social da qual faz parte a linguagem (CLAVAL,1999).

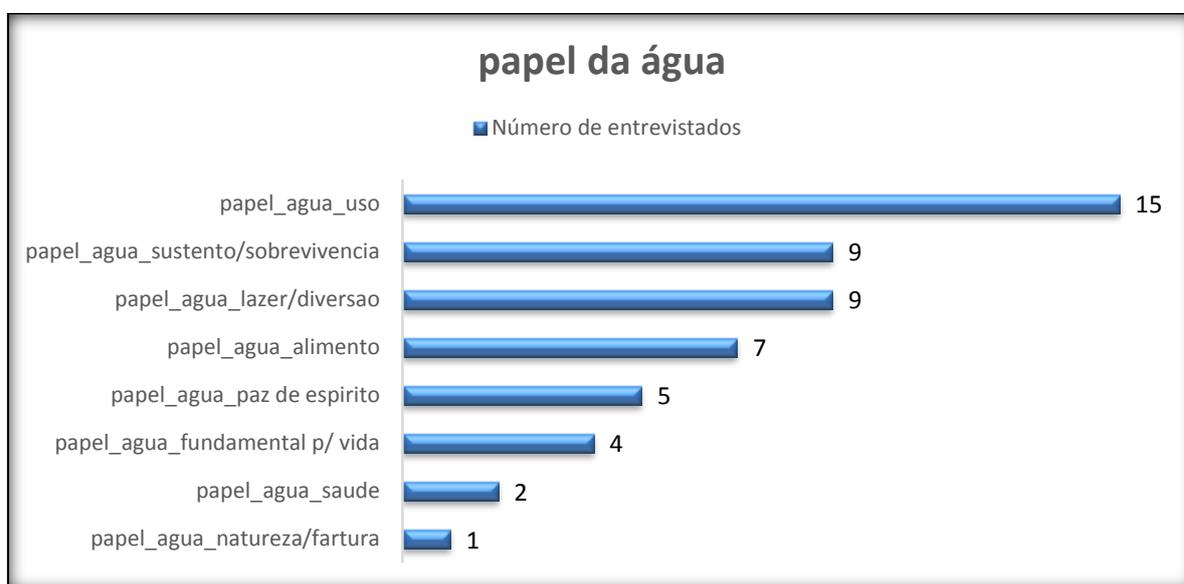
Observou-se, portanto, que esses sentidos culturalmente construídos permitem que a água tenha um espaço privilegiado nas vidas de seus habitantes, seja pela subsistência que ela proporciona ou pelo contato diário com essa água desde a infância. Ressalta-se que a origem do espaço privilegiado da água na vida desses amazônicos reside nesses importantes papéis: a subsistência e a convivência.

Ademais, os sentidos desses seres humanos amazônicos, além de dar à água um espaço privilegiado, também permitem, por meio de suas memórias e sua identidade, apreciar o seu mundo vivido e fazer do espaço de vivência cercado de água o seu lugar. Um lugar no qual a água cumpre um importante papel na configuração desses sujeitos e no tecido social das comunidades observadas. Dentre os papéis que a água cumpre nessa configuração dos sujeitos e no tecido social dessas comunidades, sobressaíram os seguintes:

- a. **O papel da água alimento:** água tem o papel de fornecer alimento (peixe, irrigação para plantação, subsistência, etc.).
- b. **O papel da água como fundamental p/ vida:** água representa a vida, sem ela não é possível a vida.
- c. **O papel da água como lazer/diversão:** água como uma forma de diversão, de lazer.
- d. **O papel da água como natureza/fartura:** água representa a natureza, é sinônimo de fartura.
- e. **O papel da água como paz de espírito:** água dá paz de espírito, uma sensação de felicidade.
- f. **O papel da água como saúde:** água contribui para uma vida saudável.
- g. **O papel da água como sustento/sobrevivência:** água é o meio para o sustento das pessoas, gera renda, trabalho (pesca).
- h. **O papel da água como utilidade:** água serve para uso em geral (banhar, beber, lavar roupa, etc.).

A importância dada à água por esses humanos amazônicos foi registrada na totalidade das entrevistas, como referência em seu viver e em suas memórias individuais e coletivas. Desse modo, a água da subsistência e do conviver desde a infância não é vista somente como um recurso, ela é mais, é vista como sinônimo de vida, de união do grupo, a água dá ao indivíduo o sentimento de pertença ao lugar. Por isso mesmo tão presente na oralidade desses colaboradores, como se pode observar no gráfico 1:

Gráfico 1 - Importância dada à água pelos sujeitos da pesquisa

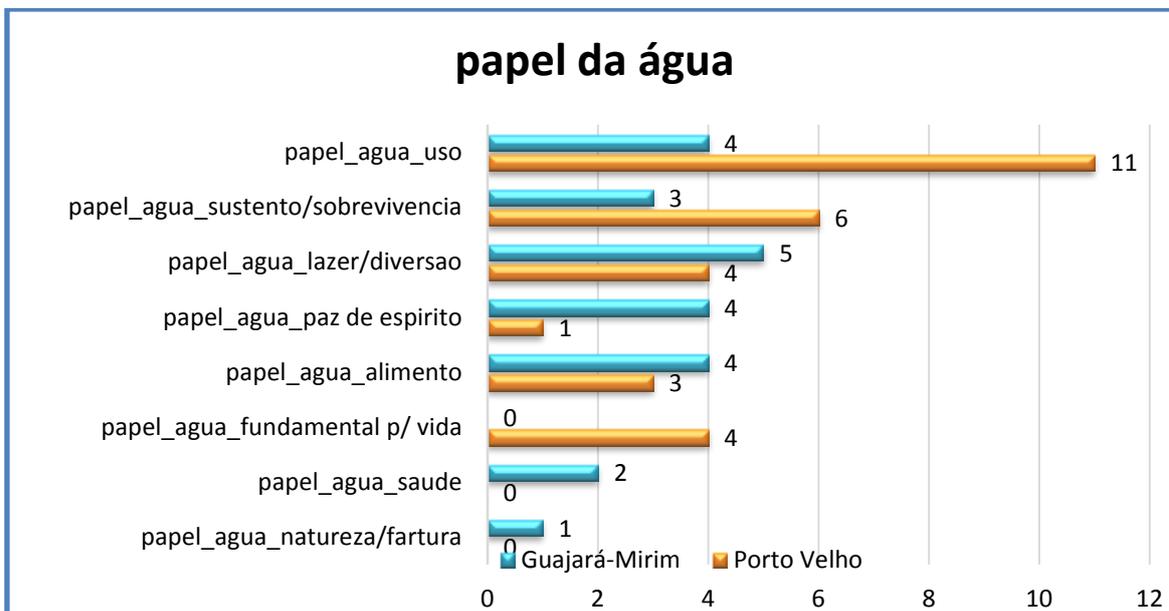


Fonte: A autora

Observa-se que, com sentidos construídos culturalmente em espaços distintos, os entrevistados das comunidades do Bairro Triângulo, de Guajará-Mirim, e das comunidades observadas de Porto Velho compartilham sentidos sobre a importância da água em suas vidas.

No entanto cada uma das comunidades tem noções específicas sobre o papel dela. (05) Cinco dos (06) seis entrevistados de Guajará-Mirim mencionaram a água como importante para o lazer. (11) Onze dos (25) vinte e cinco entrevistados de Porto Velho citaram a importância da água à subsistência e sobrevivência de suas famílias e de suas comunidades, como se observa no gráfico 2:

Gráfico 2 – O Papel da água na configuração do sujeito amazônico



Fonte: A Autora

Confirma-se, desse modo, que os sentimentos dos amazônicos, em relação ao espaço da água, é amplo, pois representa todo o seu modo de vida em sociedade, com todos os seus significados expressos nas suas práticas sociais, sistemas simbólicos e imaginários, constituindo-se no lócus da construção da identidade espacial desses grupos.

5.2 PERCEPÇÕES: DIFERENTES POSSIBILIDADES DE SENTIR A ÁGUA

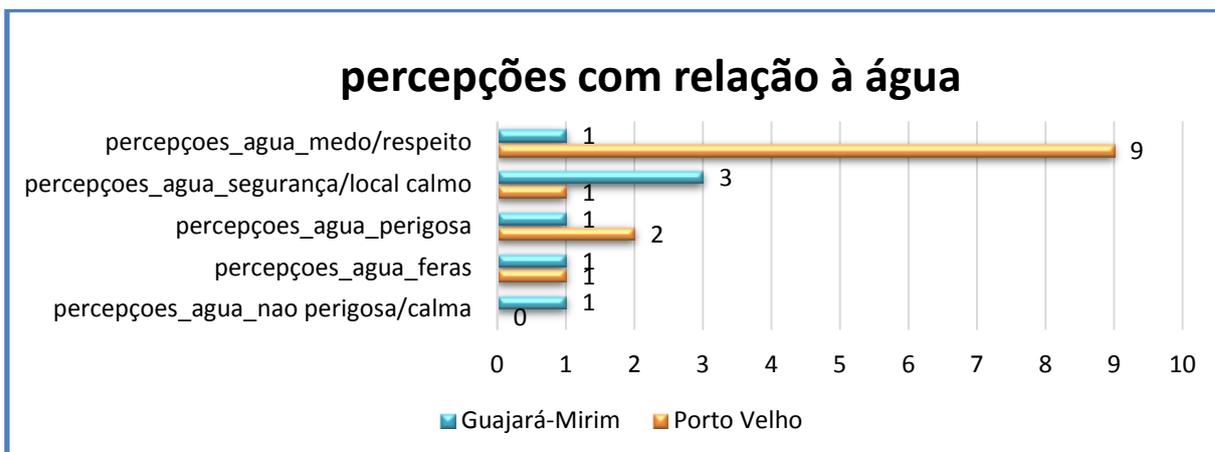
Ao buscar pela percepção desse ser humano amazônico, tão próximo de centros urbanos, a fim de conhecer seus sentidos sobre a água, procurou-se pela sua percepção ambiental, ou seja, pelo olhar e o sentir as águas e a problemática que a cerca. Essa busca possibilitou conhecer os pensamentos, atitudes e valores que assumem formas diferenciadas, com variações de amplitude emocional e intensidade, percepções que, justamente por se originarem nos sentidos culturalmente construídos, percebem o que esses sentidos permitem perceber e apresentaram-se à análise da seguinte maneira:

- a. percepções da água como perigosa:** o perigo como uma característica relacionada à água, geralmente ligado à força que ela possui.
- b. percepções da água como habitat de feras:** água relacionada às “feras”, animais selvagens (jacarés, cobras) bem como relacionada aos enigmas, mitos e lendas.
- c. percepções da água como medo/respeito:** água como algo que exige respeito, cuidado, zelo. Respeito muitas vezes ligado a receio, medo dela.
- d. percepções da água como lugar seguro/calmo:** água ligada a um lugar tranquilo, calmo, sem violência.
- e. percepções da água como segura/calma:** água como não perigosa, não exige medo.

A cultura influencia na forma de perceber, de formar uma visão de mundo e de desenvolver atitudes em relação ao ambiente encontrado, por isso observou-se que as comunidades de Porto Velho e de Guajará-Mirim possuem percepções distintas em relação à água, o que fica exposto em suas narrativas. Isso se deve aos sentidos culturalmente construídos que, por possuírem características culturais diferentes, interferem no modo de perceber o ambiente, na forma de organizar o espaço e o lugar. É esse sentido que faz da percepção algo muito subjetivo, intrinsecamente ligada ao mundo vivido dos sujeitos.

A metade dos entrevistados de Guajará-Mirim percebe a vida perto da água com tranquilidade, isto é, o seu lugar, o seu mundo vivido como um local seguro e calmo. Enquanto nove (09) dos vinte e cinco (25) entrevistados das comunidades de Porto Velho mencionaram o respeito e o medo da água. Notou-se, nesse sentido de respeito presente em suas narrativas, que, nem sempre, o respeito está associado à noção de preservação da água devido ao seu uso e importância para a sobrevivência (subsistência), mas também está associado à força da correnteza do rio e ao perigo de morte, que homem/mulher dessas comunidades traduzem em sua fala como: “*a água não tem cabelo*”. Portanto, o respeito aí apresentado está diretamente ligado ao medo, ao perigo que a água representa devido aos riscos de afogamento, de enchente e da existência de animais selvagens (feras reais ou imaginárias) dentro dela. Esses sentidos se apresentam em suas narrativas como se apresenta no gráfico 03:

Gráfico 3 – Percepções do Sujeito amazônico em relação à água



Fonte: A Autora

Esses sentidos por si sós expressam elementos importantes para a compreensão desse elo afetivo do homem amazônico com a água, por isso fazem parte de suas identidades e estão presentes em suas memórias. Memórias que são expostas em suas narrativas cujos valores lhes foram repassados pela linguagem, por meio da comunicação. O valor dessa linguagem na construção dos sentidos desses sujeitos, em suas memórias e identidades está presente na totalidade de suas narrativas, como se observa nos exemplos do quadro 03:

Quadro 3

“A água tem vários sentidos para mim. Em primeiro lugar, a gente sem a água não consegue sobreviver, em segundo lugar, a água não tem cabelo para você se agarrar. Então, depende da situação que você se encontrar nela. Eu acho que a natureza, só Deus mesmo para entender. Porque eu já me alaguei várias vezes nesse rio e graças a Deus ainda estou viva. Porque nem eu sei. Já falei para a Joelma: _ Joelma eu acho que... afogada eu não morro, não...Meus filhos já preferem tomar banho nos igarapés na chácara da minha cunhada. Ela mandou fazer um buraco lá e fez um banho e eles preferem tomar banho assim. Eles têm mais medo do rio. Antes não, antes nós tomávamos banho no rio mesmo.” (PD6: V. A. L. – Bairro Triângulo Guajará-Mirim).

“Respeito a água e tudo que ela nos dá” (PD7: A. M. de S. – Comunidade Maravilha Porto Velho).

“Meus pais eram do Amazonas e sempre falavam para a gente ter cuidado para não morrer na água. A gente que mora aqui muito tempo já tem visto muita gente morrer afogado porque não tem conhecimento da água. E a gente que mora aqui esse tempo todinho, a gente tem muito conhecimento com a água, graças a Deus. A gente tem uma habilidade da água muito boa, a gente tem respeito, até porque a água não é brincadeira não. A gente, graças a Deus, a gente aqui que mora aqui na beira do rio há tempo, a gente tem muito conhecimento de água”. (PD11: F. C. B. – Comunidade Niterói Porto Velho).

“Para beber, para tomar banho, tudo. Consumia ela mesma, a água do rio. Do rio e a do Igarapé. Aí a gente sempre teve esse respeito. Porque a gente usava ela. Aí tinha que cuidar.” (P16: J. R. – Comunidade São Sebastião Porto Velho).

“A água do rio eu respeito muito. Mas, agora, tá meio difícil, né? Que, pelo congar da usina... De primeiro a água era boa, né? Você tirava o sustento da água do rio, mas agora... Não sei nem o que dizer sobre o valor da água. Há perca de peixe pros pescadores.” (P17: J. M. R. – Bairro Triângulo Porto Velho).

“Eu sempre gostei da água. A água do rio Madeira eu temo, mas a água do lago maravilha eu brinco nela.” (P22: M. F. C. N. – Comunidade Maravilha Porto Velho).

“Meu pai sempre falou sobre a importância da água. Até hoje mesmo, com 34 anos, ele fala da importância da água pra gente, fala também dos cuidados que a gente deve ter. Não confiar também. Sou nascida e criada na beira do rio. Mas, sempre tenho o cuidado da água. Ter o cuidado com o que a água pode oferecer pra gente, né? Os riscos também, né, não confiar, tem aquele ditado “a água não tem cabelo”, né? E, assim, ele sempre ensinou.” (P23: N. R. – Comunidade São Sebastião Porto Velho).

Quadro 3 – O sentido presente nas narrativas dos sujeitos
Fonte: A autora

São nas cenas enunciativas, na interação verbal que ocorre a produção dos sentidos que conduzem aos significados marcados pela linguagem no interior do espaço perceptual e permitem que a abstração e o subjetivismo do sujeito fiquem tão expostos nas narrativas de culturas amazônicas. Essa relação do ser humano amazônico com a água faz com que os integrantes das comunidades amazônicas notem, com mais precisão, as mudanças que nela ocorrem com a ocupação dos seus espaços devido à pressão crescente da migração e dos novos empreendimentos. Interferências externas que trazem consigo novos sentidos, modificando pontos de vista, paisagens naturais e culturais que produzem, também, novas percepções. A partir dos seus sentidos, o homem/mulher colaborador da pesquisa consegue perceber o que está influenciando de modo negativo ou de modo positivo em suas águas e expõe essas percepções da seguinte maneira:

- a. a influência do desmatamento sobre a água:** desmatamento como fator negativo para a água (assoreamento dos rios).
- b. a influência da poluição sobre a água:** poluição como um fator negativo que influi na qualidade da água – água poluída.
- c. a influência da limpeza sobre a água:** mutirões de limpeza da água e das praias como fator positivo.
- d. a influência da economia sobre a água:** economia da água como fator positivo.

e. a influência da purificação sobre a água: purificação da água (para beber, principalmente) como fator positivo e necessário por conta da água poluída.

f. a influência do esgoto: esgoto como fator negativo para o uso e preservação da água. Indicação dos entrevistados de que não há saneamento básico e que o esgoto jogado no rio polui a água.

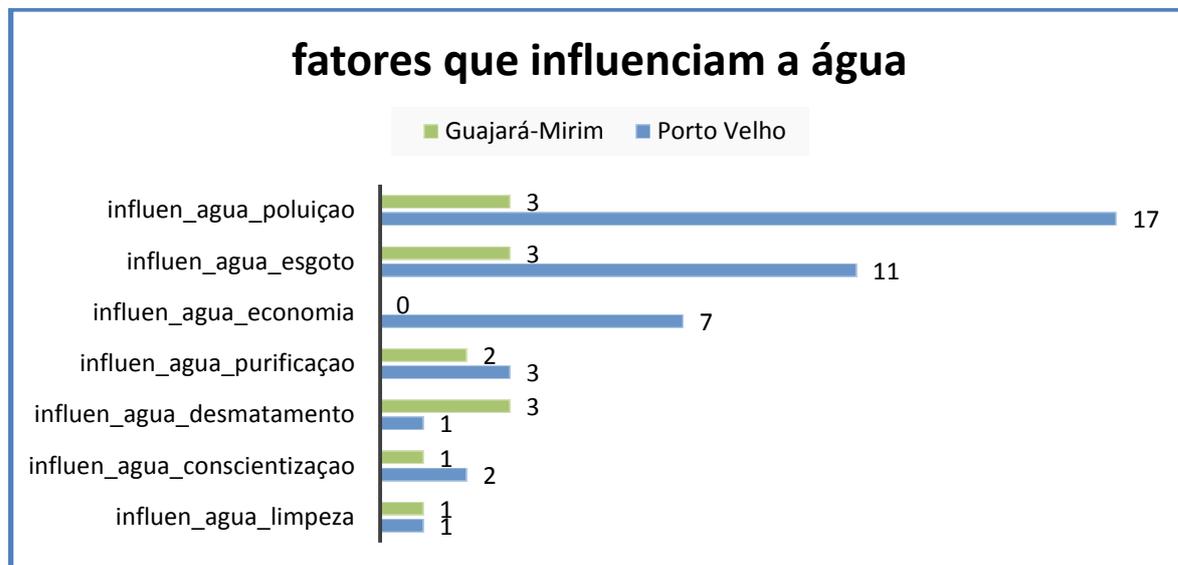
g. a influência da conscientização: conscientização ambiental como um fator positivo na preservação e no uso da água.

Desse modo, os colaboradores expõem suas percepções, sentidos que formam suas memórias individuais e coletivas e forneceram à pesquisa informações relevantes. São essas memórias que garantem a união do grupo, o sentimento de pertença desses seres humanos a esses grupos e que, na oralidade dos colaboradores das comunidades amazônicas analisadas, esteve sempre presente. Isso porque o modo pelo qual se percebe o que nos cerca se constitui a partir de experiências alimentadas por memórias oferecidas pelo grupo. Desse modo, o *outro* compartilha memórias no sentido simbólico, sendo fundamental para a sua construção. Por isso, neste estudo, a partir da memória individual que não pode ser entendida de modo isolado, uma vez que tomam como referência pontos externos ao sujeito, conheceu-se a percepção da comunidade observada.

A partir dessas memórias narradas e analisadas, viu-se que tantos os sentidos dos colaboradores de Porto Velho, como os sentidos dos colaboradores de Guajará-Mirim lhes permitem perceber que a poluição (lixo, óleo, cimento, garrafas pet, agrotóxicos etc.) e o esgoto influenciam negativamente na água. No entanto, há também em suas narrativas a clareza de que a poluição, para entrevistados de comunidades diferentes, tem causas diferentes.

Segundo os entrevistados de Porto Velho, a poluição percebida advém das hidrelétricas, sua ocupação, a construção da comunidade Agrovila para os desalojados da Cachoeira do Santo Antônio sem a estrutura necessária e da ausência de saneamento básico (esgoto) na área urbana de Porto Velho. Para os entrevistados de Guajará-Mirim, a água é prejudicada pela poluição consequente do esgoto urbano, do desmatamento e pelo uso de agrotóxicos pelos grandes fazendeiros. Essas percepções apareceram nas narrativas, como se expõe no gráfico 04:

Gráfico 4 – Fatores que influenciam na qualidade da água da Amazônia na visão do sujeito de pesquisa



Fonte: A autora

Ademais, os sentidos das comunidades pesquisadas lhes permitem perceber, também, que já há com que se preocupar em relação à água que os cercam. Tais percepções, advindas de sentidos reavaliados pelas constantes mudanças em suas vidas, provocam temores futuros e insegurança nessas comunidades, trazendo consigo as crises de sentido (BERGER e LUCKMANN, 2012). Como mostram alguns entrevistados das comunidades de Porto Velho e de Guajará-Mirim, quando percebem e demonstram essa preocupação em suas narrativas. Suas percepções abarcam desde o futuro das próximas gerações com relação à água até o desaparecimento dos rios perenes com o assoreamento e desmatamento descontrolados. Essas percepções temerosas foram exibidas em todas as narrativas e se apresentaram da seguinte maneira:

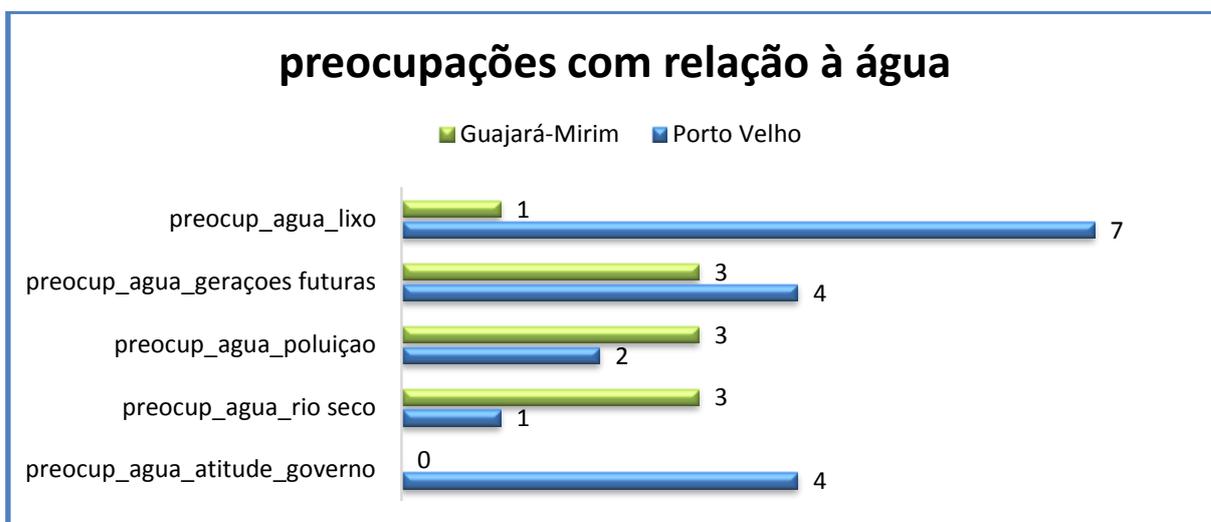
- a. preocupação com a água a partir da atitude do governo:** governo não demonstra se preocupar com a preservação e/ou limpeza da água.
- b. preocupação com a água a partir da poluição:** poluição como uma preocupação dos moradores em relação à água (água poluída).
- c. preocupação com a água para gerações futuras:** preocupação com a água por conta das gerações futuras.
- d. preocupação com a água devido ao descarte do lixo:** preocupação com o lixo que polui a água.
- e. preocupação com a água com o desaparecimento de rios:** preocupação com o assoreamento do rio.

Entrevistados de Porto Velho e de Guajará-Mirim mostram que percebem a modificação de suas águas e demonstram, em suas narrativas, preocupações com o futuro das próximas gerações. Os colaboradores de Guajará-Mirim se preocupam com a poluição, com o assoreamento e a possibilidade do desaparecimento dos rios. Mesmo com a preocupação voltada, também, para a geração futura, a comunidade guajaramirense não responsabiliza o governo ou sua ineficiência quanto à ausência de fiscalização ou quaisquer outras responsabilidades sobre essas preocupações.

Quanto aos colaboradores de Porto Velho, devido à grande imigração provocada pelas construções das duas Hidrelétricas dentro do seu espaço: Santo Antônio e Jirau, com todo o contingente de pessoas e empresas atraídas por esses empreendimentos, mostram em suas percepções que seus hábitos evidentes foram ameaçados e lhes trouxeram não somente a construção de novos sentidos, mas também a crise de sentidos proporcionada pelas mudanças radicais nas vidas de suas comunidades. Desse modo, suas percepções indicaram desde a preocupação com o lixo, com o assoreamento dos rios, com a poluição dessas águas, mas também apontam para a falta de responsabilidade ambiental do governo.

As percepções observadas nas comunidades portovelhenses e na comunidade guajaramirense se apresentaram nas narrativas da seguinte forma (gráfico 05):

Gráfico 5 – Preocupações dos sujeitos de pesquisa com o futuro da água



Fonte: A autora

Essa realidade amazônica, transmitida à pesquisa pela linguagem, via comunicação, proporcionada por enunciações, não foram compreendidas apenas como palavras. Cada enunciação foi compreendida como conteúdo carregado de sentidos vivenciais, o senso comum de comunidades que preveem e temem pela unidade do seu grupo, pelos seus meios de sobrevivência e pela organização do conjunto do espaço. São reflexões responsivas às mudanças ocorridas nesses espaços, lugares em que cada vez mais se notam a profusão de diferentes estilos de viver, compartilhando o mesmo espaço e a sobreposição de territorialidades e temporalidades.

5.3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS COMUNIDADES AMAZÔNICAS: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO ÀS DIVERSIDADES

A investigação da representação social em comunidades amazônicas foi uma estratégia utilizada para desvendar suas essências e (re)conhecer como essas comunidades cercadas de água são percebidas por seus atores. Desse modo, todo o caminho percorrido, desde o envolvimento e construção de sentidos durante as primeiras visitas e ao longo das visitas, entrevistas e análise das narrativas, a investigação às representações sociais desses atores foi observada.

Nesse processo, observaram-se as opiniões expressas nas narrativas de atores dessas diferentes comunidades em relação à água que constitui a própria água, cercando a comunidade que cada um desses sujeitos integra. Desse modo, confirma o que se viu na teoria, ou seja, que a opinião de um indivíduo ou de um grupo em relação a um objeto é, de certa maneira, também constitutiva do objeto, ela o determina. Portanto, compreende-se que a representação social do objeto água nessas comunidades da Amazônia brasileira indica que esse recurso natural, embora seja um constituinte de suas identidades, com um papel fundamental na dinâmica das relações sociais, das relações da sociedade com seu espaço e também nas práticas sociais e espaciais, está em perigo.

Essas representações sociais são informativas e explicativas da natureza dos laços sociais e das relações dos indivíduos com seu meio. Por suas funções de elaboração de um senso comum dessas comunidades, de construção da identidade social desses sujeitos e pelas expectativas e antecipações que elas geram, as representações estão na origem das práticas sociais amazônicas. Por isso elas são

importantes e merecem ser conhecidas e analisadas com cuidado. Ademais, elas são, ao mesmo tempo, dependentes das circunstâncias exteriores e das próprias práticas, colocando em uma relação dialética as próprias representações sociais e práticas (MOSCOVIVI, 2011).

Nessas comunidades, observou-se que a água transcende sua materialidade e impõe toda uma série de concepções sobre o viver à beira do rio. As narrativas obtidas remetem a uma realidade psíquica construída sobre vivências geradas a partir da água e das grandes mudanças ocorridas no viver essa água. Mudanças que transformam objetiva e subjetivamente o indivíduo e exibe-se como um universo reificado nas falas dos colaboradores.

Os devaneios e a construção do Eu derivavam da água, objeto que adquire a condição do Outro. Os colaboradores percebem o espaço da água por meio de sua situação nesse mundo vivido, sentem a constante necessidade de reafirmar a opção de viver à beira do rio.

Essa objetivação, ser um ribeirinho, é comum a todos, não importa sua condição monetária ou social. Nas comunidades portovelhenses, porém, as representações sociais da água já não se ancoram em condições de vida anteriores (fatura da pesca, enchentes com épocas certas, espaço de criação e plantio), ancoram-se em condições adversas (construção de usinas, falta do peixe, desbarrancamento e enchentes constantes).

A água que para eles estabelecia a identidade de ribeirinho e permitia construir um diálogo entre o sujeito e o mundo em um território valorizado emocionalmente, hoje, cria relações de diversidade e tensão entre dois espaços articulados e contraditórios: os pequenos espaços individualmente significativos e os macro espaços socialmente construídos. Essa diversidade e tensão são reconhecidas na análise das narrativas dos colaboradores e deixam que o analista observe que sujeito e mundo se constituem num espaço simbólico de relações de oposição, afirmação e negação, que se projeta sobre relações sociais mais amplas, em que o sujeito se posiciona frente a si mesmo, ao mundo e aos outros que o habitam.

Essas representações sociais evidenciadas podem ser compreendidas também como estratégias desenvolvidas por esses atores para enfrentar a diversidade que vem modificando seus espaços. Nesse sentido, elas são um espaço potencial de fabricação comum, no qual cada sujeito vai além de sua própria

individualidade para entrar em domínio diferente, ainda que fundamentalmente relacionado: o domínio da vida em comum, o espaço público. Dessa forma, suas representações sociais não apenas surgem por mediações sociais, mas tornam-se elas próprias, mediações sociais. E enquanto mediação social, elas expressam por excelência o espaço do sujeito na sua relação com a alteridade, lutando para interpretar, entender e construir o mundo (HEIDRICH, 2013).

Desse modo, compreendeu-se, por meio da pesquisa, que as representações sociais da cultura cotidiana são o resultado do universo consensual impactado pelo universo reificado da ciência e da política, a partir de empreendimentos públicos e privados, institucionalizações e toda uma rede de artefatos construtores de sentidos que impactam na cultura local.

Sentidos culturalmente construídos que, pela interação social, conduzem às representações sociais sobre a água e que puderam ser reconhecidos nas redes de informações repassadas à pesquisa por enunciados e que, neste estudo, compreendeu-se como uma possibilidade de aprofundar o conhecimento acerca da percepção dos homens/mulheres amazônicos a respeito de si próprio e do outro. Portanto, o olhar atento aos sentidos culturalmente construídos em comunidades amazônicas e a busca às percepções desses colaboradores amazônicos trouxeram, também, a este estudo, a compreensão de como a água pode ser reconhecida como uma representação.

Analisar a água amazônica enquanto parte de um universo simbólico e não somente como um recurso natural significou compreender uma forma particular de conhecimento expresso pelos saberes do ser humano amazônico que indicam como ele interage com esse recurso em sua vida cotidiana. Para que isso se tornasse possível, foi necessário conhecer o universo sociocultural no qual estão e são produzidas as representações sociais. Isso implicou considerá-las como emergentes na dimensão simbólica da vida social, pois servem para agir sobre o mundo e sobre os outros.

A representação social da água em comunidades amazônicas foi desvendada na palavra e no cenário natural do lugar visto, vivido e sentido pelo homem/mulher que se apropriou do espaço e fez dele o seu lugar. No entanto, para desvendar essa representação, foi necessária uma aproximação com o imaginário e a expressão dos elementos que esses seres humanos julgam ser importantes e constituidores de suas identidades. Essa imersão em suas identidades e memórias

foi possível com a reflexão sobre a vida cotidiana da comunidade, com a valorização da voz desse homem/mulher amazônico, seus saberes e elementos simbólicos construídos por todos na formação de cada uma das comunidades a partir da visão da água enquanto condição sociocultural e não como recurso natural.

O decifrar dos sentidos que dão significado ao sinal (símbolo ou signo) *água* em comunidades amazônicas requisiu, também, uma aproximação com o sentido significativo na tessitura das relações do ser humano com o objeto: seu papel, sua importância, as preocupações geradas, os medos e os temores. Essa decifração permitiu a este estudo traduzir as representações sociais dessas comunidades em modos de vida dos sujeitos, conhecidos também como ribeirinhos, que vivenciam o espaço da água, bem como a forma de vida que permitiram uma construção simbólica de suas identidades ribeirinhas e que hoje se veem ameaçados e em crise de sentidos.

5.4 A LÓGICA DE COMUNIDADES: LAÇOS FORTES DA CULTURA LOCAL

No trabalho de campo, com a coleta e análise dos dados, foi possível observar os valores e ideologias dessas comunidades amazônicas, portanto, foi possível também observar suas lógicas. Uma lógica de comunidade compreendida durante todo o caminhar da pesquisa, como a identidade manifestada pelos colaboradores de uma mesma comunidade, observada como uma forma de vínculo com outros membros locais, pelo comprometimento com esse grupo, manifestado pela defesa de valores e ideologias enraizadas na cultura observada.

Nas narrativas, observou-se como esses membros organizam as regras do grupo, suas maneiras de agir, seus modos e costumes com sentidos e valores (re)criados dentro do espaço onde eles atribuem novos significados e que possuem uma carga simbólica situada no interior de cada grupo. Regras, valores e pontos de vista que são repassados por diferentes modos de comunicação, constituindo-se estratégias de sobrevivência coletiva.

Diferente de outras narrativas expostas em outras teses e estudos amazônicos (SOUSA, 2012; SILVA, 2000), nessas narrativas a poética ficou ausente. Embora, esses colaboradores tenham na água o lugar de vida, com o respeito e o cuidado que surgem a partir dos sentidos criados e recriados nesse

contexto maior de espacialidades dentro de um viés cultural e social, observou-se que as relações que os indivíduos estabelecem com a água que dá sentido às suas vidas estão afetadas pela crise de sentidos.

Essa crise de sentidos encontrou as condições gerais para o seu surgimento a partir do momento que os sentidos construídos na cultura de cada comunidade ribeirinha analisada, os mesmos sentidos conservados e repassados de geração a geração (sentidos subjetivos), começam a não coincidir com os sentidos da sociedade em que ele está inserido (sentidos objetivos).

Desse modo, o homem/mulher colaborador desta pesquisa, que vivia em perfeita concordância com sua comunidade de vida e sua comunidade de sentido, ou seja, tinha sentidos concordes no modo de viver a água, sentir e perceber, começa a estranhar sua água e já não encontra nas águas do rio os sinais sobre as condições do tempo, sobre os próximos dias de sol ou de chuva, sobre a oportunidade de boa pesca e, desse modo, começa, também, a estranhar seus próprios sentidos, crenças e valores, instalando-se a crise de sentidos.

A partir dessa crise de sentidos que os conduzem a um sentimento de desestruturação de suas vidas e de suas próprias identidades, originam-se outros comportamentos que conduzem a uma lógica de comunidade de tensão. Desse modo, para o entendimento dessa lógica, foi necessário também fazer uma imersão nas relações dos indivíduos para a compreensão do seu universo cultural.

A convivência do homem com o rio, principalmente nas comunidades portovelhenses, provoca o estado de tensão em diversas situações. Tensão que tem várias causas, desde as construções de duas grandes hidrelétricas em suas águas (no Rio Madeira) com todas as mudanças que isso representa, transpassando pelas inúmeras informações desencontradas de possíveis desastres naturais (através das diversas mídias), até a imensa e constante recepção de imigrantes que, por possuírem sentidos construídos em culturas diversas, veem a cultura local, seus sentidos e valores com preconceitos colonizadores.

Desse modo, nas narrativas, encontrara-se a pluralidade de vozes históricas que interpretam as águas dessa parte da Amazônia, desenham o modo de vida das comunidades e trazem à tona seus temores que evidenciam a paisagem encontrada, revelando traços importantes na ocupação do espaço. Um espaço mediado pela linguagem, pela crise de sentidos, pelas múltiplas interferências que compõem o

imaginário e a história dessas comunidades amazônicas, sendo componentes agregadores, também, de sentidos e significados.

Essas narrativas expressam, portanto, não só as maneiras de sentir, viver, dizer, observar e estranhar o espaço ribeirinho amazônico, mas também a lógica das comunidades pesquisadas. Uma lógica composta de sentidos, percepções e representações sociais que, por enunciados heterogênicos, se mostra na tensão e pede por atenção à água e soluções, como se observa no quadro 04:

Quadro 4

“Vi muita modificação aqui depois que começaram as Usinas. Porque os peixes não estão bons. Tem vez que a gente pega o peixe baixando o rio, o bichinho ainda está vivo, mas já está podre”. (PD31: T. B. – Comunidade Niterói Porto Velho).

“Eu vivia da pesca e hoje ninguém pode pescar mais porque o rio cavou” (PD18: J. R. R. F. – Comunidade São Sebastião Porto Velho).

“A gente sofre muito porque aqui não tem como ganhar dinheiro, aqui o que tinha era a pesca e eles cortaram tudo da gente. Tudo. E a gente vai viver do quê? Nossa vida depois desses empreendimentos tem uma grande diferença” (PD2 M. de J. – Comunidade Agrovila Porto Velho).

“Essa água do rio Madeira, depois dessa usina aí, ficou muito esquisita. Antigamente não, mas agora é difícil eu beber a água do rio. Ela ficou muito feia, muito... Sei lá, ficou esquisita, a cor da água” (PD9: E. P. – Comunidade Niterói Porto Velho).

“Depois das Usinas teve muita modificação. Antigamente levantava muito peixe, agora você passa a semana todinha aí para matar um peixe, dois. Há muito pouco. Só da pescaria a gente não sobrevive mais, tem que fazer outra coisa, plantar, criar e pescar para sobreviver”. (PD11: F. C. B. – Comunidade Niterói Porto Velho).

“Antigamente, até 2011, a gente podia utilizar essa água, a água do Rio Madeira era a água de casa, mas depois da Usina a água ficou contaminada...” (PD12: F. C. – Bairro Triângulo Porto Velho).

“Quanto a esses empreendimentos, a construção dessas Usinas, teve uma reunião aí, mas, é aquele negócio, Uns achavam que era bom, outros achavam que não era. No final foi construída e quando terminar vai todo mundo embora e a gente, que é pescador, fica aí lascado, vai ter que mudar de profissão” (PD13: F. V. de M. – Comunidade Niterói Porto Velho).

Quadro 04 – As lógicas compostas por sentidos, percepções e representações sociais presentes nas enunciações

FONTE: A autora

Com lógicas formadas a partir da relação dialética entre o espaço vivido e o espaço concebido, com consciência socioespacial de pertencimento e identidades territoriais, essas comunidades que mantinham estreita relação humanizada com os componentes dos rios e das matas, encontram-se, agora, com o desconhecido, com

a procura do lugar, sem a sutileza do encantamento ou maravilhamento antes encontrado na água que os cerca.

Nas diferentes comunidades analisadas, observou-se que há semelhanças e diferenças entre as lógicas das comunidades portovelhenses e guajaramirenses, exibindo em sua totalidade uma lógica de tensão pela perda do seu lugar, de sua identidade, do seu mundo vivido e uma lógica de preocupação com as mudanças que, de acordo com sentidos construídos por informações obtidas na mídia, com base no senso comum, podem vir a afetar o seu lugar. Enquanto as comunidades de Porto Velho vivem essa lógica do temor como uma lógica da realidade vivida, a comunidade de Guajará-Mirim, em vários aspectos, vive a lógica do imaginário, como se mostra no quadro 05, pela análise de suas narrativas:

Quadro 5

	Guajará-Mirim (6)*	Porto Velho (25)*
Lógicas do Temor (Lógicas reais)	Inundação (2)	Perda da pesca (20) Migração compulsória à cidade (4) Poluição (21) Inundação (3)
Lógicas da Preocupação (Lógicas do imaginário)	Perca da pesca (2) Migração compulsória à cidade (2) Desastres ambientais causados por possíveis acidentes nas hidrelétricas (3)	Desastres ambientais causados por possíveis acidentes nas hidrelétricas (17)

*Número de narrativas que expõe esses sentidos.

Quadro 05 - Semelhanças e diferenças entre as Lógicas de Comunidade observadas nas Comunidades de Guajará-Mirim e Porto Velho

Fonte: A autora

Essas lógicas encontradas manifestam a identidade dos colaboradores dessas comunidades e formam vínculos entre os membros locais, fortalecendo o comprometimento do grupo. Esse fortalecimento foi observado nas constantes reuniões em busca da defesa de valores e ideologias enraizadas na cultura local. Essa lógica de comunidade é responsável pela valorização dos laços fortes e duradouros entre os membros dessas comunidades.

Observou-se que, embora os sentidos, as ideias e pontos de vista (percepções e representações) se renovem, se modifiquem e sejam repassados e reconstruídos pela comunicação, as comunidades analisadas passam pela crise de

sentidos e formam lógicas, a partir daí, repletas de temores e preocupações, com bases em fatos e fenômenos antes ausentes em seus mundos vividos. Tais lógicas conduzem a ligações emocionais novas e estranhas ao grupo, desestabilizando-as e quebrando paradigmas antes existentes.

No entanto, essas novas lógicas de comunidade, embora conduzam seus membros ao enfrentamento dos novos problemas e do estranho, também são responsáveis pela condução a uma forma mais ampla e impessoal de interação. Faz com que as várias comunidades se unam, como em uma sociedade à procura de soluções para os problemas, não só da sua própria comunidade isolada, mas sim para toda a sociedade envolvida. Por haver similaridades nas lógicas dessas comunidades, elas compartilham características comuns, expectativas e interesses, constituindo, desse modo, uma identidade com valores e ideologias da cultura local.

5.5 A GEOGRAFIA E AS LÓGICAS DE COMUNIDADE: UM NOVO OLHAR ÀS ÁGUAS DA AMAZÔNIA

Este estudo que caminhou pela Geografia Cultural e conduz a geógrafa a valorizar as diferenças e as diversidades humanas a partir das comunidades amazônicas, procurou explicar e interpretar as realidades concretas e as atividades mentais na busca pelos mundos culturais com a compreensão do sentido, das percepções e das representações sociais expostas em suas paisagens culturais.

Fez-se, portanto, uma Geografia partindo do campo da subjetividade humana e se analisou o papel das experiências como objeto de representação do espaço, construção das paisagens culturais, com a compreensão do lugar e a valorização da água pelo ser humano em suas diversas relações. Na totalidade deste estudo, com o auxílio dessa Geografia humanizada, notou-se que as comunidades amazônicas observadas expuseram sentidos em relação às águas que constituem suas identidades e, por meio desses sentidos, identificaram as conexões entre os fenômenos sociais e as problemáticas que cercam a sua água, o seu mundo vivido. Nessa identificação, fenômenos como migrações, interferências públicas e privadas, novos projetos e empreendimentos, preservação, poluição etc., todas as interferências externas que lhes causam a *crise de sentidos* foram aqui traduzidas por suas lógicas do temor e preocupação.

Com cognições claras sobre o papel da água em suas vidas, essas comunidades demonstraram ter noções evidentes de preservação, com o cuidado e uso dessas águas. No entanto, no momento da pesquisa, se mostram abaladas por essas interferências externas que as deixam compassivas, repletas de sentimentos confusos, na incapacidade de resolverem tais problemas. Essa incapacidade em resolver problemas, antes ausentes de seu mundo vivido, provocados por interferências externas, é causada pela crise de sentidos. No entanto, com sentidos em constante mutação (construção ou reavaliação e especialização), observou-se, também, que a lógica dessas comunidades possibilita a união, o enfrentamento e a busca permanente por soluções.

A observação da união para o enfrentamento nessas comunidades geograficamente localizadas em busca de soluções permitiu, não somente reconhecer os aspectos que distinguem diferentes comunidades, mas também, que se analisasse como a lógica dessas determinadas comunidades deve exercer influência sobre o comportamento de pessoas responsáveis por gestões e organizações.

Essas lógicas são aspectos distintivos que exibem a importância dos fortes laços entre seus membros, estabelecidos particularmente por uma identidade comum que importam na tomada de decisões, ou seja, observou-se que são essas lógicas de comunidade geograficamente localizadas que conduzem os sujeitos pertencentes a essas comunidades a compartilharem partes de suas identidades, expectativas e interesses em busca de interesses comuns.

Ademais, compreendeu-se também que, exatamente por serem constituídas com diferentes sentidos, percepções e representações sociais, essas diferentes lógicas possuem diferenças e produzem diferentes modelos de comportamento e, por isso mesmo, podem tornar-se elementos importantes que diferencialmente formam a cognição e a tomada de decisão a problemas e espaços também distintos. A capacidade de perceber o espaço, de aprender e de socializar conhecimento numa região como a Amazônia, implica capacidade de fazer mediações, alicerçadas pela interação com o outro e baseada nos sentidos, na tomada de decisões, assim suas lógicas devem ser respeitadas e levadas em conta.

Desse modo, o conhecimento de lógicas de comunidades geograficamente localizadas mostra que, independente da insistência na globalização, as influências locais devem ser mantidas e conclui-se que os indivíduos, as organizações e os

mercados podem e devem ser influenciados por elementos comuns de cultura, normas, identidade e leis como o resultado do compartilhamento de uma localização física comum.

Com este estudo, fica a certeza de que, não só com o olhar à problemática da água, mas com olhares a outros temas necessários ao estudo da qualidade à sobrevivência do ser humano, faz-se necessário observar que, por mais cosmopolitanos que os sujeitos sejam e por mais organizados que seus espaços estejam, esses seres humanos são enraizados em localizações geográficas diferenciadas e por isso importa os seus sentidos e suas lógicas na gestão e organização de seus espaços.

Com a compreensão da importância das lógicas de comunidade geograficamente localizadas nas gestões e organizações, reconhece-se, também, que essa lógica é o ponto de partida para responder questões que ainda necessitam ser respondidas na apropriação dos espaços, nas modificações das paisagens, na constituição e compreensão do lugar e, principalmente, na construção das paisagens culturais. Respostas que delineiem uma Geografia impregnada de história, com seus conflitos, estruturas, usos, intercâmbios, constituída de compreensões ambientais necessárias à preservação e à sustentabilidade, a partir de comunidades geograficamente localizadas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As entrevistas analisadas, feitas após visitas, interlocuções, reuniões e atividades diversas junto a essas comunidades, por 18 (dezoito) meses consecutivos, foram gravadas entre novembro de 2013 a janeiro de 2014. Logo após o término das gravações dessas entrevistas, houve uma grande enchente, chamada *enchente histórica* (figuras 34, 35 e 36), com o aumento do nível dos Rios Guaporé, Mamoré e Madeira. O Rio Madeira, em março de 2014, atingiu a marca de 19 metros e 74 centímetros, acima de seu nível normal⁴⁸.

Essa enchente trouxe total desarticulação às comunidades observadas, com a transformação dessas paisagens. Todos os colaboradores da pesquisa tiveram suas famílias retiradas de suas casas e abrigadas em barracas da Defesa Civil

⁴⁸ Segundo dados da Agência Nacional de Águas – ANA.

Nacional, no Parque dos Tanques em Porto Velho e, em casas de amigos e parentes, em Guajará-Mirim⁴⁹.

De acordo com os dirigentes do Estado, mais de trinta (30) mil pessoas foram afetadas nas várias cidades de Rondônia, porém a capital, Porto Velho, localizada às margens do Rio Madeira, foi a mais atingida. Portanto, todas as comunidades ribeirinhas visitadas à pesquisa foram atingidas pela cheia, incluindo o Bairro Triângulo (figura 34), na área urbana, que ficou totalmente alagado.



FIGURA 34 - Bairro Triângulo – Ms de março de 2014. Porto Velho
Fonte: portalamazonia.com.br (2014)

⁴⁹ Fotos de antes, durante e depois da enchente estão disponíveis no DVD, anexo a esta tese.



FIGURA 35 - Comunidade São Sebastião, pós-enchente. Porto Velho/RO
FONTE: A autora (2014)

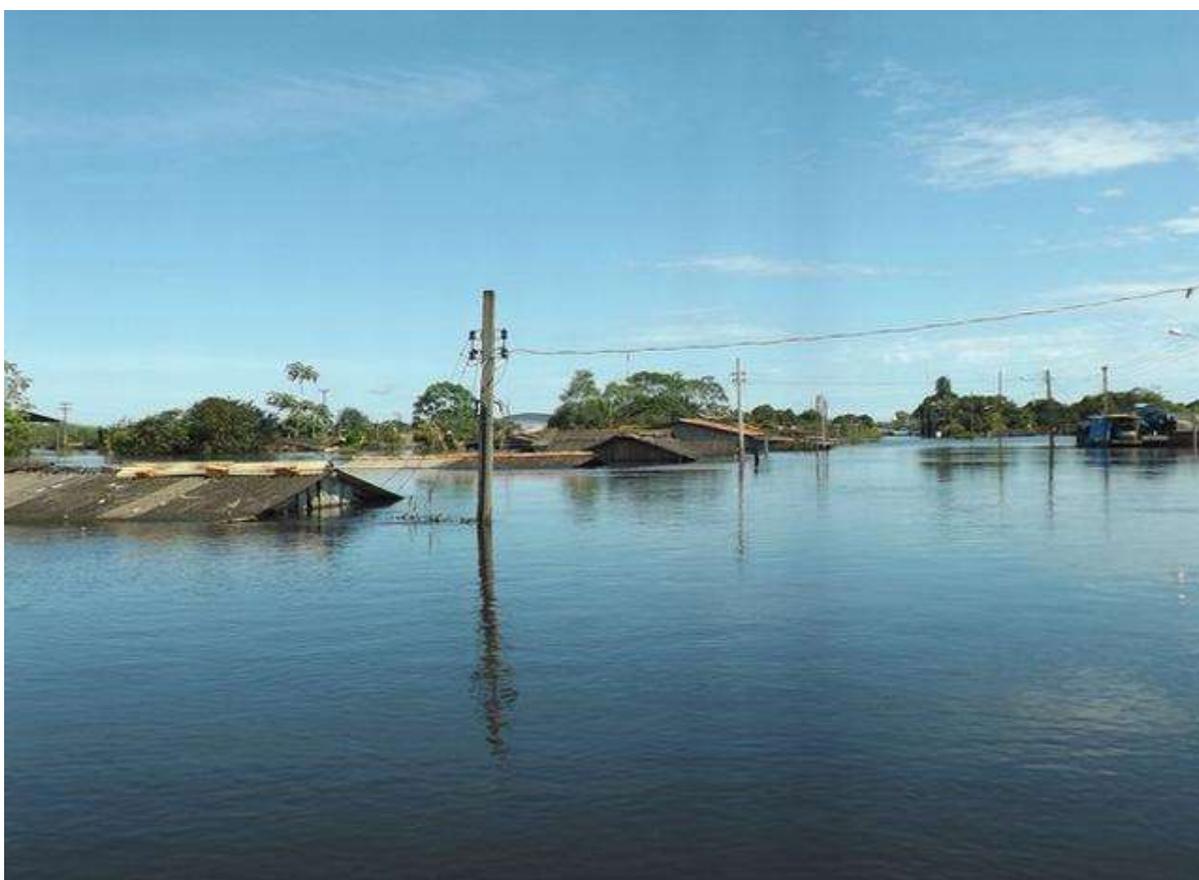


FIGURA 36 - Comunidade Bairro Triângulo durante a enchente. Guajará-Mirim/RO
FONTE: A autora (2014)

Em Guajará-Mirim, seis (06) Bairros foram atingidos, não pelas águas do Rio Madeira, mas pelas águas dos Rios Mamoré e Guaporé, rios que estão na cabeceira do Rio Madeira. Portanto o Bairro Triângulo, em Guajará-Mirim, (figura 36) também foi atingido e inteiramente alagado pelo Rio Mamoré.

Todas as comunidades objeto de pesquisa têm a enchente como um fato habitual no movimento das águas. Um fluxo natural com o qual eles aprenderam a conviver e a lidar. Com um ritmo obediente à estação do ano, com tempo certo de chegar. No entanto, essa enchente de 2014 trouxe com ela a necessidade de famílias deixarem suas casas e a impossibilidade de eles próprios resolverem seus problemas. Além disso, as comunidades portovelhenses, hoje, se veem ameaçadas pelo grande interesse do mercado imobiliário sobre suas terras, pois, com a construção da ponte sobre o Rio Madeira e sua inauguração em agosto de 2014, seus espaços de cultivo e de criação se tornaram alvo de múltiplos interesses que se agravam, porque a posse de suas terras não são oficialmente documentadas.

Na condução das resoluções desses problemas pelos órgãos oficiais, observam-se os mesmos sentidos presentes em todos os projetos voltados para a ocupação da Amazônia, um olhar falsamente paternalista que, na essência, não passa de uma visão colonizadora. Ou seja, sentidos repletos de interesses e ideias que vêm atender ao mercado econômico, ao estranho ao local. Ideias que nem sempre são válidas para dar soluções plausíveis com respeito à comunidade local, mas que, prontamente, são acatadas. Gestões que beneficiam apenas alguns grupos, trazendo maior insegurança, instabilidade e a crise de sentidos à comunidade local.

Desse modo, a lógica de tensão pela perda do seu lugar, de sua identidade, do seu mundo vivido e a lógica de preocupação, detectadas por meio de dados analisados foram reforçadas pela intensa crise de sentidos sofrida por esses homens/mulheres amazônicos. Esses fatos, no entanto, só creditam valor à pesquisa com intuito de conhecer a essência desses seres humanos, pois apontam para o valor do senso comum, do saber de quem vive e constrói identidade no lugar.

Saberes que não se baseiam em visões idealizadas de comunidades e sim em sentidos, percepções, valores e ideologias enraizadas na cultura local. Comunidades que não são unidades harmoniosas atuantes sob fronteiras claramente estabelecidas e não correspondem a categorias bem definidas de comportamento, mas são comunidades caracterizadas pelas suas dinâmicas,

moldadas por conflitos, disputas de poder, competição de variados interesses, exclusão, inclusão e desempenho de múltiplas identidades. Portanto, merecedoras de estudos e análises que conduzam ao conhecimento de seus sentidos e o respeito às suas lógicas.

CONCLUSÕES

Neste estudo, sob as categorias da geografia e sob o olhar do geógrafo que não nega o papel das forças sociais, políticas e econômicas na (re)construção das paisagens, por meio de dados fundamentados, confirmou-se a valorização dos elementos naturais sofre interferência dos sentidos culturalmente construídos pelo homem/mulher amazônico, por isso mesmo esses sentidos lhes permitem perceber e representar de modos diferenciados os elementos naturais que os cercam.

Pelos dados analisados, verificou-se que, embora a água tenha um papel privilegiado na vida desses colaboradores, a margem do rio, o viver entre o rio e a floresta, nessas comunidades investigadas, hoje, já não lhes permite ver os enigmas da Amazônia.

Esse viver ribeirinho, embora ainda ofereça interrogações sobre origens e destinos a esse homem/mulher e a água transcenda sua materialidade e lhes imponha toda uma série de concepções sobre o viver à beira do rio, as narrativas que remeteram a uma realidade psíquica construída sobre vivências geradas a partir dessas águas, apresentaram, também, as grandes mudanças ocorridas nesse viver que transforma objetiva e subjetivamente esse ser humano e exibiu o seu mundo vivido como um universo reificado.

Uma realidade que mostrou que, embora os devaneios e a construção do Eu derivem da água que os cerca, o objeto água adquiriu a condição do Outro. Um espaço percebido por esses homens/mulheres por meio de sua situação nesse mundo vivido que os fazem reafirmar suas opções em viver à beira do rio, mas que lhes permitem, também, a percepção de problemas graves em suas águas e a preocupação com as gerações futuras.

Nas comunidades portovelhenses, essa realidade atinge a própria objetivação de ser um ribeirinho e conduz a ver essa mesma água que, para eles, anteriormente estabelecia a sua identidade e lhes permitia construir um diálogo entre

o sujeito e o mundo em um território valorizado emocionalmente, hoje, cria relações de diversidade e tensão entre esses dois espaços, articulados e contraditórios: os pequenos espaços individualmente significativos e os macro espaços socialmente construídos.

Nessas comunidades portovelhenses, ficou claro que suas representações sociais em relação à água já não se ancoram em condições de vida anteriores (fartura da pesca, enchentes com épocas certas, espaço de criação e plantio), ancoram-se em condições adversas (construção de usinas, falta do peixe, desbarrancamento e enchentes constantes).

Desse modo, o ser ribeirinho, que antes lhes permitia desaguar no imaginário com um espontâneo maravilhamento diante dos acasos, dos mitos e das lendas, não mais os privilegia com a contemplação que os conduzia a olhar as coisas com devaneio e gratuito prazer da imaginação.

As margens do Rio Madeira, que antes parecia não exigir lógica para ser coerente, hoje, apresenta as comunidades em crise de sentidos, cujas comunidades de sentidos e comunidades de vida já não concordam entre si. O que torna mais difícil a manutenção da concordância nos processos que formam a identidade pessoal e também promovem o surgimento de lógicas de tensão e de preocupação com suas próprias vidas e com a sua água, formando um grupo social composto pelas diferentes comunidades e conduzindo a um fortalecimento de objetivos em comum.

A comunidade guajaramirense mostrou à pesquisa que constrói e/ou reavalia seus sentidos a partir da mídia e do censo comum e, embora, ainda apresente alguma serenidade no viver próximo às águas, também, já demonstra lógicas de preocupação com a sua água e a sua vida. Essa preocupação deriva da observação do assoreamento dos seus rios, resultado do intenso desmatamento, até o temor da construção de novas hidrelétricas em suas águas.

A serenidade que advinha das águas, ainda presente na comunidade guajaramirense, deu lugar à inquietação nas comunidades portovelhenses. As experiências do cotidiano, da leitura das águas na previsão de tempestades, da estiagem, do bom tempo ao plantio ou a praia do turismo, hoje, se mostra no estranhamento ao Rio Madeira.

A admiração e o maravilhamento que nascia da própria contemplação da água, das particularidades de onde brotavam as sensações e permitia ao espírito

ribeirinho sonhar e ver em fenômenos naturais as explicações metafóricas, numa poética iluminada pela religiosidade dos mitos, formas de explicação por meio do irrepresentável da representação, em suas narrativas se mostraram ausentes.

No entanto, nesse espaço no qual a água amazônica não é apenas um recurso natural, ou uma paisagem portadora de belezas naturais, encantamentos, mitos e crenças, a água ainda se mostra mais. Ela representa a vida dessas comunidades. Uma vida composta de importantes peças que compõem o mosaico das paisagens culturais investigadas.

Reconheceu-se, portanto, a importância de estudos geográficos para intervenções urgentes nas gestões, outorgas e/ou empreendimentos nas águas em rios Amazônicos. Uma bacia hidrográfica importantíssima e que tem sido utilizada sem respeito aos sentidos e significados do ser humano local. Uma utilização irresponsável com outorgas de direitos fornecidos pela Agência Nacional de Águas (ANA) de maneira ilegal, visto que, em nenhum rio amazônico foram instalados os comitês de bacia que, de acordo com a Lei das Águas (9.433/97), deveriam ser responsáveis por planejar o uso das águas.

Com este estudo, por meio da Geografia Cultural, abrem-se perspectivas antes ignoradas e desvendam-se sentidos nas diversidades que podem e devem indicar caminhos a projetos em águas amazônicas que levem em conta os sentidos culturalmente construídos nessas comunidades geograficamente localizadas, evitando, desse modo, crises ambientais com práticas gerenciais inadequadas.

Em uma época em que o problema com a escassez da água é sentido em várias regiões do Brasil e no mundo, com a contaminação e assoreamento de rios, é de extrema importância (re)pensar na preservação da água na Amazônia. Por isso estudos geográficos, a partir do sentido, das percepções e das representações sociais do homem/mulher amazônico se impõem. Isso porque são essas lógicas, a partir de comunidades geograficamente localizadas, que poderão auxiliar e fornecer as ferramentas cognitivas necessárias para as políticas de gestão que conduzam a outorgas e/ou empreendimentos com maior responsabilidade.

Portanto, reconhece-se com esta Tese que a Geografia, ao se voltar para o conhecimento da essência do ser humano amazônico, seus sentidos construídos na diversidade e seus pontos de vista sobre um recurso natural efetivo à vida, colabora não só com estudos amazônicos, mas dá um rumo aos estudos da lógica de outras

comunidades e a gestão em outras áreas, visando, também, à solução de outros problemas.

Ademais, esse encontro com o real amazônico evoca mais atenção a esses homens/mulheres em todas as formas de intervenção nesses espaços e propicia ao pesquisador não só a possibilidade de produzir conhecimento científico com respeito à realidade vista e vivida, mas também, à proposição de alternativas para os problemas dessas comunidades com o respaldo dos dados fundamentados. Dados que poderão servir para outros estudos e outras discussões que possam indicar caminhos ao reconhecimento dessas comunidades e que influenciem nos diversos projetos visando à gestão e organização desses espaços com a integração entre os níveis micro e macrossociais.

REFERÊNCIAS

ADAMS, H. and SEARLE, L. **Critical Theory**. Flórida: University of Florida. 1985.

ALMEIDA SILVA, A. de. **Territorialidades e identidade do coletivo kawahib da terra indígena uru-eu-wau-wau em Rondônia**: “orevakiare” (reencontro) dos “marcadores territoriais. Tese submetida ao Programa de Pós-graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná - UFPR, em 2010, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Doutor em Geografia. Sob orientação do Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho.

ALMEIDA, M. G. de. **Em busca do poético do sertão**: um estudo de representações. In: ALMEIDA, M. G. e RATTTS, A. JP (orgs.). Geografia. Leituras Culturais. Goiânia: Alternativa, 2003.

_____. **Geografia Cultural e Geógrafos culturalistas**: uma leitura francesa. Geosul. Florianópolis, n. 15, ano VIII, 1 semestre, 1993.

ALMANDOZ, JUAN. **The Invisible Hand and the Good of Communities**: The Influence of Institutional Logics on Founding Teams of Local Banks. Tese de Doutorado. HARVARD, p. 167, 2011.

ANDREOTTI, Giuliana. **Paisagens Culturais**. Curitiba: Editora da UFPR, 2013.

ARAGÓN. L. E. **Novos Temas Regionais para o Estudo da Amazônia no Atual Contexto Internacional**. Trabalho apresentado na mesa redonda o tempo curto e o tempo longo: questões emergentes e questões ausentes da pesquisa em estudos urbanos e regionais. 58º Reunião da SBPC, Florianópolis, 17-21 julho, 2006.

ARENARI, B. **O pensamento de Ferdinand Tönnies e a tradição alemã: um primeiro ensaio**. In: XI Congresso brasileiro de sociologia, 2003, Campinas. Sociologia e conhecimento além das fronteiras, 2003.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BAKHTIN, M. / VOLOCHINOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BASSNETT, S. **Translations Studies**. London and New York: Routledge, 1991.

_____ and TRIVEDI, H. eds. **Post-Colonial Translation: Theory and Practice**. London and New York: Routledge, 1999.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentidos**. A orientação do homem moderno. Trd. de Edgar Orth. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

_____. **A construção social da realidade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.

BERQUE, A. **Paisagem Marca, Paisagem Matriz**: elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L. ; ROSENDHAL, Z. (org). Paisagem, tempo e cultura. 2 ed. Rio de Janeiro:UERJ, 2004. p.84 -91.

BONNEMAISON, J. **La Géographie culturelle**. Paris: CTHS, 2001.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANCALEONE, C. **Comunidade, sociedade e sociabilidade**: revisitando Ferdinand Tönnies. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 39, n. 1, p. 98-104, 2008.

BUTTNER, A. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982. p. 165-193.

CANCLINI, N. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**: mapas da interculturalidade. Tradução: Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

CLAVAL, P. **Epistemologia da geografia**. Tradução de Margareth de C. A. Pimenta, Joana A. Pimenta. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2011.

_____. **Terra dos homens**: a geografia. Trad. Madureira, Domitília. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Globalização, migrações, inclusão e exclusão**: algumas reflexões. In: ALMEIDA, M. G. & CRUZ, B. N. Território e Cultura: inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais. Goiânia: UFG, 2009, pp.10-25.

_____. **Geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

_____. **A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia**. In: MENDONÇA, Francisco e KOZEL, Salette (Org.). Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. p.11-43.

_____. **Do olhar do geógrafo à Geografia como estudo do olhar dos outros**. Conferência Proferida no IV Simpósio Nacional Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ . Outubro de 2004.

_____. **Èpistemologie de la Géographie**. Paris: Édition Nathan, 2001.

_____. **O território na transição da pós-modernidade**. In: Geographia, vol. 1, nº2, 1999, P. 7-26

_____. **A Geografia cultural: o estado de arte.** In: ROSENDAHL, Z. & CORRÊA, R. L. (Org.). *Manifestações da cultura no espaço.* Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. pp. 59 - 97.

COHEN, S. **Visions of Social Control: Crime, Punishment and Classification,** Polity Press. 1985.

COLLOT, M. Pontos de vista sobre a percepção das paisagens. **Boletim de Geografia Teórica.** v.20, n.39, p.21-32, 1990.

CORRÊA, R. L. **Geografia Cultural: Passado e Futuro – Uma Introdução.** In: ROSENDAHL, Z. ; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, pp. 49-58. (Série Geografia Cultural).

COSGROVE, D. **Em Direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria.** In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Introdução à Geografia Cultural.* 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. pp. 103-134.

_____. e DELLADORA, V. **Mapping global war: Los Angeles, the Pacific, and Charles Owens's pictorial cartography.** *Annals Assoc. Amer. Geogr.*, v.95, n.2, ,2005, pp.373-390.

_____. e JACKSON, P. **Novos rumos da geografia cultural.** In: Introdução à geografia cultural. In: CORRÊA, R. L. & ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Introdução à Geografia Cultural.* Rio de Janeiro: Bertrand, 2003, pp. 135-146.

_____. **Geografia cultural do milênio.** In: ROSENDAHL, Z., C., Roberto L. (Org.), *Manifestação da cultura no espaço* (p.17-46). Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

_____. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas.** In: CORRÊA, R. L. & ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura.* Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998 (a), pp.92-122.

_____. **Social formation and Symbolic Landscape.** Wisconsin Univ. Press, 1998 (b).

COSTA, M. C. **Regulação e Governança dos Sistemas Nacionais de Recursos Hídricos, no período 1977 - 2010: um estudo comparativo entre Brasil e Canadá.** Tese de Doutorado. Universidade Positivo. Programa de Mestrado e Doutorado em Administração. Doutorado em Administração. Área de concentração: estratégia, mudança e internacionalização, 2012.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** Trad. Holzer, Werther, São Paulo: Perspectiva, 2011.

DAVIS, G. F. and GREVE, H. R. Corporate Elite Networks and Governance Changes in the 1980s'. **American Journal of Sociology.** 103: 1 – 37.1997.

DEL RIO, V. **Cidade da mente, cidade real**: percepção ambiental e revitalização da área portuária do RJ. In DEL RIO, V. & OLIVEIRA, L. de (Orgs.). *Percepção Ambiental: a Experiência Brasileira*. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

DIAS, M. A. R. e ARAGÓN, L. E. **Cooperação amazônica para o conhecimento e o uso sustentável dos recursos hídricos da região**. In: ARAGÓN, L. e CLÜSENER-GODT, M. (Orgs.) *Problemática do uso local e global da Amazônia*. Bogotá, D.E.FEN. Colômbia, 1987, pp. 33-54.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ECO, U. (1975). **Trattato di semiótica generale**. Milan:Bompiani. (English Version: *A Theory of Semiotics*. Bloomington: Indiana UP, 1976.

FARIAS JÚNIOR, E. de A. et. Al. **Conflitos sociais no “Complexo Madeira”**. Org. Alfredo W. B. de Almeida. Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. Manaus: UEA Edições, 2009.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FERNANDES, D.; GIL FILHO, S .F. **Geografia em Cassirer**: Perspectivas para Geografia da Religião. *Geo Textos* (Salvador), v. 07, p. 211-228, 2011.

FERRAREZI Jr., C. **Da Natureza do Significado e Suas Implicações**. In: *Livres Pensares*. Porto Velho: Edufro, 2003.

FERREIRA, M. **A Ferrovia do Diabo**. São Paulo: Melhoramentos, 1982.

FRAXE, T. J. P. **Homens anfíbios**: etnografia de um campesinato das águas. São Paulo Annablume; Fortaleza: Secretaria de Desporto do Governo do Estado do Ceará. 2000.

_____. **Cultura cabocla-ribeirinha**: mitos, lendas e transculturalidade, 2005.

FREGE, G. **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1978.

FONSECA, D. R. da F. et. al. **Estada de Ferro Madeira-Mamoré**: História, Prosa e Verso. Porto Velho: Primor, 2012.

FURTADO, L. G. **Pescadores do Rio Amazonas**: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Belém: MPEG, 1993. In: SHERER, E. & OLIVEIRA, J. A. de. *Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade Cultural*. Rio de Janeiro: Garamond. 2006.

GEERTZ, C. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997.

GLASER, B. **Doing Grounded Theory: Issues and Discussion**. Sociology Press, Mill Valley, CA. 1998.

GONDIM, N. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Editora Marco Zero, 1997.

GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

GOULD, P. and WHITE, R. **Mental Maps**. Harmondsworth. Penguin Books. 1974.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HARRIS, M. **What it means to be caboclo**: Some critical notes on the construction of Amazonian caboclo society as an anthropological object. *Critique of Anthropology*, 18:83 – 95, 1998. In: SHERER, E. & OLIVEIRA, J. A. de. *Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade Cultural*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

HEIDRICH, Á. L. et al. (orgs.). **Maneiras de ler: geografia e cultura** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.

HOLZER, W. **A Geografia humanista: sua trajetória de 1950 a 1990**. Orientador: Maurício de Almeida Abreu. Rio de Janeiro UFRJIPGG, 1992. Dissertação de Mestrado em Geografia.

_____. **A Geografia Humanista: uma revisão**. Rio de Janeiro: Espaço e Cultura. UERJ/NEPEC, n. 3, p. 8-19, 1996.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade européia e a filosofia**. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002 (Coleção filosofia, 41).

_____. **Investigações lógicas**: sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Coleção Os Pensadores).

JODELET, D. **Representações sociais: um domínio em expansão**: In: JODELET, D. (org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001, pp. 17-44.

JOVCHELOVITCH, S. **Vivendo a vida com os outros**: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESHI, P. e JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.) *Textos em Representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2007, pp. 63-88.

KONO, C., PALMER, D., FRIEDLAND, R. and ZAFONTE, M. (1998) 'Lost in Space: The Geography of Corporate Interlocking Directorates', **American Journal of Sociology**, 103: 863–911. 1998.

KOZEL, Salette. Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a “natureza. Caderno de Geografia, **Revista Eletrônica**. Belo Horizonte – PUC – MG. Vol.22, n.37, 2012.

_____ e TORRES, M. A. Le Paysage Sonore De L’île de Valadares; Perception et Memoire Dans la Constrution de L’espace. **Revue Geographie at Cultures**. Vu dubresil. N. 78, été. L’ Harmattan Paris, 2011.

_____. **Mapas mentais** – uma forma de linguagem: Perspectivas metodológicas. In: KOZEL S. et al (org.): Da percepção e cognição à representação. São Paulo. Terceira Margem, 2007. pp. 114-13.

_____. **Das imagens às linguagens do geográfico**: Curitiba, a “capital ecológica”. São Paulo, 2001. Tese de Doutorado - Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.

_____. NOGUEIRA. A. R. B. A. **Geografia das Representações e sua aplicação pedagógica**: contribuições de uma experiência vivida, In: Revista do Dep. de Geografia de São Paulo. FFLCH-USP. 1999(13), pp. 239-257.

LYNCH, K. **The Image of the City**. Cambridge MA: MIT Press. 1960.

LOUREIRO, J. de J. P. **A arte como encantaria da linguagem**. Paulo: Escrituras Editora, 2008.

LOWENTHAL, D. **Geografia, experiência e imaginação**: em direção a uma nova epistemologia da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982, pp. 101-130.

MACHADO, L. **Paisagem Cultural**. In: KOZEL, S. [et al] (orgs.). Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007, pp. 139-157.

MARQUIS, C. **The Pressure of the Past**: Network Imprinting in Intercorporate Communities, *Administrative Science Quarterly*, Vol. 48, pp. 655-689. 2003.

_____.& BATTILANA, J. **Acting globally but thinking locally?** The enduring influence of local communities on organizations. *Research in Organizational Behavior*, 29, pp. 283-302. 2009.

MAUÉS, R. H. **Uma outra “invenção” da Amazônia**: religiões, histórias, identidades. Belém: Cejup, 1999.

MAZZEI, K.; COLSESANTI, M. T. M.; SANTOS, D. G. Áreas verdes urbanas, espaços livres para o lazer. **Sociedade & Natureza, Uberlândia** - MG, 19 (1), p 33-43, jun., 2007.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MELLO, T. de. **Amazonas, pátria da água**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

MERLEAU-PONTY (1943/2006) **A estrutura do comportamento**. Trad. de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1945) **Fenomenologia da percepção**. Trad. de C. A. R. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

_____. **O visível e o invisível**. Trad. José Arthur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1999b.

MIDORI, H. **Representações da paisagem no Parque Nacional de Superagui: a homonímia sógnica da paisagem em áreas preservadas** – Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná - UFPR, em 2010, UFPR - Curitiba.

MINAYO, M. C. de S. **O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica**. In: GUARESHI, Pedrinho e JOVCHELOVITH, Sandra (orgs.). Textos em Representações sociais. Petrópolis: Vozes, 2007, pp. 89-112.

MORAN, E. **The adaptative system of the man caboclo**. In: WAGLEY, C. Man in the Amazon. Ed. University of Florida Press, Gainsme, 1974.

MORGAN, G. e SMIRCICH, L. The Case for Qualitative Reasearch. **Academy of Management Review**, vol. 5, nº 4, 491 – 500. Pennsylvania State University, 1980.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: Investigações em Psicologia Social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2011.

MURRIETA, R. S. S. **The Dilemma of the "Chibé" - eater: food choices, ecology and everyday life among peasant communities in the Lower Amazon, Brazil**. Department of Anthropology. Boulder. PhD. University of Colorado, 2000.

OLIVEIRA, L. de. **Percepção do meio ambiente e geografia**. OLAM Ciência e Tecnologia, Rio Claro, v. 1, n. 2, p. 14-28, nov. 2001.

_____. **Percepção da paisagem geográfica: Piaget, Gibson e Tuan**. Geografia. Rio Claro, v. 25, n. 2, 2000, p. 05 –22.

_____. **Percepção e representação do espaço geográfico**. In: DEL RIO, Vicente, OLIVEIRA, Lívia de (orgs.). Percepção Ambiental. A experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel, 1996, pp.187-212.

_____. **A percepção da qualidade ambiental**. In: A Ação do Homem e a Qualidade Ambiental. Rio Claro: Câmara Municipal de Rio Claro, ARGEO, 1983.

OLIVEIRA. E. M. **Educação Ambiental, uma possível abordagem**. Brasília – DF: IBAMA – Instituto Brasileiro do meio Ambiente e dos Recursos Renováveis, 1996.

PELUSO, M. L. **O morar na constituição subjetiva do espaço urbano.** As representações sociais da moradia na cidade-satélite de Samambaia/DF. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

PETERS, B.G. **Institutional Theory.** In: Mark Bevir (Ed). The SAGE Handbook of Governance: 78-90. 2011.

PLANO NACIONAL DE RECURSOS HÍDRICOS. 2010. <http://www.brasil.gov.br/meio-ambiente/2009/10/rios-e-bacias>. Acesso em 25/07/2003.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento e silêncio.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.2, n. 3, pp. 3-15, 1989.

_____. **Memória e identidade social.** Tradução de M. Augras. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, pp. 200-212, 1992.

PRATT, Mary L. **Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation.** New York: Routledge, 1992.

RACCAH, P. Y. **La Semantica de los puntos de vista:** Hacia una teoria científica y empírica de la construccion del sentido. In: Letras de hoje. Porto Alegre: PVC/RS. nº 129, 2002, pp. 45-72.

REBOUÇAS, A.C. **Água doce no mundo e no Brasil.** In: Rebouças, A.C.; Braga, B. & Tundisi, J.G. Águas doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação. São Paulo: Escritura, 2002.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 7, n. 4, pp. 1-25, abr., 1975.

SALGUEIRO, T.B. **Paisagem e Geografia.** Finisterra. XXXIV, 72, 2001. Pp. 37-53.

SAUER, C. O. **A educação de um geógrafo.** GEOgraphia, v.2, n.4, p.137-150, 2000.

_____. **A morfologia da paisagem.** In: CORRÊA, R. L. ; ROSENDAHL, Z. (Org.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998, pp. 12-74.

SCHUTZ, A. **Fenomenologia e relações sociais.** Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

SEABRA, G. de F. **Fundamentos e perspectivas da Geografia.** João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1999.

SEEMANN, J. Mapas e percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa. **OLAM: Ciência e Tecnologia**, Rio Claro: n. 1, v. 3, 2003. pp. 200 – 223.

SENA, J. A. **Empreendimentos hidrelétricos e vulnerabilidade socioambiental na Amazônia:** o caso da bacia do rio Madeira. Anais do XIII Congresso Brasileiro de Energia - XIII CBE. Rio de Janeiro, 2010.

SERPA, A. Percepção e fenomenologia: em busca de um método humanístico para estudos e intervenções do/no lugar. In: **OLAN – Ciência & Tecnologia** [arquivo de dados legíveis por máquina]. v.1, n. 2 nov. 2001. Rio Claro: Aleph, Engenharia e Consultoria Ambiental, 2001. pp. 29-61.

SILVA, J. da C. **O mito e as crenças como constituintes do espaço ribeirinho na formação do modo de vida amazônico**. In: In: KOZEL, S. [et al] (orgs.). Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007, pp. 231-240.

_____. **O rio, a comunidade e o viver**. Tese doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, em 2000 ao Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

SOUSA, L. F. *Espaços dialógicos dos barqueiros na Amazônia: Uma relação humanista com o rio*. Tese submetida em 2012 ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná – UFPR.

_____ et al. **Estudo das Percepções, dos Signos e da Linguagem na Construção do Espaço e Representação dos Barqueiros do Rio Madeira**. Revista Geografar. UFPR. 2009, pp. 108-111.

SOUSA, I. de. **Contos Amazônicos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOUZA, Á. J. (1991). **Geografia Linguística: Dominação e Liberdade**. São Paulo: Contexto.

SOUZA, M. **Breve história da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

STORPER, M. **Society, community, and economic development**. Studies in Comparative International Development, 39 (4). pp. 30-57. ISSN 0039-3606. 2005.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

_____. **Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing Grounded Theory**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998.

THORNTON, P.H., OCASIO, W., & LOUNSBURY, M. (in press). **The institutional logics perspective**. Oxford: Oxford University Press.2012.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia – Um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente** (Tradução de Lívia de Oliveira). São Paulo: DIFEL, 2012.

_____. **Geografia Humanística**. Trad. Maria Helena Queiróz. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. Cap. 7, p. 143–164.

_____. **Espaço & Lugar**. A perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TÖNNIES, F. (2001 [1887]). **Community and civil society**. Cambridge University Press.

VERÍSSIMO, J. **Estudos amazônicos**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970.

WAGNER, Philip L. e MIKESELL, Marvin W. **Os temas da Geografia Cultural**. In Introdução à Geografia Cultural. Org. CORREA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny. Rio de Janeiro: Bertrand, 2011, pp. 27-31.

WITHERSPOON, Gary. **Language and Art, In the Navajo University**. Ann Arbor, University Michigan Press, 1977.

_____. Language in culture and culture in language. In **International Journal of American Linguistics**, vol. 46, n. 1, 1980.

WOOD, D. **The power of maps**. New York: Guilford Press, 1992

Sites acessados:

<http://www.sempla.portovelho.ro.gov.br> (acesso em 16/07/2012).

<http://www.portalamazonia.com.br> (acesso em 03/03/2014).

<http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/direitos-humanos/violacoes-dh-rio-madeira> (acesso em 05/03/2014).

ANEXOS INCLUSOS NO DVD

1. Fotos e Mapa Mentais.
2. Termos de Cessão das Narrativas
3. Todas as entrevistas gravadas em áudio.
4. Transcrições utilizadas na análise com o ATLAS/ti.
5. Material Produzido com Auxílio do ATLAS/ti.
6. TESE Completa.